

ANA CATARINA SALGADO BASÍLIO

**Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio a.C.  
nos Perdigões:  
Continuidades e descontinuidade.**

Volume I



Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2017

ANA CATARINA SALGADO BASÍLIO

**Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio a.C.  
nos Perdigões:  
Continuidades e descontinuidade.**

Volume I

Mestrado em Arqueologia

Trabalho efectuado sob a orientação do Doutor António Carlos de Valera e sob  
coorientação do Professor Doutor António Faustino de Carvalho



Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2017

**Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio a.C.  
nos Perdigões:  
Continuidades e descontinuidade.**

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

---

(Ana Catarina Salgado Basílio)

©Ana Catarina Salgado Basílio

*A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.*

## Agradecimento

---

Os agradecimentos são um desafio tão grande como escrever a tese em si. É-o porque é extremamente difícil, para mim, enumerar todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, fizeram parte desta trajetória.

Começo por agradecer aos meus pais e à minha irmã, que sempre primaram pela minha educação e me incentivaram a estudar e a perseguir aquilo que realmente queria. Este trabalho não é só meu, também é vosso.

Ao António Carlos Valera, que me provocou na exploração de novas questões, caminhos e leituras. Quero agradecer não só por potenciar o meu crescimento a nível pessoal e científico, como também pela exigência a que me submete, constantemente, e a esta dissertação.

Ao António Faustino de Carvalho, pela incansável dedicação ao longo deste processo. Por ter sempre uma palavra animadora, por estar sempre presente e pelo o rigor que imprimiu nesta orientação.

À ERA Arqueologia e a todos os colaboradores, sem exceção, que foram, na maior parte da jornada, um berço para muitas das ideias e palavras desta tese. Agradeço por me terem acolhido como “sua”.

Ao Nelson Cabaço, pela disponibilidade, ajuda e trabalho nas questões faunísticas da tese.

Ao professor Nuno Bicho, que me recebeu e acompanhou no meu percurso pela Universidade do Algarve.

Aos Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que me formaram e contribuíram decisivamente para o meu caminho na Arqueologia.

À Ana Jesus, pela partilha nesta viagem, pelas conversas mais loucas, pelas gargalhadas, pelo *guacamole* e pelas noites longas na escavação.

Ao Ricardo e à Iolanda, pela solidariedade e compreensão, quer das minhas noitadas, quer de todo o espaço que fui ocupando pela casa ao estudar os materiais e a escrever.

Ao Senhor Fernando e Dona Natália, por serem pessoas fantásticas, pela preocupação e pela incessante ajuda.

Ao André. Porque ele foi muito mais do que eu podia pedir. Que nestes longos meses foi a minha calma, a minha racionalidade, o meu Universo paralelo. Pela ajuda incansável, pelos puxões de orelhas, pelas longas discussões, pela sua inesgotável paciência. Quero agradecer-te por seres o culpado de manter sã neste momento. Por isto e por tudo mais. Desculpa qualquer coisa, mas **Obrigada!** “*ali... eu soube...*”.

## Resumo

---

Este trabalho trata as diversas dinâmicas “campaniformes” vigentes na segunda metade do 3º milénio a.C. no sítio arqueológico dos Perdigões e, por inerência, na região envolvente. Para tal, com base no estudo de contextos seleccionados, caracterizam-se continuidades materiais e de práticas, e relacionam-se estas evidências, onde se inclui o Campaniforme, com sinais de descontinuidade, ainda que estes encontrem pouca expressão no registo geral identificado nos Perdigões. Avançam-se ainda modelos, ou propostas interpretativas que diluem o Campaniforme nas práticas e nas actividades de gestão, negociação, aceitação e rejeição destas comunidades, sugerindo-se que a componente cerâmica do “pacote” campaniforme terá sido uma das que menos aceitação encontrou no território alentejano.

A nível regional surgiram evidências que têm sido interpretadas no âmbito de teorias sociais de ruptura, entre a primeira e a segunda metade do 3º milénio a.C. Contudo, aceitando-se que actos de abandono podem reflectir processos de reorganização interna das redes de povoamento ou ainda actos de mobilidade total ou parcial das comunidades, pôde observar-se que os sítios de habitat mantiveram uma importância estruturante na paisagem. Estes teriam definido fronteiras, representando pontos de aproximação aos antepassados, que terão contado com diversas revisitações. Esta correspondência identitária das comunidades para com os locais vai levar à sua reocupação, já com materiais campaniformes associados, gerando novas arquitecturas que podem reflectir o transporte das referências cosmológicas e ideológicas.

Os materiais campaniformes contribuem para este panorama geral de continuidade, ainda que ilustrem uma novidade artefactual, mantendo uma coesão não só na região dos Perdigões, como em todo o Alentejo, verificando-se a sua exclusão intencional dos contextos funerário, enfatizando o papel social em práticas e rituais que, principalmente a cerâmica, transportavam. Um fenómeno que nos permite aceder à agência dos diversos grupos que compõem a paisagem do final do 3º milénio, deixando, no entanto, vislumbrar pequenas diferenciações identitárias.

**Palavras Chave:** Perdigões, Alentejo, Calcolítico, Campaniforme, Continuidades, Identidades.

## Abstract

---

This work focuses on the various Bell Beaker dynamics at play in the second half of the 3rd millennium BC in the archaeological site of Perdigões and, inherently, in the surrounding region. To do so, we intend to characterize material and practical continuities based on the study of selected contexts, as well as to relate these evidences, where the Bell Beaker is included, with signs of discontinuity, even if they find little general expression at Perdigões. In addition, some models or interpretive proposals are put forward in which the Bell Beaker is diluted in the practices and activities of management, negotiation, acceptance and rejection carried out by the communities under study. It is suggested here that the ceramic component of the Bell Beaker "package" was one of the least accepted ones in the Alentejo territory.

At the regional level, evidence has been interpreted in the context of social theories according to which a rupture occurred at the passage from the first to the second half of the 3rd millennium BC. However, by accepting that acts of site abandonment may reflect processes of an internal reorganization of settlement networks, or even strategies of total or partial mobility of communities, it has been observed that habitation sites maintained a structuring importance in the landscape. These would have defined boundaries, represented points of connection with the ancestors, and would have counted with several "revisitations". This identity between communities and sites will lead to their reoccupation, now associated to Bell Beaker materials, generating new architectures that can reflect the transport of the cosmological and ideological references, bringing them closer to the communities.

The Bell Beaker materials contribute to this general scenario of continuity, although they illustrate an artefactual novelty, maintaining a cohesion not only in the Perdigões region but also throughout the Alentejo, with its generic intentional exclusion from funerary contexts. This emphasizes the social role in practices and rituals that was carried mainly by ceramics. This is a phenomenon that allows us to access the agency of the various human groups that compose the landscape at the end of the 3rd millennium, letting us to observe slight differences in identities.

**Keywords:** Perdigões, Alentejo, Chalcolithic, Bell Beaker, Continuities, Identities.

# Índice

---

|   |            |
|---|------------|
| <b>Agradecimento.....</b>   | <b>i</b>   |
| <b>Resumo.....</b>  | <b>ii</b>  |
| <b>Abstract.....</b>  | <b>iii</b> |
| <b>1. Introdução.....</b>   | <b>7</b>   |
| <b>2. O enquadramento teórico.....</b>  | <b>9</b>   |
| 2.1. As correntes europeias .....   | 10         |
| 2.1.1. Histórico-culturalismo.....  | 10         |
| 2.1.2. Correntes processualistas .....  | 11         |
| 2.1.3. Correntes pós-processualistas .....                                    | 14         |
| 2.2. Vale da Ribeira do Álamo e áreas envolventes.....                        | 17         |
| 2.3. O “Horizonte Ferradeira” .....   | 25         |
| 2.4. Apontamentos finais.....   | 26         |
| <b>3. Sobre os Perdígões e os contextos a trabalhar (enquadramentos).....</b> | <b>28</b>  |
| 3.1. Estruturas, contextos e cronologias .....                                | 30         |
| 3.1.1. Fase 1 – Depósitos posteriores à cabana 1 .....                        | 31         |
| 3.1.2. Fase 2 – Fossas 44, 45 e 73 .....                                      | 32         |
| 3.1.3. Fase 3 – Depósitos tardios.....  | 33         |
| 3.1.3.1. O <i>Cairn</i> .....   | 34         |
| <b>4. Metodologias.....</b>   | <b>38</b>  |
| 4.1. Os recipientes cerâmicos .....   | 39         |
| 4.2. Os pesos de tear.....  | 43         |
| 4.3. Os materiais líticos .....   | 43         |
| 4.3.1. A Pedra Talhada .....  | 45         |
| 4.3.1.1. Núcleos.....   | 46         |
| 4.3.1.2. Lascas.....  | 46         |
| 4.3.1.3. Pontas de Seta.....  | 47         |
| 4.3.1.4. Produtos alongados - lâminas e lamelas.....                          | 48         |
| 4.3.1.5. Os restos de talhe.....  | 49         |
| 4.3.1.6. Outros materiais líticos.....  | 49         |
| 4.4. Artefactos em Osso .....   | 50         |
| 4.5. Artefactos ideotécnicos .....  | 50         |
| <b>5. A componente artefactual.....</b>                                       | <b>52</b>  |
| 5.1. Cerâmicas .....  | 53         |
| 5.1.1. Recipientes cerâmicos .....  | 54         |

|  |            |
|--|------------|
| 5.1.1.1. Análise comparativa entre fases: morfologia .....                                 | 60         |
| 5.1.1.2. Análise comparativa entre fases: tecnologia .....                                 | 64         |
| 5.1.1.3. Breve visão do conjunto de recipientes .....                                      | 66         |
| 5.1.2. Pesos de tear .....   | 67         |
| 5.2. Pedra talhada .....   | 70         |
| 5.3. Outros artefactos líticos.....  | 75         |
| 5.4. Artefactos ideotécnicos, adorno e osso polido .....                                   | 76         |
| 5.5. Metalurgia .....  | 81         |
| 5.6. Notas finais.....   | 82         |
| <b>6. Rituais, práticas e materiais na cronologia campaniforme nos Perdigões.....</b>      | <b>83</b>  |
| 6.1. Continuidades.....  | 83         |
| 6.2. Descontinuidades? Alterações e novidades.....   | 96         |
| 6.3. Panorama geral – continuidade, descontinuidade ou ambos? .....                        | 101        |
| <b>7. Dinâmicas e ritmos regionais na cronologia campaniforme: o entorno dos Perdigões</b> | <b>103</b> |
| 7.1. Fundações, sítios e actos de “abandono”.....  | 104        |
| 7.1.1. Fundações e sítios.....   | 104        |
| 7.1.2. Actos de “abandono” .....   | 106        |
| 7.2. As reocupações e as arquitecturas .....   | 108        |
| 7.2.1. Cabanas/torres – modelos e interpretações .....                                     | 108        |
| 7.3. A paisagem campaniforme do Alentejo .....   | 110        |
| 7.3.1. Pluralidade estilística nos recintos vs uniformidade estilística nos habitats ..... | 110        |
| 7.3.2. A organização regional e a mobilidade campaniforme .....                            | 112        |
| 7.4. O final do 3º milénio a.C.....  | 115        |
| <b>8. Considerações finais.....</b>  | <b>118</b> |
| <b>9. Referências bibliográfica .....</b>  | <b>123</b> |
| <b>Índice Volume 2.....</b>  | <b>144</b> |

## Índice de figuras

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1</b> – Sucessão construtiva dos Perdígões. Segundo Valera <i>et al.</i> , 2014b. .... | 29 |
| <b>Figura 2</b> – Matriz estratigráfica da Fase 1. ....  | 31 |
| <b>Figura 3</b> - Matriz estratigráfica da Fase 2.....   | 32 |
| <b>Figura 4</b> - Matriz estratigráfica da Fase 3.....   | 35 |

## Índice de quadros

|   |    |
|---|----|
| <b>Quadro 1</b> – Calibração das datas disponíveis para os contextos em estudo..... | 31 |
| <b>Quadro 2</b> – Calibração das datas disponíveis para os contextos em estudo..... | 37 |
| <b>Quadro 3</b> - Estado do fragmento.....  | 40 |
| <b>Quadro 4</b> – Tratamento das superfícies.....                                   | 42 |
| <b>Quadro 5</b> – Descritores dos Núcleos .....                                     | 46 |
| <b>Quadro 6</b> – Descritores das Lascas.....                                       | 47 |
| <b>Quadro 7</b> - Descritores das Pontas de Seta.....                               | 47 |
| <b>Quadro 8</b> - Descritores dos Produtos alongados - lâminas e lamelas .....      | 49 |
| <b>Quadro 9</b> - Distribuição e representatividade das formas no conjunto. ....    | 54 |
| <b>Quadro 10</b> – Classes de tamanho apresentadas em cm <sup>3</sup> .....         | 58 |

## Índice de gráficos

|   |    |
|---|----|
| <b>Gráfico 1</b> – Representatividade das formas cerâmicas nas três fases estabelecidas.....                                    | 60 |
| <b>Gráfico 2</b> – Distribuição dos diferentes tipos de pratos pelas três fases. ....   | 61 |
| <b>Gráfico 3</b> – Comparação entre os depósitos da fase 3 e o conjunto de estruturas denominadas como <i>Cairn</i> ..<br>..... | 62 |
| <b>Gráfico 4</b> – Relação entre os tipos de pesos de tear e as fases definidas.....  | 67 |
| <b>Gráfico 5</b> – Distribuição do conjunto lítico, em relação às três fases.....   | 70 |
| <b>Gráfico 6</b> – Relação entre núcleos sem córtex e lascas com córtex, nas três fases.....                                    | 71 |

## 1. Introdução

---

*Descobrir na análise do pequeno momento singular, o cristal do acontecimento total.*

(Benjamin, 1989, p. 12)

No início do desenvolvimento de uma tese de mestrado as perguntas, os caminhos e os contornos do trabalho ainda não estão totalmente claros, reflectindo um processo de crescimento, aprendizagem e maturação independente e pessoal. O objectivo final é responder, de forma mais clara e conhecedora, às questões norteadoras.

No nosso caso concreto, partiu-se com uma questão central – qual o impacto do Campaniforme nos Perdígões e qual a imagem geral da região? A partir desta, e com o intuito de compreender a diversidade e variabilidade inerente ao fenómeno campaniforme na região concreta da Bacia da Ribeira do Vale do Álamo e áreas imediatas, estabelecemos o objectivo de reconhecer sinais de continuidade ou descontinuidade em relação à realidade imediatamente prévia. Ainda assim, as considerações apresentadas ilustram o carácter provisório do trabalho arqueológico, onde a variabilidade interpretativa resulta essencialmente da influência e escolhas do investigador.

Para responder a esta questão central, pareceu-nos fundamental compreender, do ponto de vista teórico, as teorias prévias na investigação do Campaniforme, e como as grandes correntes e perguntas europeias influenciaram as análises à escala regional. Estas, por consequência, moldaram e estruturam o pensamento e o discurso aqui utilizados, sendo o nosso trabalho uma mescla de influências e leituras, ainda que pretendamos destacar a dimensão social do fenómeno, em vez dos materiais nele contidos. Acreditamos que ao conhecer mais profundamente os condicionalismos e influências dos diversos autores e modelos existentes, é-nos mais fácil entender as suas escolhas, bem como os caminhos e estruturas seguidas.

A este exercício segue-se o necessário enquadramento e apresentação do objecto deste trabalho, definindo-se não só os contextos, dotando o leitor de todas as informações disponíveis, mas também da abordagem escolhida para tratar a questão da cronologia. Esta, que se cinge à segunda metade do 3º milénio a.C., foi dividida em três subfases, tornado os contextos comparáveis e passíveis de confrontação entre si.

Tal como realizado para os contextos e para a cronologia, definir e explanar cuidadosamente o nosso âmbito de actuação em termos metodológicos dota o trabalho de replicabilidade, o que permite testar a sua validade. Ainda assim, é necessário reconhecer que estes foram agrupados e pensados com a pergunta central em mente, o que nos levou a valorizar determinadas características, em detrimento de outras, que não acrescentariam informações, no

nosso entender, à tese. Esta exposição dá validade às considerações, tendências e particularidade identificadas e apresentadas para o conjunto de materiais. Nestes foram genericamente seguidas as principais categorias preconizadas para a área de estudo, apresentando-se os dados estruturados por tipologia de materiais, novamente com o intuito de compreender continuidades e/ou descontinuidades.

Nos dois últimos pontos do trabalho pretendemos confrontar e testar os dados e conclusões identificadas. Em primeira instância, esse exercício será realizado à escala do sítio dos Perdígões, passando posteriormente para uma análise à escala regional, aceitando-se, à partida, que os sítios estudados não são estanques e isolados.

Em suma, o guião seguido nesta tese pretende responder concretamente à questão de base, como chamar a atenção para outros problemas que têm de ser associados e pensados durante a cronologia campaniforme, na região do Alentejo. Sublinhamos principalmente as problemáticas identitárias que, encontrando-se implícitas na questão principal, pautaram constantemente as considerações apontadas. No entanto reconhecemos que existe um Passado silencioso e inalcançável para o Arqueólogo, levantando-se aqui os problemas de conservação e afectação do registo arqueológico, podendo ainda adicionar-se um Passado que pode ter sido intencionalmente silenciado pelas comunidades em estudo. Isto deixa-nos com apenas uma parte ínfima destes grupos, a partir da qual construímos teorias e modelos que limitam as nossas observações da verdadeira complexidade das comunidades da segunda metade do 3º milénio a.C.

Adiciona-se que este trabalho se insere no plano de investigação do projecto PTDC/EPH-ARQ/0798/2014 – MOBINTER. Mobilidade e Interação na Pré-História Recente do Sul de Portugal: o papel dos centros de agregação.

Neste trabalho o novo acordo ortográfico não foi utilizado, sendo que nos opomos cabalmente à sua utilização e aplicação.

## 2. O enquadramento teórico

---

O desenvolvimento de um trabalho em que se tenham em conta a cronologia e o fenómeno campaniforme obriga, necessariamente, a uma reflexão e a um processo de ponderação. Neste há que considerar as diferentes correntes interpretativas, que não podem deixar de ser enquadradas e lidas à luz dos contextos políticos, sociais e académicos da época, que tornam a comparação e a crítica praticamente inexequível, tendo em conta, especialmente, as grandes diferenças entre os universos e dados estudados ao longo do tempo. Não deixa de ser curioso identificar que, num grande número de trabalhos científicos que a temática campaniforme tem ocupado, há cerca de um século, ainda é possível encontrar os ecos das principais, e “primitivas”, hipóteses interpretativas dos inícios do séc. XX.

Estamos perante uma constante repetição de temas, quer sejam os relacionados com a origem deste fenómeno, a mobilidade humana em relação com os processos de difusão/partilha ou ainda com a transição entre sociedades com poderes negociáveis/frágeis e os inícios de uma desigualdade social mais elevada. A existência de temáticas de investigação quase cíclicas vem suportar a importância que tem sido dada a este fenómeno a nível europeu, contudo vem também ilustrar a necessidade de leituras mais centradas nas especificidades regionais já identificadas, dentro de um “fenómeno” que se lê, cada vez mais, como fragmentado e desigual. (Linden, 2006).

Outra das questões, intrinsecamente associada ao Campaniforme, é o conceito de “Horizonte de Ferradeira” que, ainda que desprovido dos pressupostos teóricos aquando da sua criação e teorização, se mantém aplicável e sustentado empiricamente pelo registo arqueológico. Esta realidade gera uma divisão meramente espacial e artefactual, não expressa a nível cronológico, enfatizando-se a coexistência de ambas as realidades.

Posto isto, estabeleceram-se duas escalas de análises que, ainda que sejam complementares, tendem a tratar temas genericamente diferenciados. A primeira escala é referente às correntes europeias, onde temas estruturantes como a origem e mobilidade têm sido mais debatidos, seguido de interpretações mais próprias e específicas do território em estudo – Vale da Ribeira do Álamo e áreas envolventes.

Ainda assim, reconhecemos que as análises e críticas aqui apresentadas reflectem a nossa inscrição teórica, não sendo descurada uma análise cuidada do espaço e dos dados, registos e cronologias disponíveis para os diversos sítios arqueológicos, onde se registou cerâmica campaniforme decorada, ou onde esta é rejeitada.

## 2.1. As correntes europeias

### 2.1.1. Histórico-culturalismo

O fenómeno campaniforme ganha destaque nos quadros Histórico-culturalistas europeus nos inícios do século XX, altura em que o seu estudo é internacionalizado. Isto deve-se ao reconhecimento da ampla difusão geográfica desta realidade, apontando-se inicialmente para a presença de uma etnia expansionista, bem como à valorização da qualidade técnica, decorativa e estilística dos recipientes cerâmicos, indiciando uma superioridade tecnológica (Garrido Pena, 2014, p.87). Esta generalização é realizada num ambiente teórico europeu essencialmente difusionista, preocupado com a definição de culturas arqueológicas, instrumentalizando-as na construção e afirmação de identidades e unidades nacionais, fomentando o orgulho nacionalista (Trigger, 1992, p. 144-196; Garrido Pena, 2001; Garrido Pena, 2005).

Os quadros interpretativos histórico-culturalistas vão marcar todos os estudos posteriores, sendo estes responsáveis por criar as bases das futuras correntes interpretativas, bem como definir e limitar as temáticas a ser exploradas. As principais linhas de investigação, que nasceram na primeira metade do século XX resultam, essencialmente, da falta de instrumentos de medição exacta do tempo pré-histórico e de um registo muito fragmentado e não contextualizado, levando os diversos autores a estabelecerem tabelas tipológicas, tendo em vista o ordenamento e categorização das diversas realidades observáveis. No caso do fenómeno campaniforme, limitavam-se, por escolha dos próprios investigadores, à componente cerâmica deste fenómeno, sendo inicialmente estudada de forma isolada (Linden, 2013, p. 66).

As tabelas e os mapas de associação, bem como os paralelismos que deles advém, vão rapidamente apontar novas questões relacionadas com a proveniência e com os Homens por detrás dos recipientes e da decoração, sendo genericamente aceite, entre a comunidade científica de então, a existência de uma “civilização campaniforme” (Linden, 2013, p.66). Estes *Beaker Folk* (um povo guerreiro conquistador) teriam originado uma migração massificada, aceitando-se este modelo na explicação da distribuição da componente material associada a este fenómeno, reflectindo um processo de “colonização” (Brodie, 1994). A irradiação cultural que este grupo humano teria, acaba por servir igualmente na justificação da existência de variações interpretativas regionais das decorações e formas, que seriam o resultado do processo de miscigenação entre as comunidades autóctones e estes novos elementos externos. A movimentação de grandes massas populacionais vai ser corroborada por estudos biométricos que têm em conta alterações morfológicas cranianas (Abercromby, 1902, p. 374) - aludindo às tipologias raciais utilizadas no século XIX. Estes trabalhos ainda hoje são discutidos, ainda que com menor expressão, tendo sido possível confirmar alterações cranianas em alguns exemplares (Pearson *et al.*, 2016), indicando tratamento diferenciados do corpo.

Curiosamente Gordon Childe não subscreve a hipótese da movimentação massificada de comunidades, apontando antes para uma mobilidade mais restrita, centrada em pequenos grupos de metalurgistas/comerciantes, cujo objectivo passaria pela identificação e exploração de novas fontes de cobre (Childe, 1925). Este autor, assim como Del Castillo Yurrita (1928), são os primeiros a proceder a uma casualidade entre os traços e características campaniformes e a metalurgia. Esta simbiose permite questionar o papel social que estes pequenos grupos de “viajantes” teriam na sua comunidade, fomentando o processo de trocas a longa distância (Sangmeister, 1963). É inclusivamente apontada a possibilidade da existência de patronato dos metalurgistas e mercadores por chefes ou elementos destacados nos grupos (Childe, 1925). Estes pressupostos rapidamente avançam para estudos relacionados com a complexificação e hierarquização social, sustentados pela identificação e teórica proliferação de enterramentos individuais (Childe, 1930), que simbolizariam, na morte, o papel que o sujeito teria a nível social.

Estes temas, ainda que apresentem algum destaque nos trabalhos da época, são utilizados como argumentos em obras abrangentes, onde é discutida a origem geográfica (ou pátria) deste fenómeno, estando a procura intensiva da origem desta comunidade “colonialista” pré-histórica, relacionada com o panorama social, político e científico à época.

Vários locais são apontados, como o Sudeste de França (Clarke, 1970), Sicília (Guilaine, 2004) e a Holanda (Harrison, 1980), contudo as proveniências que se encontram mais sustentadas – baseadas em estudo de relações/evoluções tipológicas, com poucos fundamentos cronológicos - são a Europa central (Childe, 1925) e a Península Ibérica (Castillo Yurrita, 1928; Bosch-Gimpera, 1940; Sangmeister, 1966 e Müller e Van Willingen, 2001), mais concretamente a Península de Lisboa. Ainda assim, ambas as hipotéticas origens apresentam uma grande variabilidade material que é difícil de explicar num teórico foco do fenómeno campaniforme, acabando por surgir a *Ruckstrom* de Sangmeister, numa tentativa de conciliar a variabilidade e o movimento migratório (Sangmeister, 1966). A Teoria do Refluxo é uma das mais complexas e ambiciosas teorias explicativas sobre o fenómeno campaniforme, uma vez que pressupõe a existência de duas fases de migração dos *Beaker Folk*, com uma primeira dispersão a partir da Península de Lisboa para o resto da Europa, seguido de um “refluxo” que parte da Europa Central, com destino à Península Ibérica, transportando um fenómeno já alterado, resultado da mescla entre os *Beaker Folk* e a Cultura da cerâmica cordada (Sangmeister, 1966).

### **2.1.2. Correntes processualistas**

Entre os anos 70 e 90 do século XX, deu-se uma revolução teórica e prática na disciplina arqueológica – o surgimento do Processualismo – que se fez igualmente sentir nas interpretações e análises do fenómeno campaniforme. Esta nova corrente representa, em certa medida, um afastamento da linguagem e das ideias anteriores, sendo as novas interpretações baseadas em

datações, permitindo desenhar uma imagem mais real do fenómeno em estudo (Linden, 2013, p. 68). A estes novos dados cronológicos é possível adicionar as revisões da distribuição e dos padrões regionais, que descartam a existência de uma unidade populacional e artefactual europeia no fenómeno campaniforme (Burgess e Shennan, 1976), sublinhando-se, contudo, que um pequeno conjunto de materiais é associação constante, especialmente em monumentos funerários. É nesta linha que surge o “pacote campaniforme”, que ainda hoje marca o discurso arqueológico sobre esta temática, sendo este composto por recipientes com forma/decoração campaniforme, pontas de seta, braçais de arqueiro e, em algumas regiões, armamento metálico (Shennan, 1976; Shennan, 1978). O afastamento das teorias difusionistas, e das noções de histórico-culturalistas de Cultura, permite que seja apontada uma mobilidade selectiva, como já verificado na hipótese de Childe, com mobilidade de alguns dos objectos entre elites, onde o pacote campaniforme funcionaria como elemento representativo do poder e de trocas intergrupais (Shennan, 1976). A existência de “Bens de Prestígio” nestas comunidades implica aceitar que se terá desenvolvido um novo sistema social, diferenciado do anterior, aproximando as chefias das comunidades ao mesmo tempo que impõe limites de fronteira, materializando-se esta nova organização e valorização nas associações materiais.

A uma nova organização social está afectada uma mudança nas categorias e referências sociais pré-existentes, assim como a adição de diversas discussões sobre temas sociais, com afinidades às questões levantadas pelos modelos interpretativos marxistas. Reforça-se a ideia previamente sublinhada da valorização da imagem do Guerreiro, somando-se indicações de diferenciação de géneros e das faixas etárias (aos quais respondem os posteriores estudos feministas) e, em simultâneo, levantando-se questões sobre os modos produtivos e o processo de aquisição de valor no fenómeno campaniforme (Shennan, 1993; Vandkilde, 2005).

Como sublinhado anteriormente, verifica-se uma alteração significativa no vocabulário processualista, em relação à corrente histórico-culturalista, deixando de se encontrar o termo “Cultura”, como representativa de um povo ou civilização, ou de se aceitar a ideia de uma migração massificada cuja “pátria” é desconhecida. No entanto este tipo de estudos não foi totalmente abandonado, agregando os investigadores mais conservadores – é exemplo disso o trabalho de Lanting e Van der Waals (1972; 1976), com a criação do Modelo Holandês, um dos melhor fundamentados sobre a origem do Campaniforme (Fokkens, 2005). Estes autores baseiam-se nas ideias de David Clarke, presentes no corpus da cerâmica campaniforme das Ilhas Britânicas e da Irlanda, que se foca essencialmente no surgimento do Campaniforme no Reino Unido (através de contactos com grupos campaniformes continentais – Clarke, 1970). Como tal, vão agrupar e actualizar os dados tipológicos pré-existentes na actual Holanda, relacionando-os com as cronologias disponíveis, gerando uma tipologia evolutiva com origem na *Single Grave Culture* holandesa (antigos *Protruding Foot Beakers*), culminando nas mais tardias interpretações locais

do Campaniforme (Lanting e Van der Waals, 1972). Em nenhuma parte da sua obra Lanting e Van der Waals mencionam a palavra “origem”, limitando-se a apresentar um esquema evolutivo tipológico, que ainda hoje é utilizado e aceite pela maior parte dos académicos que investigam o foco deste fenómeno (Fokkens, 2005).

David Clarke tem igualmente um papel central no desenvolvimento das interpretações sobre o fenómeno campaniforme (Garrido Pena, 2014, p.90), contribuindo não só com um corpus previamente mencionado (1970), como com um conjunto de hipóteses explicativas que estão na génese da valorização do papel social do campaniforme (1976). Este autor assume que não existe um “povo campaniforme”, mas sim grupos, onde se verifica um intercâmbio à escala europeia de um bem de prestígio (Campaniforme) que, ao ser adquirido, contribui e reforça a posição social de quem o possui, baseando-se num conjunto de códigos culturais concretos (Clarke, 1976). Esta realidade pode ser efectivada através da consagração de pactos políticos ou alianças matrimoniais, que originariam o estabelecimento/manutenção de redes de intercâmbio, levando a divergências e transformações expressas nos artefactos (Garrido Pena, 2014, p. 92-93). O método de análise aplicado, inspirado em alguns autores anteriores (Doran e Hodson, 1975), vem alterar e desconstruir a noção de “pacote campaniforme”, desarticulando o termo ao recorrer a uma análise política, contrastando com a monotética aplicada até então.

Ainda na linha mesma linha de investigação, encontramos o corpus de Richard Harrison que surge no seguimento dos *corpora* anteriores – Del Castillo Yurrita, em 1928, com uma análise à escala europeia, ou David Clarke (1970). No caso de Harrison, o seu trabalho centra-se na Península Ibérica, procedendo ao levantamento e inventariação dos sítios arqueológicos e tipos de cerâmica campaniforme, sem deixar de referir a presença de outros materiais (partes integrantes do pacote artefactual campaniforme), ou deixar de proceder a considerações sobre o papel, função e origem peninsular destes artefactos (Harrison, 1977). Louva-se o facto de este autor ter conseguido aliar as interpretações mais tradicionalistas, com as correntes sociais processualistas, explicando o fenómeno campaniforme peninsular como o resultado de trocas e relações comerciais, inscrevendo-se no modelo de origem dual. Este último foi pensado e avançado por Palliardi, em 1919, com o seu expoente máximo na Teoria do Refluxo de Sangmeister.

Os modelos interpretativos processualistas acabam por, como referido anteriormente, se afastar parcialmente dos conceitos chave anteriores – como origem e migrações – acentuando e pensando uma mudança mais relacionada com o Homem e com o seu sistema social, sustentada por quantificações e análises espaciais, associadas a mais claras indicações cronológicas. Contudo acaba por falhar, ao apresentar uma vincada perspectiva evolucionista sobre a trajectória social humana, utilizando o argumento dos bens de prestígio e do poder das elites como auto-

explicatório (Linden, 2013, p. 70). Este é tido como causa e resultado do fenómeno campaniforme, secundarizando, intencionalmente, a pergunta central dos modelos propostos – Porquê um novo sistema social?

### **2.1.3. Correntes pós-processualistas**

Esta pergunta acaba por continuar sem resposta, e a noção funcionalista de “bens de prestígios” expande-se e é utilizada, na transição para o século XXI, como a principal explicação para a abrangente difusão do *Pacote Campaniforme* (Linden, 2013, p. 70). Porém é necessário frisar que o modelo interpretativo dos objectos de prestígios utilizados pelas elites, foi inicialmente pensado e sustentado por dados arqueológicos centro europeus (Shennan, 1976) – ainda que as recentes análises arqueométricas indiquem que a maioria dos recipientes é desenvolvido com pastas locais (Cabral *et al.*, 1988, Cardoso *et al.*, 2005, Odriozola *et al.*, 2008a). Como tal, é evidente que o seu uso e ampliação não foram criticamente pensadas.

No entanto, várias foram as respostas que surgiram a este modelo, como se pode observar no desenvolvimento de estudos que têm em conta questões mais locais/regionais, assumidas como reflexos de identidades próprias. Nestes apresentam-se cronologias mais finas e estudos intensivos das “cerâmicas domésticas” que surgem em contextos de cronologia campaniforme, como o realizado por Marie Besse, identificando redes de partilha maiores do que aquele que a cerâmica e o “pacote” campaniforme apontam (Besse, 2003). A estes é possível juntar os trabalhos de Laure Salanova que, tratando a cadeia operatória da cerâmica campaniforme, não isolou somente preceitos técnicos, tendo identificado traços próprios dos oleiros e uma liberdade produtiva/técnica (Salanova, 2000a). É nesta linha que a presente dissertação se pode inserir, procedendo-se a uma caracterização intensiva e pormenorizada das cerâmicas ditas “comuns”, com o intuito de perceber se há continuidades ou rupturas, e o grau de alteração entre as diferentes fases cronológicas

Ao contrário do que se verifica para os bens de prestígio, a noção de “Pacote Campaniforme”, começa a ser questionada, não estando praticamente presente nos discursos científicos enquadrados nos quadros explicativos actuais (Linden, 2006; Prieto Martínez, 2008). Como sublinhado antes, o facto de se verificar uma crescente centralização em estudos regionais tem trazido à luz dos conhecimentos novos dados, que têm acentuado a necessidade de encarar o fenómeno campaniforme como uma realidade múltipla, com ritmos igualmente múltiplos. Esta questão extravasa o âmbito local/regional, afectando igualmente os estudos mais gerais que, curiosamente, voltaram a centrar-se nos temas desenvolvidos no início da investigação do fenómeno – a origem do campaniforme, não enquanto uma Cultura, mas enquanto uma expressão essencialmente ideológica, e a própria questão da mobilidade, sendo este um dos temas mais

destacado a nível europeu – acentuando o já referido processo cíclico de investigação sobre as temáticas campaniformes (Linden, 2013, p. 72).

As hipóteses exploradas sobre a origem Campaniforme são, de forma sintética, as mesmas trabalhadas anteriormente, mantendo-se os dois focos centrados na Península de Lisboa, onde se encontra um dos maiores conjuntos de cerâmica de estilo internacional (Cardoso, 2014). O segundo polo corresponde à actual Holanda, local onde a sequência evolutiva tipológica se encontra estabelecida com contextos igualmente antigos (Fokkens, 2012). Hipóteses mais recentes, como as trabalhadas por Marc Vander Linden, utilizam o modelo de análise politética de David Clarke (1968), apontando para um fenómeno com uma origem múltipla, que resulta, essencialmente, de processos cumulativos a nível regional, atingindo a escala europeia devido a um elevado grau de mobilidade e contactos intergrupais (Linden, 2004). Mobilidade que têm vindo a ser verificada através da aplicação de novas técnicas, como a análise de isótopos de Oxigénio e Estrôncio, permitindo confirmar que as populações do final do 3º milénio a.C. apresentam altos níveis de mobilidade, podendo esta ser de longa distância (Melheim *et al.*, 2016; Kristiansen *et al.*, 2017). Os contactos ficam assim confirmados e suportados - com a deslocação de grupos de pequena/média dimensão, contrariando a ideia de uma migração massificada – servindo estes dados para compreender e ler os contactos entre as diversas regiões, que podem justificar divergências materiais e de práticas.

Com estes avanços não se exclui a existência/emergência de possíveis elites, ou elementos destacados na sociedade, contudo têm-se preferido alterar o foco para questões sociais mais relacionadas com identidades e valores simbólicos/ideológicos, uma vez que a continuada utilização do binómio tradicional de mais espólio funerário é sinónimo de maior estatuto social, ilustra processo heurísticos contemporâneos (Linden, 2013, p. 73). Têm então sido desenvolvidos trabalhos que, ainda que com génese nas obras processualistas, valorizam o Agente e a sua fluidez, verificando-se a existência de processos de inscrição e sintetização do Homem a categorias colectivas e estereótipos mais idealizados do que práticos. É este o caso da imagem do guerreiro, não existindo evidências sólidas de confrontos armados neste período cronológico (Guilaine e Zammit, 2001), ou de utilização do armamento/acessórios recuperados, como os braços de arqueiro (Fokkens *et al.*, 2008).

Nesta linha insere-se o contributo do Materialismo Histórico, que vem chamar a atenção para os processos de integração, absorção, redefinição e adaptação, a escalas regionais, do que se considera o fenómeno campaniforme – combatendo as ideias mais difusionistas ainda vigentes (Rezende, 2006). O protagonismo passa agora para os agentes residentes autóctones (Rezende, 2006), os quais actuam em processos de regionalização social e estilística (decoração e forma)

dos significados campaniformes, gerando “pacotes” híbridos, resultado de uma mescla entre estilos, técnicas e formas locais e exógenas.

É igualmente valorizado o carácter colectivo e multifuncional deste fenómeno, acentuando-se os múltiplos papéis sociais que pode adquirir, em especial em torno de rituais de comensalidade. Estes são inicialmente apontados por Sherratt (1987), ainda que o autor os entenda como fenómenos que fomentam o estabelecimento e fortalecimento de apoios sociais, onde estes recipientes teriam um papel que, até ao momento, se encontra associado ao consumo ritual de bebidas alcoólicas (Delibes e Guerra, 2004; Rojo *et al.*, 2005; Garrido Pena *et al.*, p.114), ou à presença de bens alimentares, em alguns contextos funerários (Rojo *et al.*, 2008a), podendo ainda funcionar como “lubrificante social” (Rivero, 2008, p. 15; Garrido Pena *et al.*, 2011). Outras funções podem ser indicadas, como a ligação directa entre o Campaniforme e rituais de transformação/productivos, onde funcionam como elementos de “compensação” da terra ou componentes de regeneração (Delibes de Castro *et al.*, 2016; Valera e Basílio, no prelo).

A nível conceptual a principal alteração encontra-se na aplicação do termo “Fenómeno campaniforme”, que vem substituir os anteriores “Cultura Campaniforme”, “Horizonte campaniforme” e “Pacote campaniforme” (Linden, 2013, p. 74). Este conceito surge na tentativa de agrupar, sobre uma expressão curta, toda a diversidade e variabilidade existente neste fenómeno, permitindo abordar esta cronologia, os seus artefactos, as suas práticas e todas as divergências existentes, sem as limitar. Permite, em simultâneo, inseri-las numa ideia de partilha identitária suprarregional. Ao falar de fenómeno campaniforme estamos a reconhecer que esta realidade é extremamente complexa e variável (como o Homem por de trás dela), sem a reduzir a uma Cultura, Povo, Horizonte ou Pacote. A expressão fenómeno permite a existência de uma unidade/tendência, assumindo-se uma partilha a uma escala mais ampla, em simultâneo a um reconhecimento de diversidade, quando a análise é mais focalizada e centrada em determinadas áreas específicas.

Actualmente dispomos de uma base analítica muito rica que nos permite apresentar e considerar as múltiplas facetas presentes no fenómeno campaniforme, ainda assim não deixa de ser interessante sublinhar que se corre o risco de estar a perder o foco de uma das questões centrais do Campaniforme, também ela não tida em conta na corrente processualista, a causalidade em relação à dimensão ideológica deste fenómeno (Linden, 2013, p. 74). Estas realidades precisam de respostas a uma escala europeia, contudo é necessário procura-las igualmente a nível local, uma vez que as interpretações, práticas e adaptações inerentes a cada grupo nos permitirão começar a ligar diversos pontos em comum. Detecta-se, contudo, um fenómeno de substituição da visão mais simplista e limitadora de mobilidade grupal/massificada, reconhecendo-se que o Campaniformes representa um fenómeno mais rizomático, mais complexo, resultado de múltiplas

interacções, onde constam processos de rejeição e ultrapassagem, que justificam a distribuição diversificada, não reproduzindo modos de expansionismo colonialista.

Ainda assim, apresenta-se como fulcral reconhecer os principais antecedentes e linhas de investigação do fenómeno campaniforme, uma vez que estes são fundamentais nas temáticas, definições e discursos contemporâneos - nenhuma das correntes teóricas, ou hipóteses explicativas, encaixa totalmente em todas as áreas onde o fenómeno campaniforme foi detectado, uma vez que este apresenta nuances e variações consoante o ambiente trabalhado (funerário ou não), a escala (local/europeia) e o próprio autor, sendo esta a principal justificação para a manutenção de correntes consideradas mais tradicionalistas e para a fracturação e adaptação de várias correntes consoante os dados arqueológicos. A ideia inicial de que estaríamos perante um fenómeno Pan-europeu liderado por elites, ainda que cada vez mais frágil, continua a assombrar e impor condicionalismos, reconhecidos ou inconscientes, nos recentes trabalhos, existindo a necessidade vincada de pensar os conceitos aplicados, questionando-os, sem deixar de reconhecer a influência que o investigador tem, consoante a sua relação com a realidade que estuda e o próprio processo de investigação (neste caso uma ciência social).

## **2.2. Vale da Ribeira do Álamo e áreas envolventes**

Muitas das realidades interpretativas exploradas anteriormente aplicam-se no caso específico da área em estudo, ainda que a escala de análise, bem como os dados disponíveis sejam muito díspares.

Os primeiros condicionalismos prendem-se com o reduzido número de sítios com elementos enquadráveis no fenómeno campaniforme, durante todo o século XX. A presença de grandes conjuntos na Península de Lisboa e Setúbal, precocemente identificados em 1886 por Cartailhac, assim como na necrópole de Ciempozuelos (em 1886), acaba por desviar as atenções do Alentejo e particularmente da Bacia do Vale do Álamo e Margem Esquerda imediata, gerando ritmos de investigação totalmente diferenciados, que perpetuaram a invisibilidade da componente material. Estes ritmos são também perlongados no tempo, até meados do séc. XX, por teorias explicativas que assumiam o fenómeno megalítico como uma barreira física e identitária, que retardaria e limitaria a expansão campaniforme, sendo esta a razão para a ausência desta “Cultura” no Alentejo (Leitão *et al.*, 1987, p. 450-493; Rivero, 2008, p. 18).

Este panorama conservar-se com os estudos realizados por Georg e Vera Leisner que, entre 1952 e 1955, ao procederem à preparação e elaboração do corpus *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, não alteraram significativamente o número de sítios com campaniforme na região alentejana. Esta escassez de dados é o motivo pelo qual as considerações teóricas, ou funcionais, que têm em conta o Alentejo e o próprio Algarve, são relativamente reduzidas, existindo a necessidade de as relacionar e associar a outros fenómenos, que não só o

campaniforme. É exemplo disso a hipótese apontada por Schubart, na qual o autor assume que, quer o Alentejo, quer o Algarve, materializariam o “Horizonte de Sepultura de cúpula”, actualmente conhecidos como *tholoi*, também identificado na zona de Los Millares (Schubart, 1971), onde o pacote campaniforme não se faria representar por todos os elementos típicos, como a cerâmica decorada e os objectos de ouro - gerando o que actualmente conhecemos como Horizonte Ferradeira. Schubart tenta ainda compreender e justificar a clara variedade regional, aludindo ao modelo de feitorias e de áreas de exploração do cobre, criado, tendo por base os dados disponíveis para o Castro do Zambujal, o que originaria assimetrias regionais, e um maior desenvolvimento nos estuários do Tejo e do Guadalquivir (Schubart, 1971). Estas áreas são similarmemente pouco trabalhadas por Richard Harrison, aquando da elaboração do seu *corpus* em 1977, mapeando sete sítios com cerâmica campaniforme no actual Alentejo.

A diferença da distribuição territorial do “Horizonte campaniforme” vai igualmente ser explorada por Konrad Spindler, em 1984/88. Este autor utiliza uma abordagem dualista, sublinhando a existência de um Horizonte diferente no Alentejo, enquadrando-o já na Idade do Bronze. Estas comunidades teriam progredido e resistido ao fenómeno campaniforme (cuja cronologia seria ainda incerta), sendo este o responsável por retardar o avanço da Iª Idade do Bronze. Entre ambos os Horizontes/Culturas existiriam limites geográficos muito bem definidos, apontando-se para a necessidade de conhecer os fenómenos de interacção regionais entre ambas as realidades (Spindler, 1984/1988, p. 60).

É, contudo, com os trabalhos mais recentes que o panorama de investigação e interpretativo se vê alterado. As intervenções associadas à construção da Barragem de Alqueva e respectivos canais de rega, bem como outros empreendimentos de menor dimensão, permitiu identificar novos sítios arqueológicos e conjuntos campaniformes, adicionando cerca de 25 novos sítios à lista elaborada por Richard Harrison, em 1977. O novo panorama de distribuição da cerâmica e restantes elementos do fenómeno campaniforme, foi utilizado na sustentação de teorias previamente preconizadas, bem como no desenvolvimento de novas ideias, que enriquecem esta discussão. Contudo, salienta-se que o número de autores que tem vindo a trabalhar esta problemática, com enfoque central na região do Alentejo, é reduzido, destacando-se, actualmente, duas correntes explicativas/interpretativas principais.

Uma das hipóteses explicativas preconizadas para o território alentejano, procede à associação directa do “pacote campaniforme” às elites, funcionando este como elemento de prestígio, numa sociedade que se reergue do colapso da organização social linhageira/tribal, vigente no Calcolítico, adaptando-se a um novo modo de produção (Soares, 2013). O novo modelo produtivo e a diferente formação social, originariam lideranças personalizadas, centradas nas figuras de aventureiros, guerreiros e líderes, que controlariam os meios de produção, a força

de trabalho e ainda as redes de circulação de materiais exógenos, mais raros e/ou sociotécnicos – como o cobre, ouro ou armamento (Schumacher *et al.*, 2009) – o que permitiria a acumulação de riqueza (ou de bens de prestígio). Estes bens, com forte reconhecimento social, contribuiriam para a formação e estabelecimento de “facções” (que se entendem como reservas de força de trabalho) com relações organizativas muito diferenciadas do modelo parental anterior, focalizando-se agora nas ligações de “vassalagem/senhoriais” (Soares, 2013, p.58). As elites do Horizonte campaniforme procederiam então a uma gestão das forças de trabalho, suportando-se no estabelecimento e difusão de uma economia sustentada no simbolismo e operacionalização dos objectos (Soares, 2013, p. 403) e de uma mitificação da figura do guerreiro (Soares, 2003), tendencialmente associado aos arqueiros na Europa central. Os novos personagens e palcos sociais encontrar-se-iam na génese do desenvolvimento de uma sociedade e uma paisagem hierarquizada e estratificada, podendo ainda adicionar-se a diferenciação inerente a trabalhos especializados – como os da mineração e transformação do cobre (Soares, 2013). O modelo social espelhar-se-ia igualmente nos monumentos funerários onde “melhor se surpreendem as mudanças sociais” (Soares, 2013, p. 410). O distanciamento das ideologias comunistas calcolíticas é apreendido na difusão dos enterramentos individuais, onde o destaque social deixa de estar diluído por um conjunto de pessoas, passando agora a identificar-se, e a ganhar visibilidade, as elites e as chefias políticas, personalizadas nestes enterramentos (Soares, 2013, p. 411). As esporádicas reutilizações de estruturas funerárias colectivas reflectiriam processos de monumentalização e patrimonialização dos chefes, cujo objectivo se prende com a transferência da diferenciação e dimensão dos chefes, para os edifícios funerários, capitalizando-se a sepultura ancestral.

É interessante verificar que neste modelo, o intercâmbio, inegavelmente presente no registo arqueológico, é limitado a uma mobilidade elitista, por entre os principais membros das chefias, gerando uma acumulação viciosa de riqueza (Soares, 2013) – ainda que a verdadeira motivação da deslocação se prenda com o estabelecimento e consolidação de “apoiantes” e “aliados”, fulcrais para chefias instáveis com constante necessidade de legitimação e manutenção do seu status (Soares, 2013 p. 395). De acordo com a autora, gerar-se-ia uma dependência das elites gera novas organizações espaciais dos territórios, como verificado para o mundo funerário, com dimensões facilmente ordenáveis, num constante ritmo de adesão e fragmentação, dependentes de discurso inflamado e parciais (p.410). Esta paisagem, que se conhece como “Triângulo da Luz” (Soares, 2013, p. 395), encontrar-se-ia estruturada e sustentada em núcleos residenciais, orientados politicamente, consoante as chefias regionais num estado societário compatível com as “chefaturas complexas” – com uma clara influência da teoria marxista.

Em suma, a materialidade e a fase campaniforme (e também calcolítica em geral), é interpretada de forma evolutiva progressista, aceitando-se que em meados do IIIº milénio a.C. se iniciaria o colapso do sistema social vigente, procedendo-se um conjunto de experiências e testes

sociais, com aumento da diferenciação social, sustentado por um sistema de trocas desiguais, bem como pela apropriação da produção das diversas tecnologias disponíveis, numa organização semelhante à “feudal” (com líderes omniscientes e conspícuos, suportados por “facções” flutuantes a uma escala regional (Soares, 2013, p. 412) – a comparação da organização calcolítica ao sistema feudal é deveras arriscada, uma vez que o modelo organizativo feudal foi pensado enquanto conceito associado a uma sociedade específica, sendo necessário questionar se se pode proceder a extrapolações e comparações entre o feudalismo medieval e as comunidades calcolíticas.

Este modelo, que se inscreve numa abordagem marxistas, apresenta alguns apontamentos curiosos. Um dos primeiros a sublinhar é o reconhecimento da limitação empírica sustentadora da hipótese apresentada, sublinhando-se que os processos antrópicos e ambientais afectam, de forma directa, a leitura que temos dos locais intervencionados (Soares, 2013, p. 407)– o que não deixa de ser curioso é que se assume e aceita os condicionalismos de conservação, sem se ponderar sobre a afectação que as correntes teóricas aplicadas, têm nas hipóteses interpretativas sobre o passado. Outro dos aspectos a salientar, no encadeamento do anterior, é a base empírica utilizada para fundamentar a teoria construída - um sítio de habitat (Soares, 2013, p. 410), em articulação com a paisagem imediata, sendo, ainda assim, necessárias análises espaciais que tenham em conta o registo arqueológico e as suas variações actualmente. Esta realidade é especialmente válida na análise dos contextos funerários, onde apenas se detectou um contexto com associação directa entre um recipiente campaniforme decorado e um enterramento (Quinta do Castelo 1) - que, à altura do desenvolvimento desta hipótese interpretativa, ainda não tinha sido descoberto – enfatizando a existência de dados contraditórios ou, neste caso, inexistentes à altura. Podemos ainda adicionar, de forma geral, a dimensão dos conjuntos analisados, não só os referentes à quantidade de cerâmica campaniforme decorada, como também o que concerne as restantes materialidades– com o objectivo de reconhecer a verdadeira representatividade deste tipo cerâmico nos conjuntos artefactuais de “uso comum”, como compreendendo a expressão diminuta que o campaniforme decorado tem, em relação aos objectos exóticos que circulavam na região (como o marfim). Este conjunto de objectos, os de uso mais comum e generalista, ou os mais exóticos, são igualmente importantes, já que o seu estudo e caracterização permite identificar alterações, continuidades e tradições que podem marcar continuidade, ou ruptura, com as realidades antecessoras – assim como a própria arquitectura, práticas e expressões ideológicas (que continuam activas).

As incoerências identificadas fragilizam o modelo proposto, sendo esta a razão pela qual não nos revemos nos pressupostos pensados.

A par desta hipótese explicativa, surgem autores com perspectivas mais moderadas, podendo ser consideradas “híbridas” ou mistas, onde o principal ponto de divergência se encontra nas interpretações sociais avançadas para presença do fenómeno campaniforme. É o caso de Rui Mataloto que, tendo como caso de estudo o sítio de São Pedro (Redondo), intervencionado no âmbito da construção de um viaduto, apresenta uma função social diferenciada para a cerâmica campaniforme - a sua inclusão enquanto elemento participativo, em cerimónias de reforço de identidade e/ou rememoração e de manutenção da memória social do espaço, inspirada no trabalho de Paul Connerton (Mataloto *et al.*, 2015, p.93). Os elementos campaniformes agiriam também como elementos de evocação e homenagem dos antepassados, materializados em referências espaciais simbólicas, que surgem em contextos de revisitação das ruínas do sítio, amortizando e simultaneamente realçando as ocupações anteriores (Mataloto *et al.*, 2015, p. 85). O Campaniforme ganha uma maior diversidade de desempenho social, contudo continua a considerar-se que a cerâmica e o restante “pacote” campaniforme ganha destaque quando o paradigma humano calcólico colapsa, materializando-se em novas formas de ocupar o espaço, com um povoamento disseminado, com uma maior fragmentação grupal, em áreas abertas, aceitando-se a estratificação social e a afirmação de antigas/novas linhagens (Soares, 2003).

Se no que toca ao povoamento, onde se verificam reocupações sobre sítios abandonados (como o Porto das Carretas ou São Pedro) ou ocupações *ad-novo* (Miguens 3) que parecem suportar esta ideia, novamente a questão da emergência e afirmação de elites encontra pouco sustento no registo arqueológico na região alentejana, especialmente nos contextos funerário, onde não se recuperaram enterramentos individuais, com espólios e rituais funerários totalmente estandardizados com a presença de cerâmica campaniforme decorada, como se verifica, por exemplo, no sítio do Camiño de las Yeseras (Liesau, 2016; Blasco *et al.*, 2014; Liesau *et al.* 2014,) e na restante Europa (Linden, 2004)– esta situação é, por sua vez, identificada no que se conhece como “Horizonte Ferradeira”, com associações cerâmicas relativamente recorrentes, mas cuja distribuição espacial parece ser periférica ao Alentejo Central (Valera, 2005, p. 195).

Numa linha mais articuladora, entre povoados, paisagem, cronologia, estruturas e artefactos surgem os trabalhos de António Valera. Numa primeira obra, em 2006, já praticamente todos os sítios com campaniforme actuais eram conhecidos (28), contudo os seus estudos encontravam-se numa fase introdutória, pelo que os dados que sustentam estas hipóteses explicativas eram, à altura, preliminares. Todavia, surgiam já algumas indicações do que é a hipótese actualmente apresentada e defendida, pensada nos trabalhos de 2011 (Valera e Rebuge) e 2016 (Valera e Basílio, no prelo), tendo como caso de estudo o recinto dos Perdígões.

De forma genérica, os conjuntos campaniformes no Alentejo fazem-se representar por reduzidos números de fragmentos, que se traduzem em ainda mais reduzidos números mínimos

de recipientes – a única exceção a esta tendência é o sítio do Porto Torrão, cuja tipologia/função ainda se encontra praticamente por definir, conhecendo-se várias centenas de cerâmica campaniforme decorada (Valera e Filipe, 2004). Contudo, com as cronologias disponíveis (escassas para contextos externos ao sítio dos Perdigões), tendências e padrões podem ser compreendidos, especialmente contrariando o que até ao momento tinha sido apontado (Valera e Basílio, no prelo). O Campaniforme seria adicionado a um período cronológico onde se verifica uma intensificação de práticas pré-existentes e surgimento de novas, essencialmente relacionadas com questões arquitectónicas (novas arquitecturas como as cabanas de pedra ou torres, anteriormente desconectadas do fenómeno campaniforme), tecnológicas (metalurgia do cobre) e relacionais (interacção entre comunidades expressa no incremento do consumo de bens exóticos). Ainda que se detectem estas alterações, a cerâmica campaniforme parece ser integrada nos contextos arqueológicos (Valera, 2006, p. 196), sem existirem indícios de rupturas nas dinâmicas e práticas sociais - o que a presente dissertação procura testar - sendo a mesma realidade identificada para os restantes elementos que lhe são tipicamente associados (ainda que não se encontrem simultaneamente presentes) – como elementos em metal, marfim e ouro (Valera e Basílio, no prelo).

Neste caso concreto, o Campaniforme não é exclusivamente compreendido como uma realidade de prestígio, não sendo limitado a nível interpretativo. Ainda assim, sublinha-se que o reduzido número de fragmentos é adicionado aos últimos contextos do sítio, onde os níveis de interacção e competição social seriam elevados e inerentes a uma trajectória social de crescente desigualdade social, que resulta numa demanda de mais matérias e materiais exóticos, aliado a comportamentos emulativos expressos na monumentalidade das construções e acções (Valera e Basílio, no prelo). Estes comportamentos podem gerar distinções sociais – como o próprio conhecimento das técnicas e procedimentos transformativos, controlados por elites emergentes. Contudo se for esse o caso, mesmo que esta diferenciação se expresse em hierarquias, estes indicadores de dissemelhanças seriam diluídos nos contextos funerário, onde as diferenças e “riquezas acumuladas” se esbatem no grupo/comunidade, contrariando os modelos preconizados, e atestados, para a Europa Central. Assim sendo, aponta-se uma multiplicidade de utilizações para a cerâmica campaniforme decorada: passando pela sua manipulação e controlo pelas elites (ainda que o campaniforme decorado seja raro em contextos funerários), pela sua utilização em ritos funerários ou, ainda, podendo encontrar-se ligadas e funcionar em processos produtivos de transformação do metal, sal ou outros (Delibes de Castro *et al.*, 2016) – onde funcionariam enquanto agentes contribuidores para o sucesso das transformações/produções (Valera e Basílio, no prelo) - ou, ainda, pelo seu papel enquanto agente e factor identitário e enquanto elemento iconográfico, exprimindo ou assumindo uma ideia decorativa simbólica – em suma, o

Campaniforme patenteia uma pluralidade a nível de desempenho social, não sendo restringido e totalmente controlado pelas “elites”.

Outras das realidades apontadas é a integração e leitura regional do fenómeno, que permite compreender, em primeira instância, uma dicotomia entre os monumentos funerários (onde o campaniforme decorado é praticamente inexistente), os sítios de habitat e os recintos de fossos, e, em segundo plano, a existência de áreas estilísticas diferenciadas, que confluem (e são geridas) na região do Alentejo. Estes distintos contextos arqueológicos vêm acentuar as diferentes utilizações e palcos de actuação da cerâmica campaniforme decorada, salientando, ao mesmo tempo que aproxima, sítios com conjuntos e características diferenciadas, concebendo interpretações distintas, consoante o enfoque dado.

Estas diferentes áreas resumem-se a associações espaciais entre os estilos decorativos e áreas de influência, gerando um mapeamento no qual o estilo Palmela e Internacional se encontra amplamente representado nos estuários do Tejo e Sado (Península de Lisboa e Setúbal) e, por sua vez, o estilo Ciempozuelos como preponderante na Meseta. Estas áreas principais, às quais se podem adicionar a Bacia Média do Guadiana e a região de Huelva e a Bacia do Guadalquivir (com influências expressas noutras categorias artefactuais), confluem e coexistem no actual espaço alentejano, gerando distribuições diversificadas e variáveis, consoante a área de influência principal e o tipo e dimensão dos sítios. Como se verifica em praticamente todos os sítios de menores dimensões, onde o Campaniforme está presente (entenda-se aqui cerâmica), exhibe-se uma tendência monoestilísticas a nível decorativo (Valera, 2006, p. 199). Este padrão reflectirá, principalmente, processos de aceitação e integração das comunidades (Valera, 2006, p. 199, Valera e Basílio, no prelo), podendo assumir um forte papel identitário. A rede espacial que advém desta questão identitária expressa no registo arqueológico, seria encabeçada pelos recintos de maiores dimensões, que, contrariamente aos sítios de menores dimensões, vêm acentuar a adição destas cerâmicas em continuidade com as realidades anteriores - como é o caso dos Perdigões, Porto Torrão, San Blás ou La Pijotilla. Em todos estes recintos podemos identificar a presença de diversos estilos decorativos campaniformes, sendo estes agentes nos processos de influência estilística e gestão/atração de comunidades e redes de contacto, que se materializariam num espaço altamente socializado. (Valera, 2006, p. 196). Esta ideia acaba por representar uma alteração em relação às teorias previamente apresentadas para esta região, que recorriam essencialmente a análises materialistas e funcionalistas, focadas em sítios como o Porto das Carretas (Soares, 2013) ou São Pedro (Mataloto *et al.*, 2015), onde se verifica uma ruptura ocupacional (cuja duração e ritmo desconhecemos) e arquitectónica com os momentos cronológicos anteriores.

Esta hipótese explicativa, para além de contribuir para o conhecimento da região do Alentejo, valoriza a ideia da continuidade e da adição do Campaniforme decorado nesta área, ilustrada e acentuada nos grandes recintos de fossos, tendo em conta os ritmos de cada núcleo e sítio arqueológico., não procede a generalizações e inclusões acríticas, despegadas dos contextos arqueológicos. Podemos então afirmar que esta hipótese considera e trabalha o fenómeno campaniforme com uma perspectiva integradora, centrando-se nos problemas e dados existentes para a região alentejana, aceitando que o Campaniforme não tem obrigatoriamente um uso exclusivo, tendo sido intencionalmente excluído e incluído de determinados contextos. Verifica-se aqui uma desconstrução da noção de “pacote campaniforme”, na linha das análises politéticas de Clarke, que no Alentejo, e focando-nos só nas cerâmicas campaniformes decoradas, parece não ter validade no registo arqueológico, uma vez que, até ao momento, esta cerâmica se encontra praticamente ausente dos contextos funerários (utilizados para a identificação do “típico” pacote campaniforme). A situação oposta é verificada no “pacote ferradeira”, que se aproxima mais da versão estandardizada e repetitiva, associada ao termo “pacote”.

Há especificidades próprias que resultam, essencialmente, do reduzido número de trabalhos e autores que se debruçam sobre estes problemas, nesta área concreta. O enfoque e extrapolação das conclusões obtidas tendo um único sítio arqueológico como referencia contextual e material, é problemático, sendo que para nós, uma visão mais global (com um processo de particularização-generalização) apresenta mais vantagens, ainda que partindo do sítio dos Perdigões, e permite tirar conclusões mais sólidas e úteis, para um fenómeno que, com o avançar das investigações, se torna cada vez mais regional. Contudo, as questões que pensamos para este tipo de contextos na região alentejana é fulcral, não só porque limita e restringe o nosso âmbito de actuação, assim como condiciona o nosso pensamento perante os contextos. Será essencial tentar compreender as tendências identificáveis para o Campaniforme neste espaço, utilizado o Recinto dos Perdigões como ponto de partida e como um sítio central numa paisagem altamente socializada. Outra das perguntas que é essencial explorar prende-se com as diversas dinâmicas regionais, com a organização do espaço (quer sejam os habitats, como os contextos funerários) e, por inerência, da cerâmica campaniforme decorada, que pode estar por detrás de processos de reocupação de novos sítios, ou sítios previamente abandonados. Pretendemos clarificar as questões relacionadas com o abandono e reocupação dos sítios no Alentejo, sendo que a noção de ruptura (associada aos actos de abandono), necessita de ser criticamente pensada - o reduzido número de contextos existentes onde se possa afirmar, taxativamente, fenómenos de abandono final (Valera, 2003, p.135), levanta questões sobre a intencionalidade e propósito por de trás do afastamento do espaço, podendo sugerir que abandonar seria igualmente uma maneira de ocupar o espaço (Valera, 2003). Ainda assim, parece-nos que o cerne da questão passa por tentar compreender qual o papel e relação com as realidades pré-existentes e as que surgem ou se

acentuam na mesma cronologia, numa tentativa de reconhecer continuidade e inclusão numa trajectória social de emulação e competição, ou ruptura e alteração, e como ambas as realidades se podem articular e coexistir dentro de um único sítio arqueológico, bem como numa região mais ampla.

### **2.3. O “Horizonte Ferradeira”**

Não podemos desassociar o Campaniforme do seu entorno, não só a nível espacial e cronológico, como também do seu ambiente cultural – onde se insere o que se conhece como “Horizonte Ferradeira”.

Esta “cultura” arqueológica, foi pensada por Schubart, em 1971, tendo como base um número reduzido de sepulturas individuais (ilustrando uma construção essencialmente funerária), com conceitos estruturais histórico-culturalistas, associados a uma construção globalizante, com base numa ideia civilizacional (gerando um povo), que partilharia uma mesma realidade sociocultural (Mataloto *et al.*, 2013, p. 303) – na mesma linha do que pensado para o “grupo de Monteleva”, de Richard Harrison (1977), ainda que as associações e referências civilizacionais sejam mais moderadas. A partir desta realidade, foi reconhecido um padrão de enterramentos individuais, ou individualizantes em reutilizações de monumentos anteriormente ocupados (fundamentalmente em monumentos de falsa cúpula), com um conjunto de materiais, mais ou menos recorrentes, onde não se incluiria a cerâmica campaniforme decorada (Schubart, 1971). Este horizonte apresentaria uma distribuição que se podia identificar desde o Algarve até ao Alentejo Central, funcionando como resposta à ausência de campaniforme decorado nos contextos funerários e a sítios fortificados que se aproximem das colónias metalurgistas da Estremadura Portuguesa (como o caso do Zambujal). Nestes locais, o campaniforme decorado é comum (Schubart, 1971), suportando a ideia da existência de dois povos divergentes, um deles colonizador (o Campaniforme), que encontrou forte resistência na difusão/adaptação cultural no Alentejo, existindo poucas evidências de contactos – pontualmente expressos nos elementos metálicos, que representariam elementos de luxo importados, com contemporaneidade com a Cultura de El Argar A (Schubart, 1971).

Quer a justificação e, por inerência, o termo “Horizonte de Ferradeira”, não foram totalmente aceites pela comunidade científica, tendencialmente apologista do modelo indigenista, dos anos 70 do século XX, representando um dos conceitos cuja utilização encontra mais resistência e incerteza (também devido à sustentação empírica do conceito).

Este dualismo é acentuado mais tarde por Konrad Spindler, em 1984/88, voltando-se a sublinhar a existência de duas comunidades culturalmente e tecnologicamente diferenciadas. O principal acréscimo de Spindler passa pelo mapeamento e delimitação dos limites de ambos os

grupos (Spindler, 1984/1988), ainda que o dado disponível na altura de elaboração destas distribuições seja muito diferenciado do que hoje dispomos.

Só mais recentemente se repensou a utilidade e funcionalidade do conceito “Horizonte Ferradeira” que, tirando alguns trabalhos (Gonçalves, 1989), tem sido dissociado da sua carga e conteúdo teórico original, representando agora um conceito meramente operacional (Mataloto, 2006, p. 93), organizativo e cronológico nos discursos arqueológicos contemporâneos. Nestes reconhecem-se os diversos “Horizontes de «Ferradeira»” existentes (Mataloto, 2006, p. 93) inseridos em processos de transformação social, com destruturação dos contextos anteriores e o surgimento de novas organizações sociais (Mataloto, 2006, p. 102). Só mais recente se confirmou a coevidade entre o Horizonte de Ferradeira e o fenómeno/conjunto campaniforme (Mataloto *et al.*, 2013), mantendo-se em aberto a questão da articulação e relação entre ambas as realidades arqueológicas (Valera, 2014a, p. 101), começando agora a compreender-se uma possível fronteira estilística entre o concelho de Beja e Évora (Valera, 2014cb p. 101), apresentando casos de sobreposição espacial, ainda que reduzidos.

Porém, o conceito “Horizonte de Ferradeira”, como sublinhado anteriormente, ainda se apresenta como útil para resumir uma identidade observável nas práticas e ritos funerários, com maior incidência em contextos funerários individuais e sem arquitectura definida, inserível numa trajetória social em mudança (Valera, 2014a, p. 101), cuja principal característica parece ser a diversidade (não só nas associações artefactuais, como também nas interpretações e aplicações sociais) – também identificada para o fenómeno campaniforme. Ainda assim a principal característica identificada por Schubart, em 1971, mantém-se: a ausência de cerâmica campaniforme decorada, num período de transição, onde se regista uma maior tendência para particularização das práticas funerárias (Valera, 2014a, p. 102), mantendo-se o vínculo entre o campaniforme decorado e o “mundo dos vivos” (Valera, 2014a, p. 102).

#### **2.4. Apontamentos finais**

Apresentadas as principais correntes interpretativas que pautam a história dos estudos sobre os contextos campaniformes, a principal conclusão a que chegamos é que existe uma diversidade muito acentuada de hipóteses explicativas, que se prendem essencialmente com o enquadramento temporal dos autores, bem como com as suas opiniões, experiências e preferências interpretativas. É extremamente difícil separar totalmente as correntes explicativas, uma vez que se encontram totalmente intrincadas entre si, sendo que as linhas de investigação actuais vão beber um pouco a todas as pré-existentes, chegando inclusive a repetir as questões centrais de investigação de forma cíclica. Ainda assim, reconhecemos que estamos muito longe de um consenso à escala regional ou à escala europeia, especialmente se perdurar uma tendência

de investigação que, até aqui, tinha vindo a esquecer alguns dos dados presentes nos diversos sítios arqueológicos onde a cerâmica campaniforme decorada já foi identificada.

### 3. Sobre os Perdigões e os contextos a trabalhar (enquadramentos)

---

O complexo arqueológico dos Perdigões (CNS 597) localiza-se no distrito de Évora, concelho de Reguengos de Monsaraz, nas imediações da sede (Reguengos de Monsaraz), a cerca de 2 Km para Nordeste (Coordenadas UTM: 29S, 626750.14 m E, 4255677.35 m N), junto à estrada municipal que conecta Reguengos de Monsaraz à povoação da Caridade. Abrange aproximadamente 16 ha, sendo a sua grande maioria pertencentes à Herdade do Esporão (anexo 1.1 e 1.2).

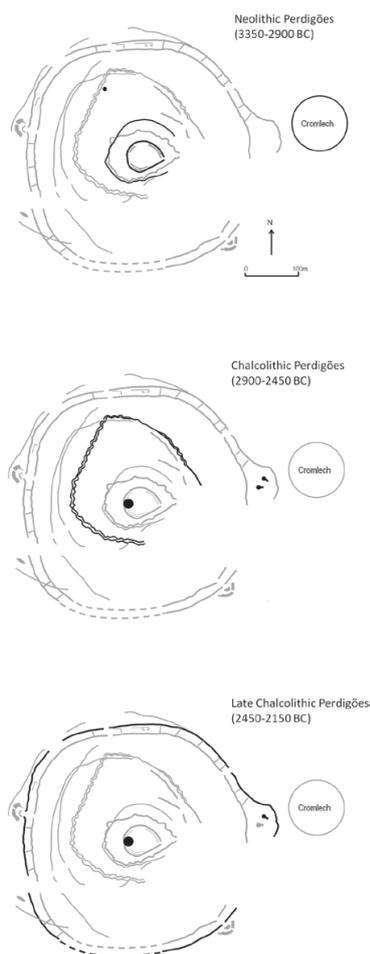
Implanta-se no extremo Oeste do vale da Ribeira do Álamo (afluente do Guadiana), numa área de anfiteatro natural integrado numa plataforma de vertentes ligeiras (anexo 1.3 e 1.4), que restringem a sua visibilidade ao vale que se desenvolve a nascente (acompanhando a própria orientação do sítio – NE/SO). A Este encontra, no horizonte, a elevação onde actualmente se implanta Monsaraz e a planície densamente ocupada pelo complexo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Atinge 252 m na sua cota absoluta mais elevada, e 226 m no seu ponto mais baixo, apresentando, portanto, um desnível de 25 metros. O sítio arqueológico não se destaca na paisagem, contudo apresenta uma clara intencionalidade e planificação prévia à implantação, ilustrando uma ocultação espacial propositada, pré-definindo, em simultâneo, um horizonte visual ilimitado a Este (em qualquer ponto do recinto), como resultado da simbiose entre o relevo e a arquitectura.

A proximidade com a Ribeira do Álamo, que se encontra a cerca de 1km do centro do sítio (Lago *et al.*, 1998), enriquece hidricamente a zona circundante aos Perdigões, sendo inclusive conhecidas algumas nascentes. A nível paleoambiental, foram realizados alguns estudos polínicos de amostras (em muito mau estado de conservação) retiradas do sector Q, L e P, que revelaram que, no Neolítico final, estaríamos perante uma paisagem aberta, com arbustos mediterrânicos, pontilhada com árvores dispersas, como os pinheiros e os carvalhos (Wheeler, 2010; Danielsen e Mendes, 2013, p. 18). Adiciona-se ainda que os vestígios de agricultura são raros, aos quais se pode somar a reduzida presença de elementos de moagem, contrapondo com o que parece ser uma paisagem essencialmente coberta por pastos (*idem*).

Do ponto de vista geológico, a peneplanície de Reguengos de Monsaraz é constituída maioritariamente por granitoides (anexo 1.3), devido ao Maciço Eruptivo de Reguengos de Monsaraz, caracterizado como uma área de formações litológicas diversificadas (Duarte, 2002). Contudo, o sítio dos Perdigões implanta-se na única área do vale onde os solos são relativamente brandos, sendo constituídos essencialmente por afloramentos de gabros e dioritos muito alterados, contrastando com a geologia do restante vale

No caso concreto dos Perdigões, estas arquitecturas negativas correspondem essencialmente a fossas e fossos, ainda que outras construções e soluções tenham sido identificadas, como cortes de aplanção, uma cabana com fundações em pedra, um *cairn*, *tholoi*

e um cromeleque (Valera e Basílio, no prelo). Após 20 anos de trabalhos, foi possível reconhecer



**Figura 2** – Sucessão construtiva dos Perdigões. Segundo Valera *et al.*, 2014b.

um número incontável de fossas, com processos de enchimento e funções, quando possível aferir, muito diferenciados, assim como 14 fossos com um traçado genericamente circular e, em alguns casos, sinuoso. A diversidade construtiva, associada à dimensão do sítio em estudo, permite reconhecer que não estamos a lidar com um único sítio arqueológico, mas sim com diversos “Perdigões”, que resultam da intersecção das variáveis tempo, espaço e práticas (Valera *et al.*, 2014b).

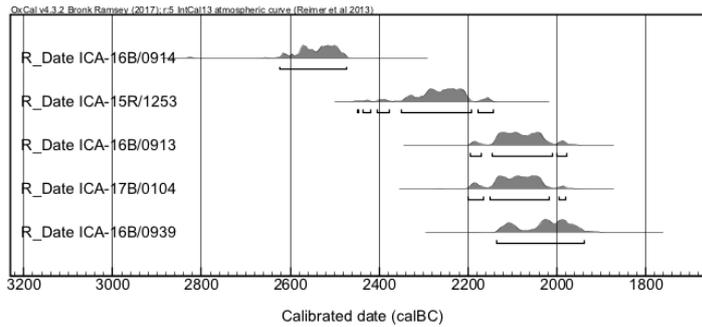
As diferentes fases dos Perdigões, devem ser lidas com uma perspectiva biográfica, tendo em consideração os 1500 anos de utilização deste espaço. Sublinha-se que durante a história dos Perdigões, as alterações terão sido inúmeras, contudo as orientações astronómicas (solstício de Verão e Inverno) e a ligação cosmogónica e cosmográfica, mantêm-se transversais, o que demonstra a sua importância para as práticas levadas a cabo no sítio (Valera, 2012; Valera *et al.*, 2014b). A par desta continuidade concreta, é também possível ver uma distinção entre a fase

neolítica e calcolítica, chegando-se inclusive a questionar o tipo de ocupação do sítio, que poderá ter sido continuamente ocupado, ou com fases de abandono (Valera *et al.*, 2014b). Independentemente da existência de interregnos ou mudanças a curto/médio prazo, parece existir, segundo os dados disponíveis actualmente, uma trajetória de crescimento do recinto, cujos primórdios neolíticos (3350-2900 cal BC) se materializam na área central, nos fossos 6, 5, 12 e 13 (figura 1). É no final do Neolítico que os Perdigões atingem a sua máxima dimensão, com a abertura do Fosso 11, ao qual se sobrepõe parcialmente o Fosso 1. A identificação da cronologia do Fosso 11 permitiu reconhecer que os Perdigões não apresentam um processo de expansão a nível da sua dimensão, mas que já seriam um recinto de grandes dimensões no final do Neolítico, contrariando o que se pensava até então (Valera *et al.*, no prelo).

Já na primeira metade do 3º milénio (2900-2450 BC), observa-se um processo de modificação, sendo abertos os fossos 3 e 4, surgindo os dois *tholoi*, já intervencionados, em simultâneo com a deposição de cremações na área central do recinto (Valera *et al.*, 2014b). Esta situação mantém-se no final do 3º milénio, com a abertura do Fosso 1 e respectiva entrada (Valera *et al.*, 2014b; Suárez *et al.*, 2013). Esta área do recinto sofre alterações constantes, em simultâneo com o processo de colmatção do fosso 1, 4 e 7, com deposições estruturadas nos seus interiores (Valera e Basílio, no prelo). Dá-se o esvaziamento do Sepulcro 2 e a sua reutilização, bem como a continuação da deposição de cremações humanas na área central do recinto (Valera *et al.*, 2014b), a par do surgimento de novas arquitecturas, como é o caso do *cairn* 1 (Valera e Basílio, no prelo).

### **3.1. Estruturas, contextos e cronologias**

É nesta cronologia de final do 3º milénio que podemos inserir os contextos seleccionados para estudo na presente dissertação, tendo estes sido escolhidos para responder à questão central deste trabalho, cujo objectivo passa por reconhecer alterações e/ou a manutenção nas práticas e nos conjuntos materiais ao longo da mesma, com especial enfoque para possíveis modificações que possam ser justificadas pela presença do “pacote” campaniforme. Para tal, estes contextos apresentam algumas características específicas que suportam a sua selecção, como o facto de a sua escavação já se encontrar terminada, associada a uma caracterização cronológica, o que permite avaliar as questões colocadas à partida no presente trabalho. Outro factor de selecção é a localização destes contextos na área central do recinto, apresentando uma relação de proximidade entre as estruturas (dentro das cronologias correspondentes). É também na área central que os fragmentos de cerâmica campaniforme se tendem a concentrar (Valera e Basílio, no prelo), fazendo sentido por isso proceder a uma micro abordagem nesta área específica, sem descurar posteriormente uma análise mais ampla (anexo 2.1).

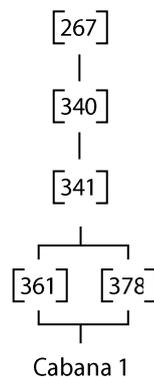


**Quadro 1** – Calibração das datas disponíveis para os contextos em estudo.

Posto isto, procedeu-se à aglutinação das estruturas e contextos escolhidos, que se organizam de acordo com três fases cronológica e estratigraficamente diferenciadas. Este processo de compartimentação da realidade, pretende facilitar a análise e a apresentação dos resultados, sendo por isso utilizadas no decorrer de todo o trabalho (anexo 2.2.).

A primeira fase é referente aos contextos mais antigos (2600-2400 cal BC), seguido pelas estruturas de fase “intermédia” (2400-2200 cal BC) e, já na fase três, pelos depósitos mais tardios (a partir de 2200 cal BC) – como é possível verificar nos quadros 1 e 2.

### 3.1.1. Fase 1 – Depósitos posteriores à cabana 1 (anexos 2.3 a 2.5. e 6.1 e 6.2)

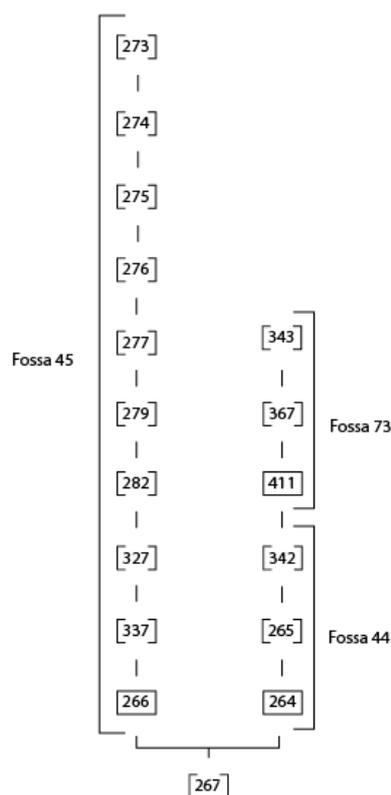


**Figura 2** – Matriz estratigráfica da Fase 1.

A fase 1, cuja cronologia pode ser balizada entre 2600 e 2400 cal BC, é constituída por 5 depósitos sucessivos de ocupações posteriores ao que se conhece como cabana 1. Estes cobrem o sulco e grande parte do interior da cabana 1, encontrando-se encostados a um corte de nivelamento no lado Oeste da área de escavação (Valera, 2015c). Estes depósitos apresentam abundantes materiais, nos quais se podem incluir diversos elementos faunísticos e um fragmento de cerâmica campaniforme. Esta encontra-se representada no depósito mais recente, [267], de onde é proveniente a data de 2626 – 2473 cal BC (95,4% prob.) (Valera e Basílio, no prelo). No entanto, é imprescindível questionar a data disponível, em especial a sua antiguidade, considerando-se a presença de uma cerâmica com decoração do tipo Ciempozuelos. A cronologia recuada não deve

ser, para já, assumida como vinculativa/definitiva, uma vez que uma data não deve ser extrapolada para todo um contexto, em especial um depósito. O elemento utilizado na datação, um fragmento de fauna identificado como sendo pertencente a um *cervus elaphus*, pode representar um componente anterior à cronologia da formação do depósito, sublinhando-se a necessidade de mais datas, que possam confirmar, ou fazer avançar/recuar a data disponível.

### 3.1.2. Fase 2 – Fossas 44, 45 e 73 (anexos 2.6 a 2.7 e 6.3)



**Figura 3** - Matriz estratigráfica da Fase 2.

A fase 2 corresponde a três estruturas de tipo fossa (44, 45 e 73), abertas nos depósitos anteriormente descritos (fossas 44 e 45), sendo parcialmente escavadas no substrato geológico. A única exceção é a fossa 73, que é aberta no enchimento da fossa 44, no seu limite Oeste. A nível espacial, estas estruturas encontram-se implantadas na área central do recinto, como sublinhado anteriormente, desenvolvendo-se com grande proximidade uma da outra, correspondendo às únicas estruturas que cortam o depósito mais recente [267] (Valera, 2015c; 2016a).

No caso concreto da fossa 44, foi possível identificar um plano circular (com 1,38m de diâmetro na boca e 1,52m na base) com uma secção trapezoidal e apenas 0,40m de profundidade. Foram individualizados dois depósitos, de tendência aplanada, com a presença de pedras de média dimensão, cerâmicas e faunas em ambos - [265] e [342]. O enchimento Oeste da fossa 44 foi

cortado pela abertura da fossa 73, também ela de pequenas dimensões e plano circular (0,74m de diâmetro e 0,30m de profundidade), com dois depósitos arqueológicos, ainda que só tenham sido recuperados materiais do depósito [367]. A fossa 44 pode ser considerada uma fossa de secção tipo 2, enquanto que a fossa 73 se assemelha mais com a secção tipo 5 (Valera, 2008a, p. 25).

Para estas fossas não existem datações de radiocarbono disponíveis, contudo a cronologia avançada relaciona-se com a datação disponível para o depósito [267], que é cortado por estas estruturas, providenciando, portanto um *post quem* para este conjunto de estruturas negativas.

A fossa 45, localiza-se a Este da fossa 44 e pode ser considerada uma fossa relativamente grande, uma vez que apresenta um plano sub-circular, com uma abertura na boca de 1,80 m, e uma secção tronconónica de paredes arqueadas, visível nos seus 0,66 m de profundidade.

O enchimento desta fossa é mais extenso e complexo, considerando-se o maior número de depósitos (um total de nove) e os diferentes ritmos de enchimento. É exemplo desta afirmação a intercalação dos materiais presentes nos primeiros depósitos, onde se verifica uma alternância entre a presença maioritária de pedras na [274], ou de fauna na [275], ilustrando processos de deposição diferenciados. A esta realidade podemos ainda adicionar a presença de uma deposição funerária de um canídeo [279], parcialmente coberto por uma estrutura pétreo, que apresentava sinais de uma possível decapitação, tendo em conta a disposição espacial do crânio – o corpo encontrava-se em conexão anatómica, junto às paredes da fossa, contrariamente à cabeça e à mandíbula, deslocadas, juntamente aos membros traseiros do animal (Valera, 2013a/2014c). Esta deposição e tratamento do corpo animal é ainda mais curiosa pela identificação de uma fractura regenerada no fémur esquerdo (informação pessoal por António Valera) do canídeo. Nos depósitos subsequentes, mais concretamente no [327], observa-se uma tendência para a concentração de materiais cerâmicos e pétreos junto às paredes da fossa, que se perlonga para a base desta estrutura, onde foram identificadas acumulações de argila, com alguns blocos cozidos [337], cuja funcionalidade permanece por esclarecer. O canídeo foi alvo de datação, fornecendo uma data claramente posterior aos depósitos que cobrem a cabana 1 - de 2350–2193 cal BC (84,9% prob.), enquadrável na segunda metade do 3º milénio (Valera e Basílio, no prelo).

Sublinha-se, como nota a reter, que as estruturas de tipo fossa e os respectivos enchimentos, resultam essencialmente de processos antrópicos, sendo os enchimentos destas realidades, no caso concreto das que foram apresentadas, reflexo de escolhas e premeditações humanas. Ainda assim, não se anulam as contaminações e a erosão.

### **3.1.3. Fase 3 – Depósitos tardios** (anexos 2.8, 2.9 e 6.4 a 6.12)

Os depósitos tardios e o *cairn* foram identificados numa área relativamente aproximada dos contextos anteriores, mantendo-se no centro do recinto. Foram reconhecidos mais a Norte, a Nordeste das fossas e dos depósitos prévios à cabana 1. Correspondem a três depósitos, sendo que

no [415] se desenvolve uma pequena lareira [418], uma estrutura denominada como “pavimento”, constituída por quatro fases de deposição, e uma estrutura de tipo *cairn*, caracterizada por um aglomerado circular de pedras. Esta última vai ser tratada, ao longo do trabalho, de forma mais isolada, tendo em conta as suas especificidades contextuais e de enchimento.

O depósito [444]=[531], somente intervencionado no fundo da fossa 77, é parcialmente coberto pela [415], que corresponde a um depósito de grande extensão, rico em materiais arqueológicos. É sobre este depósito, que cobre a zona da cabana 2, que se desenvolvem algumas das estruturas mais tardias identificadas, até ao momento, no sítio dos Perdigões. Uma dessas estruturas é uma lareira delimitada por algumas pedras [418], praticamente estéril em materiais arqueológicos, mas que permitiu a obtenção de um recipiente cuja forma remete já para a Idade do Bronze (taça carenada) assim como uma data de radiocarbono (proporcionada pela presença de carvões e fauna), enquadrável na transição do 3º para o 2º milénio - 2135 - 1939 cal BC (95,4% prob.). Uma outra estrutura, denominada como “pavimento”, à falta de melhor termo, é caracterizada por três níveis de deposições estruturadas de fragmentos cerâmicos, faunísticos e pétreos, com uma tendência semicircular e progressivamente horizontalizada – [416]; [422] e [424]. O “pavimento” restringe-se a uma pequena área, não tendo sido identificados carvões ou elementos com fracturas térmicas, que poderiam sugerir uma funcionalidade relacionada com a combustão (Valera, 2016a).

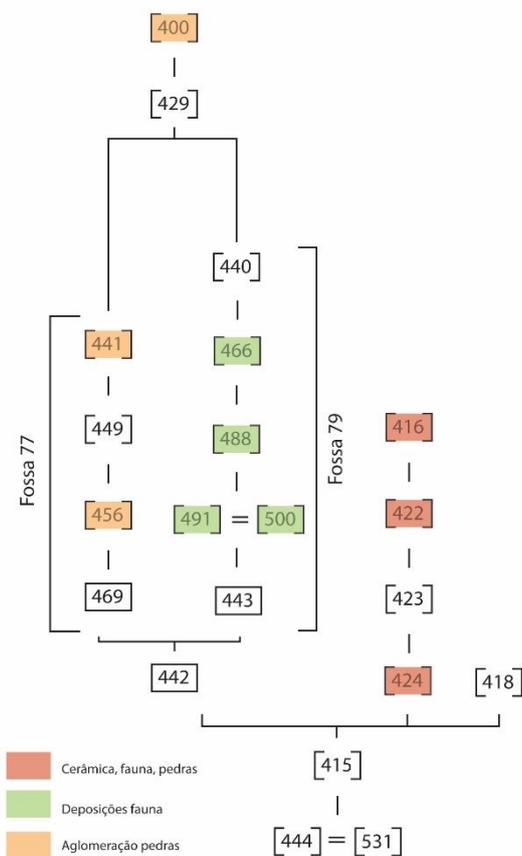
Nestes depósitos, mais concretamente no [415], foi possível recuperar um recipiente campaniforme, ainda assim, e pela sua aparente cronologia mais tardia, foram aqui incluídos como representativos das associações materiais das últimas fases do sítio arqueológico.

### **3.1.3.1. O Cairn**

O conjunto de estruturas agrupadas sobre a denominação de *cairn* 1 reflectem uma sucessão construtiva que têm em comum a sua cobertura pelo aglomerado pétreo, ou *cairn*, [400]. A opção de nomear estas estruturas sobre o termo único de *Cairn* justifica-se pelo facto de apresentarem uma relação estratigráfica clara, mas também porque se reconhece que estas seriam parte integrante de um rito ou prática, onde todas as estruturas (fossas e aglomerado pétreo) funcionariam de forma intrincada e não isolada. Posto isto, sob o *cairn* encontramos uma depressão sub-circular com aproximadamente 3m de diâmetro e cerca de 30 cm de profundidade, que foi aberta na [415], correspondente à unidade [442]. Nesta depressão foram escavadas duas fossas, uma delas central (fossa 79) e outra localizada a sudeste (fossa 77), ambas com enchimentos e dimensões muito diferenciadas (Valera, 2016a).

A fossa 77, de plano circular, é uma fossa de pequenas dimensões (0,58m de diâmetro e 0,40m de profundidade), com apenas três depósitos – o de formação mais recente [441] e o junto

à base [456] representam aglomerações de pedras de média dimensão, encontrando-se separados por um depósito argiloso [449]. Esta fossa não forneceu materiais arqueológicos classificáveis.



**Figura 4** - Matriz estratigráfica da Fase 3.

Por sua vez, a fossa 79, é bastante irregular, apresentando um diâmetro de 1,40m e uma profundidade de 0,66m. É caracterizada por três fases de deposição de grandes conjuntos faunísticos, criando concentrações que apresentam uma orientação S-N, com os depósitos [466] e [488] a apresentarem uma maior potência no lado Sul. Esta constatação permite reconstruir e repensar o processo de enchimento antrópico desta fossa.

Apenas foi registado um depósito sedimentar [440], num total de quatro que compõem o enchimento da fossa 79. A nível de materiais, para além do conjunto faunístico, foi possível recuperar uma grande diversidade de materiais, a ser trabalhados no capítulo 5. Para este contexto existem duas datações disponíveis, uma delas inédita (informação pessoal de António Valera), que permitem restringir o enchimento da fossa 79 aos dois últimos séculos do 3º milénio a.C - 2151 - 2017 cal BC (84,5%) e 2146 – 2010 cal BC (85,6%).

Após ambas as fossas se encontrarem colmatadas, a depressão onde estas se desenvolvem é preenchida pelo depósito [429] que, posteriormente, é coberto pelo aglomerado pétreo [400], funcionando como elemento selante, que marca e destaca a estrutura na área central do sítio arqueológico. As estruturas denominadas como *Cairn* parecem reflectir um processo construtivo criado e utilizado num momento concreto do sítio, com um enchimento rápido, como patente nos fragmentos de fauna (Anexo 8).

Outro dos pontos a sublinhar é o da contemporaneidade das estruturas em estudo, em especial as referentes às duas primeiras fases, com outros contextos e estruturas, muito diversificadas, em todo o sítio arqueológico. Sublinha-se, ainda assim, que a contemporaneidade aqui apresentada é-nos dada pelo radiocarbono e, como tal, pode não representar efectivamente a realidade do sítio, mas serve-nos como indicativa para compreender as dinâmicas sociais e as práticas que decorriam no sítio em cronologias aproximadas.

Na fase 1 é possível reconhecer o sítio dos Perdigões como extremamente activo e no início de um processo de redimensionamento. Da formação dos depósitos que cobrem a cabana 1 são contemporâneas estruturas funerárias anexas, como as cremações presentes na Fossa 16 e o Ambiente 1, assim como as deposições secundárias identificadas no Sepulcro 2 (Valera e Basílio, no prelo; Valera *et al.*, 2014c). É também nesta fase que se inicia a construção e enchimento do Fosso 1, verificando-se o mesmo para o caso do Fosso 7 (Valera *et al.*, 2014b).

As práticas, previamente referidas, continuam presentes na segunda fase, mantendo-se o processo de modificação e/ou preenchimento de estruturas pré-existentes (Ambiente 1, Sepulcro 2 e Fosso 7), assim como abertura de novas que cortam os depósitos anteriores, como é o caso das Fossas 44 e 45 (Valera, 2015c), intensificando-se o enchimento do Fosso 1, com abertura de fossas nos depósitos mais antigos, assim como a possível alteração das estruturas externas ao recinto – um trecho de fosso com o que parece ser uma paliçada que, à partida, condicionaria e pré-definiria os caminhos a tomar, para aceder à porta do recinto, como acontece noutros sítios arqueológicos nacionais e europeus (Súarez *et al.*, 2015).

Para a fase 3, deparamo-nos com alguns dos contextos mais recentes identificados, até ao momento, suportados pelos dados cronológicos (Valera e Basílio, no prelo). Estas estruturas e depósitos enquadram-se numa fase em que se faria sentir um abrandamento das práticas prévias, onde não se abririam novos fossos, encontrando-se os restantes já, ou quase colmatados, não existindo igualmente sinais de práticas funerárias (Valera e Basílio, no prelo). O sítio poderia inclusive já não ser compreendido da mesma forma, contudo mantêm-se as práticas de deposições e de construção de novas estruturas na sua área central. Quer o *Cairn*, os depósitos posteriores à cabana 2 e o “pavimento” seriam ainda contemporâneos de uma estrutura pétreo na área central,

cuja escavação não se encontra terminada, que forneceu materiais também eles tardios, essencialmente centrados na Idade do Bronze (Valera, 2014c).

Os indicadores disponíveis até ao momento, apontam para uma continuidade generalizada de arquitecturas e práticas até cerca de 2200 cal BC, existindo algumas alterações essencialmente no que toca aos artefactos, que reflectem processos de adição, resultado de práticas de interacção com diferentes ambientes culturais. Contudo, sinais claros de ruptura não foram identificados, sustentando a manutenção geral já sublinhada.

**Quadro 2** – Calibração das datas disponíveis para os contextos em estudo.

| Proveniência           | U.E.  | Amostra               | Ref.         | Data BP | CalBC  | Bibliografia  |
|------------------------|-------|-----------------------|--------------|---------|--|---|
| Depósitos pós cabana 1 | [267] | <i>Cervus elaphus</i> | ICA-16B/0914 | 4030±30 | <b>2626 - 2473 (95,4%)</b>   | Valera e Basílio, no prelo  |
| Fossa 45               | [279] | <i>Canis</i>          | ICA-15R/1253 | 3820±30 | 2448 - 2446 (0,2%)<br>2436 - 2420 (1,4%)<br>2405 - 2378 (3,5%)<br><b>2350 - 2193 (84,9%)</b><br>2177 - 2144 (5,3%) | Valera e Basílio, no prelo  |
| Fossa 79 / Cairn       | [500] | <i>Cervus elaphus</i> | ICA-16B/0913 | 3690±30 | 2196 - 2171 (4,6%)<br><b>2146 - 2010 (85,6%)</b><br>2001 - 1977 (5,1%)   | Valera e Basílio, no prelo  |
| Fossa 79 / Cairn       | [488] | Fauna                 | ICA-17B/0104 | 3650±30 | 2199 - 2164 (8,7%)<br><b>2151 - 2017 (84,5%)</b><br>1995 - 1981 (2,2%)   | Valera e Basílio, no prelo  |
| Depósito pós cabana 2  | [418] | <i>Cervus elaphus</i> | ICA-16B/0939 | 3700±30 | <b>2135 - 1939 (95,4%)</b>   | A.C. Valera - data inédita obtida no âmbito do projecto MOBINTER - PTDC/EPHARQ/0798/2014. |

OxCal v.4.3.2 Bronk Ramsey (2017); r5 IntCal 13 atmospheric curve (Reimer et al., 2013)

## 4. Metodologias

---

*O objecto, ou o que pensamos dele...*

(Vignaux, 2000, p. 28)

Estudar as diversas expressões materiais de um sítio arqueológico como os Perdigões obriga, necessariamente, ao estudo de uma pequena parcela dos materiais (amostra). Esta é seleccionada considerando-se as perguntas que nos movem, sendo necessário admitir à partida, que lidamos com uma amostragem do que seriam as materialidades que constituiriam os Perdigões. Este procedimento analítico de selecção, organização e classificação da realidade arqueológica, permanece totalmente dependente da interpretação e sentido que o sujeito tem do objecto. Por sua vez, depende deste sentido a classificação (que leva a processos de generalização) e até a existência (abstracta) do próprio objecto (Vignaux, 2000).

Estas generalizações de significado, podem encontrar uma fundamentação mais genérica e empírica, como sendo a consequência de processos onde se reconhecem e associam características comuns e gerais, a um mesmo grupo (Chang, 1983), com uma forte intervenção do sujeito. Este mesmo sujeito é incapaz de ser totalmente objectivo – daqui advêm os tipos, construções dependentes dos atributos escolhidos e pensados pelo Arqueólogo sobre um objecto mitificado/idealizado (Clarke, 1984), inexistente fisicamente. ainda que se possam relacionar com conceitos e ideias abstractas (segundo Kant, in Vignaux, 2000).

No entanto, o conceito de tipo é extremamente funcional na compartimentação e pensamento sobre os contextos arqueológicos, facilitando e permitindo o exercício de reflexão sobre a realidade arqueológica, que se pode assumir como multifacetada. A variabilidade origina tipologias independentes, que espelham a soma entre as construções mentais (interpretações) mais abstractas e uma hipotética realidade táctil e observável. O conceito de “tipo” agrupa então espécimes com atributos semelhantes, que podem, ou não, ser totalmente correspondentes (Valera, 1997, p. 12).

Reconhecido o papel que a subjectividade, inerente à condição humana, tem nas construções tipológicas, é necessário apresentar e desobscurecer os atributos identificados e analisados ao longo do presente trabalho. Estes correspondem, numa primeira fase, a análises essencialmente relacionadas com a classificação e descrição do objecto arqueológicos, recorrendo às suas características intrínsecas, relacionadas com as particularidades tecnológicas e, quando possível, morfológicas – a maior ou menor fragmentação do conjunto vai permitir considerações mais fundamentadas acerca das morfologias, confinando o discurso e descrição possíveis.

Todavia, quando possível, procede-se a uma associação entre as características intrínsecas das peças, e os seus atributos extrínsecos funcionais/estilísticos (Vilaça, 1995, p. 45). Este exercício nem sempre é de fácil aferição, em muito porque resulta, como já sublinhado, da simbiose de diversos dados fornecidos pelas peças em si, como também pelo contexto e cronologia de onde foram recuperadas. A função/estilo de um objecto é muito volátil e versátil, relacionando-se com diferentes espaços e tempos, contendo uma forte componente de adaptabilidade e reinterpretação/”refuncionalização”, que pode ocorrer no interior da comunidade, como em relação com o meio externo ao grupo (Hodder, 1981).

O desenvolvimento destas tipologias materiais, tem sido entendida como uma representação das comunidades que a eles se associam, funcionando enquanto “espelhos” que reflectem o resultado de um condicionamento inerente ao contexto sociocultural da sua utilização e produção (Shanks e Tilley, 1987). Esta noção e associação, ainda que careça de ponderação aquando de considerações que tendem a associar acriticamente diferenças materiais a diferentes etnias (Valera, 1997, p. 12), são fulcrais na compreensão e leituras de territórios mais amplos. Quando correlacionadas com outros dados arqueológicos, possibilitam inferir áreas culturais diferenciadas, cujos limites/fronteiras podem apresentar maiores ou menores níveis de interacção, funcionando também como elementos datantes, assim como destrinçar indícios de organização social no espaço (como ocupações com relações em rede num mesmo território) e nos materiais (com associações mais ou menos standardizadas), podendo contribuir igualmente para aspectos de natureza ideológica (Valera, 1997, p. 12). Para tal é necessário ter em conta os trabalhos tipológicos pré-existentes para a região em estudo, articulando o resultado das observações do conjunto trabalhado na tentativa de reconhecer um padrão regional ou, se for esse o caso, isolar expressões diferentes. Para a área do Alentejo as tipologias existentes não são abundantes, contudo tentámos manter uma coerência a nível terminológico em relação aos trabalhos previamente realizados (Calado, 2001; Valera e Filipe, 2004; Soares, 2013; Mataloto, 2015), mantendo, quando possível os mesmo termos e parâmetros descritivos, essencialmente os utilizados nos estudo prévios do sítio dos Perdigões (Lago *et al.*, 1998; Valera *et al.*, 2000) e para os sítios do Bloco 5 do Alqueva (Valera, 2013). Contudo, a total correspondência e paralelização entre as diversas análises é limitada, tendo em conta as diferenças entre os conjuntos materiais e os próprios contextos.

#### **4.1. Os recipientes cerâmicos (anexo 3.1 a 3.3)**

A análise dos recipientes cerâmicos foi realizada tendo em conta os aspectos morfológicos e tecnológicos dos exemplares em estudo, como sublinhado anteriormente. Foram tidos em conta diversos trabalhos, bem como as diversas abordagens de análise dos recipientes (em muito complementares) - Shepard (1971); Silva e Soares (1976-77); Séronie-Vivien (1982); Balfet *et al.*, (1983); Senna-Martinez (1989); Soares (2013) e Valera (1997; 2006).

Procedeu-se a uma tentativa de remontagem dos fragmentos de bordo, sendo este exercício possível de completar numa minoria de oito fragmentos (que originaram quatro recipientes). Os restantes fragmentos foram comparados dentro do contexto de onde eram provenientes (estrutura ou conjunto de depósitos), não tendo sido esta análise restringida ao elemento unidade estratigráfica. Ainda assim, o conjunto apresenta uma reduzida remontagem.

A nível da apresentação dos dados, optou-se por se proceder a uma simplificação do processo descritivo, recorrendo à codificação numérica dos parâmetros, sendo esta descodificada (com a referência numérica associada a cada critério a surgir entre parênteses), ao longo do texto, como no anexo 3. Os únicos parâmetros que não são apresentados desta forma correspondem aos atributos extrínsecos, como o número de registo (Nº), a localização estratigráfica (U.E.), Sector, Estrutura, Quadrado, Data e, quando presente, a informação tridimensional (X, Y e Z).

A esta caracterização primária, segue-se a descrição das características intrínsecas, encabeçada pelo reconhecimento do estado da peça em estudo, que condicionará os critérios a ser preenchidos.

| <b>Quadro 3 - Estado do fragmento</b>  |
|--|
| (0) Bordo; (1) Bojo; (2) Base; (3) Elemento de prensão; (4) Elemento de prensão. |

Caso o fragmento corresponda a um bordo, as análises seguintes passam pela descrição da forma e orientação do bordo, cujos critérios têm por base os trabalhos de Valera (1997) que, por sua vez, recorre aos trabalhos de Senna-Martinez (1989) e Balfet (1968), ainda que tenham sido introduzidas algumas variações em termos de nomenclatura (como bordo de tipo almendrado).

Quanto às bases, ainda que a sua identificação seja muito difícil pelo predomínio tendencial de formas convexas e plano-convexas, optou-se por se incluir um campo descritivo uma vez que, no conjunto em estudo, se identificou a presença de uma peça com o fundo com *omphalos* e uma outra aplanada. Esta questão foi também seguida para os elementos de prensão, que surgem de forma isolado, ou incorporados em peças com bordo. Neste caso, a representatividade é maior, ainda que reduzida quando comparada numericamente com o número total de fragmentos estudados.

Os fragmentos de bojo foram contabilizados e pesados por unidade estratigráfica, sendo, sempre que necessário, anotadas alterações nas suas características gerais. Estas informações foram essencialmente utilizadas para permitir reconhecer as representatividades gerais dos bordos no conjunto cerâmico total.

A forma e a morfologia observáveis das peças foram referenciadas, servindo na selecção da formula de cálculo do volume dos recipientes, correspondendo a sólidos geométricos, ou adaptações. Ainda esta informações não constam no base descritiva dos materiais, uma vez que funcionaram meramente como referências indicativas – tendo sido posteriormente substituídas pelos valores absolutos do volume e pelas classes (criadas através de um diagrama de distribuição dos volumes).

As medidas que foram tidas em conta, são sempre apresentadas em milímetros, e correspondem ao diâmetro máximo (D), diâmetro da boca (d), diâmetro do colo/gargalo (dm), altura total (H), altura do colo/gargalo (h), altura da carena (HC), altura do diâmetro máximo (HD), espessura máxima (E) e espessura do bordo (e). Tendo como base estas medidas, foram calculados índices, na tentativa de criar formas estatisticamente suportadas: Ia1 ( $dm/D \times 100$ ); Ia2 ( $d/D \times 100$ ); Ip ( $H/D \times 100$ ); Ie1 ( $HD/H \times 100$ ) e Ihc ( $HC \times 100/H$ ). O peso foi calculado por unidade estratigráfica, tendo em conta o grau de fragmentação do conjunto.

Após esta análise, e tendo em conta o conjunto de materiais, foi criada uma tabela tipológica exclusiva para os contextos estudados, tendo sido identificadas 13 categorias, três delas baseadas em critérios funcionais/estilísticos (e não formais) – este assunto será analisado mais cuidadosamente na apresentação dos dados resultantes das análises.

As análises tecnológicas incidiram sobre as características das pastas utilizadas no fabrico dos recipientes, assim como os tratamentos de superfície aplicados, quer exteriormente, como interiormente. Nas pastas foi analisada/descrita a consistência e a textura, a proporção e a dimensão dos elementos não plásticos constituintes bem como os tipos de cozedura. Em termos de consistência foram considerados três tipos: (0) Compacta (pastas de forte consistência devido à sua homogeneidade e aos ENP finos); (1) Friáveis (com facilidade de desagregação tendencialmente com ENP de grandes dimensões); (2) Consistência média. No que toca à textura: (0) Homogénea (ENP finos e bem distribuídos): (1) Xistosa (com uma organização laminar dos componentes); (2) Granular (presença de grânulos); (3) Arenosa (com ENP finos mas abundantes, distribuídos de forma irregular).

Procedeu-se a uma descrição macroscópica dos elementos não plásticos (ENP), estabelecendo-se classes de ocorrência – (0) Fraca ( $\leq 15\%$ ); (1) Média ( $\leq 30\%$ ); (2) Forte ( $> 30\%$ ) – e classes de dimensão - (0)  $\leq 1$  mm; (1)  $\leq 3$  mm; (2)  $\leq 5$  mm; (3)  $> 5$  mm.

No que concerne a cozedura, reconhecemos que este parâmetro descritivo tem uma utilidade questionável, já que a mesma peça pode apresentar tonalidades diferentes, resultado de diferentes exposições a calor/oxigénio, bem como maior/menor contacto com matéria orgânica em combustão, de variações da temperatura de cozedura (Shepard, 1971) – esta realidade acentua-se quando estamos perante conjuntos onde os fragmentos cerâmicos são dominantes em relação

aos recipientes completos (como o caso do conjunto aqui estudado). Porém, foi aqui incluída, mencionando-se como cozedura a tonalidade dominante na peça, seguindo-se as descrições tradicionais mais simplificadas, considerando a tonalidade externa e, quando possível a sua variação interna (Silva e Soares, 1976-77) – (0) Oxidante; (1) Redutora; (2) Oxidante com arrefecimento redutor; (3) Redutor com arrefecimento oxidante.

O estado das superfícies foi incluído na nossa análise, na tentativa de recuperar informações sobre a “vida após a morte” dos fragmentos cerâmicos, que podem ter sido incluídos propositadamente nos depósitos e estruturas estudadas, podendo também reflectir inclusões não intencionais, ou tardias caso os fragmentos apresentem níveis de erosão elevados – para tal foram aplicados três estados: (0) Bom; (1) Sinais de erosão (quando as superfícies apresentam algum desgaste, ainda que ligeiro); (2) Erosão intensa (superfícies totalmente alteradas pela exposição aos elementos). A descrição dos diferentes tratamentos de superfície, encontra-se realizada tendo em conta a localização, uma vez que foram identificados vários recipientes com tratamentos diferenciados em ambas as superfícies (podendo inclusive verificar-se padrões e técnicas produtivas). As superfícies (0) normais correspondem a superfícies alisadas, já as com sinais de polimento, apresentam um brilho, que resulta do processo de fricção entre um objecto de maior dureza, mas ainda assim regular (como por exemplo um seixo), como realizado para as cerâmicas com brunido (ainda que apresentem um brilho mais intenso). As cerâmicas com engobe, ilustram peças às quais foi aplicado um revestimento que, consoante o estado de conservação das peças, pode estar melhor, ou pior, preservado.

| <b>Quadro 4 – Tratamento das superfícies</b> |                     |
|--|---------------------|
| (0) Normais                                  | (5) Brunido interno |
| (1) Polimento externo                        | (6) Brunido total   |
| (2) Polimento interno                        | (7) Engobe interno  |
| (3) Polimento total                          | (8) Engobe externo  |
| (4) Brunido externo                          | (9) Engobe total    |

O estudo da decoração foi essencialmente descritivo, considerando-se a técnica decorativa, a posição da decoração na peça e, por fim, os motivos decorativos identificados. Esta opção prende-se com o reduzido o número de fragmentos que apresentam decoração. No caso da técnica decorativa, foram identificadas as técnicas de incisão (composição de linhas ininterruptas realizadas ainda na pasta húmida ou pouco seca), impressão (elaboração de negativos que reflectem a matriz utilizada), técnica mista (com ambas as técnicas presentes), incrustação (aqui visível na inclusão de pasta branca nos motivos decorativos) e ainda decoração plástica, não existindo elementos representativos de outras técnicas (como a excisão ou pintura).

A posição da decoração foi de difícil aferição, sendo os dados representados o reflexo de um conjunto que, por si só, ilustra parcialmente a realidade arqueológica. As dimensões dos

fragmentos não permitem inferir com total certeza a posição da decoração (nem a sua continuidade na restante peça), limitando-se as considerações a referir a posição geral na peça: (0) Superfície Interna; (1) Superfície Externa - junto ao bordo ou (2) Superfície Externa – Fragmento.

Por fim, no processo de representação gráfica do conjunto, foram realizadas reconstituições computadorizadas das formas que o permitiram (essencialmente recipientes abertos que preservaram algumas informações sobre o tipo de desenvolvimento da forma), na tentativa de compreender as verdadeiras dimensões e variabilidade do conjunto em estudo. Os fragmentos decorados foram igualmente desenhados, fazendo-se representar por uma fotografia, e não por um desenho já interpretado por nós da decoração, uma vez que acreditamos que, dada a especificidade decorativa dos fragmentos, esta solução possibilita uma leitura crítica de quem vê as peças, não limitando o processo interpretativo sobre a decoração.

#### **4.2. Os pesos de tear**

O conjunto de pesos de tear é relativamente pequeno, não apresentando significância estatística. A esta realidade podemos ainda adicionar o facto de apenas um elemento se encontrar completo, o que dificulta análises mais completas sobre tendências morfológicas e métricas. Foram seguidos autores como Diniz (1994), Costeira (2010) e Gomes (2013).

Ainda assim os parâmetros analisados pretendiam reconhecer a forma do peso de tear – (0) Placa; (1) Crescente – assim como as formas das suas secções – (0) Rectangular; (1) Sub-rectangular; (2) Circular; (3) Ovalada; (4) Achatada. Caracterizaram-se os tipos de arestas - (0) Arredondadas; (1) Vincadas; (2) Indeterminadas - e cantos – (0) Arredondados; (1) Angulosos; (2) Indeterminados. O número de perfurações foi igualmente considerado, sendo apresentado em forma numérica. A par das análises específicas, foram realizadas considerações sobre a tipologia das pastas e os tratamentos de superfície, seguindo os critérios apresentados previamente para os recipientes cerâmicos.

As medidas observadas resumem-se à (E) Espessura, (L) Largura e (C) Comprimento, que por sua vez foram usadas nos índices de alongamento ( $IA = L/C \times 100$ ) e de espessamento ( $E/C \times 100$ ).

#### **4.3. Os materiais líticos(anexo 3.4)**

No caso concreto dos materiais lítico, englobam-se nesta categoria todos os elementos líticos transformados, ou com sinais de terem sido utilizados, agrupando-os segundo o tipo de tratamento de que foram alvo – pedra talhada, pedra polida e pedra afeiçãoada.

O estudo contemporâneo dos elementos líticos e as metodologias utilizadas, vão reflectir o resultado da simbiose e conjugação de diferentes perspectivas e metodologias aplicadas noutros

campos científicos, adaptados aos questionários e discurso arqueológico – a Etnoarqueologia (Binford, 1979), utilizada na busca de paralelos e na tentativa de compreender determinados usos, técnicas e tradições, associado ao Talhe Experimental (Tixier *et al.*, p. 1980); os processos de remontagem (Hofman, 1992), que humanizam o processo de talhe, acedendo-se aos gestos produtivos e às escolhas de talhe; a Traceologia (Newcomer *et al.*, 1986), que contribui na clarificação das diversas utilizações e funções que o mesmo tipo de objectos pode apresentar, mas também o recurso aos métodos de análise espacial (Hodder e Orton, 1976), mapeando os tipos de utensílios, gerando “áreas funcionais” ou preferenciais para a realização de determinadas tarefas. Ainda assim, a componente antrópica é determinante no processo de idealização, produção e manipulação deste tipo de materiais, assim como verificado para a cerâmica, sendo possível identificar técnicas, tecnologias e utilizações transversais que se adaptam, e são adaptadas, pelas comunidades aqui em estudo.

O próprio discurso arqueológico, e as respectivas agendas, vão moldar a maneira como organizamos os materiais líticos recuperados, sendo prática comum classificar e nomear os utensílios ou artefactos identificados em função da sua suposta funcionalidade – essencialmente reflectindo a Arqueologia vigente até à 1ª metade do século XX, que procurava identificar utensílios e, dentro destes, “fósseis directores” (Carvalho, 1998, p. 19). No final do século XX a perspectiva de estudo altera-se com a introdução do conceito de “Cadeia Operatória”, enfatizando a necessidade de perspectivas tecnológicas no estudo das “indústrias” líticas (Carvalho, 1998, p. 19). Todavia, o termo é enquadrado de maneiras diferentes, consoante as perspectivas teóricas seguidas, podendo reflectir uma análise mais económica e organizativa (Soares, 2013) ou uma perspectiva mais social (Dobres, 2000). Outra das mais-valias da noção de “cadeia operatória” é a associação do processo de aquisição aos processos produtivos e de utilização, fomentando o conhecimento total sobre a “vida” de um bloco de matéria prima, permitindo mapear as proveniências, assim como áreas/sítios especializados (Carvalho, 1998, p.20), podendo funcionar e ser aplicado a diferentes escalas geográficas de análise.

No caso concreto do presente trabalho, o conceito de cadeia operatória apresenta uma aplicabilidade reduzida, uma vez que o conjunto em estudo é reduzido e apresenta, essencialmente, peças concluídas, não tendo sido identificados materiais que ilustrem uma “cadeia” completa. Assim sendo, optou-se por proceder a uma classificação segundo categorias tecnotipológicas já estabelecidas e reconhecidas, possibilitando comparações com outros contextos regionais, considerando alterações nas técnicas de fabrico/tratamento dos materiais, procurando encontrar sinais de modificação (ou ruptura como pensado para o território alentejano), ou continuidade com as tradições prévias.

As categorias tecnotipológicas identificadas para o conjunto de pedra talhada, resultam de processos classificativos e de agrupamento, contudo reflectem uma real diferença física dos objectos, que partilham algumas características morfológicas intrínsecas à peça transformada. Foram identificados os grupos referentes aos Núcleos, Produtos de Debitagem (onde se incluem as lascas e peças não retocadas), Utensílios (materiais retocados e/ou com sinais de uso) e Material residual (restos de talhe). No caso da Pedra polida, apenas foi identificado um machado e, para a Pedra afeiçãoada, alguns fragmentos de percutores.

De forma geral, seguiram-se as propostas adaptadas de Tixier *et al.* (1980), Juan Cabanilles (1984), João Zilhão (1994), António Faustino Carvalho (1996), António Valera (1997), Mariana Diniz (2007), Ana Catarina Sousa (2010) e Mendonça e Carvalho (2016) para a pedra talhada e, ainda que com uma expressão extremamente reduzida, os trabalhos de Senna-Martinez (1989) e Valera (1997) para a pedra polida e pedra afeiçãoada.

#### **4.3.1. A Pedra Talhada**

De um modo geral, os atributos utilizados para as diversas categorias da Pedra Talhada pretendem proceder a uma descrição das peças, originando dados que permitam compreender alterações e/ou continuidades nas tradições tecnológicas, no aproveitamento das matérias primas e na utilização dos materiais, ainda que a análise se encontre condicionada à partida pela dimensão reduzida do conjunto. Estas comparações serão realizadas essencialmente dentro do sítio arqueológico, entre os contextos estudados, contudo paralelos regionais serão procurados.

#### 4.3.1.1. Núcleos

No que toca à análise dos núcleos, as principais considerações passam pelo tipo de núcleo, produtos extraídos (com indicação do grau de utilização do núcleo), assim como indicações das suas dimensões.

| <b>Quadro 5 – Descritores dos Núcleos</b>  |  |
|--|--|
| <b>0.Estado</b>  | <b>1.Produutos extraídos</b>   |
| (0) Núdulo<br>(1) Prismático<br>(2) Prismático piramidal<br>(3) Prismático de plataformas opostas<br>(4) Prismático de plataformas múltiplas<br>(5) Discóide<br>(6) Poliédrico<br>(7) Bipolar<br>(8) Fragmento | (0) Lâmina<br>(1) Lamela<br>(2) Lasca<br>(3) Lamelas e lascas<br>(4) Lâminas e lamelas<br>(5) Indeterminado                                    |
| <b>2. Grau utilização</b>  | <b>3. Córtex</b>   |
| (0) Esboço<br>(1) Acidente de talhe<br>(2) Abandono simples<br>(3) Exausto   | (0) Ausente<br>(1) Córtex de alteração<br>(2) Córtex de alteração com rolamento aluvial<br>(3) Córtex de seixo<br>(4) Núdulos com córtex misto |
| <b>4. Alterações térmicas</b>  | <b>5. Plataforma Núcleo Prismático</b>   |
| (0) Tratamento térmico<br>(1) Crazing<br>(2) Potlid  | (0) Cortical<br>(1) Lisa<br>(2) Facetada<br>(3) Não aplicável  |
| <b>6. Ondulações superfície de debitage:</b>   | <b>7. Número Planos de debitage</b>  |
| (0) Presentes<br>(1) Ausentes.   | (0) 1<br>(1) 2<br>(2) múltiplos  |
| <b>8. Orientação extrações</b>   | <b>9. Retoque/Utilização</b>   |
| (0) Oposta<br>(1) Alterna<br>(2) Ortogonal<br>(3) Múltipla<br>(4) Bipolar<br>(5) Não identificável   | (0) Presente<br>(1) Ausente  |
| <b>10. Medidas</b>   | <b>11. Matéria-prima.</b>  |
| (C) Comprimento<br>(L) Largura<br>(E) Espessura<br>(CE) Comprimento do maior eixo de debitage  |  |

#### 4.3.1.2. Lascas

Foram consideradas como lascas, os produtos com comprimento menor do que o dobro da sua largura, não tendo sido feitas considerações sobre as suas dimensões, que originariam classes de tamanho. Os atributos analisados encontram-se organizados na seguinte tabela:

| <b>Quadro 6 - Descritores das Lascas</b>   |  |
|--|--|
| <b>0.Estado</b>  | <b>1.Talão</b>   |
| 0) Extremidade distal<br>(1) Extremidade distal e área mesial<br>(2) Proximal<br>(3) Proximal e área mesial<br>(4) Fragmento de área mesial            | 0) Cortical<br>(1) Facetado rectilíneo<br>(2) Facetado convexo<br>(3) Liso<br>(4) Diédrico<br>(5) Triédrico<br>(6) Esmagado<br>(7) Punctiforme<br>(8) Linear |
| <b>2. Bolbo</b>  | <b>3. Tipo</b>   |
| 0) Ausente<br>(1) Nítido<br>(2) Reduzido com esquirolamento<br>(3) Nítido com esquirolamento<br>(4) Esquirolamento<br>(5) Duplo bolbo<br>(6) Reduzido. | (0) Retocada<br>(1) Não retocada.  |
| <b>4. CórTEX</b>   | <b>5. Alterações Térmicas</b>  |
| (0) Presentes<br>(1) Ausentes  | (0) Presentes<br>(1) Ausentes  |
| <b>6. Marcas de uso</b>  | <b>7.Matéria Prima</b>   |
| (0) Presentes<br>(1) Ausentes.   |  |

#### 4.3.1.3. Pontas de Seta

A sistematização e os critérios descritos tiveram em conta, fundamentalmente, a configuração desta categoria de artefactos, valorizando-se o formato da base e a morfologia dos bordos, para a compreensão dos tipos de Ponta de Seta, segundo os critérios de Forenbaer (1999).

| <b>Quadro 7 - Descritores das Pontas de Seta</b>   |  |
|--|--|
| <b>0.Estado</b>  | <b>1.Formato da Base</b>   |
| 0) Extremidade distal<br>(1) Extremidade distal e área mesial<br>(2) Proximal<br>(3) Proximal e área mesial<br>(4) Fragmento área mesial | (0) Recta<br>(1) Convexa<br>(2) Côncava<br>(3) Convexa com aletas<br>(4) Triangular com aletas<br>(5) Triangular<br>(6) Pedunculada<br>(7) Bicôncava<br>(8) Trapezoidal<br>(9) Irregular |
| <b>2. Geometria dos bordos</b>   | <b>3. Secção Transversal</b>   |
| (0) Rectos<br>(1) Côncavos<br>(2) Convexos<br>(3) Sinuosos   | (0) Triangular<br>(1) Biconvexa<br>(2) Plano-convexa<br>(3) Losangular<br>(4) Trapezoidal<br>(5) Indiferenciada  |
| <b>4. Localização do retoque na face</b>   | <b>5. Tipo de retoque na face</b>  |
| (0) Superfície total<br>(1) Extremidade distal<br>(2) Bordo Direito<br>(3) Bordo Esquerdo<br>(4) Ambos os bordos<br>(5) Base             | (0) Abrupto<br>(1) Semi-abrupto<br>(2) Rasante   |

|  |   |
|--|---|
| <b>6. Extensão do retoque na face</b>  | <b>7. Fractura</b>  |
| (0) Marginal curto<br>(1) Marginal longo<br>(2) Invasor<br>(3) Cobridor  | (0) Flexão<br>(1) Térmica<br>(2) Retoque<br>(3) Acidental<br>(4) Indeterminada      |
| <b>8. Alterações térmicas</b>  | <b>9. Marcas de uso</b>   |
| (0) Tratamento térmico<br>(1) Crazing<br>(2) Potlid  | (0) Lustre<br>(1) Outros<br>(2) Não presente  |
| <b>10. Tipo de Ponta de Seta</b>   | <b>11. Extremidade</b>  |
| (0) Base convexa<br>(1) Base reta<br>(2) Base côncava<br>(3) Mitriforme<br>(4) “Torre Eiffel”<br>(5) Alcalarense<br>(6) Oval/Foliáceo<br>(7) Modificadas | (0) Agulha<br>(1) Simples<br>(2) Em cabeça  |
| <b>12. Aletas</b>  | <b>13. Estádio de Produção</b>  |
| (0) Presente<br>(1) Ausente<br>(2) Indeterminado   | (0) Inicial<br>(1) Pré-forma<br>(2) Final<br>(3) Reparação                          |
| <b>14. Suporte</b>   | <b>15. Serrilha</b>   |
| (1) Lâmina<br>(2) Lamela<br>(3) Lasca<br>(4) Prisma<br>(5) Indeterminado   | (0) Presente<br>(1) Ausente   |
| <b>16. Perfil</b>  | <b>17. Dimensões</b>  |
| (0) Recto<br>(1) Recto com extremidade distal arqueada<br>(2) Côncavo<br>(3) Sinuoso   | (Lb) Largura da base<br>(C) Comprimento<br>(E) Espessura<br>(Cb) Concavidade basal. |
| <b>18. Índices</b>   | <b>19. Matéria Prima</b>  |
| Espessamento (E/Cx100)<br>Alongamento (L/Cx100)  |   |

#### 4.3.1.4. Produtos alongados - lâminas e lamelas

Os produtos de debitação que apresentam um comprimento maior, ou igual, ao dobro da sua largura, foram caracterizados como lâminas ou lamelas. No caso concreto do universo em estudo, a diferenciação entre as duas categorias foi estabelecida tendo em conta o conjunto, não se recorrendo ao intervalo pré-estabelecido (e muitas vezes acriticamente utilizado), dos 12mm como a fronteira entre as classes. Os atributos analisados, foram escolhidos tendo em conta a diversidade de soluções que pode estar presente num contexto calcolítico com estas especificidades e práticas, procurando-se identificar materiais exógenos, como é o caso do sílex oolítico (Mendonça e Carvalho, 2016, p. 34), ainda que a observação se tenha restringido a análises essencialmente macroscópicas.

| <b>Quadro 8 - Descritores dos Produtos alongados - Lâminas e lamelas</b>   |   |
|--|---|
| <b>0. Estado</b>   | <b>1. Talão</b>   |
| (0) Extremidade distal<br>(1) Extremidade distal e área mesial<br>(2) Proximal<br>(3) Proximal e área mesial<br>(4) Fragmento de área mesial           | (0) Cortical<br>(1) Facetado rectilíneo<br>(2) Facetado convexo<br>(3) Liso<br>(4) Diédrico<br>(5) Triédrico<br>(6) Esmagado<br>(7) Punctiforme<br>(8) Linear |
| <b>2. Bolbo</b>  | <b>3. Córtex</b>  |
| (0) Ausente<br>(1) Nítido<br>(2) Reduzido com esquirolamento<br>(3) Nítido com esquirolamento<br>(4) Esquirolamento<br>(5) Duplo bolbo<br>(6) Reduzido | (0) Sem córtex<br>(1) Parcialmente cortical<br>(2) Cortical   |
| <b>4. Secção</b>   | <b>5. Perfil</b>  |
| (0) Trapezóidal<br>(1) Triângular<br>(2) Irregular   | (0) Recto<br>(1) Recto com extremidade distal arqueada<br>(2) Côncavo<br>(3) Sinuoso  |
| <b>6. Forma dos bordos</b>   | <b>7. Alterações térmica</b>  |
| (0) Bordos paralelos<br>(1) Bordos paralelos com talão estreito<br>(2) Convergente<br>(3) Biconvexa<br>(4) Divergente<br>(5) Irregular                 | (0) Tratamento térmico<br>(1) Crazing<br>(2) Potlid   |
| <b>8. Marcas de uso</b>  | <b>9. Retoque</b>   |
| (0) Lustre<br>(1) Outros<br>(2) Não presente   | (0) Presente<br>(1) Ausente   |
| <b>10. Localização do retoque na face</b>  | <b>11. Tipo de retoque na face</b>  |
| (0) Distal<br>(1) Proximal<br>(2) Bordo direito<br>(3) Bordo Esquerdo<br>(4) Ambos os bordos<br>(5) Base   | (0) Abrupto<br>(1) Semi-abrupto<br>(2) Rasante  |
| <b>12. Extensão do retoque</b>   | <b>13. Fractura</b>   |
| (0) Marginal curto<br>(1) Marginal longo<br>(2) Invasor<br>(3) Cobridor  | (0) Flexão<br>(1) Térmica<br>(2) Retoque<br>(3) Acidental<br>(4) Indeterminada  |
| <b>14. Dimensões</b>   | <b>15. Matéria-Prima</b>  |
| (L) Largura<br>(C) Comprimento<br>(E) Espessura  |   |

#### 4.3.1.5. Os restos de talhe

Considerando a dimensão do conjunto em estudo, optou-se por se proceder a uma descrição sumária, dos diversos fragmentos de restos de talhe – fragmentos informes, de pequenas dimensões, que não são enquadráveis nas categorias dos artefactos ou utensílios. A análise focou-se em 3 parâmetros – presença/ausência de córtex; alterações térmicas e a matéria prima.

#### 4.3.1.6. Outros materiais líticos

A par das categorias líticas previamente referidas, foram ainda identificados outros materiais, cuja significância é reduzida no universo em estudo. Estes foram fundamentalmente

descritos em termos morfométricos, não originando categorias e atributos fixos e pré-estabelecidos. São exemplo disso um fragmento de placa de xisto com sinais de talhe, assim como um fragmento de disco, também ele de xisto, dotado de uma perfuração na sua área central.

Nesta linha descritiva foram também considerados os percutores (que ilustram os únicos elementos de pedra afeiçãoada identificados), referenciando-se a existência de marcas de percussão, quando verificáveis.

O único exemplar de Pedra Polida (um machado) foi também aqui tido em conta, uma vez que este não permite tecer grandes considerações, quer sejam elas tecnológicas ou de contactos/redes de troca.

Procedemos ainda a uma contagem e pesagem de fragmentos informes de outros materiais, como o caso de placas de xisto, seixos e anfibólito, cuja presença implica, obrigatoriamente, um processo de transporte pela mão humana – tendo por isso sido considerados.

#### **4.4. Artefactos em Osso**

Tal como sublinhado para outras categorias artefactuais, também os artefactos em osso são reduzidos, contando com apenas três exemplares – ainda que o sítio dos Perdigões apresente excelentes condições de conservação da matéria orgânica. A solução adoptada foi semelhante à explanada para outras categorias, tendo os objectos sido descritos a nível morfológico e métrico, fazendo-se acompanhar de um desenho com diversas vistas, que permite aos observadores apreender os objectos em questão. As terminologias aplicadas são relativamente comuns nos trabalhos sobre os artefactos em osso (Salvado, 2004), tendo sido aqui utilizadas para facilitar a leitura do trabalho, ainda que se levantem alguns problemas pela associação directa entre o nome das coisas a uma função concreta e restritiva – que nestes contextos deve ser cuidadosamente reflectida e ponderada.

#### **4.5. Artefactos ideotécnicos**

Os artefactos ideotécnicos são, por si só, uma categoria cuja individualização pode levantar problemas pelas questões terminológicas e de enquadramento teórico. Contudo, e se considerarmos os objectos ideotécnicos (móveis e imóveis) como realidades que se encontram numa condição temporária enquanto elementos socialmente activos, igualmente dotados de uma elevada fluidez social, podendo ganhar ou perder significado ao longo do seu percurso de vida (na perspectiva biográfica de Appadurai definida em 1988), e o contexto onde são identificados, a denominação inicialmente avançada por Binford (1962), desprovida da forte compartimentação estática inerente à perspectiva funcionalista, mantém-se válida nos termos contemporâneos (Valera, 2015).

A esta categoria, foram adicionados fragmentos de ídolos cerâmicos (um deles zoomórfico), placas de xisto polidas e um ídolo de calcário, em mau estado de conservação (com a superfície severamente afectada). Nestes artefactos foi considerada, em primeira instância, a matéria-prima, seguida da morfologia que apresentavam (recorrendo a atributos intrínsecos métricos) – considerações sobre as suas secções e possíveis decorações foram incluídas, contudo nenhum dos artefactos continha sinais de prováveis gravuras ou pinturas.

## 5. A componente artefactual

---

O conjunto de materiais em estudo é de grandes dimensões (anexo 4), contando com um total de 12458 artefactos. Estes encontram-se divididos em diversas categorias que apresentam, à partida, problemas que se reflectem nos dados a ser apresentados. Um dos principais prende-se com o tipo de formação dos contextos arqueológicos. No caso concreto dos contextos em estudo, o ambiente de formação varia, por um lado, entre uma deposição que pode ser considerada parcialmente aleatória (como no caso dos depósitos sedimentares acumulados naturalmente), e por outro, o que parece ser uma formação mais manipulada, onde a intenção/agência do Homem (enquanto individual) e/ou das comunidades (enquanto um conjunto) está bem patente (fossas, *cairn 1* e pavimento). Todavia, o próprio processo de escavação, assim como o distanciamento temporal e o enquadramento ontológico diferenciado (o contexto do investigador), origina interpretações e o estabelecimento de conjuntos e relações que podem não reflectir o real funcionamento das sociedades em estudo ou o momento primário de abandono dos materiais (Moberg, 1981). A esta situação podemos ainda adicionar a influência dos factores pré e pós-deposicionais, quer sejam eles de origem antrópica, zoológica, climática ou até química e física (Schiffer, 1987; Butzer, 1982; Burrillo, 1993), que interferem na formação, conservação e distribuição dos materiais e das próprias unidades (Valera, 1997, p. 63).

Em suma, há que reconhecer que os conjuntos e os materiais associados aos contextos, nem sempre espelham as actividades humanas de forma directa, apresentando biografias muito ricas (Appadurai, 1988), que podem passar pela reutilização, no caso dos materiais mais resistentes e raros na região em estudo (como o sílex, o metal ou o marfim), ou inclusive dos mais “comuns”. Esta situação aplica-se especialmente aos Perdígões, onde a remobilização de materiais se apresenta como inerente a qualquer dos contextos arqueológicos em estudo, tendo em conta o tipo específico de contexto e as práticas identificadas até ao momento, em especial na área central do recinto.

Esta história e mobilidade dos artefactos vai criar padrões de ausência/presença, que tornam determinados materiais raros, não pelo facto de não se encontrarem em circulação, mas sim porque ao entrarem novamente em uso são “recontextualizados” e possivelmente reinterpretados – podendo ser-lhes atribuídos diferentes valores ontológicos (Valera, 2010b; Basílio, no prelo). A fluidez dos materiais e o seu significado para as comunidades sob estudo, implica questionar a validade dos conjuntos artefactuais criados, sendo este um exercício mais facilitado em estruturas concretas – como o caso do *cairn 1*.

O estabelecimento de comparações permite, por um lado, o reconhecimento de tendências regionais e, por outro, pontos de divergências entre os diversos tipos de sítios em análise. Ainda assim, é necessário ter em conta o tipo de análises, que neste caso têm necessariamente que incluir

indicações morfológicas e tecnológicas que permitam o estabelecimento de relações. Outra das realidades a considerar é a antiguidade dos trabalhos utilizados nos ensaios comparativos, uma vez que estes são o resultado de um ambiente cultural e de investigação vigente à época da sua realização. Por último, a dimensão das amostragens e das áreas intervencionadas, ditam as efectivas representatividades dos contextos em análise e podem estar na base de assincronias, que na realidade, poderão ser apenas aparentes, não encontrando correspondência com a realidade passada. Tendo estas questões em mente, optámos, sempre que possível, por utilizar estudos mais recentes e com áreas e conjuntos de artefactos de dimensões médias/grandes, como será o caso em sítios como Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004), Porto das Carretas (Soares, 2013), São Pedro (Mataloto *et al.*, 2015), Moinho de Valadares e Monto do Tosco (Valera, 2013), ou os próprios Perdigões (Lago *et al.*, 1998), entre outros.

Retornando às categorias artefactuais, procedeu-se ao estabelecimento de categorias de objectos que seguem linhas, terminologias e morfologias previamente definidas, ainda que tenham sido criticamente pensadas. Foram então criadas as categorias referentes aos seguintes artefactos: 1) Cerâmicas; 2) Pedra Lascada; 3) Outros materiais líticos; 4) Artefactos ideotécnicos, adorno e osso polido e 5) Metalurgia. Também nesta análise foram tidas em conta as três fases cronológicas avançadas previamente, procedendo-se a uma comparação entre elas, em cada uma das componentes artefactuais.

### **5.1. Cerâmicas**

O conjunto de cerâmicas representa a categoria artefactual com mais registos identificados. De um total de 12120 peças, foi possível discernir três categorias: os recipientes, os pesos de tear e os fragmentos de bojo. Esta última categoria é a mais representada, contando com um total de 10868 fragmentos, todos eles alvo de contagem e pesagem, por unidade estratigráfica, ainda que não sejam utilizados como elemento comparativo no sítio dos Perdigões e entre os diferentes sítios arqueológicos. Ainda assim, estes fragmentos permitem reconhecer a representatividade dos recipientes no conjunto total de cerâmica, que atinge os 19% caso se considere o conjunto enquanto uma única realidade. Se esta análise for fragmentada, observando-se as fases estabelecidas, contamos com 8% na primeira fase, 9% na segunda e 10% na fase mais recente.

Foi ainda possível caracterizar o conjunto em termos de fragmentação, recorrendo-se à relação peso/quantidade. Concluiu-se que o conjunto da fase 1 é o que se encontra mais fragmentado, comparativamente aos das restantes fases. O conjunto da segunda fase é o que conta com mais peso (162,197 Kg para 4055 elementos cerâmicos), sendo que quer a fase 1 como a 3 apresentam pesos muito semelhantes, encontrando-se a cerâmica da fase 3 melhor conservada.

### 5.1.1. Recipientes cerâmicos

Os fragmentos correspondentes a recipientes constituem o principal conjunto de artefactos recolhido, tendo sido contabilizados 1069 recipientes, dos quais apenas um único completo, num total de 53,494 Kg.

| Forma  | Nº         | %          |
|--|------------|------------|
| <b>1. Pratos</b>   |            |            |
| 1.1  | 72         | 9,8        |
| 1.3  | 47         | 6,4        |
| 1.5  | 97         | 13,2       |
| 1.6  | 111        | 15,1       |
| 1.7  | 15         | 2,0        |
| <b>2. Taças</b>  |            |            |
| 2.1  | 129        | 17,6       |
| 2.3  | 8          | 1,1        |
| 2.4  | 6          | 0,8        |
| 2.5  | 10         | 1,4        |
| 2.9  | 11         | 1,5        |
| <b>3. Taças Carenadas</b>                                |            |            |
| 3.1  | 21         | 2,9        |
| 3.2  | 21         | 2,9        |
| 3.3  | 3          | 0,4        |
| 3.4  | 2          | 0,3        |
| <b>4. Tigelas</b>  |            |            |
| 4.1  | 40         | 5,5        |
| 4.2  | 22         | 3,0        |
| 4.3  | 1          | 0,1        |
| <b>5. Esféricos</b>                                      |            |            |
| 5  | 5          | 0,68       |
| <b>6. Globulares</b>                                     |            |            |
| 6.1  | 57         | 7,8        |
| 6.2  | 1          | 0,1        |
| 6.3  | 1          | 0,1        |
| 6.4  | 15         | 2,0        |
| <b>7. Recipientes tipo saco</b>                          |            |            |
| 7.1  | 28         | 3,8        |
| <b>10. Copos</b>   |            |            |
| 10   | 2          | 0,3        |
| <b>13. Mini-Vasos</b>                                    |            |            |
| 13   | 2          | 0,3        |
| <b>15. Acampanados</b>                                   |            |            |
| 15.1   | 3          | 0,4        |
| 15.2   | 1          | 0,1        |
| <b>20. Recipiente de carena esbatida e perfil cónico</b> |            |            |
| 20   | 1          | 0,1        |
| <b>22. Taça Carenada com <i>omphalus</i></b>             |            |            |
| 22   | 1          | 0,1        |
| <b>Total</b>   | <b>733</b> | <b>100</b> |

**Quadro 9** - Distribuição e representatividade das formas no conjunto.

Como mencionado anteriormente, a análise do conjunto de cerâmicas seguiu, essencialmente, os critérios intrínsecos (morfológicos e tecnológicos) das peças, tratando-se separadamente ambas as categorias. Esta opção teve em vista o reconhecimento de manutenções ou quebras nos diversos tipos artefactuais, procedendo, em simultâneo, a comparações entre as

fases previamente criadas. Não foram concretizadas colagens em nenhum dos fragmentos cerâmicos, encontrando-se estes distribuídos pelos diversos contextos e fases. Ainda assim, é necessário apresentar as características gerais, que nos permitem reconhecer tendências, dentro de uma compartimentação temporal artificial mais ampla (Calcolítico), nesta região concreta.

Do ponto de vista morfológico, foram reconhecidos 12 tipos ou formas (anexo 3.2), dos quais apenas duas são representadas por um único elemento, encontrando-se as suas características específicas sistematizadas no quadro 9, facilitando a sua leitura e comparação com os restantes contextos identificados nos Perdígões. De forma geral, o conjunto apresenta uma distribuição muito variada pelas formas identificadas, podendo esta realidade ser o reflexo das condicionantes do estudo, considerando-se a impossibilidade de atribuição morfológica a 336 fragmentos. No entanto, foi possível compreender um domínio claro das formas abertas, presentes em 79,36% de recipientes com classificação formal possível (733), em detrimento dos 19,25% recipientes fechados. Ressalta-se a aglutinação dos copos, mini-vasos, campaniformes e taças fundas na categoria das formas abertas fundas, que contam com 10 recipientes.

Foi ainda possível reconhecer uma forma cerâmica que se destaca em relação às restantes: os pratos, tipicamente associados às cronologias calcolíticas na região, com 342 exemplares. Esta categoria é a que apresenta mais diversidade morfológica, tendo sido reconhecidos bordos espessados internamente (97 frag.), externamente (15 frag.) e bi-espessados (111 frag.). O domínio dos pratos corrobora os dados radiométricos obtidos para os contextos aqui em estudo, uma vez que a preponderância destas cerâmicas em relação a taças carenadas é um dos indicadores relativos de contextos calcolíticos. Aos pratos seguem-se as taças (forma 2), com 164 exemplares. Também, nesta forma, se identificaram variações nos bordos (27 frag.), assim como formas ligeiramente fechadas (8 frag.), ainda que a forma simples seja esmagadora em relação às restantes (129 frag.).

Já no caso da 3ª forma identificada, as taças carenadas, estamos perante indicadores cronológicos que no 3º milénio a.C. já não se encontrariam em utilização, patente na sua reduzida expressão (47 frag.). Estes elementos podem advir de processos tafonómicos não premeditados, relacionados com a remobilização e contaminação dos contextos em estudo, bem como reflectir eventos de inclusão intencional. A inclusão pode encontrar-se relacionada com processos de evocação de entidades ou eventos anteriores, podendo ainda funcionar enquanto “reliquias” e lembranças dos antepassados (Liesau *et al.*, 2014, p. 141-147), não nos sendo possível avançar com uma resposta taxativa.

Os esféricos (forma 5), os copos (forma 10) e os mini-vasos (formas 13), são as formas menos representadas do conjunto em estudo. No caso da forma 5, os esféricos, a sua reduzida presença encontra-se relacionada com a cronologia dos contextos, existindo uma propensão para

um maior destaque das formas abertas, como os pratos e taças. Esta mesma situação pode ser observada ainda em sítios como o Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004), Moinho de Valadares, ou Mercador, onde a representatividade dos pratos e taças chega aos 58%, assim como no Monte do Tosco, em ambas as fases (Valera, 2013), exceptuando o caso do Porto das Carretas, onde esta forma se encontra relativamente bem representada, em ambas as fases definidas para o sítio arqueológico (Soares, 2013, p. 280). Contrariamente aos esféricos, quer os copos como os mini-vasos são, por si só, formas com uma reduzida presença independentemente das questões cronológicas, prendendo-se esta realidade com os usos que seriam atribuídos a estes recipientes.

No que toca à forma 15, os recipientes acampanados, é de salientar que engloba os recipientes onde foi possível detectar decoração campaniforme. Contudo, a individualização desta categoria prende-se essencialmente com questões formais, tendo originado dois subtipos, ambos de difícil identificação (consoante a dimensão do fragmento em análise). O primeiro, constituído por três fragmentos, ilustra formas acampanadas de diferentes dimensões, tipicamente associadas aos motivos decorativos campaniformes, na sua variante Internacional. O grupo das caçoilas, representadas pelo número 15.2, é composto apenas por um bordo, sem o perfil completo. No entanto, as partes conservadas, em combinação com a reconstituição gráfica, possibilitaram a individualização desta forma, confirmando-se a sua reduzida expressão nos conjuntos cerâmicos regionais. Quer os recipientes acampanados, como as caçoilas, surgem em sítios contemporâneos dos contextos em estudo, como no Castelo Velho de Safara, Três Moinhos (Monge Soares, 1992), Casas do Canal 1 (Leisner e Leisner, 1955, Est. II), São Pedro (Mataloto *et al.*, 2015), Castro de São Bernardo (Bubner, 1979), Anta de Bencafede (Cardoso e Norton, 2004) ou Monte do Cardim 6 (Valera *et al.*, 2014a), como exemplo.

A forma 22, uma taça carenada de paredes finas com a presença de um pequeno *omphalos* no fundo, relaciona-se, em exclusividade com as cronologias mais recentes dos Perdígões. A esta forma, podem ainda ser adicionadas outras duas enquadráveis no Bronze Pleno, provenientes de uma estrutura pétreia também identificada na área central que, por não ter sido totalmente intervencionada, não foi incluída na presente dissertação.

O recipiente de carena esbatida achatado (forma 20), encontra-se patenteado por apenas um exemplar. Esta forma, para a qual não existem paralelos formais identificados até ao momento, representou um verdadeiro desafio em termos formais, podendo representar um recipiente cilíndrico, como ilustrar uma forma de tendência quadrangular.

No que toca as considerações relativas às pastas e às características tecnológicas, estas advêm de uma análise macroscópica, o que necessariamente significa que os dados apresentados são puramente superficiais e reflectem uma aproximação à realidade do conjunto em estudo. O estado de conservação das peças e o exercício de extrapolação de resultados obtidos a partir de

fragmentos de uma hipotética peça inteira é, sem dúvida, uma das maiores condicionantes - como sublinhado anteriormente, foi apenas recolhido um recipiente de tipo Mini-vaso completo.

Numa avaliação geral das características tecnológicas, sobressai a grande homogeneidade do universo total de fragmentos identificados. As pastas são essencialmente compactas (88,15%), situação que se verifica também para o sítio de Moinho de Valadares 1 e Monte do Tosco (Valera, 2013), tendo igualmente sido identificados elementos de consistência média (10,82%). As pastas friáveis são verdadeiramente reduzidas (1,02%), encontrando-se em diminutos casos, associadas a fragmentos com as superfícies erodidas (7,28%). As texturas apresentam-se sobretudo homogêneas (88,90%), onde os elementos não plásticos, que surgem em proporções e dimensões baixas (74,91% e 71,08 respectivamente), se encontram bem distribuídos na argila. Estes elementos reflectem materiais que apontam para produções locais (Dias *et al.*, 2007; Dias *et al.*, 2017), sendo, contudo, de sublinhar a presença de alguns elementos campaniformes com proveniências aparentemente muito diversas (Dias *et al.*, 2017). Por outro lado, inclusões como o grogue não foram identificadas. A combinação de todos estes factores parece apontar para pastas, de um modo geral, de boa qualidade, com um certo grau de padronização, cuja origem se pode relacionar com a utilização das mesmas fontes de argila ao longo da diacronia em estudo, ou com a manutenção e replicação de gestos e técnicas produtiva, que se estendem às argilas e aos seus tratamentos.

As cozeduras dividem-se equitativamente entre as oxidantes (51,68%) e as redutoras (43,28%), verificando-se breves alternâncias entre ambas, se se tiverem em conta as formas estabelecidas (mantendo sempre as percentagem semelhantes), sem que nenhuma se destaque claramente. As variantes oxidantes com arrefecimento redutor, e vice-versa, são sempre minoritárias, com 1,87% e 3,17% respectivamente. Note-se, contudo, que este parâmetro é exclusivamente referente ao fragmento analisado, não devendo ser vinculativo nem replicado para a hipotética peça completa, uma vez que se reconhece a grande variabilidade de tonalidades que as superfícies e o interior das cerâmicas podem adquirir, consoante a proximidade e o controlo da fonte de calor, a posição da peça no acto da cozedura e o contacto com materiais orgânicos.

O tratamento das superfícies é a única característica intrínseca onde foi possível reconhecer padrões relacionáveis com as formas cerâmicas previamente descritas. Isto significa que em formas abertas se privilegiam os tratamentos das superfícies internas e, por sua vez, as superfícies externas em formas fechadas. São exemplo do primeiro caso os pratos, tendo sido particularizados 149 recipientes com engobe interno. Ainda assim, o tratamento dominante é o referente ao alisamento de ambas as superfícies, presente em 371 recipientes, seguido do engobe total (202 exemplares), dominante nas taças carenadas (30), esféricos (27), globulares (27), recipientes tipo saco (17) e copos (2).

| Classes de tamanho |                             |          |                             |
|--------------------|-----------------------------|----------|-----------------------------|
| <b>1</b>           | < 750 cm <sup>3</sup>       | <b>5</b> | 7001 – 9000 cm <sup>3</sup> |
| <b>2</b>           | 751 – 1400 cm <sup>3</sup>  | <b>6</b> | 9001 - 12000                |
| <b>3</b>           | 1401 – 3000 cm <sup>3</sup> | <b>7</b> | 12001 - 15000               |
| <b>4</b>           | 3001 – 7000 cm <sup>3</sup> | <b>8</b> | > 15000 cm <sup>3</sup>     |

**Quadro 10** – Classes de tamanho apresentadas em cm<sup>3</sup>.

Outra das informações que pode ser tida em conta na caracterização geral do conjunto é referente aos tamanhos dos recipientes que foram reconstituídos graficamente. Este estudo só foi possível graças à combinação entre as formas cerâmicas identificadas e sólidos geométricos, gerando um total de 8 classes de tamanho (Quadro 10). A maioria dos recipientes (85,37%) concentra-se nas primeiras três classes, correspondendo a recipientes de pequena e média dimensão, com uma capacidade máxima de 3 litros. No caso das classes 5 e 7, nenhum elemento foi identificado, correspondendo estas a classes nulas. Sublinha-se, no entanto, que o estabelecimento de classes condiciona e dilui as morfologias identificadas, não sendo, por exemplo, possível comparar a capacidade volumétrica de um prato (formas rasas), com recipientes como taças e tigelas. Os pratos, pelas suas características intrínsecas, não podem ser considerados recipientes de pequena/média dimensão, encontrando-se distribuídos nas primeiras quatro classes, atingindo no máximo 7 litros. Os maiores recipientes identificados (classe 8), correspondem às formas 2, 3, 4 e 6, atingindo, no caso da tigela, os 19 litros.

Este estudo foi acompanhado pela análise da cerâmica decorada (anexo 4.20 e 4.21), correspondendo a 13 recipientes, num total de 14 fragmentos. Optou-se por se associar ao mesmo recipiente os fragmentos recuperados do *cairn* 1, uma vez que a sua morfologia, tecnologia e decoração apresentam grandes afinidades. De forma geral, a representatividade destes elementos é muito baixa (1,31%), compatível com a expressão dos conjuntos do Moinho de Valadares 1, Mercador (Valera, 2013, p. 134 Guadiana) ou Porto das Carretas (Soares, 2013, p. 284), mantendo-se esta tendência nas fases estabelecidas, ainda que com ligeiras variações percentuais (Enriquez Navascués, 1990). Reconheceu-se o recurso à técnica mista (incisão e impressão) como a técnica dominante, presente em seis recipientes (46,15%), seguindo-se o recurso à impressão na sua variante pontilhada (três recipientes – 23,08%) e apenas um elemento com incisão exclusiva, utilizado para a produção de uma canelura a baixo do bordo (7,69%). O recurso a unguiações (“beliscadas”) encontra-se igualmente atestado num fragmento de fundo. Outra decoração que surge é a decoração plástica, espelhada na aplicação de um cordão com impressões e o emprego de mamilos duplos. Os motivos são reduzidos, não justificando a criação de uma tabela decorativa, ainda assim podem agrupar-se essencialmente em motivos campaniformes (quatro

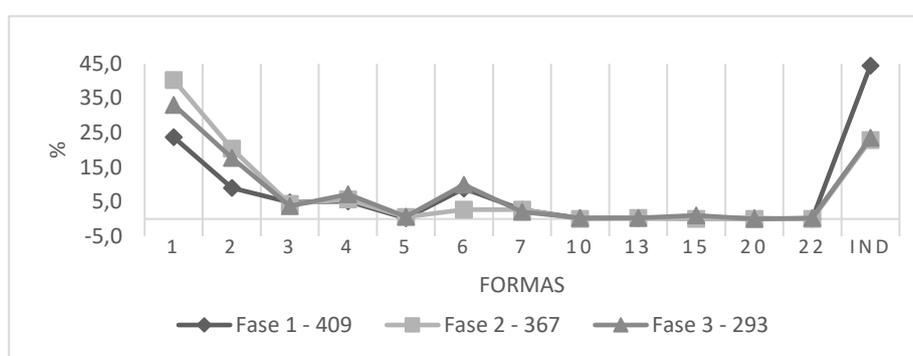
recipientes) e simbólicos (três recipientes) – verificando-se estes motivos no Paraíso (Mataloto e Costeira, 2008); São Pedro (Mataloto *et al.*, 2007; 2015), Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004), Três Moinhos (Soares, 1992), Famão (Arnaud, 1971) ou Monte do Tosco (Valera, 2013). Este cenário apresenta afinidades com o identificado nos primeiros trabalhos nos Perdigões, ainda que a amostragem seja diferente (Valera, 1998). Por sua vez, os recipientes onde estas decorações se desenvolvem são, em cinco dos casos, recipientes fechados do tipo globulares ou taças fechadas (4.2), ou recipientes abertos/abertos fundos, tais como as caçoilas (um recipiente) e os acampanados (dois recipientes), como tem vindo a ser apontado para outros sítios contemporâneos (Boaventura, 2002, p. 44; Valera, 1997, p. 81-82).

Este panorama, assim como as questões morfológicas previamente discutidas, poderia ver-se alterado caso o número de fragmentos com forma indeterminada fosse mais reduzido – com quatro fragmentos com forma indeterminada decorados. Soma-se ainda a presença de pasta branca em cinco fragmentos (dois em motivos campaniformes, um no motivo solar e dois em motivos de decoração simbólica), distribuídos equitativamente pelas três fases identificadas. A incrustação de pasta branca tem vindo a ser alvo de diversos estudos, que se relacionam essencialmente com a matéria-prima utilizada na sua produção. A diversidade de soluções encontra-se atestada, pendendo entre carbonatos de cálcio (Salanova, 2000a) ou até matéria orgânica, como ossos, quer sejam estes de animais ou humanos (Verschoor, 2011). Pode também questionar-se a intencionalidade desta inclusão, podendo ser o reflexo técnico de aspectos estéticos e decorativos, assim como materializar uma adição intencional e planeada de elementos orgânicos animais e/ou humanos. Esta ideia é especialmente interessante, podendo enquadrar-se nos processos cosmológicos gerais dos Perdigões (Valera, 2010b), associando-se processos de fluidez ontológica a estas comunidades (Mithen, 1996). Aos recipientes seriam adicionadas outras entidades, contribuindo para uma biografia mais rica, vinculando-se as propriedades de animais ou pessoas, à identidade e materialidade dos recipientes, tornando-os agentes potencializados, com uma forte capacidade activa e desempenho social. Ainda que o conjunto de recipientes com pasta branca não tenha sido alvo de estudos concretos, é de mencionar que alguns fragmentos de outros contextos dos Perdigões foram analisados, demonstrando a utilização de matéria orgânica (osso) na formação desta pasta (Odriozola, 2008, p. 43), sustentando algumas das ideias aqui apontadas.

Em suma, o conjunto aponta para um período relativamente estável a nível material, sem grandes alterações e preponderâncias morfológicas e tecnológicas, sendo este bastante coeso. As considerações apresentadas sustentam as informações radiométricas, que enquadram os contextos sensivelmente na segunda metade do 3º milénio a.C. – confirmando-se a esmagadora maioria dos pratos, em relação às taças carenadas, como se verifica em Santa Vitória (Dias, 1996), Monte do Tosco 1, Moinho de Valadares (Valera, 2013), Três Moinhos (Soares, 1992) e Porto Torrão

(Valera e Filipe, 2004). A nível decorativo, as técnicas e os motivos não apresentam uma grande variabilidade, relacionando-se esta questão com a sua baixa representatividade. Ainda assim, a presença de cerâmica campaniforme no conjunto, permite compreender contactos e processos de mobilidade (que pode corresponder somente a partilha de ideias e tendências), quer seja com áreas mais litorais, onde os maiores conjuntos de motivos internacionais se encontram, quer seja com o interior peninsular, patenteados pela presença de cerâmica com motivos ciempozuelos. Contactos com as áreas mais litorais podem ser atestados em sítios como o Porto das Carretas (Soares, 2013) e com a área da Meseta espanhola, São Brás 1 (Parreira, 1983), Três Moinhos (Soares, 1992), Casas do Canal 1 (Leisner e Leisner, 1955, Est. II), São Pedro (Mataloto *et al.*, 2015), Monte do Tosco (Valera, 2013) ou Outeiro de São Bernardo (Bubner, 1979).

#### 5.1.1.1. Análise comparativa entre fases: morfologia



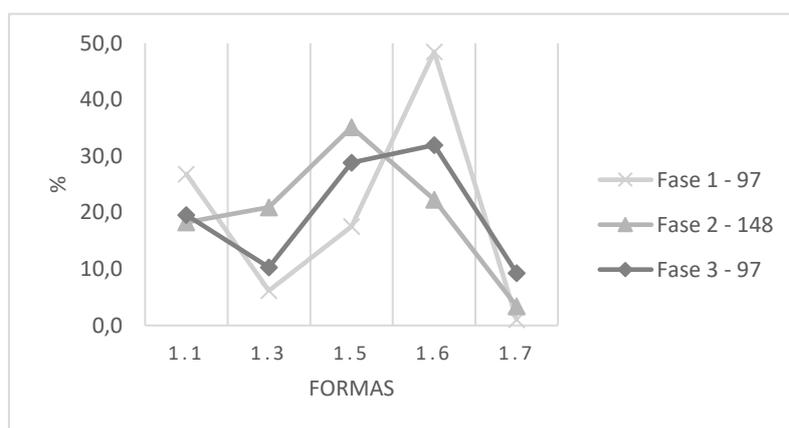
**Gráfico 1** – Representatividade das formas cerâmicas nas três fases estabelecidas.

Tendo em conta a questão central do presente trabalho, assim como os contextos seleccionados e as suas respectivas diferenças cronológicas sequenciais, uma análise comparativa entre os contextos é necessária, permitindo aceder a “tradições” e tendências das comunidades que frequentavam o sítio dos Perdigões, assim como a momentos de alteração e até inovação. Esta abordagem passa, obrigatoriamente, pela compreensão da distribuição dos recipientes, não só a nível de quantidades, como também de formas, com as respectivas funcionalidades e informações culturais subjacentes. Sublinha-se, contudo, que a dimensão do conjunto é relativamente variável consoante a fase e a estrutura, reflectindo a totalidade dos materiais de cada contexto. Para tornar os resultados comparáveis e de mais fácil leitura, considerando que os conjuntos não apresentam diferenças muito dramáticas entre si, estes serão apresentados em percentagens, excepto nos casos indicados.

Em primeira instância é necessário ressaltar a representatividade dos recipientes com forma indeterminada, que tornam as fases mais coesas entre si, a nível numérico. No caso da fase 1, à qual se encontra associado o maior conjunto de recipientes, apenas 227, dos 409, permitiram

uma identificação formal. Este elevado número de recipientes indeterminados poderia alterar as tendências verificadas nesta fase, ainda que aproxime este conjunto dos estudados para as restantes fases - 283 recipientes com atribuição formal na fase 2 e 224 na fase 3.

De forma geral, as três fases apresentam uma predominância das duas primeiras formas (pratos e taças), sendo esta uma realidade compatível com as cronologias em estudo (Valera, 2013; Soares, 2013). Os pratos destacam-se em todas as fases, podendo ser mencionada uma maior presença nas fossas 44, 45 e 73 (fase 2). Esta situação verifica-se também nos sítios identificados na Margem Esquerda, como na fase 2 de Moinho de Valadares, Mercador e fase 1 do Monte do Tosco (Valera, 2013), bem como no sítio do Porto das Carretas (Soares, 2013) e o Fosso 2 do Porto Torrão (Valera, Filipe, 2004). A variabilidade identificada nas fossas não ilustra necessariamente uma alteração nos padrões morfológicos utilizados pelas comunidades que frequentavam os Perdígões, mas sim a intervenção humana nos processos de inclusão e/ou valorização destas formas concretas, nos contextos específicos da fase dois.

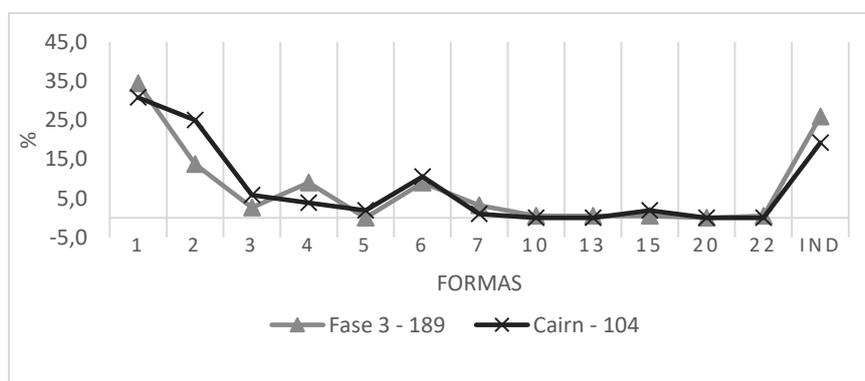


**Gráfico 2** – Distribuição dos diferentes tipos de pratos pelas três fases.

Os pratos deixam identificar outras tendências, verificando-se uma variação entre os tipos de bordos dominantes. Na primeira fase, os bordos bi-espessados contam com um destaque claro, contrapondo o panorama identificado para os pratos de tipo 1.3 (de base aplanada). A fase 2 não conta com os mesmos recipientes, substituindo-se os pratos com bordos bi-espessados pelos espessados internamente. Na terceira fase, nenhum dos exemplares conta com um destaque vincado em relação aos restantes, encontrando-se quase equitativamente presentes pratos com bordo espessado internamente e bi-espessado. No panorama geral, em todas as fases, o bordo espessado externamente conta com os valores mais baixos, identificando-se também pouca oscilação no caso dos pratos de bordo simples. No entanto, uma semelhança pode ser compreendida entre a fase 1 e 3, com os mesmos padrões de variação entre as formas dos bordos, voltando a suscitar a questão dos processos de enchimento selecionado visível nas estruturas de tipo fossa, da fase 2. A variabilidade reconhecida encontra paralelos e é compatível com alguns

dos sítios na região imediata, como o Mercador (Valera, 2013) ou o Porto das Carretas (Soares, 2013), ainda que estas alterações não sejam muito significativas no conjunto total.

A identificação de taças carenadas (forma 3), atesta a presença de elementos cronologicamente anteriores ao período calcolítico, funcionando estes como referenciais cronológicos. Este assunto não é anômalo, se considerarmos a localização dos contextos na área central do recinto, onde foi atestada a convivência entre estruturas neolíticas e calcolíticas. Assim sendo, a presença destes materiais não representará formas ainda vigentes, mas sim processo de contaminação de contextos mais recentes. No caso dos depósitos da primeira e terceira fase, a inclusão destes recipientes pode ser pensada como involuntária ou como resultado de processos tafonômicos, relacionados com o transporte e remobilização de sedimentos. No entanto, a presença na fase 2 e nas estruturas da fase 3 (como o *cairn* 1), levanta questões sobre a intencionalidade e representatividade destes elementos, podendo relacionar-se com processos de evocação de entidades, memórias, ou eventos findados. Pode ainda questionar-se a mesma realidade para os recipientes identificados na forma 6 (globulares), correspondendo a elementos de difícil aferição cronológica, que pendem entre o Neolítico e Calcolítico, gerando conjuntos com algumas variações (ainda que não significativas).



**Gráfico 3** – Comparação entre os depósitos da fase 3 e o conjunto de estruturas denominadas como *Cairn*.

Realizou-se outro exercício, que permitiu atestar a manutenção nas morfologias dos recipientes. Este consistiu na individualização da estrutura conhecida como *cairn* 1 (incluindo-se as fossas que este cobre) em relação ao restante conjunto da fase 3, onde esta estrutura é aberta, com o intuito de caracterizar a fase mais recente identificada, até ao momento, nos Perdígões. A mesma tendência foi reconhecida, não existindo diferenças a destacar entre ambos os conjuntos – note-se contudo, que a fossa 79, coberta pelo *cairn* de pedras, resulta de uma deposição claramente intencional, o que poderá justificar as diferenças numéricas nos dois conjuntos, nas taças (2) e tigelas (4).

A nível do volume dos recipientes, os conjuntos da fase 1 e 2 são semelhantes, concentrando-se a maioria dos volumes na primeira classe criada, sendo a única divergência

encontrada nos recipientes da classe 4, com maior representatividade na fase 2 do que na primeira. Por sua vez, a fase 3 conta com padrões muito diferenciados dos verificados para as duas primeiras fases. Os seus recipientes concentram-se maioritariamente na primeira classe, descendo abruptamente na segunda, para voltarem a subir e estabilizar nas classes 3 e 4. Este comportamento aponta para recipientes com maior capacidade na fase 3 (nas classes 3 e 4), ainda que estas questões se possam encontrar relacionadas com a dimensão duplicada do conjunto de recipientes calculados para a fase 3 em relação à primeira e segundas fases.

A tendência geral de continuidade de tradições morfológicas dos recipientes mantém-se inclusivamente com a análise da forma acampanada, onde se centralizam os recipientes com decoração campaniforme. O grupo é, como referido anteriormente, composto por três recipientes o que limita as conclusões que podem ser apresentadas, na sua génese. Contudo, podemos reconhecer a tendência de maior presença na fase 3 (a fase mais recente), contando com dois recipientes. Frisa-se que não foi recuperado nenhum recipiente da forma 15 ou qualquer fragmento com motivos campaniformes na fase 2, ainda que as estruturas que a integram sejam contemporâneas deste fenómeno. Esta mesma tendência foi identificada quando se procedeu a uma análise mais alargada dos motivos decorativos. Estes comportam-se de uma forma bastante semelhante, a nível numérico, na fase 1 (com seis recipientes) e na fase 3 (onde se encontraram também seis recipientes decorados). O ponto de divergência entre ambas as fases encontra-se fundamentalmente nos motivos decorativos presentes. Na fase 1, os motivos simbólicos contam com maior expressão, sendo estes substituídos, na fase 3, pelos campaniformes, verificando-se uma maior diversidade decorativa, mantendo-se ainda assim a coexistência entre os motivos simbólicos e o campaniforme. Todavia, estas “tendências” não podem ser utilizadas como indicativas, em especial porque a dimensão do conjunto é muito reduzida, ainda que a tendência pareça ser semelhante ao que se verifica para a margem esquerda do Guadiana (Valera, 2013).

O aparelho cerâmico sugere uma monotonia e padronização morfológica, que enfatiza a presença de processos produtivos enraizados, com restrições que se relacionarão com as tradições destas comunidades. Uma tradição que pode ser considerada como regional, considerando-se os resultados obtidos para outros sítios arqueológicos, bastante semelhantes aos reconhecidos no conjunto dos Perdigões. São exemplo disso os sítios intervencionados no âmbito do Bloco 5 do Alqueva, tais como Moinho de Valadares 1, Mercador, Monte do Tosco e até Julioa 4/Luz 20, com universos cerâmicos diversificados, mas que apresentam uma forte monotonia e pouca variabilidade cronológica, entre as diversas fases (Valera, 2013, p. 129-189). Identificou-se este cenário genérico para o sítio do Porto das Carretas, com alguma variabilidade nas tigelas e nos globulares (Soares, 2013, p. 280), bem como para o Porto Torrão, ainda que estes dados sejam exclusivamente referentes a intervenções reduzidas (Valera, Filipe, 2004).

Como síntese, podemos referir-nos ao conjunto como extremamente coeso e coincidente a nível morfológico, apontando-se para a existência de preceitos/normativas produtivas que encontravam correspondência na esfera social das comunidades do Calcolítico alentejano, justificando-se esta afirmação por um aparente respeito e manutenção das mesmas tradições morfológicas, ao longo de mais de 500 anos. No entanto, pode sublinhar-se uma ligeira assincronia na fase 2, correspondente às estruturas de tipo fossa, que cortam os depósitos da fase 1. Estas estruturas apresentam conjuntos cerâmicos com variações em termos formais e particularidades decorativas, que reflectem necessariamente a intencionalidade humana, vislumbrada na deposição do canídeo a meio do enchimento da fossa 45, assim como possíveis variações entre as diversas estruturas.

#### **5.1.1.2. Análise comparativa entre fases: tecnologia**

Por sua vez, a análise tecnológica permite compreender os gestos e as técnicas por detrás da produção dos recipientes. Esta considerou a compacidade e textura das pastas, assim como a proporção e dimensão dos elementos não plásticos. No caso concreto dos ENP, como frisado anteriormente, a sua identificação foi realizada macroscopicamente, não se registando elementos a destacar ao longo das três fases.

No caso da compacidade e da textura das pastas, estas evidenciam uma manutenção tecnológica entre as fases 1 e 2, com um domínio claro das pastas compactas e homogéneas nas duas primeiras fases, corroborando as considerações previamente reconhecidas. No entanto, na terceira fase, enquadrável já na transição para a Idade do Bronze, observa-se uma alteração evidente em relação às fases anteriores. As pastas compactas e homogéneas mantêm-se preponderantes com uma ligeira redução, ascendendo os números das pastas de consistência média e de textura granular. Esta tendência está também patenteada no leve aumento dos recipientes de pastas friáveis.

Os elementos não plásticos (ENP), ostentam a mesma imagem geral das pastas. Entre a fase 1 e a fase 2 observa-se um ligeiro aumento das proporções fracas e dimensões pequenas dos ENP, seguindo-se uma abrupta alteração, na fase 3. As pastas com proporções de ENP fracas e a sua dimensão inferior a <1mm rondam os 50% do conjunto em ambos os casos, acentuando-se a presença de pastas com proporções médias e elementos com  $\leq 3$ mm, que variam entre os 30% e os 40%. Esta situação, aliada à alteração sublinhada nas pastas, aponta para uma quebra evidente com as tradições produtivas calcolíticas, que podem ser cronologicamente justificadas. O afastamento que os dados deixam reconhecer, levanta questões, em primeira instância, essencialmente tecnológicas, como a possível alteração nas áreas de aprovisionamento de argilas, que podem conter (naturalmente) diferentes padrões de ENP, assim como tratamentos específicos consoante as funcionalidades e utilizações a dar aos recipientes. As modificações nas morfologias

sustentariam as alterações funcionais dos recipientes, contudo, como enfatizado para a componente morfológica, não se evidenciaram alterações significativas nas formas dos recipientes.

Os tratamentos de superfície, ainda que relacionados com as morfologias dos recipientes, mostram as mesmas tendências nas três fases. A 1ª fase conta com uma distribuição homogeneizada entre os recipientes alisados (1), o engobe interno (7) e o engobe total (9). Já a segunda e terceira fases, contam genericamente com o mesmo padrão, existindo um domínio total (cerca de 65% e 70%) das superfícies alisadas, com os mesmos picos anteriormente verificados, as superfícies com engobe interno (aproximadamente 15% em ambas as fases) e engobe total (20% na 2ª e 3ª fases). Estes dados encontram-se influenciados pelo estado das superfícies dos fragmentos, predominantemente em bom estado (com 96.3% na 1ª fase e 98.6% na segunda), especialmente na terceira fase, onde se verifica o mesmo padrão descrito para os elementos não plásticos e para as pastas, com uma descida nas superfícies sem sinais de erosão (80,4%), observando-se o aumento dos fragmentos com alguns sinais de erosão (16.8%). Os sinais de erosão são úteis para a compreensão da vida das peças e fragmentos, servindo ainda como indicadores de intencionalidade na inclusão destas peças nos contextos em estudo. De facto, se considerarmos que a fase 3 representa os últimos momentos do sítio dos Perdigões, é compreensível a presença de 49 fragmentos, em 291, com sinais de erosão. Estes são na sua maioria provenientes dos depósitos [415], [444] e [531], encontrando-se distribuídos pelas formas 1- pratos, 2- taças, 4- tigelas e 6- globulares, com treze, seis, um e dois elementos respectivamente, que ilustram a inclusão de peças provenientes de outros depósitos ou estruturas, quer seja esta inclusão intencional ou involuntária. O sítio dos Perdigões foi também alvo de vários estudos petrológicos, que apoiam

Os restantes sítios arqueológicos identificados na região parecem apontar para uma situação idêntica, em especial para os sítios do Moinho de Valadares e o Monte do Tosco (Dias *et al.*, 2013, p. 189), onde análises químicas permitem sustentar as tendências identificadas no sítio dos Perdigões. Em oposição encontra-se o Porto das Carretas, onde se verifica um domínio geral das pastas grosseiras, atestando-se um ligeiro aumento para a segunda fase. Para o caso concreto do sítio do Porto Torrão, os dados disponíveis indicam para uma produção local, quer nos estratos com Campaniforme, como sem (Arnaud, 1993, p. 47), indo de encontro com os resultados dos sítios da margem esquerda.

Adicionamos ainda outro dado que enfatiza as ideias apresentadas, a presença de marcas de molde na superfície externa dos recipientes de tipo prato. Esta presença ilustra o recurso a esta técnica concreta de produção destes recipientes, apresentando valores muito semelhantes em todas as fases (abaixo dos 50%). Verifica-se um aumento dos recipientes com estas marcas entre

a fase 1 (41,2%) e a 2ª fase (49,3%), voltando a diminuir na terceira fase (44,3). Esta manutenção das técnicas suporta a ideia de que a alteração pode estar mais relacionada com o tratamento das pastas, ou até o próprio barreiro, e não propriamente com novas maneiras de fazer os recipientes, enfatizando-se a manutenção relacionada com as morfologias dos recipientes.

Numa apreciação global podemos mencionar que o conjunto se mostrou bastante coerente, indo de encontro com os padrões já identificados. As pastas podem ser caracterizadas como cuidadas e finas nas duas primeiras fases, resultando possivelmente da utilização das mesmas áreas de aprovisionamento, ainda que estes dados careçam de confirmação. Sublinha-se, sem dúvida, que existe uma continuidade tecnológica entre estes intervalos cronológicos, expressando processos de aprendizagem que se estenderiam por diversas gerações. As tradições aqui identificadas são perpetuadas por comunidades coesas entre si, que parecem partilhar um mesmo espaço e uma mesma paisagem, não sendo possível diferencia-las, pelo menos em termos materiais. Todavia, esta monotonia produtiva é interrompida na fase 3 estabelecida para os conjuntos em estudo, observando-se uma ruptura com a tecnologia anterior já no advento da Idade do Bronze. Diversas questões se levantam: novas comunidades? Uma quebra com a funcionalidade/sentido atribuído anteriormente ao sítio? Ou uma simples alteração das matérias primas? Estas questões têm necessariamente de ser articuladas com os restantes contextos do sítio, ainda que pouco sejam os que apresentam uma cronologia tão avançada.

#### **5.1.1.3. Breve visão do conjunto de recipientes**

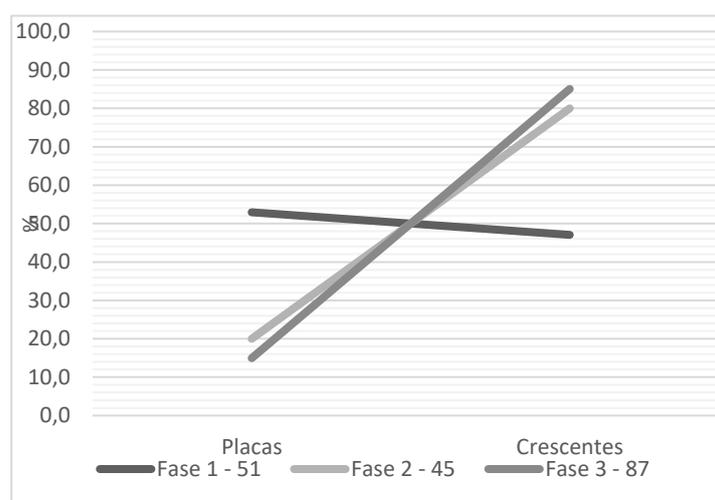
De forma resumida, a análise faseada dos recipientes aqui em estudo permitiu compreender uma manutenção geral das práticas calcólicas, ao longo de um extenso intervalo temporal, sendo esta afirmação especialmente válida para as questões formais. Os recipientes, principalmente os pratos e as taças (forma abertas), mantém uma ligação e uma possível correspondência funcional, com as sociedades que os produzem e utilizam, identificando-se esta prevalência nos diversos sítios arqueológicos da região (Valera, 2013; Soares, 2014; Boaventura, 2002; Silva e Soares, 1987; Mataloto e Costeira, 2008; Mataloto *et al.*, 2007; Valera e Filipe, 2004; Silva *et al.*, 1995). Ainda assim, é de sublinhar que os contextos aqui comparados apresentam matrizes diferenciadas, com ocupações que apontam para ritmos diferentes, representando, contudo, os únicos paralelos suficientemente estudados passíveis de comparação.

No panorama tecnológico, esta realidade não pode ser taxativamente empregue, uma vez que se distinguiu a fase 3, que se contrapôs à imagem geral do conjunto – onde as cerâmicas são essencialmente cuidadas, como resultado de processos de escolha de argilas por natureza depuradas ou de tratamentos atentos das pastas. A alteração pode encontrar explicação na cronologia destes contextos, uma vez que a nível de compartimentação a fase 3 já se enquadrará nos inícios da Idade do Bronze (vs. duas fases calcólicas). Este não é um factor determinante,

ilustrando processos organizativos contemporâneos, sendo que a justificação passaria essencialmente por alterações aparentemente rápidas, nos ambientes social e inclusive materiais, no que parecer ser o culminar de práticas de emulação (Valera e Basílio, no prelo). Todavia, considerando-se o conjunto aqui apresentado como reflexo da componente mais “comum”/diária do que seriam os artefactos destes grupos, podemos reconhecer que as grandes influências culturais não se manifestam com a mesma expressividade nos itens teoricamente utilizados diariamente, como se fariam sentir em objectos de uso esporádico ou mais simbólico. Entrariam aqui em questão as problemáticas de gestão de identidades à escala local, regional e, considerando-se o fenómeno vigente à época, internacional, sendo importante constatar que, pelo menos no sítio arqueológico dos Perdigões e em especial para a segunda metade do terceiro milénio, a matriz identitária local mantém-se, sofrendo ligeiras modificações tecnológicas, que não afectariam o papel demonstrativo da componente visível dos recipientes cerâmicos (as formas).

### 5.1.2. Pesos de tear

Os pesos de tear, contrariamente ao que se realizou para os recipientes cerâmicos, serão brevemente apresentados enquanto um todo, valorizando-se a apresentação das características de cada fase (anexo 4.22). Nesta opção pesa, principalmente, a dimensão do conjunto. Assim sendo, foram identificados 183 fragmentos de pesos de tear, onde apenas um exemplar se encontrava parcialmente fragmentado, referente à primeira fase. O restante conjunto corresponde na sua maioria a fragmentos mesiais (com percentagens sempre a cima dos 50% nas três fases), recuperando-se ainda vários fragmentos onde foi possível identificar entre uma e duas perfurações (contando com 43% na 1ª fase, 40% na segunda e 37% na 3ª). A nível morfológico foram seguidas as tipologias e terminologias previamente aplicadas aos contextos do Alentejo - placas e



**Gráfico 4** – Relação entre os tipos de pesos de tear e as fases definidas.

crescentes, posteriormente subdivididos consoante as formas das secções (0- placa rectangular, 3- crescente de secção ovalada, 4- crescente de secção achatada, 5- crescente de secção circular).

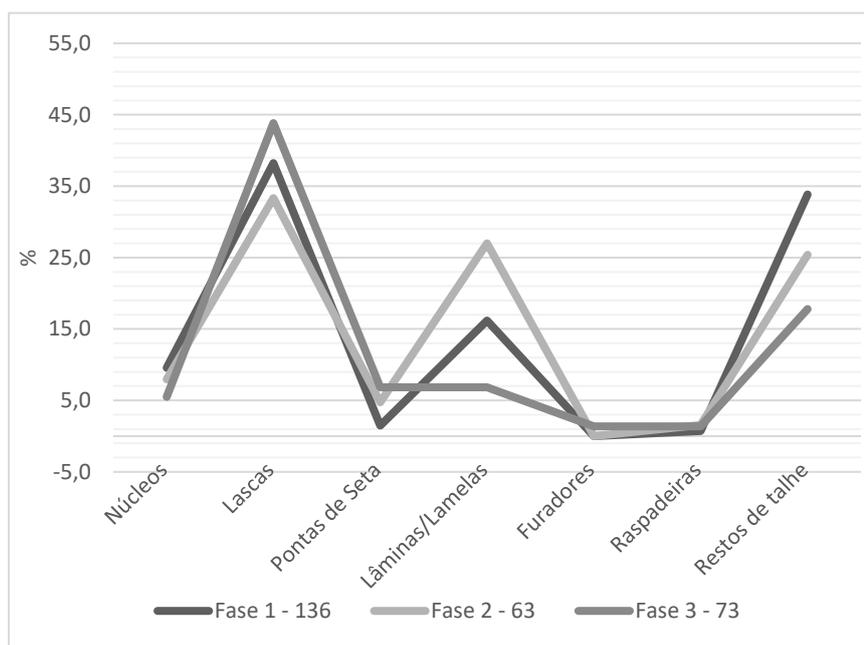
A distribuição dos fragmentos nestas duas grandes formas é muito variada, ainda assim uma tendência geral é facilmente legível. Na 1ª fase a aproximação que se verifica entre os crescentes e as placas é vincada, ainda que os segundos contem com um ligeiro destaque. Por sua vez, a fase 2 e 3 ilustram claramente o processo de substituição dos elementos de tear de tipo placa, ganhando um esmagador destaque os elementos de tipo crescente. Novamente, menciona-se a tipologia dos contextos, que pode deturpar estes valores, no entanto, esta realidade tem vindo a ser confirmada, ainda que não seja uma questão taxativa. Verifica-se, também uma coexistência entre ambos os tipos de pesos de tear, como evidenciado para São Pedro (Costeira, 2010), Mercador e Porto Torrão (Valera e Filipa, 2004), também nos sítios localizados na Serra d'Ossa (Calado, 2001) e Porto das Carretas (Soares, 2013). Por sua vez, o comportamento destas formas em relação às suas tipologias, não permite uma individualização clara, sendo correspondente nas três fases. O único ponto divergente acontece, em todas as fases, nos crescentes de secção circular (na 1ª há um aumento, na 2ª uma manutenção e na 3ª uma diminuição da representatividade), ainda que não se verifiquem grandes alterações numéricas.

As questões tecnológicas não permitem delimitar alterações nos gestos e técnicas produtivas destes artefactos, identificando-se os mesmos padrões nas três fases, contrastando com os resultados identificados no caso dos recipientes, onde se verificou uma quebra entre a 2ª fase e a 3ª no fabrico. As pastas deste tipo de artefactos são semelhantes à dos recipientes, essencialmente compactas e de textura homogénea (percentagens acima dos 85% nas três fases para ambos os casos), com poucos elementos não plásticos de pequenas dimensões (entre os 60% e os 90% nas várias fases). A composição petrográfica das pastas é também ela igual à dos recipientes cerâmicos, apontando para a utilização das mesmas pastas no fabrico de ambas as categorias artefactuais. As superfícies encontram-se transversalmente em bom estado, sendo os elementos com sinais de erosão ou erosão intensa raros (15,3% na primeira fase e 21,8% na terceira), não tendo sido identificados elementos com indicadores de erosão nas fossas 44, 45 e 73 (fase 2). A geral continuidade entre as produções das três fases mantém-se também nos tratamentos de superfície, registando-se o alisamento das superfícies, exclusivo na fase 1 e dominante na 2ª e 3ª, e o recurso a engobe, identificado em 20% dos fragmentos da fase 2 e 16% da fase 3. Assim sendo, as pastas dos elementos de tear sugerem que estes artefactos eram produzidos com o mesmo cuidado identificado nos recipientes cerâmicos, com pastas de boa qualidade com poucos e pequenos elementos não plásticos, contrastando com os resultados obtidos, por exemplo, para o sítio de São Pedro (Costeira, 2010).

Uma das perguntas mais salientes para o conjunto dos pesos aqui estudados prende-se com a questão da funcionalidade destas peças. Este assunto deve ser considerado, uma vez que os dados apresentados, tendo sempre presente a dimensão do conjunto, apontam para uma alteração clara nas representatividades das diferentes morfologias de pesos de tear, entre a fase 1 e as restantes. Podem ser conjecturados cenários de substituição, como sugeridos para os sítios do Porto das Carretas (Silva e Soares, 2002; Soares, 2013) ou São Pedro (Costeira, 2010), que podem não reflectir as típicas alterações culturais associadas a estes objectos. Os pesos de tear têm servido, em muitos trabalhos, como elementos que potenciam considerações identitárias e facilitam a compreensão de diferenças culturais e regionais, em especial pela oposição placa, que surge maioritariamente em contextos estremenhos e a Norte do país (Sousa, 2010, p. 341), e crescentes, bem patentes em contextos alentejanos. Isto significa que dois tipos de elementos de tear apresentariam diferentes aplicabilidades e objectivos, sendo tendencialmente relacionados com a exploração dos recursos secundários animais. As alterações estariam assim relacionadas com utilização/alterações nos diferentes tipos de teares teorizados - verticais (Diniz, 1993, p. 241), horizontais (Boaventura, 2001; Gomes, 2013) ou em “prancheta” (Cardoso, Carreira, 2003) – com a utilização de fibras diferentes ou ainda outro tipo de aplicação, que o registo arqueológico não permite aceder. Esta última ideia é igualmente aplicável à associação destes artefactos à tecelagem, carecendo de sustentação empírica – um dos factores a mencionar é a inexistência de desgaste na totalidade das perfurações identificadas, assim como nos fragmentos mesiais de crescentes. A esta constatação podemos também adicionar a questão decorativa que, ainda que surja essencialmente nos pesos de tipo placa, não tendo sido identificada no conjunto em estudo, pode contribuir para o avançar de outras linhas interpretativas sobre estes artefactos, podendo funcionar enquanto componentes ritualizados que agiriam sobre um processo produtivo específico (não totalmente definido), relacionando-se com a interferência humana nos processos de metamorfose dos elementos disponíveis, assim como com a ritualização de actividades transformativas, a conotação com um possível ciclo produtivo (Lopes, 2016) ou ainda mecanismos supersticiosos (Valera, 1997; Diniz, 1994). Esta abordagem pode ser encontrada para sítios como o Castelo Velho de Freixo Numão, onde se identificou uma estrutura com ossos humanos em associação contextual com elementos de tear (Jorge *et al.*, 1998/1999), sendo igualmente de sublinhar os próprios motivos decorativos, que normalmente são assumidos como simbólicos na Estremadura portuguesa (Paço, 1940). Pode reconhecer-se o mesmo processo de desconstrução para outros processos onde há modificações nos estados dos materiais, nomeadamente na obtenção do Sal (Delibes de Castro *et al.*, 2016) e transformação metalúrgica (Valera e Basílio, no prelo). São então necessárias outras aproximações ao tema dos “pesos de tear”, sustentadas por diversos tipos de dados arqueológicos, não nos sendo possível avançar mais do que hipóteses, considerando-se o contexto disponível.

Em suma, os pesos apresentam comportamentos formais bastante díspares entre a 1ª e 2ª/3ª fases, que evidenciam essencialmente questões cronológicas, que não se encontram tão vinculadas nos tipos de pesos utilizados – mantém-se, possivelmente, a mesma utilização dos crescentes, alterando-se as práticas associadas às placas. A alteração funcional não se verifica nas questões tecnológicas, indiciando uma manutenção das técnicas associadas ao fabrico destes artefactos, contrastando com a ruptura acentuada entre as duas primeiras fases e a terceira, atestada nos recipientes.

## 5.2. Pedra talhada



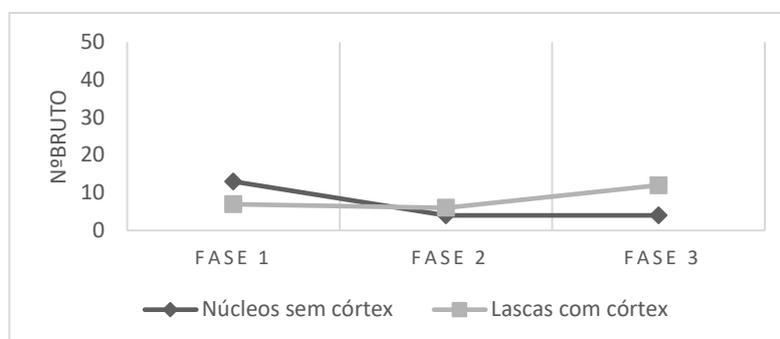
**Gráfico 5** – Distribuição do conjunto lítico, em relação às três fases.

A pedra lascada das diversas fases aqui em estudo, surge representada por vários grupos/tipologias, ainda que a sua reduzida dimensão não permita grandes considerações no que toca ao faseamento (anexo 4.23 a 4.27). Desta forma, foram recuperados 272 artefactos enquadráveis na categoria da Pedra Lascada, dos quais 136 são provenientes da 1ª fase, 63 da 2ª e 73 do conjunto de depósitos e estruturas da fase 3. A diferença numérica dos conjuntos é significativa, sendo a imagem da primeira fase mais aproximada da realidade, do que a da 2ª e 3ª.

De forma geral, a variação numérica interna do conjunto lítico é comum a todas as fases, apresentando os mesmos valores na categoria das lascas, que se apresenta sempre como o grupo dominante, seguindo-se as lâminas/lamelas nas duas primeiras fases e finalmente os restos de talhe. A fase 3, partilhando a mesma tendência, apresenta, no entanto, um ponto divergente em relação às anteriores, no que toca à representatividade do grupo das lâminas/lamelas, que é relativamente alta na 1ª e 2ª fases, e um abaixamento na última. É também nesta última fase que

os restos de talhe contam com o menor conjunto em oposição às lascas, que encontram aqui a sua maior expressão.

Novamente, a tendência de partilha de características é observável na escolha da matéria-prima, onde o volume de materiais em quartzo-leitoso se sobrepõe aos restantes, nas três fases,



**Gráfico 6** – Relação entre núcleos sem córtex e lascas com córtex, nas três fases

como acontece também no Porto das Carretas (Soares, 2014, p. 203). Este recurso é considerado de proveniência local/regional (Almeida, 1998, p. 124), tendo sido identificados filões inseridos no substrato local (Carvalho, 1998, p. 129), reflectindo um processo de aproveitamento dos recursos endógenos, em detrimento dos exógenos (Soares, 2014, p. 203). Há ainda outras matérias-primas presentes no conjunto em estudo (embora minoritárias), como o jaspe, o quartzito, quartzo-hialino e o xisto, este último a cerca de 5-10 km do sítio dos Perdigões (Dias *et al.*, 2007; Dias *et al.*, 2017). Recuperaram-se igualmente artefactos em sílex (maioritário na fase 2) e calcário (um único elemento proveniente da fase 1), ainda que não tenham uma representatividade acima dos 20%.

Uma análise mais particularizada foi necessária, no sentido de reconhecer comportamentos concretos de cada categoria artefactual, ainda que os conjuntos sejam muito reduzidos. No que toca aos núcleos, a análise realizada permitiu identificar as mesmas tendências em todas as fases. Da primeira fase consideraram-se 13 núcleos - subdividindo-se entre quatro núcleos prismáticos, quatro discóidais e cinco poliédricos/informes -, da segunda foram recuperados cinco núcleos discóidais e, da fase 3, apenas quatro núcleos poliédricos/informes. Estas tipologias reflectem claramente os produtos extraídos, sendo as lascas dominantes em todas as fases, ainda que tenham sido identificados sinais de extracção de produtos alongados (lâminas) numa fase prévia à extracção de lascas, na fase 1. Verificou-se a existência de um tratamento prévio nas peças, visível na quase total ausência de córtex, sendo de sublinhar um caso na fase 2, com córtex com sinais de rolamento fluvial. Quando comparamos esta realidade com a situação das lascas com córtex, conseguimos observar uma alteração crescente, que sugere que o tratamento dos núcleos seria realizado externamente ao sítio dos Perdigões na 1ª fase, progredindo para um processamento *in loco*, atestado nos inícios da Idade do Bronze. Não foram identificadas

peças com recurso a tratamento térmico, nem com sinais de retoque ou regularização das cornijas. A matéria-prima utilizada segue as indicações genéricas do conjunto, podendo servir como justificação para a irregularidade e dimensão das peças, dominando o quartzo-leitoso em todas as etapas, identificando-se também um núcleo de jaspe na primeira fase, ao qual se pode adicionar um de quartzito, proveniente da segunda fase. Neste segundo momento os recursos exógenos encontram-se materializados na presença de um núcleo de sílex. Estes artefactos foram, pela reduzida dimensão dos núcleos, explorados de forma exaustiva, sendo de relatar a presença de um núcleo de dimensão considerável (quando comparado com o restante conjunto), abandonado por conter defeitos que afectariam a sua viabilidade de talhe (como geodes e clivagens). Não foram identificados, em nenhuma das fases, materiais de preparação/reavivamento, tais como peças de crista, tablettes ou “flancos” de núcleo.

Posto isto, foi reconhecido o que parece ser uma tendência nas técnicas de transformação dos núcleos, quando relacionados com as lascas corticais. Enquanto que na primeira fase, aparentemente os núcleos são descorticados noutra local que não o contexto onde foram identificados, na terceira fase, já nas primeiras fases da Idade do Bronze, aponta-se para um tratamento perto do contexto de deposição. Destaca-se que, contudo, não foram identificadas remontagens na terceira fase, sendo todos os materiais provenientes da fossa 79. Quer os materiais da fase 2 (fossa 45 e apenas um núcleo da fossa 44) e da fossa 79 (fase 3) devem ser entendidos como indicativos, não só pela dimensão dos conjuntos, mas também pelo próprio contexto (fossas) que, tal como verificado nos recipientes cerâmicos, reflectem processos de enchimento antrópicos, podendo os materiais incluídos/excluídos ilustrar preceitos e intencionalidades humanas. Estas noções podem justificar o que aparenta ser uma menor variabilidade na última fase, assim como a própria questão cronológica.

O material de debitage, aqui representado na forma de lascas corticais e lascas, lâminas e lamelas não retocadas, corresponde a 47% do conjunto de materiais líticos identificados, sendo por isso uma categoria razoavelmente representada. Nas duas primeiras fases não se registam alterações significativas, contando-se com um domínio dos fragmentos proximais de lascas não corticais, sendo procedidas pelo grupo das lâminas, também elas, sobretudo, proximais. As lascas não se apresentam padronizadas, nem no que toca à forma, à espessura ou tamanho. Os talões são maioritariamente lisos, indiciando a preparação de uma plataforma de percussão e, por consequência, o tratamento prévio dos núcleos. Os produtos alongados, quer lâminas e lamelas, apresentam-se ainda nas primeiras fases de extracção, contando com secções triangulares, sendo posteriormente segmentadas, recorrendo à técnica da flexão, situação também patenteada em ambas as fases do Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004). A utilização dos artefactos resultantes do material de debitage encontra-se patenteada em pequenos esquirolamentos dos bordos, identificando-se estas marcas em 9% dos casos. Novamente, em ambas as fases, a matéria prima

destacada é o quartzo-leitoso. Recuperaram-se cinco lascas de sílex das duas primeiras fases, assim como três lâminas e uma lamela, apresentando todas tratamento térmico.

A fase 3 mostra tendências semelhantes, sendo um dos principais pontos de divergência a utilização de lascas corticais (em substituição dos produtos alongados), indo ao encontro da ideia de um tratamento dos núcleos *in loco*. As lâminas e as lamelas encontram-se representadas (sendo a categoria minoritária), mas são já referentes a uma fase mais avançada do processo de debitage, expresso nas secções trapezoidais. A técnica utilizada na extracção destes produtos aparentar ser também ela diferente em relação às utilizadas nas duas primeiras fases, tendo-se identificado talões do tipo punctiforme ou “hiperdriedos” (Mendonça e Carvalho, 2016, p. 36), apontando para o recurso à técnica da pressão, possivelmente com compressores de cobre (Pélègrin e Morgado, 2007; Pélègrin, 2006). Não dispomos de nenhum exemplar laminar completo, contudo sublinha-se que esta técnica seria utilizada com o intuito de extrair produtos alongados muito padronizados e de grandes dimensões (Mendonça e Carvalho, 2016, p. 36). É também na última fase que as peças de quartzito ganham destaque, ainda que suplantadas pelas de quartzo-leitoso, o que pode sustentar uma utilização e uma tecnologia mais expediente, orientada para a obtenção de lascas, como já apontado para outros contextos no sítio dos Perdigões (Almeida, 1998, p. 123).

Os restos de talhe/esquírolas, que perfazem 28% dos líticos identificados, são a segunda categoria mais representada na 1ª fase e na 3ª, sendo que na segunda se encontram a perseguir as lâminas/lamelas. Não nos é possível evidenciar diferenças, por fase, nas características destes elementos, identificando-se um predomínio de peças sem córtex (registando-se apenas sete restos nas duas primeiras fases), destacando-se novamente o quartzo-leitoso como matéria principal. Na fase 3 recuperou-se um resto de talhe em jaspe, com sinais claros de exposição ao fogo, visíveis pela presença de *potlid*.

O número de utensílios identificados corresponde a 15% do conjunto total de líticos, sendo, por isso, uma das categorias menos representadas. Foram aqui incluídas as lascas retocadas, pontas de seta, lâminas, lamelas, raspadeiras e furadores, que se distribuem mais equitativamente dentro das fases cronológicas estabelecidas – na 1ª fase foram recuperados 13, na segunda 12 e na última 17.

De uma forma geral, as lascas retocadas (que foram aqui incluídas pela presença de retoque/marcas que podem advir de utilização), apresentam a mesma tendência e características nas três fases. Poderíamos sugerir uma ruptura na utilização das lascas retocadas na terceira fase, contudo, evidenciando-se aqui a dimensão da amostra, parece-nos que esta encontraria pouco sustento. Este cenário mantém-se também nas lâminas/lamelas, que se apresentam igualmente segmentadas (como nas lâminas/lamelas sem retoque), mas que nesta categoria se materializam

em fragmentos distais, em todas as fases. São provenientes de um momento mais avançado no processo de talhe, já que contam com secções maioritariamente trapezoidais em todas as fases, com perfis rectos, exceptuado dois casos na fase 3, onde a extremidade é arqueada. Também na fase 3 se identificaram exemplares com bordos irregulares, contrastando com as duas primeiras, onde os bordos são regulares e aparenta existir uma padronização extractiva. Esta oposição dilui-se quando se nota uma tendência para o retoque semi-abrupto, que varia a sua extensão entre marginal curto e marginal longo. A primeira fase conta com materiais essencialmente locais, enquanto que nas restantes fases se observam elementos exógenos como o sílex (dois exemplares na segunda fase e um na terceira).

As pontas de seta (duas da 1ª fase, três da segunda e cinco da terceira), as raspadeiras (uma de cada fase) e o furador (proveniente dos depósitos que cobre a cabana 1 – fase 1) contam com conjuntos muito reduzidos que não nos permitem identificar alterações ou manutenções entre as etapas estabelecidas, ainda assim serão brevemente caracterizados. As pontas de seta correspondem maioritariamente a fragmentos, que limitam à partida as considerações sobre tipologias, identificando-se somente dois exemplares completos (um proveniente da fossa 45 e outro da fossa 79). As secções são, na primeira fase, triangulares e nas duas subsequentes, trapezoidais, ainda que o suporte dominante seja indeterminado. Os retoques são bastante coesos, correspondendo a retoques rasantes, maioritariamente em ambos os bordos, sendo a única excepção um caso, referente a uma pré-forma de ponta de seta proveniente da fase 1. A nível tipológico apenas foi possível reconhecer uma ponta de seta de base côncava (fase 2) e uma ponta de seta de base recta (fase 3). Não foram verificadas aletas, nem a serrilhas. A matéria-prima predileta da primeira fase é o quartzo-leitoso, enquanto que na segunda e terceira observamos a utilização do sílex.

As raspadeiras, todas fragmentadas sobre lasca, resultam do que parece ser o mesmo comportamento técnico na sua produção – com retoques sub-paralelos, rasantes, com uma extensão marginal longa. A matéria prima preferida é o quartzo-leitoso, ainda que no elemento da terceira fase se tenha optado pelo jaspe.

O único furador identificado no conjunto é proveniente da fase dos depósitos posteriores à cabana 1 (fase 1). Foi realizado sobre uma lâmina de sílex com secção trapezoidal, alvo de tratamento térmico. O eixo da sua extremidade funcional é central, não contando com marcas de uso.

No conjunto em estudo não se identificou a existência de uma macroindústria sobre seixos rolados, ainda que se possa sublinhar a existência de um núcleo sobre seixo, de grandes dimensões. Recuperaram-se, todavia, nove seixos rolados, seis da fase 2 e três da última fase, que sugerem a existência desta indústria, ainda que não visível nos contextos em estudo. Esta situação

contraria a tendência verificada para os sítios da margem esquerda do Guadiana, como Mercador, Moinho de Valadares e Monte do Tosco (Moro Berraquero, 2013), bem como a situação identificada no Porto das Carretas (Soares, 2014), Três Moinhos (Soares, 1992), Sala nº1 (Gonçalves, 1987) e Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004).

De forma muito genérica, a ideia com que ficamos do conjunto aqui em estudo é relativamente transversal às três fases, com um reduzido número de utensílios e uma grande componente de produtos debitados. Aponta-se então para uma tecnologia produtiva expedita, que tem como principal objectivo a obtenção de lascas, utilizadas nas mais diversas tarefas, como já havia sido mencionado por Almeida (1998) para os Perdigões, bem como por Soares, para o Porto das Carretas (2014, p. 205) e para São Pedro (Mataloto *et al.*, 2007). Ainda assim podemos identificar alguns pontos de divergência entre as cronologias mais recuadas e a terceira fase, mais concretamente no que toca à exploração e tratamento das matérias-primas, que parecem sugerir uma recolha e transporte enquanto peças completas, sendo posteriormente trabalhadas no sítio dos Perdigões, numa fase em que aparentemente existe um abrandamento neste tipo de produções (Soares, 2014, p.221). A identificação de talões punctiformes sugere igualmente o recurso à técnica de talhe por pressão, com recurso a alavanca, não detectado nos conjuntos das primeiras fases. Refira-se também a presença das matérias primas exógenas, que ainda que minoritárias, são indicativas de contactos e de mobilidade (quer seja das matérias primas, como dos produtos transformados). Encontramos esta realidade especialmente patenteada no Moinho de Valadares, Mercador e Monte do Tosco (Moro Barraquero, 2014), bem como nos Perdigões, não só no que toca ao sílex (Mendonça e Carvalho, 2016).

Sublinha-se, como ponto final, que os dados aqui apresentados reflectem os condicionalismos do conjunto, em especial a sua reduzida dimensão. As ideias e pontos de divergência apontados são mais indicativos do que taxativos, contudo reflectem a imagem que as comunidades do 3º milénio nos fizeram chegar nos Perdigões, no que toca aos artefactos líticos que utilizariam e transformariam.

### **5.3. Outros artefactos líticos**

Foram ainda identificados outros artefactos líticos, essencialmente correspondentes a pedra polida e pedra afeiçoada, que se encontram equitativamente distribuídos pelas três fases (anexo 4.28).

Recuperaram-se então cinco percutores, todos eles de quartzito, de forma esférica/quadrangular, e com sinais de percussão, não sendo caso único na região (Soares, 2014; Moro Berraquero, 2014; Boaventura, 2002). Três deles são provenientes da fase 1, um da fossa 45 (fase 2) e o último dos depósitos mais tardios (fase 3).

Na categoria da pedra polida (anexo 4.29) incluímos um exemplar de machado de anfibolito (proveniente da fossa 79, fase 3), que apresenta claros sinais de uso no seu gume, encontrando-se também fracturado no talão. A presença deste artefacto na fase mais tardia, surge associada a outros elementos, como os ídolos (a ser trabalhado no ponto seguinte), podendo sugerir-se a sua inclusão intencional, ilustrando um elemento que terá tido um papel no ritual associado ao enchimento da fossa 79, ou funcionando enquanto peça evocativa de momentos concretos da sua biografia (Appadurai, 1988). A sua representatividade é baixa, quando comparado com outros sítios arqueológicos da região (Soares, 2014, p. 214; Valera e Filipe, 2004; Boaventura, 2002).

Associaram-se ainda a esta categoria três fragmentos de xisto polido (todos da fase 2), dois deles de forma alongada e outro com uma forma aplanada, semelhante a uma placa. A funcionalidade destes elementos em xisto é difícil de apontar, ainda que um dos fragmentos possa representar um possível pendente ou um ídolo de pequenas dimensões, como o identificado no Sepulcro 1 dos Perdigões (Lago, 1998, p.70; Valera *et al.*, 2000, p.100). Não se discerniram gravações em nenhuma das peças.

#### **5.4. Artefactos ideotécnicos, adorno e osso polido**

Este grupo agrega diferentes tipos artefactuais que, pela sua parca expressão no conjunto, não nos forneceriam muitos dados se tratados como categorias independentes e isoladas (anexos 4.30 a 4.32). Todavia, reconhecemos que a ausência é por si um indicador, podendo, entre outros, reflectir processos de “reciclagem” de materiais cronologicamente anteriores, possivelmente incluindo fenómenos de reinterpretação. Posto isto, foram utilizados conceitos que permitiram manter a coesão do conjunto em relação às terminologias utilizadas na região, ainda que a sua utilização e manutenção possa ser questionável – como o caso do termo “ídolos”.

Identificaram-se artefactos enquadráveis nas categorias de adornos (uma conta de pedra verde e um pendente sobre falange de *Bos* sp.), um alfinete/agulha em osso e diversos tipos de fragmentos, associáveis aos artefactos de tipo “ídolos”, contando-se quatro fragmentos de ídolos de cornos, um ídolo cerâmico decorado, um artefacto cerâmico considerado como zoomórfico e ainda um ídolo de calcário.

No caso concreto dos elementos de adorno, os dois artefactos identificados são provenientes de fases distintas, correspondendo a conta à fase 3 e a falange perfurada à fossa 45 (fase 2). A conta de colar é discoide, encontrando-se completa (com um comprimento de 53 mm e uma espessura de 21 mm), com uma perfuração bicónica, realizada sobre pedra verde. Estes artefactos encontram-se bem patenteados nos contextos funerários das cronologias em estudo, como é o caso de ambos os *tholoi* dos Perdigões, a Fossa 16 e o Ambiente 1 (Pereira, 2014), Pedra Branca (Veiga Ferreira, 1975), Olival da Pega 1 e Olival da Pega 2b (Gonçalves, 1999, p.76-96)

e Caladinho (Mataloto e Rocha, 2007, p.111), ainda que raras em contextos não funerários nos Perdígões. Uma situação idêntica foi verificada para os sítios da margem esquerda do Guadiana, como o Moinho de Valadares, Monte do Tosco e Mercador (Valera, 2013, p. 313), bem como Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004, p. 47), não se conhecendo a representatividade destes artefactos no Porto das Carretas. Este panorama parece sustentar e acentuar a escassez destes elementos de adorno fora de contextos funerários, na região. Outro dos pontos a explorar seria a questão da matéria-prima, que nos podia dar indicações sobre contactos, movimentações e trocas, como já foi verificado para os Perdígões (Odriozola *et al.*, 2010a), contudo, uma vez que a peça em estudo não foi submetida a análises químicas, a definição da sua matéria prima é necessariamente mais cuidada, enquadrando-se nas “pedras verdes”.

Para além das características intrínsecas do artefacto, menciona-se a sua proveniência em termos estratigráficos (fase 3). A correspondência entre este e uma das camadas mais recentes em estudo pode ilustrar novamente a raridade destes artefactos fora de contextos funerários, como também reflectir uma possível reutilização deste material, ainda que tenha sido encontrado isolado, desarticulado de associações a outros materiais. Pouco mais podemos avançar sobre esta peça, à qual podemos adicionar uma falange, com uma possível utilização enquanto pendente.

Na falange de *Bos* sp., proveniente da fossa 45 (fase 2), foi identificada uma perfuração com 6,90 mm de diâmetro, transfixando a peça totalmente, na sua extremidade distal. Esta presença aponta, rapidamente, para uma interpretação enquanto pendente, fundamentalmente pelo polimento das arestas das perfurações, contudo esta hipótese tem de ser cuidadosamente pensada, já que pode ser justificada por outros factores. A acção de carnívoros e a perfuração para extracção de medula óssea (Detry, 2007), são igualmente hipóteses, sendo necessários mais estudos faunísticos. A utilização de uma falange de *Bos* sp. é também ela indicativa, se se relacionar este artefacto com as falanges polidas que têm sido recuperadas em diversos contextos dos Perdígões. Neste conjunto de materiais muito concretos, a predominância das espécies utilizadas varia entre equídeos e cervídeos, tendo sido apenas identificado um elemento de falange polida de *Bos* (Valera, 2015d), indiciando uma outra funcionalidade ou valorização das falanges destes animais, contrastando com os significados impregnados nas falanges de cavalos e veados. A nível regional os paralelos são reduzidos, em especial pela falta de publicação de conjuntos, contudo podemos apontar a peça recuperada no Castro de Pragança, também ela caracterizada como pendente/pingente (Salvado, 2004, p. 176). Em suma, os elementos de adorno não nos permitem aceder a muita informação sobre processos de continuidade e ruptura a nível ornamental, devendo-se esta realidade não só ao tipo de contextos em estudo, como também a um comportamento que parece ser regional.

O único artefacto de osso polido identificado conta com uma classificação formal duvidosa, por se encontrar fracturado. É, por isso, difícil entender se representa um furador, uma agulha ou um punção, não sendo possível avançar com hipóteses de utilização. A representatividade deste artefacto não pode ser justificada por questões tafonómicas ou de preservação da matéria orgânica, como se verificou para outros sítios da região (Moinho de Valadares – Valera, 2013, p. 315), considerando-se os grandes conjuntos faunísticos recuperados nos Perdigões (Cabaço, 2009; Costa, 2013). Este fragmento de extremidade distal do osso longo, é proveniente da fase 1, do depósito [361], e conta com uma dimensão de 5,64 cm, apresentando-se queimado. Não foram identificadas marcas de uso, como lascamento ou sinais de pigmentação (Castanheira e Cabaço, no prelo), nem marcas de exposição aos elementos. Podemos, contudo, verificar a técnica produtiva por detrás desta peça, apresentando um polimento longitudinal vertical, contrastando com a extremidade distal, onde se verificou um polimento horizontal. Novamente pesa a questão do reduzido número de trabalhos, ainda que a peça pareça enquadrar-se nas características gerais apresentadas para os artefactos de osso polido, recuperados em contextos neolíticos, no sítio dos Perdigões (Castanheira e Cabaço, no prelo).

O conjunto de fragmentos enquadráveis na categoria de “ídolos” é relativamente maior, quando comparado com os anteriores. Do grego *eidolon* (imagem) e do latim *idōlu-*, o termo “ídolo” pode ser neutralmente empregue, sem que lhe tenha de ser associada directamente uma carga religiosa, sendo sim referente à representação de um símbolo, real ou imaginado, justificando-se a utilização do termo “simbólico”. Outra das terminologias que pode ser associada a estes elementos prende-se com a teoria dos sistemas (artefacto ideotécnico), mais concretamente com o sistema “ideo-technic”, que se relaciona com o sistema “technomic” e “socio-technic” (Binford, 1962, p. 219), sendo estes referentes ao contexto funcional primário para o qual a peça foi criada. Esta questão, ao mesmo tempo que reduz o artefacto, dá-lhe liberdade, possibilitando a combinação das abordagens biográficas já referidas (Appadurai, 1988), que permitem associar aos objectos papéis e funções sociais activas e diversificadas (Valera, 2015d, p. 239), dificultando a tarefa do arqueólogo de compreender o real “valor” (quer seja ele representativo, simbólico ou material) dos artefactos. Estes objectos têm, necessariamente, de ser lidos consoante o contexto onde são recuperados, considerando-se também as suas características intrínsecas, permitindo acede brevemente às comunidades que tentamos compreender (Valera, 2015d, p. 240; Valera, 2010b). Todavia, o conceito de “ideotécnico” mantém uma certa operacionalidade, se utilizado com as devidas ressalvas e o reconhecimento de que, ainda que um objecto tenha uma função, aquando da sua produção, esta pode alterar-se, consoante as manutenções/alterações no campo ideológico e social das comunidades (Valera, 2015a, p. 24).

Posto isto, identificaram-se sete artefactos que podem ser assumidos como ídolos. Quatro destes, correspondem a fragmentos de ídolos de cornos, todos eles da fase 1, seguindo-se um ídolo

zoomórfico, da fossa 45, um ídolo calcário e um ídolo cerâmico com tatuagens faciais, ambos provenientes do *cairn* 1. A nível de fabrico não podem ser separados do restante aparelho cerâmico, com pastas de texturas homogéneas e elementos não plásticos fracos de pequenas dimensões, o que aponta para uma possível produção local, como verificado na Ponta da Azambuja 2 (Rodrigues, 2013) ou São Pedro (Mataloto *et al.*, 2007; Costeira, 2016).

O caso dos ídolos de cornos, ou corniformes, surge como o mais interessante, registando-se três fragmentos de base e um mesial, com arranque de perfuração, não tendo sido identificada decoração em nenhum deles. A interpretação funcional destas peças, assim como a sua nomenclatura, tem vindo a levantar questões, em especial pela aglutinação de artefactos com formas muito diferenciadas, não sendo os “cornos” uma presença constante. As interpretações são assim muito diversificadas, passando pela sua associação tradicional a suportes de lareira (Cardoso, 2003), ou ainda como suportes de recipientes (Valera *et al.*, 2006, p. 294), representações zoomórficas ou antropomórficas (Ribeiro e Sangmeister, 1967; Hurtado, 1984), enquadradas em praticas mágico-simbólicas quotidianas (Rodrigues, 2013, p. 442), sendo de sublinhar que estes surgem preferencialmente fora dos contextos funerários (Costeira, 2016; Rodrigues, 2013, p. 441). Os fragmentos em estudo, pela sua dimensão e estado, não permitem apresentar hipóteses, enquadramentos funcionais ou inferir tendências cronológicas restritas, todavia, a sua concentração na 1ª fase estabelecida aponta para uma utilização destes artefactos numa cronologia mais recuada, dentro da segunda metade do 3º milénio.

O ídolo zoomórfico, proveniente da fossa 45, apresenta os mesmos problemas de definição/função identificados nos ídolos de cornos, sendo este um artefacto mais raro no registo arqueológico nacional, surgindo também ele, tipicamente em contextos não funerários (Valera *et al.*, 2015, p. 19). A principal questão sobre este tipo de artefacto prende-se com o motivo representado, ainda que os paralelos disponíveis sustentem a hipótese de uma representação estilizada de animais, de espécie indeterminada, ou ainda de um híbrido, que resultaria da junção entre características humanas e animais (Valera *et al.*, 2015, p. 22), como recuperado em Vila Nova de São Pedro (Azambuja), num artefacto quadrúpede. As relações Homem-Animal podem ser questionadas através deste artefacto, podendo referir-se o conceito de “permeable personhood” (Fowler, 2004, p. 19) como operativo, mais concretamente “dividual personhood” (Fowler, 2004, p. 20), que define a existência de estados e categorias permeáveis, com processos de transmissão e participação entre corpos e/ou objectos, considerando-se “pessoa” todas as entidades conceptualizadas e tratadas enquanto pessoa, podendo esse estatuto ser um estado temporário. Este reconhecimento permite sustentar uma visão animística do mundo (Harvey, 2004), que pode levar à sobrevalorização de determinadas espécies ou artefactos consoante o seu significado (como as falanges de cervídeos ou equídeos), justificando os diversos tratamentos do corpo animal e dos seus restos (Valera *et al.*, 2015, p. 23), como verificado no enterramento do

canídeo na fossa 45 ou a deposição de restos animais na fossa 79. Assim sendo, o fragmento identificado na fossa 45, pode suportar as questões levantadas, considerando-se a sua proveniência da unidade [282], sob a qual se encontra a deposição do canídeo, ainda que a sua representação seja, novamente, reduzida.

Os fragmentos de ídolos recuperados no conjunto de estruturas sob a denominação de *cairn* 1, apresentam características distintas em relação aos anteriormente apresentados. No caso do ídolo de calcário, o artefacto apresenta uma superfície muito deteriorada, não tendo preservado sinais de decoração, com excepção do que parece ser uma concavidade na sua área distal, podendo sugerir a presença de um olho. A nível formal, mostra uma forma antropomorfizada, com um topo mais estreito e uma base mais larga, que se pode dever à erosão da sua superfície. Na área mesial conta com uma pequena irregularidade, que pode representar ainda uma parte da sua morfologia original. Este tipo de artefactos adquire uma diversidade de formas, essencialmente no Sul da Península Ibérica, onde surgem predominantemente em contextos não funerários, como Paraíso (Mataloto e Costeira, 2008), Salvada (Valera e Pereiro, 2015), Porto Torrão (Arnaud, 1984-88), São Brás (Parreira, 1983) ou Pombal (Boaventura, 2000; 2001), com uma concentração igualmente forte na Península de Lisboa, predominantes em contextos funerários, tais como os *Tholoi* da Praia das Maçãs (Leisner *et al.*, 1969), da Tituaria (Cardoso *et al.*, 1996) ou de Agualva (Leisner e Leisner, 1959) e a anta de Carcavelos (Leisner e Leisner, 1959). A nível geral, a maioria das peças enquadra-se nos ídolos de forma cilíndrica, o que pode ter sido o caso do objecto em estudo. No sítio dos Perdigões, identificaram-se 19 ídolos calcários/marmóreos, com diversas variantes formais (ídolos de tipo tolva e cilindros), encontrando-se exemplares com tatuagens faciais, olhos raiados e cabelos ondulantes (Valera e Evangelista, 2014, p. 288), que sustentam a antropização e possível decoração do ídolo proveniente do *cairn* 1.

Foi também recuperado um ídolo cerâmico, de tendência aparentemente circular, da fossa 79. Este tipo de fragmentos, especialmente quando lisos, têm sido interpretados como representações estilizadas do corpo humano (Cardoso, 2009) ou, numa perspectiva mais funcionalista, como pilões (Pajuelo e López, 2013, p. 512), contudo o fragmento em estudo enquadra-se, claramente, na categoria dos ídolos. Não só afirmamos esta integração pela sugestiva forma, como também pelo contexto onde se localiza (interior de uma fossa com deposições de restos de animais), assim como pela presença de uma série de três linhas em cada um dos lados da peça, sendo este motivo caracterizado como “tatuagens faciais”, sem a presença de olhos. Esta decoração foi também identificada em sítios como São Pedro (Costeira e Mataloto, 2016, p. 73), Mercador (Valera, 2013, p. 306) ou Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004, p. 39), podendo surgir em recipientes ou ídolos de cornos.

A inclusão de ambos os artefactos nos enchimentos da fossa 79, coberta pelo *cairn*, aponta para o que parece ser uma manutenção de uma tradição e ligação ideológica para com estes objectos concretos, contrariando a ideia de uma ruptura no final do 3º milénio (Valera, 2015b, p. 254). Estes artefactos, que aludem à figura, corpo e acções humanas, contam com elementos que podem apresentar-se em conjunto (olhos, sobrancelhas, cabelo, tatuagens...), como podem ser alvo de processos de fragmentação, sendo alguns dos elementos representados individualmente, sem se perder a alusão à mensagem inicial – a da representação da figura humana (Valera e Evangelista, 2014, p. 288-291).

## 5.5. Metalurgia

Procedeu-se à quantificação e classificação genérica dos fragmentos de cobre e associados (cadinhos e algaravizes), ainda que as análises tenham sido muito sumárias e apenas de carácter macroscópico. Identificou-se um total de 47 ocorrências de materiais associados à produção de cobre, distribuindo-se de forma muito irregular pelas três fases. Enquanto que na primeira fase foram apenas identificados cinco elementos (dois fragmentos de minério de cobre, um pingo de fundição, um fragmento de cadinho e um punção), na segunda esse número duplicada (estando presente também escória), sendo na terceira fase que se centraliza 68% do conjunto de materiais (anexo 4.33).

Esta última fase tem-se mostrado muito rica e diversificada a nível material, tendência que se mantém também nos elementos metalúrgicos, identificando-se aqui toda a cadeia transformativa – quatro fragmentos de minério de cobre, dez elementos de escória, 15 restos de fundição (na forma de pingos), um algaraviz e dois artefactos (punções). Estes dados suportam a ideia de uma intensificação nas práticas metalúrgicas no sítio dos Perdígões nas fases mais tardias do Calcolítico, onde se verifica a presença de cerâmica campaniforme (Valera e Basílio, no prelo). A presença destes materiais, em associação a ídolos cerâmicos e calcários, ao machado de pedra polida, a fragmentos de decoração simbólica e Campaniforme, assim como a deposições faseada de restos animais, é sugestiva da existência de associações materiais (Campaniforme, metal e ídolos, principalmente antropomórficos) que podem ter um papel fulcral nos processos transformativos metalúrgicos, ritualizando-se este procedimento através do estabelecimento de “normas”, que pretendem promover e garantir a sua concretização (Valera e Basílio, no prelo). Estas perspectivas, já sugeridas para o conjunto de pesos de tear em estudo, encontram correspondência em contextos de transformação de sal, onde se defende igualmente a existência de rituais normativos nos processos de metamorfose dos materiais (Delibes de Castro *et al.*, 2016).

A baixa representatividade da metalurgia, nos contextos estudados, vai de encontro com uma tendência regional, que se intensifica nas últimas fases do Calcolítico, atestando-se estas afirmações em sítios como o Porto das Carretas (Valério *et al.*, 2007), São Pedro (Mataloto *et al.*,

2007, p. 132), Três Moinhos (Soares, 1992), Castelo Velho de Safara (Soares *et al.*, 2005), como também em sítios de maiores dimensões, como o Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004; Santos *et al.*, 2014, p.76) ou San Blás (Hurtado, 2004, p. 151). Encontram-se sinais indirectos de transformação metalúrgica em Pombal (Boaventura, 2002), sendo necessários mais trabalhos que confirmem estes dados.

## **5.6. Notas finais**

Como apontamentos finais, podemos concluir que o estudo da componente artefactual permitiu enquadrar o presente conjunto de materiais no panorama regional contemporâneo, identificando-se uma tendência geral de continuidade, expressa em todos os artefactos, não só a nível produtivo, como morfológico. Também as associações de materiais enfatizam a manutenção e relação para com materiais, sendo esta transversal à cronologia em estudo. Falamos dos ídolos de cornos, de calcários e o ídolo cerâmico com tatuagens faciais, assim como do machado de pedra polida.

Posto isto, não foram identificados fenómenos de ruptura com as realidades pré-existentes, sendo de sublinhar que as ténues discontinuidades individualizadas se centralizam em torno da última fase estabelecida (fase 3). Estas alterações, confirma-se a nível tecnológico, no caso concreto dos recipientes, podendo esta ser originada por um menor cuidado nos tratamentos das pastas ou ainda uma alteração nas fontes de matéria prima. Ressalta-se também pequenas modificações no caso dos líticos, essencialmente alterações técnicas na exploração dos núcleos. As considerações sobre alterações no conjunto dos materiais líticos são mais difíceis, em muito pela dimensão do conjunto e pela reduzida presença de utensílios, podendo ser lida uma genérica manutenção das características destes artefactos. Também os metais deixam transparecer uma metamorfose a nível da representatividade, que neste caso se materializa num acentuar progressivo na presença destes elementos.

## 6. Rituais, práticas e materiais na cronologia campaniforme nos Perdigões

---

*...identities and memories are not things we think about, but things we think with.*

(Gillis, 1994, p. 7)

O panorama de continuidade que tem vindo a ser enfatizado pelo estudo da componente artefactual tem, necessariamente, de ser enquadrado, contextualizado e confrontado com as práticas identificadas, sugeridas e pensadas para o sítio arqueológico dos Perdigões. Este exercício permite não só consolidar as interpretações avançadas para os contextos e associações materiais, como pode alterar a imagem de manutenção atestada até ao momento, sendo de lembrar que se individualizaram algumas descontinuidades, que se resumem a reajustes técnicos e alterações nas representatividades. Estas podem ser associadas a inovações presentes nos contextos finais dos Perdigões.

De forma a tornar o exercício compatível com os objectivos propostos para o presente trabalho, restringiu-se a análise à cronologia já apresentada, a segunda metade do terceiro milénio a.C., correspondendo ao período de vigência do fenómeno campaniforme no actual território alentejano.

### 6.1. Continuidades

Em primeira análise, é necessário reconhecer um conjunto de práticas que continuam a ocorrer nos Perdigões, sofrendo processos de intensificação na maioria dos casos. Falamos aqui da reutilização de estruturas anteriores, expressa na forma de *recuttings* e do esvaziamento do sepulcro 2 (Valera e Basílio, no prelo; Valera *et al.*, no prelo; Valera *et al.*, 2014c), diversificação das práticas funerárias no interior do recinto, como a deposição de restos humanos cremados no ambiente 1 e na fossa 16 (Valera e Godinho, 2009; Valera *et al.*, 2014), presença de deposições estruturadas de pedras, cerâmica e fauna nos fossos 1, 4 e 7 (Valera *et al.*, 2014b), assim como a construção do fosso 1, com transformações na área da porta (Súarez *et al.*, 2013; Márquez Romero *et al.*, 2013a; Márquez Romero *et al.*, 2013b). Também a intensificação da presença de matérias-primas e materiais exóticos pode ser aqui incluída, em associação ao reforço na produção/presença metalúrgica. Estas manutenções encontram correspondência cronológica com as duas primeiras fases definidas, sublinhando-se que a fase 3 está parcamente caracterizada no que toca a práticas coexistentes, em muito por corresponder ao que se pode afirmar como os momentos mais recentes identificados até ao momento nos Perdigões, que contam com uma vida que se estende até ao início do 2º milénio a.C. (Valera e Basílio, no prelo).

No que toca às reutilizações de estruturas prévias, encontramos dois tipos de exemplos – o esvaziamento parcial do sepulcro 2 e o recurso a *recuttings*. No caso do sepulcro 2, compreendem-se processos de intensificação da utilização, através da deposição de restos

humanos no átrio, que culminam na limpeza parcial da câmara funerária do monumento, que volta a hospedar deposições funerárias secundárias (Valera *et al.*, 2014, p. 23c), alongando o seu período de utilização e criando uma nova fase deposicional. Neste monumento, assim como nas restantes deposições identificadas no recinto dos Perdigões, o indivíduo e as diferenças individuais, que podiam ser visíveis e intransigentes em vida, são diluídas já que os espólios não se encontram associados a indivíduos concretos (Valera e Godinho, 2009, p. 374), apontando-se para o que parece ser uma maior relevância e representatividade da comunidade. Note-se, contudo, que neste monumento foram recuperados elementos tendencialmente enquadráveis no “pacote” campaniforme, como os botões com perfuração em forma de V e fragmentos de objectos em ouro – possíveis diademas e folhas de ornamentação (Soares *et al.*, 2014) – assistindo-se a um processo de segmentação dos materiais inscritos no “pacote” campaniforme (Linden, 2007, p. 348), formando grupos politéticos, como pensado por Clarke (1968). A desarticulação aqui identificada pode não representar uma desconexão dos artefactos com as ideias e significados gerais das associações campaniformes, mas sim um processo de conotação entre o artefacto e as ideias do contexto cultural da sua proveniência original (Kopytoff, 1986: 64). Os artefactos funcionariam assim como entidades representativas e evocativas de outros contextos, sítios, cronologias e até indivíduos (Valera, 2010b, p. 38; Chapman e Gaydarska, 2006: 173-174), fazendo referência ao “pacote” campaniforme original, adquirindo a representatividade de todo o “pacote”, quer este tenha sido desarticulado previamente ou no acto da deposição no sepulcro. Os elementos passariam a ser entendidos como uma unidade própria (McFadyen, 2016), que compila diversas noções, significados e mensagens, adjacentes ao Universo Campaniforme. Estas questões são igualmente aplicáveis para as representações dos motivos decorativos dos ídolos antropomórficos, que podem conter um conjunto de elementos decorativos constante ou apresentar elementos isolados, como as tatuagens faciais do ídolo cerâmico recuperado no *cairn* (Valera, 2015a; Valera, 2015d; Valera e Evangelista, 2014). Observa-se novamente este fenómeno nos conjuntos artefactuais associados a campaniformes lisos ou às sepulturas do “Horizonte de Ferradeira”, observando-se processos de assimilação, transmutação e manuseamento do “pacote”, resultando em realidades locais/regionais, diversificadas e mais complexas (Mataloto, no prelo), contrariando a ideia genérica de um fenómeno europeu associado a um povo de metalurgistas campaniforme (Prieto Martínez e Salanova, 2013; Prieto Martínez e Salanova, 2015).

Posto isto, a fase de reutilização do sepulcro 2, contemporânea da circulação de artefactos associados ao Campaniforme, representa não só a reactivação desta estrutura, enfatizando a importância da mesma nas arquitecturas dos Perdigões, como uma possível correspondência identitária entre as comunidades que visitariam o sítio e o sepulcro cronologicamente prévio. Podemos ainda ressaltar que quando o campaniforme decorado, ou elementos associados, surgem

em contextos funerários no Alentejo, encontram-se associados a monumentos com fases de utilização prévias, como verificado para as Casas do Canal (Leisner e Leisner, 1955) ou Bencafede (Cardoso e Norton 2004), suportando a aparente importância e ligação das comunidades mais tardias com os seus antepassados e a sua paisagem (Lemaire, 1997, p. 12; Bradley, 1998, p. 87), sendo liminar o espaço entre os vivos e os mortos (Meskell, 2007), valorizando-se a Geografia Social (Parker Pearson, 2000). Várias ideias podem ser apontadas para esta recuperação e “reassociação” ao Passado, cruzando questões de legitimação social, política, económica e de ostentação com a valorização de espaços com sinais de ancestralidade (Mataloto, no prelo; Aranda Jiménez *et al.*, 2017, p. 19; Aranda Jiménez, 2014), a amortização desses mesmos espaços (Gibson, 2013, p. 90) ou ainda formas de resistência às alterações (Bueno *et al.*, 2005, p. 70; Aranda Jiménez, 2015, p. 136; Gibson, 2013, p. 102), não existindo evidências taxativas que suportem as cisões entre os diversos grupos populacionais, que originariam o “desenvolvimento de uma nova cosmovisão e ideologia” sustentada pelos vestígios de Passado (Mataloto, no prelo). Pelo contrário, os dados dos Perdígões apontam para uma manutenção e intensificação das práticas numa trajetória social emulativa (Valera e Basílio, no prelo).

Os *recuttings*, que correspondem ao processo de re-escavação de partes de fossos que já se encontravam colmatadas, são uma prática de longa duração, que contribui e enriquece a biografia das estruturas e renova/perlonga a sua utilização e acção. Nos Perdígões, os *recuttings* encontra-se atestados desde o Neolítico final, tendo sido identificados no fosso 11 (Valera *et al.*, no prelo), continuando em cronologias calcolíticas, nos fossos 1, 4 e 7 (Valera e Basílio, no prelo; Valera *et al.*, no prelo). Esta prática não deve ser confundida com acções de limpeza ou reabertura total dos fossos, uma vez que não elimina totalmente, na maior parte dos casos, os enchimentos das estruturas anteriores, sendo possível identifica-las em apenas algumas secções dos fossos, não podendo ser extrapolada para todo o percurso das estruturas.

O fosso 1, representa uma arquitectura amplamente conhecida e utilizada ao longo da vida dos Perdígões, correspondendo a um dos maiores fossos, sobrepondo-se ao fosso neolítico 11 (Valera *et al.*, 2014b, p. 24). A sua construção remonta aos início da segunda metade do 3º milénio, sendo por isso o último a ser aberto, segundo o conhecimento actual (Márquez Romero *et al.*, 2013, p. 20; Márquez Romero *et al.*, 2011). No acto da sua escavação verifica-se o respeito pela tendência concêntrica do sítio dos Perdígões, mantendo-se inclusivamente as preocupações astronómicas, expressas nas portas, voltando a enfatizar-se a importância da paisagem a Este (Valera, 2008b; 2015b). Também as pré-existências, nomeadamente os monumentos de tipo *tholoi*, são incluídos no interior do recinto desenhado por este fosso, excluindo-se intencionalmente o cromeleque. Foram identificadas duas fases no enchimento do fosso, sendo que a primeira conta com níveis de formação hídrica, intercalados por níveis de formação antrópica, com pequenas fossas no seu interior (Márquez Romero *et al.*, 2013b, p. 20), enquanto

que o segundo evidencia processos de enchimento rápidos, muito diferenciados em relação à primeira fase, formando uma camada arqueológica de grande potência, na qual foi recuperado um extenso conjunto de materiais arqueológicos associados a blocos pétreos. A esta sequência pode ainda ser adicionada uma fossa de grandes dimensões, que corta os níveis do enchimento do topo do fosso, constituindo um *recutting* posteriormente preenchido com uma deposição estruturada de restos faunísticos e cerâmicos, aos quais se associavam pedras de média a grande dimensão (Márquez Romero *et al.*, 2013b, p. 22; Márquez Romero *et al.*, 2011)

No exterior do fosso identificou-se uma estrutura semicircular, denominada como *ímbrice*, (Súarez *et al.*, 2013, p. 282), que, em associação aos dois segmentos de fossos, formam uma barreira física de acesso à entrada formada pelos fossos 1 e 2, não tendo sido reconhecidos vestígios de paliçada directamente associada ao fosso 1 (Márquez Romero *et al.*, 2013b, p. 22; Márquez Romero *et al.*, 2013a, p. 67-70). O *ímbrice* foi caracterizado como correspondendo a uma paliçada, e os troços de fossos como parte de uma entrada de tipo “pinças de caranguejo”, também identifica noutros sítios arqueológicos peninsulares e europeus (Márquez y Jiménez 2010). Ainda assim, e observando-se que ambos os segmentos de fosso posteriores à paliçada na entrada dos Perdigões se encontram parcamente caracterizados, outra hipótese interpretativa foi avançada, podendo representar igualmente paliçadas (Márquez Romero *et al.*, 2013a, p. 22; Márquez Romero *et al.*, 2013b, p. 70). Realça-se a importância dos caminhos de acesso ao interior de recintos (quer sejam eles murados ou de fossos). Estes trajectos limitam e padronizam, em simultâneo, a experiência dos visitantes ao entrarem no recinto, condicionando a percepção da paisagem e das arquitecturas existentes. Um dos melhores exemplos identificados até ao momento é o do recinto cerimonial da Fraga da Pena onde o caminho de acesso ao recinto é condicionado não só pelo afloramento granítico, como por arquitecturas adicionadas com o intuito de prescrever as experiências e sensações prévia à entrada no recinto (Valera, 2007, p. 447-448; Valera, no prelo), tendo sido recuperado um grande número de recipientes campaniformes ao longo deste mesmo caminho (Valera, 2007; Valera, no prelo). Também no recinto de Xancra se verifica a mesma realidade, com um condicionamento físico semelhante ao dos Perdigões, com a presença de um semicírculo na entrada do segundo recinto (Valera e Becker, 2011, p. 27).

Retornando aos Perdigões, estas alterações, no caso do *recutting* claramente posterior à colmatação do fosso 1, ilustram processos arquitectónicos cumulativos de redefinição dos acessos ao interior do recinto, gerando uma imagem final de contemporaneidade que ainda se encontra relativamente mal conhecida. Não deixa de ser importante sublinhar que o ritmo construtivo e, por inerência, de práticas, é muito intenso nas fases que antecedem o que parece ser o final da ocupação dos Perdigões, verificando-se processos de transformação e construção de novas realidades, até ao final do 3º milénio a.C. e no início do segundo, contrariando o que tem vindo a ser verificado nos sítios de habitat da região (Valera, 2013; Soares, 2013; Mataloto *et al.*, 2007).

Uma das práticas com mais visibilidade na segunda metade do terceiro milénio, no recinto dos Perdigões, é a deposição de restos humanos, quer sejam eles em forma de deposição secundária (como vimos para o sepulcro 2), deposição de restos cremados (no ambiente 1 e fossa 16), ou ainda representados por elementos anatómicos isolados recuperados nos enchimentos dos fossos. Estas práticas encontram-se particularmente visíveis na área central dos Perdigões, nos já referidos Ambiente 1 e fossa 16 (Valera *et al.*, 2014b) e nos fossos 3, 4 e 7 (Valera *et al.*, 2014b), encontrando-se associados a deposições de elementos pétreos, cerâmicas e faunas, como também verificado no caso do Fosso 1, sem presença de restos humanos (Márquez Romero *et al.*, 2013b, p. 22; Márquez Romero *et al.*, 2011).

O conceito de deposição estruturada é um dos principais conceitos que acompanha o conjunto de práticas na segunda metade do 3º milénio nos Perdigões. Este pode ser empregue nas deposições de pedras identificadas no interior dos fossos 1, 4 e 7, assim como no interior da fossa 45, na forma do enterramento do canídeo, no interior da fossa 79, que é coberta pelo *cairn*, e no pavimento, estes da fase mais recente identificada até ao momento no sítio dos Perdigões. Ainda assim, o termo “deposição estruturada/ritual/intencional/simbólica” tem vindo a sofrer algumas divergências conceptuais desde a sua génese, muito ligada com a noção de ritual, sendo também aplicado no sentido literal como caracterizador de depósitos, existindo a necessidade de proceder a uma simbiose entre o contexto específico em estudo, os artefactos recuperados e os respectivos atributos (Garrow, 2012, p. 106).

Sistematizado por Collin Richard e Julian Thomas, em 1984, o conceito foi associado à relação entre a esfera das actividades rituais, normalmente empregue para definir tudo o que não se enquadra em explicações mais utilitárias (Richard e Thomas, 1984, p. 189; Hill, 2000; Valera, 2006, p. 160), e a deposição de diversas componentes da cultura material, tornando o ritual arqueologicamente inferível (Richard e Thomas, 1984, p. 215). A própria noção de ritual é apresentada e extrapolada para o registo arqueológico, sendo esta associada a uma grande formalidade/normativa, que é expectável de identificar, na forma de padrões deposicionais com grandes níveis de estruturação no registo (Richard e Thomas, 1984, p. 189; Thomas, 2009, p. 2). As deposições são relacionadas com reconstruções simbólicas cíclicas do mundo (Eliade, 1999), podendo associar-se à deposição de materiais valorados, uma prática ritual comum nas sociedades pré-históricas (Richard e Thomas, 1984, p. 214).

Todavia, o conceito original, que tem sido extrapolado acriticamente, tem vindo a sofrer alterações que se prendem com as questões temporais, contextuais e da relação entre o simbólico e o doméstico (Garrow, 2012). No caso da cronologia, os intervalos do radiocarbono tornam contemporâneos episódios deposicionais que não o seriam, mesclando um conjunto de práticas e de contextos, que apresentam comportamentos e ritmos diferentes. No entanto, a principal questão

que se levanta, inclusive no presente trabalho, prende-se com os processos de diferenciação entre o simbólico e o “doméstico”, sendo por isso necessário considerar-se a existência de *Odd deposits* (depósitos cuja formação e encenação permitem inferir a passagem de uma mensagem ou um significado adjacente) e *Material culture patterning* (depósitos caracterizados por grande diversidade e variabilidade, que podem reflectir formações significantes ritualizadas ou não ritualizadas) (Garrow, 2012, p. 94 e 105). Ambos os depósitos podem ser alvo de processo de ritualização, explanando uma acção orquestrada e planeada para distinguir e privilegiar depósitos em relação a outros (Bell, 1992, p.74), podendo a prática de deposição ser assumida como uma prática por si só, originadora de arquitecturas, como as fossas (Thomas, 1991). Ainda assim, as discussões actuais refocaram-se na crescente valorização do doméstico e do quotidiano, sugerindo-se que as deposições estruturadas podem inclusivamente ser o reflexo de práticas do “dia-a-dia” (Garrow, 2012, p. 110), gerando práticas ritualizadas nas quais o quotidiano não tem uma qualidade “profana”, à parte do simbólico, encontrando-se imbuído de ritualidade (Whittle, 1996; 2003; Bradley, 1998; Eliade, 1999; Valera *et al.*, 2010; Stratouli, 2005), existindo a necessidade de reconfirmar e repensar os contextos identificados nos grandes recintos, cujas leituras já se encontram condicionadas pelas arquitecturas, pela paisagem e pelas práticas (Garrow, 2012, p.103). Tem sido igualmente levantada a questão do significado dos diferentes materiais depositados em relação com a relevância da área onde ocorre a deposição (Garrow, 2012, p. 107).

Note-se, no entanto, que o Homem nem sempre actua em estados de atenção explícita e calculada, agindo repetitivamente sem deliberação, reflexão e ponderação, podendo manter a repetição de padrões e esquemas no acto da deposição, não sendo estes livres das influências culturais herdadas, ou seja, das tradições e das memórias (Thomas, 2012, p. 126; Bradley, 1998, p. 89; Connerton, 1989), o que não significa que se mantenham estanque e iguais (Bradley, 1998, p. 89). Nestas sociedades nada é totalmente novo, sendo as práticas essencialmente prescritas (Bradley, 1998, p. 90), ainda que contenham componentes performativas (com uma estabilidade muito volátil), que definem à partida a maneira das pessoas agirem e interagirem (Sahlins, 1985, p. 28), projectando a ordem pré-existente em processos de execução e repetição (Eliade, 1999; Sahlins, 1985, p. 12), que pode ser exacerbada nas trajectórias sociais (Bloch, 1985, p. 35-36).

A trajectória social destas comunidades é, desde o Neolítico, uma trajectória na qual se verifica uma crescente complexidade social, que se baseia e renova na quantidade de população existente, nas práticas diárias necessárias à sua manutenção (como a agricultura) e nos sítios agregadores, pujados de arquitecturas de grandes dimensões, que requerem um trabalho claramente comunitário (Valera, 2014b, p. 312). Nestes sítios encontra-se materializada a procura por matérias e materiais exóticos, que originam o desenvolvimento de redes de trocas e de contactos a longa distância, intrincando-se e relacionando-se com outras redes europeias, nas

quais circulam bens, mas também inovações tecnológicas e elementos iconográficos (Valera, 2014b).

Em suma, podemos concluir que, tal como verificado para o Campaniforme (ponto 2), podemos falar do “fenómeno das deposições estruturadas”, essencialmente caracterizado por variedade, originando uma multiplicidade de associações, interpretações, significados e contextos, enfatizando-se a necessidade de uma observação contextual e cronológica, avançando-se considerações com aplicabilidade exclusiva para os contextos trabalhados. Ainda assim não podemos deixar de referir que tratamos aqui de práticas sociais, onde o papel da agência e da intencionalidade tem de ser considerado (Hodder e Hutson, 2003), ainda que exista espaço para a arbitrariedade e para o não intencional, como menciona Thomas (2012, p. 127). Volta a surgir a questão da compartimentação do pensamento e do registo para abordar e justificar a realidade arqueológica (Vignaux, 1999), impregnado de dualismos, oposições e confrontações, reconhecendo que a segmentação actualmente aplicada não reflecte o pensamento e a organização das comunidades em estudo, uma vez que os mundos do simbólico e do “mundano” tendem a intrinca-se entre si e a coexistir (Bradley, 2005).

O caso do “pavimento” é de difícil interpretação, sendo este enquadrado na categoria de *Material culture patterning*. Uma deposição de grandes dimensões que conta com três momentos diferenciáveis, onde novas cerâmicas, faunas e pedras eram cuidadosamente colocadas, sendo clara a intencionalidade por detrás destas deposições. Todos os elementos foram conjugados, com o intuito de não deixar praticamente espaço entre si, em todas as fases de deposição, assemelhando-se ao aparelhamento tipicamente identificado num pavimento – esta nomenclatura foi associada a esta deposição com o intuito de facilitar a sua identificação, não devendo ser extrapoladas considerações funcionais do termo empregue. Para esta deposição em concreto não nos é possível avançar com funcionalidades específicas, já que esta podia apresentar relações com os níveis superiores revolidos pela surriba. Como tal, é necessário pensar cuidadosamente a sua classificação enquanto deposição estruturada, já que podemos estar perante a utilização de cerâmicas e outros materiais numa estrutura não preservada. Ainda assim, a relação espacial desta deposição, com a lareira [418] e o *cairn*, deixa vislumbrar a presença de diferentes práticas deposicionais, que ocorrem dentro da mesma cronologia radiocarbónica, podendo ser ainda avançada uma relação entre as práticas e os rituais aqui identificados.

Nesta mesma linha podemos inserir o conjunto de estruturas denominados sobre o termo *cairn*. No caso da fossa 77, identificou-se a deposição faseada de pedras de média/grande dimensão, à semelhança do identificado no interior dos fossos (Valera *et al.*, 2014b), com presença muito reduzida de materiais arqueológicos. Todavia, a fossa que nos aproxima mais das práticas e das comunidades que experienciaram o sítio dos Perdigões é a fossa 79. No interior

desta estrutura, como explanado no ponto 3, foram identificados três momentos sucessivos de deposição de faunas, onde os animais selvagens são predominantes, com um destaque dominador para o veado. Encontram-se representadas as partes anatómicas com maior aptidão para a alimentação (partes com mais carne do animal, como o esqueleto axial e apendicular), tendo sido as faunas recuperadas expostas ao fogo, a temperaturas quase impercetíveis nos elementos osteológicos, indiciando a sua manipulação, possivelmente em actos de preparação de refeições, quer recorram às técnicas da cozedura ou à grelha (Anexo 8). A nível de conservação destas faunas, o período entre o manuseamento/consumo e a deposição foi curto (Anexo 8), não sendo identificados sinais de exposição aos elementos erosivos, indo ao encontro do verificado no acto de escavação, patenteado na ausência de depósitos intermédios entre as três fases de deposição, no interior da fossa. Esta deposição anómala de um grande conjunto de restos faunísticos, recobertos por uma estrutura pétreia com algum investimento, sugeriu, desde cedo, a presença de rituais de comensalidade e festins, que os dados resultantes do estudo arqueozoológico parecem reforçar.

Os rituais de comensalidade/ festins, que podem ser definidos como uma prática ou um ritual que se centraliza em torno do consumo e partilha de alimentos e bebida para além das necessidades diárias (Dietler, 2011; Dietler e Hayden, 2001; Gamble, 2017, p. 17; Thomas, 2012, p. 6), são realidades relativamente comuns em contextos pré-históricos e etnoarqueológicos (Mauss, 2015; Dietler, 1990, 1999, 2011; Benz e Wächtler, 2006; Goldstein, 2003; Benz e Gramsch 2006; Müller 2006; Ralph 2005; Wright 2004), agindo principalmente em situações relacionadas com as esferas sociais, políticas, económicas, relacionais e ideológicas das comunidades em estudo, com um papel igualmente importante no reforço e estabelecimento de uma memória social partilhada (Tallentire, 2001, p. 199), extravasando o “simples” acto de comer. Os alimentos e a bebida têm um papel especial nas questões simbólicas e rituais (Pearson, 2003), uma vez que para além de serem parte da cultura material, que é produzida exclusivamente para a sua incorporação, ao ser consumida (Dietler, 2001, 2005, 2011), representam também um meio de expressão (que podem ser entendidos como símbolos e mensagens) utilizado em actividades repetidas, instintivas na biologia humana, gerando práticas rotineiras (Bourdieu, 1990), como a produção agrícola e o acto de cozinhar (Barker, 1985; Bradley, 2003). São elementos precívalis, o que encurta a sua circulação, e ao serem consumidos desaparecem fisicamente, sendo por isso elementos extremamente valorizáveis, possivelmente mais do que outros bens externos, já que não podem ser reutilizados, “reinvestidos” ou exibidos (Dietler, 2011). Como tal, a fronteira entre o doméstico e o ritual é de difícil constatação, encontrando-se o acto de comer (ou o jejum) e produzir alimentos, muito próximo das questões políticas e económicas destas sociedades (Goody, 1982; Sahlins, 1972).

Estas práticas e cerimónias, ainda que tenham um forte cunho simbólico e representativo, podem não ser muito elaboradas a nível de materiais e encenação, contudo não deixam de apresentar relações estreitas entre a hospitalidade de quem organiza e a dívida do convidado (Mauss, 2015), contando sempre com alguns níveis de competição social, poder e estatuto (Dietler, 2011; Albarella e Serjeantson, 2002; Twiss, 2012). As implicações sociais podem ser subtis e limitadas, afectando o possível status relativos dos indivíduos e das comunidades participantes. No entanto, estas considerações são difíceis de inferir a partir do registo arqueológico, já que as evidências são, na grande maioria dos sítios, contextos e cronologias, parcas, limitando as reflexões e a assertividade das hipóteses apontadas – não podem ser reconhecidas as diferenças na distribuição espacial dos participantes, a ordem no consumo, o tipo e quantidade de comida a que cada grupo tem acesso, as diferentes expressões corporais no acto de comer ou ainda possíveis diferenciações de género. Soma-se a variabilidade ilimitada desta forma concreta de cultura material, que conta com diferentes combinações a nível de ingredientes, preparação, modos de servir e consumir (Dietler, 2011), o que pode justificar a reduzida identificação deste tipo de práticas na área em estudo. A grande diversidade por detrás das cerimónias de comensalidade ou dos festins enfatiza o simbolismo comunitário da comida, assim como o papel individual dos agentes e de possíveis “especialistas”, contribuindo e sendo socialmente activa na criação, afirmação e distinção identitária entre os diversos grupos, como podemos constatar contemporaneamente no nosso território. As questões da política económica estão igualmente adjacentes a estas celebrações, encontrando-se materializadas na criação e sedimentação de relações de amizade e solidariedade intergrupar e links entre grupos destacados, fomentando o estabelecimento de um ambiente social favorável a trocas de bens, resolução de disputas, ostentação de diferente grupos e manutenção de coesão social e das relações entre as diferentes identidades de cada comunidade (Dietler, 1999; 2011; Bell, 1997; Twiss, 2012), tendo também um forte papel na manutenção e manipulação das ideologias. Em suma, as práticas de comensalidade e de festins materializam e formam um meio aparentemente “neutral” (aos olhos dos participantes) de resolução de conflitos e diferenças numa mesma região, semeando e fortalecendo os laços e as organizações existentes, ou estabelecendo metáforas para a fertilidade e o *continuum* da vida humana (Eliade, 1999). Não apagam, contudo, a individualidade e a identidade comunitária, fomentando em simultâneo, processos de troca e de circulação (Dietler, 2015; Bradley, 2003, p. 20), criando dependência e obrigatoriedade, funcionando sob um mesmo sistema de crenças partilhado (Dietler, 2015). São então criadas barreiras sociais, ao mesmo tempo que se cria e fortalece a noção e o sentimento de comunidade, mesmo que os rituais e as cerimónias possam não ter sido fruídos por todas as comunidades ou partes das comunidades, remetendo-se ao papel de espectadores (Bradley, 2003, p. 8).

O caso da fossa 79, uma fossa com deposições ritualizadas (um conceito flexível que permite agrupar o conjunto de práticas que compõem a biografia desta estrutura - Bradley, 2003, p. 20), faz levantar todas estas questões, ainda que pouco possa ser confirmado. Se considerarmos o que tem vindo a ser apontado para o recinto dos Perdígões (Valera, 2015b; 2016; no prelo; Valera e Basílio, no prelo), a presença de sinais de práticas de comensalidade e de festins (que podem ser igualmente sugeridas para as deposições no interior dos vários fossos e fossas) vem corroborar as ideias já apresentadas, correspondendo a mais um elemento que enfatiza os processos de gestão identitária (Garrido Pena *et al.*, 2011). Sendo assim, estamos perante a abertura de uma fossa na área central de uma depressão (também ela escavada), na qual foram depositados elementos faunísticos do que parecem ser restos de um ritual de comensalidade/festim – afastando-se da esfera “doméstica”. Estas considerações encontram-se sustentadas pelos elementos descritos anteriormente, podendo ser avançadas práticas prévias aos ritos de comensalidade, práticas de competição, como as actividades cinegéticas, onde a dança e a música (artes performativas) podem ser também incluídas (Gamble, 2017, p. 17; Thomas, 2012, p. 8), prévias ao festim, ou também a preferência ou prescrição no consumo de determinados tipos de alimentos reservados a ocasiões específicas. A deposição faseada, mas ainda assim rápida destes elementos (pela ausência de sinais de erosão) e a existência de uma sucessão de acções, sugere a presença de um guião que reflecte a padronização e a regularização de práticas (Bloch, 1989; Rappaport, 1999; Bradley, 2003; Fraser e Bradley, 2011, p. 39-42; Gamble, 2017, p. 17) - abertura da depressão e da fossa, enchimento e posterior colmatação dessa mesma estrutura, encerramento recorrendo a um *cairn* de pedras – sendo de evidenciar a presença de anomalias semelhantes ao *cairn* na geofísica disponível para os Perdígões, analogamente na área central do recinto. Também a componente artefactual associada à deposição dos elementos faunísticos é sugestiva da valorização impregnada no conjunto de estruturas denominadas como *cairn*. Os ídolos (cerâmico e de calcário), o machado de pedra polida e as cerâmicas com decoração campaniforme e simbólica vêm acentuar a manutenção da correspondência representativa e ideológica para com estes objectos, servindo também como elementos de aproximação às práticas preexistentes, que seriam certamente visíveis e conhecidas das comunidades, considerando-se a relativamente curta distância temporal entre si e perduráveis no “tempo social” (Bradley, 1998a, p. 87; Thomas, 2012, p. 8).

Pode falar-se também da atribuição da função de lixeira a este conjunto de estruturas, contudo, as características previamente elencadas e os materiais associados às deposições, permitem afastar a hipótese de estarmos perante uma simples acção de descarte ou uma lixeira. Esta é ainda mais alienada quando se soma o papel de encerramento/perpetuação inerente ao ligeiramente monumental *cairn* de pedras. A própria implantação, na área central do recinto dos

Perdigões, surge como indicativa, já que nesta área em concreto é possível observar a ocorrência de uma grande panóplia de prática e tradições.

O recurso à construção de estruturas não funerárias de tipo *cairn* na transição entre o Calcolítico e a Idade do Bronze, no sul de Portugal, é extremamente raro (não o sendo exclusivamente nesta cronologia), contudo esta estrutura é incluída nas continuidades dos Perdigões por se relacionar com práticas que já ocorriam previamente, sendo aqui associadas a uma nova arquitectura. O *cairn* dos Perdigões é então uma estrutura singular, que ilustra, em primeira instância, evidências de práticas que não podem ser o mero reflexo de subsistência, bem como processos graduais de alteração nas comunidades que o ergueram (Bradley, 1998a, p. 86). É-o não só pela arquitectura que apresenta, mas também pelas práticas que nele estão inscritas, reflectindo o sistema ideológico e organizativos da audiência para a qual era destinado, com uma relação íntima com a paisagem construída e natural envolventes. Esta estrutura, como referido anteriormente, é uma das mais recentes identificadas até ao momento nos Perdigões, limitando a visibilidade de um conjunto mais amplo de práticas contemporâneas (como é o caso do fosso 1, o “pavimento” e a lareira [418]), possivelmente por se encontrarem remobilizadas e afectadas, devido à surribo.

Esta “aglomerado” pétreo apresenta, como previamente referido, uma forte ligação com a deposição dos restos faunísticos no interior da fossa 79, sendo uma das características que a distancia de outras deposições no interior de fossas, uma vez que ilustra um processo duplo de valorização e perpetuação espacial e simbólica da fossa e das práticas a ela associadas (sendo o próprio *cairn* mais uma etapa no encadeamento de práticas), encerrando as realidades anteriores. A memória humana é socialmente constituída (Connerton, 1989), sendo pontilhada e mapeada por lembranças de sucessos e falhas que ocorreram, correspondendo a um registo duradouro das vidas prévias (Ingold, 1993, p. 152-153; Knapp e Ashmore, 1999, p. 13; Gamble, 2017, p. 1), fomentando a imaginação e a percepção/entendimento do eu (Barash, 2016, p. 12; Connerton, 1989). A memória social é talhada por factores cumulativos, relacionados com as esferas económicas, sociais e políticas (Climo e Cattell, 2002; Tallentire, 2001), podendo ser revisitada, reinterpretada, negociada, comemorada e modificada em eventos públicos, congregações e práticas diárias (Bourdieu, 1977), fortalecendo as relações sociais (Meskell, 2007, p. 224; Barash, 2016, p. 13), assim como a ligação com os antepassados (Meskell, 2003; Yoffee, 2007; Liesau *et al.*, 2014), com a paisagem e com as diferentes identidades existentes (Gamble e Wilken, 2008). Existe a necessidade de proceder à mediação entre as experiências individuais de cada elemento e a memória histórica da comunidade (Tallentire, 2001, p. 199), criando coerência identitária através de comemorações (como os festins).

O *cairn* é então uma estrutura, cuja construção é inseparável do motivo pelo qual foi perpetuado, sendo parte integrante da cultura material das lembranças. Materializa *inscribed practices*, que deixam traços duradouros, contendo igualmente elementos de *incorporated practices*, na forma dos artefactos (ídolos, machado, Campaniforme e cerâmica simbólica) ou até numa forma animística (Tallentire, 2001, p. 202), que se tornam na essência e na ligação ao que tem de ser lembrado (Rowlands, 1993, p. 144-146). Funciona ainda como elemento “público” que influencia a estabilidade (Bradley, 1998a, p. 90) e a experiência dos visitantes (a paisagem e a mobilidade no sítio), pela sua localização na área central de um recinto onde confluem diferentes comunidades (Valera *et al.*, 2014c).

Um “sítio persistente” (Kidder e Sherwood, 2016; Thompson, 2010), com ocupação ao longo de um amplo espaço de tempo. Este tipo de sítios proeminentes, sendo este o caso dos Perdigões, vai ganhar destaque na paisagem, sendo originado pela soma das construções e práticas realizadas no local, que reflectem a organização social (Gamble, 2017, p. 20) e cosmológica/cosmográfica vigente, numa simbiose entre o material, imaterial, vida e morte, estimulando processos de construção de ordem social através de festins, manipulação e convivência com os mortos, alianças e trocas (Hayden, 2009; Pearson, 2000; Gamble, 2017, p. 21). O *cairn* passaria assim a materializar e a incorporar as práticas que se enquadrariam num passado mítico, que ainda que possa ter sido pensado por possíveis grupos ou indivíduos destacados, depende totalmente da validação da comunidade (Thomas, 2012, p. 127; Gamble, 2017, p. 21; Tallentire, 2001, p. 201; Butters *et al.*, 1996, p. 4), originado narrativas partilhadas sobre o passado da comunidade e dos seus antepassados (Tallentire, 2001, p. 198). Estas estórias são essenciais para a identidade e coesão desses mesmo grupos, sendo uma ferramenta potencial para processos de resistência e sobrevivência de comunidades em stress (Tallentire, 2001, p. 205; Thomas, 2012, p. 5). Pode ter sido considerado monumental, pela importância que a comunidade lhe parece ter associado (Osborne, 2014, p. 4), contando com uma agência própria capaz de influenciar e moldar os pensamentos, as crenças e as acções (Hoskins, 2006) de quem entrava em contacto com ele. É a parte final de uma sucessão orquestrada de práticas, culminando no encerrar das estruturas utilizadas em momentos imediatamente prévios (visível na ausência de sinais de erosão nas superfícies das cerâmicas da [429]), mas com a função indiscutível de manter socialmente activas as práticas, fazendo-as perdurar visivelmente no espaço e “metafisicamente” na memória destas comunidades – tornando-se um sítio de memória (Tallentire, 2001, p. 202) - que partilhavam conceitos, símbolos, narrativas e guiões, não absorvendo e diluindo a identidade própria de cada grupo.

O processo de diluição, antagonicamente ao que se avança para as comunidades, pode ser observado na cerâmica campaniforme. A inclusão deste elemento, ilustra processos adaptativos a novas realidades e a novas introduções, cuja funcionalidade/intencionalidade pode pender entre

duas hipóteses. A primeira, prende-se com a inclusão destes fragmentos decorados no seguimento da inclusão dos restantes fragmentos cerâmicos, podendo estes ter sido utilizados durante o festim ou celebração, terminando a sua biografia no interior da fossa. No entanto, nenhum dos recipientes identificados na fossa se encontrava completo, podendo representar inclusões não intencionais (elementos que já se encontravam nas terras utilizadas no enchimento da fossa), ou materializar processos de fragmentação intencional (como indicado para a fracturação do “pacote” campaniforme acima, e para as taças carenadas, no ponto 5). A segunda hipótese encontra-se relacionada com a memória social incorporada nos artefactos, com o poder evocativo associado, e com processos de reinterpretação e reactivação de artefactos anteriores (Thomas, 2012, p. 8), como parece ser o caso dos ídolos, da cerâmica com decoração simbólica e do machado de pedra polida no interior da fossa. Estes artefactos funcionariam como elementos que propiciam o despoletar de memórias e aproximam o momento presente ao passado, sendo importante ressaltar que os fragmentos ostentavam uma decoração de tipo Campaniforme Internacional, que os pode ligar a redes mais amplas de trocas e de identidades. Esta recuperação e legitimação, recorrendo a artefactos anteriores, ou contemporâneos, mas que já não se encontram em circulação, enfatiza por um lado, a presença de redes de troca e de relação a uma ampla escala (Linden, 2013), mas também uma tentativa de correspondência identitária, como identificado no caso do sepulcro 2, no que se pode assumir como a fase final de uma trajetória social que se vem prolongando desde o início do 3º milénio a.C., senão antes (Valera *et al.*, no prelo).

Nesta mesma linha se pode inserir a intensificação da presença e utilização de materiais exóticos, como o marfim, mármore, âmbar, cinábrio, alguns artefactos em sílex, cerâmica, calcário, variscite e conchas de moluscos. Estas matérias e materiais contam com uma intensificação na sua utilização no intervalo temporal aqui em estudo, não sendo corroborada taxativamente a iconoclastia que tem vindo a ser apontada para o último quartel do 3º milénio (Valera, 2014b, p. 306). No entanto, como temos vindo a sublinhar ao longo do presente capítulo, estes artefactos podem representar elementos evocativos da memória das práticas anteriores e dos antepassados (Müller, 2007), sendo que o panorama geral de redução e descontinuidade das representações iconográficas não deve ser alterado. A nível de áreas de influência, podemos indicar evidências de contactos com as áreas com as áreas circundantes aos Perdígões, materializadas nos bivalves de água doce (Valera e André, 2016/2017) e também em algumas cerâmicas (Dias *et al.*, 2017; Dias *et al.*; 2007), como também com a área da Península de Lisboa (ídolo de calcário), encontrando-se igualmente atestados contactos com a região estuarina do Sado e área costeira Oeste (Valera e André, 2016/2017), o que pode justificar a presença de um fragmento Campaniforme com decoração pontilhada geométrica e até com decoração de tipo Internacional e ilustrar contactos com o que parece ser a área de influência do sítio do Porto Torrão. Esta realidade mostra que as comunidades se encontrariam inseridas e estabelecidas em

redes de contacto amplas, o que enfatiza a importância de sítios como os Perdigões, na mediação e redistribuição destes materiais e das ideias e práticas a eles associados, sendo sítios de confluência de comunidades que podem não pertencer exclusivamente à região de influência destes locais de encontro e reunião. Estas questões têm vindo a ser corroboradas pelos estudos isotópicos de restos osteológicos, que sugerem altos níveis de mobilidade humana e animal nos indivíduos que terminam o seu ciclo de vida nos Perdigões (Zalaite, 2016).

A metalurgia apresenta-se também como uma prática que vem em continuidade, como sublinhado no ponto 5. Porém sofre um processo de intensificação, surgindo inclusivamente numa nova matéria-prima – ouro -, não se verificando grandes alterações no tipo de artefactos produzidos, podendo destacar-se os punções, as facas, as pontas de tipo Palmela e o punhal de lingueta (Valera, 2014b; Valera e Basílio, no prelo). Esta realidade, assim como a introdução de novas matérias primas, surge como resposta a uma demanda/necessidade crescente das comunidades, ilustrando igualmente o estabelecimento de contactos e de passagem de informação, expressos na presença de novas matérias-primas.

## **6.2. Descontinuidades? Alterações e novidades**

*Descobrir na análise do pequeno momento singular, o cristal do acontecimento total.*

(Benjamin, 1989, p. 12)

Muitas das principais alterações e novidades que surgem na segunda metade do 3º milénio a.C. foram já referidas, em muito porque estas “novidades” são reinterpretadas e diluídas em práticas pré-existentes. São exemplos disso a metalurgia, que ainda que evidencie sinais de novos contactos, conhecimentos e relações, mantém as mesmas características gerais, contando com um incremento na representatividade (como atestado no conjunto estudado). Também a nível das arquitecturas existem novidades, que se afastam totalmente do que se realizava previamente – já foi mencionado o caso do fosso 1, contudo a presença de um *cairn* é um ponto de divergência em relação às técnicas e soluções prévias, ainda que as ideias adjacentes à sua construção apontem para uma inscrição e perduração dos paradigmas e ideologias prévias.

Neste ponto da arquitectura falamos essencialmente da presença de uma cabana com paramento em pedra, que era coberta pelos depósitos mais recentes aqui em estudo – [415] e [444=531] – apresentando uma cronologia contemporânea dos depósitos que cobrem a cabana 1 (Valera e Basílio, no prelo), com uma solução arquitectónica totalmente distinta, inserindo-se na fase 1 estabelecida no presente trabalho (início da segunda metade do 3º milénio). Este tipo de estruturas surge em fases de reocupação de sítios previamente abandonados na região, como Porto das Carretas (Soares, 2013); Monte do Tosco, Miguens 3 (Valera, 2013) e São Pedro (Mataloto *et al.*, 2007), associando-se a cerâmica campaniforme a estas novas arquitecturas, sendo a única excepção o caso da estrutura dos Perdigões, cujo interior se encontra praticamente vazio. Estas

cabanas, mas que já foram associadas a torres ou associações de torres como avançado para o caso do Porto das Carretas, contam com uma proliferação que ilustra a partilha de uma ideologia e a presença de contactos entre as várias comunidades, realidade que já tinha sido identificada previamente (Soares, 2013; Valera, 2013), encontrando-se relacionado com presença e disseminação da cerâmica campaniforme. As construções surgem após fases do que parece ser abandono dos sítios, ao contrário do que acontece nos Perdigões, o que não significa que os sítios não tivessem uma função na ampla rede de povoamento regional, sendo este assunto explorado no capítulo seguinte.

Outra das práticas que tem surgido igualmente associada às cronologias mais recentes dentro do 3º milénio a.C., é a deposição de canídeos, também identificado no sítio do Porto Torrão (Santos *et al.*, 2014, p. 81), ainda que esta actividade se encontre atestada desde o Mesolítico a nível europeu (Larsson, 1990; Arbogast *et al.*, 2005; Petersson, 2007; Valera *et al.*, 2010). A deposição deste canídeo é, no entanto, uma novidade no contexto dos Perdigões, encontrando-se ainda em estudo, não podendo ser avançadas considerações sobre possíveis sinais de sacrifício ou as condições aquando da deposição. No caso da deposição do cão no interior da fossa 45, podemos considerar que estamos perante uma *odd deposition* (Garrow, 2012), associada a alguns blocos pétreos, mas não a restos osteológicos humanos, onde foi possível atestar processos de remobilização e recolocação da cabeça do animal, o que exclui arqueologicamente a hipótese de descarte (hipótese que o remetia à condição de lixo), enfatizando-se o cuidado e o respeito perante o animal (Jesus, 2016 p. 24; Thomas, 2012, p. 5; Hill, 1996; Hill, 2013; Valera *et al.*, 2010). Também a hipótese de consumo pode ser afastada (Valera *et al.*, 2010, p. 14), considerando-se o estado aparentemente articulado do animal, com a única excepção para a cabeça, sendo estas deposições (onde o animal foi intencionalmente depositado sozinho) associadas ao enterramento simbólico dos seus donos desaparecidos (Larsson, 1990), à morte do animal em expedições de caça ou rebanhos (Valera *et al.*, 2010), ou ainda como elemento fundacionais de estruturas, como verificado para o Polideportivo de Martos (Valera *et al.*, 2010). Este tipo de deposições não é raro em cronologias campaniformes e em recintos de/com fossos ou estruturas negativas (Valera *et al.*, 2010), sendo que a mesma situação pode ser apontada para a deposição dos três canídeos do Porto Torrão (Santos *et al.*, 2014, p. 81), ainda que os autores considerem as deposições “pré-campaniformes” porque foi recuperado um fragmento campaniforme no depósito acima das deposições (Santos *et al.*, 2014, p. 81). A questão da relação Homem-Animal é extremamente complexa (Márquez Romero, 2006; Valera, 2008b; Valera *et al.*, 2010; Olsen, 2000), podendo apontar-se um destaque que parece distinguir os canídeos (Louwe Kooijmans, 2001, p. 5; Jesus, 2016, p. 17), possivelmente baseado em pressupostos animistas, xamanistas e totémicos (Ingold, 2000; Castro, 1998), diferenciando-se dos restantes animais domésticos (Valera *et al.*, 2010). Esta

relação pode encontrar justificação na domesticação prévia em relação às restantes espécies (Larson *et al.*, 2012; Jesus, 2016, p. 12).

Também a própria cerâmica campaniforme corresponde a um elemento novo no registo arqueológico, em termos formais e em termos decorativos, uma vez que a nível tecnológico (o tratamento das pastas e a técnica decorativa) as técnicas já seriam conhecidas destas comunidades. No nosso entender a principal valorização a dar, e possivelmente dada pelas comunidades do Passado, ao Campaniforme passa principalmente pela mensagem que tem inscrito e subjacente a todas as componentes artefactuais do “pacote”, mas com especial destaque para as práticas que parece trazer consigo, devido aos contactos de ampla escala, mas também pelos processos identitários e de ponderação, negociação e reinterpretção que deixa compreender. Estas “etapas” estão adjacentes aos processos de rejeição e aceitação de novidades, neste caso do “pacote” campaniforme, num sentido mais lato.

Os processos de aceitação/rejeição de inovações, relacionam-se essencialmente com os canais de comunicação existentes, que neste caso se materializam em redes de trocas e de contactos, assim como com a agência dos indivíduos e o papel dos agentes de mudança (Rogers, 1983, p. 167). São processos que requerem tempo, uma vez que implicam a existência de fases de conhecimento, persuasão, decisão, implementação e confirmação, encontrando-se estas impregnadas de questões que justificam a fragmentação do que inicialmente pode ter chegado como pacote, ou já como ideias dispersas e reinterpretadas. Um dos principais e determinantes factores decisórios passa pela existência de uma sociedade predisposta a inovações e a alterações nas suas diversas esferas (social, económico, simbólica...), que tenha acesso às redes de conhecimento e que consiga realizar o exercício de ponderação e compreensão sobre a funcionalidade, funcionamento, aplicabilidade e vantagens/desvantagens perante a inovação. Todavia, há que reconhecer que as comunidades e grupos aqui em estudo ganham percepção e conhecimento da inovação, mais concretamente do “pacote” campaniforme, através da exposição destas, a factores e influências externas. Inconscientemente as comunidades evitam o conflito, recorrendo a processos instintivos de selecção expositiva e percepção selectiva (Rogers, 1983, p.164), ou seja, só visitam e procuram realidades minimamente semelhantes e concordantes com as crenças e atitudes pré-existentes. O sentimento e reconhecimento de necessidade (insatisfação e frustração em relação ao seu presente) pode não ter justificação aparente, mas pode igualmente ser inculcado nas comunidades, sendo o resultado de uma exposição a agentes que tomaram conhecimento, ou aderiram, aos novos preceitos campaniformes.

Os agentes de mudança são os elementos que contam com acesso a mais conhecimento e exposição às redes de contacto, podendo ser representados por elementos com mais destaque e participação social (Rogers, 1983, p. 169), considerando-se que grupos com mais de 100

elementos contam já com indivíduos com intenção clara de diferenciação (Hayden, 1995). Estes teriam um papel central na fase de persuasão, aquando da tentativa de indução e necessidade de uma atitude de mudança (Rogers, 1983), numa fase em que já existia uma opinião generalizada sobre o Campaniforme, conhecendo-se e difundindo-se as suas principais características. Estes procedimentos de “propaganda” teriam certamente lugar nos sítios de confluência, como o caso dos Perdigões, podendo ser uma das práticas associada, por exemplo, aos atestados rituais de comensalidade. Neste processo de indução verifica-se a existência de um intervalo temporal no qual se realizam experimentações, sobrepondo-se à fase de decisão sobre a implementação ou adesão às ideologias, práticas e materialidades campaniformes. Estes testes às práticas, preceitos e materiais campaniformes podem ser o principal justificador para os reduzidos conjuntos cerâmicos campaniformes no território em estudo, isto é assumir que existe uma fragmentação de um conjunto de práticas e materiais, que podem ter sido apresentados como um todo já reinterpretado (pelo esmagador domínio do Ciempozuelos), mas que ao serem pensados e negociados contam com diferentes níveis de adesão e correspondência no registo arqueológico estudado. Simplificando, é reconhecer que o Campaniforme (leia-se cerâmica e principalmente decoração) pode ter sido dos elementos menos adotados do Campaniforme (entenda-se “pacote” e cronologia). Esta ideia pode encontrar sustento não só no reduzido número de recipientes decorados, mas também na localização destes recipientes, exterior a monumentos funerários, contrastando com outros elementos associados ao “pacote” campaniforme (como o armamento e os utensílios em metal), que nesta região surgem em monumentos funerários, associados ao “Horizonte de Ferradeira”. Noutras áreas europeias (García Pucho *et al.*, 2013; Garrido Pena, 2007; Gibson, 2014; Linden, 2004), os recipientes decorados e o metal, tendem a surgir agrupados, em monumentos funerários, com ritos que valorizam a individualização e a preservação do corpo dos indivíduos, verificando-se um cenário misto nos monumentos onde a cerâmica decorada surge na actual área do Alentejo, devido essencialmente a processos de remeximento que afectaram as deposições de cronologia campaniforme. Verifica-se esta realidade, impossibilidade de aferir se existem processos de individualização, para o caso do Cardim 6 (Valera *et al.*, 2014a), Pedra Branca (Ferreira *et al.*, 1975), Anta de Enxacafres (Evangelista *et al.*, 2016), sendo as únicas excepções as individualizações da Quinta do Castelo 1 (Valera *et al.*, 2016) e das Casas do Canal (Leisner e Leisner, 1955). Note-se também que um recipiente campaniforme, ou mesmo fragmentos de recipientes com decoração campaniforme, podem circular durante várias gerações (Thomas, 2012, p. 10), sendo necessário considerar que não conhecemos todos os contornos da biografia destes artefactos em concreto.

Falta mencionar que a decisão de implementação de uma inovação, como o Campaniforme, pode não ser decisiva nem perene, podendo verificar-se processos de adesão e adaptação precoces, o que pode justificar a distribuição estilística que esta cerâmica apresenta no

Alentejo, como também processos de descontinuação ou adopção tardia (Rogers, 1983, p. 175), que podem ser precedidos de reinvenções e reinterpretação. Estas possibilitam a implementação de ideias genericamente semelhantes às originais, mas que vão mais ao encontro, e são empregues, nas ideologias e nas sociedades da região em estudo. Este processo está totalmente materializado na presença dos estilos regionais campaniformes, como é o tipo Palmela (Soares e Silva, 1974-77) e o Ciempozuelos (Harrison, 1977), ainda que possa existir a necessidade de confirmações e revalidações das decisões e caminhos escolhidos por estes grupos (Rogers, 1983, p. 179).

Reconhecemos que as considerações e ideias aqui apontadas são meramente especulativas, considerando-se que o registo e conhecimento sobre os Perdígões aumenta todos os anos, contudo, até ao momento, parece ser uma opção viável para justificar a reduzida expressão deste estilo decorativo e morfológico no recinto, no qual parece terem confluído um grande número de comunidades, não alterando a importância das práticas, ritos e materiais associados a este fenómeno. Novamente se sublinha que a importância deste “novo ambiente cultural”, que pontilha a Europa, estaria na mensagem que tem implícita, que é posteriormente fragmentada e mesclada com as ideologias e organizações locais, processos dependentes da aprovação e aceitação das comunidades, mas possivelmente motivados e a cargos de elementos mais destacados, como por exemplo “estrangeiros” (no sentido de Simmel, 1990, p. 53-54).

Não pretendemos falar de sociedades hierarquizadas, uma vez que consideramos ser redutor da real complexidade e variabilidade destas comunidades (Valera, 2015a, p. 8) e dos seus processos de gestão, decisórios e de negociação. Acreditamos igualmente que é limitador, desviando e pré-estabelecendo as observações e o discurso do investigador. Como tal, ainda que não seja este o tema central do presente trabalho, consideramos que estamos perante sociedades transiguitárias (Hayden, 1995; Clark e Blake, 1989), servindo para comunidades que já não podem ser consideradas iguitárias, mas que ainda não apresentam níveis de estratificação política, onde se incluíam as chefaturas, muitas vezes apontadas a estas comunidades (Soares, 2013, p. 47). Independentemente dos termos aplicados e pensados para estas comunidades, é indispensável sublinhar a necessidade da existência de figuras ou conjuntos de figuras, mas não instituições (Valera, 2015a), que coordenassem e dirigissem não só as reuniões, rituais e festividades, como mediassem as relações entre os diferentes grupos e a construção e desenvolvimento de estruturas, permitindo uma fluidez e uma trajectória minimamente coesa dentro de uma mesma região – esta liderança pode não ser necessariamente permanente, o que aproximaria estas comunidades das chefaturas incipientes (Soares, 2013), podendo ilustrar processos de valorização das capacidades intrínsecas de cada indivíduo, sendo-lhe atribuído destaque de forma temporária (Johnson, 2009; Basílio e Texugo, no prelo).

### 6.3. Panorama geral – continuidade, descontinuidade ou ambos?

Em suma, quer os rituais de comensalidade, como a utilização e definição da memória social aqui apresentados, vêm enfatizar a volatilidade da componente ideológica destas comunidades, que se encontra constantemente em negociação, discussão, reinterpretção e materialização. Estas práticas, às quais se podem associar as deposições estruturadas, as deposições funerárias, a orientação astronómica, a presença de materiais exóticos e a construção e alteração de arquitecturas, ilustram o que parece ser uma trajectória social comunitária, que originou processos de ostentação e competição entre os diferentes grupos, que se encontram na génese da realização de obras arquitectónicas (por serem as que melhor se conservaram) de uma excessiva magnitude, sem funcionalidade aparente, como o caso do recinto da Salvada e do Monte das Cabeceiras 2 (Valera e Pereiro, 2013), sendo que esta realidade terá igual impacto nas práticas menos visíveis, mas ainda assim com alguma expressão nos espólios e estruturas funerárias (Gilman, 2013, p. 15; Valera, 2015b; Valera, 2010a; 2010b; Valera e Godinho, 2010).

Nos Perdígões, esta trajectória de complexidade esta matizada pela continuidade verificada nos materiais estudados e nas práticas sistematizadas, ainda que o sítio pareça sofrer um abrandamento na transição para a Idade do Bronze (Valera e Basílio, no prelo), podendo esta questão ser o reflexo da biografia recente do sítio. Todavia, certo é que os Perdígões apresentam todas as evidências para a sua caracterização enquanto um sítio persistente e proeminente, com óbvia relação com a paisagem e região imediata, perdurando a nível de práticas e materiais ao longo de toda a segunda metade do 3º milénio a.C. Esta realidade só parece sofrer uma alteração profunda já no 2º milénio a.C., sendo este o cenário que os dados dos Perdígões parecem desenhar, ainda que se note um abrandamento nas interacções transregionais, possivelmente como reflexo de problemas demográficos, que vêm justificar as alterações drásticas no modo de vida e no sistema ontológico e cosmológico das comunidades (Valera, 2014b). Esta ruptura mantém-se até quase à Idade do Bronze Final, ainda que a individualização da morte se registe desde o início do 2º milénio a.C., onde muitas das ideias europeias associadas ao “pacote” campaniforme parecem ser resgatadas – o destaque da figura do guerreiro, o armamento, a individualização e valorização do corpo e da morte, as diferenciações de género, entre outras (Senna-Martinez, 2009).

O Campaniforme, como enfatizado ao longo do presente capítulo, é nos Perdígões uma existência que aponta para alterações e contactos, mas que essencialmente não apresenta influência sobre as práticas e rituais que já se realizariam no sítio dos Perdígões, nem na expressão material das comunidades que visitariam e utilizariam os Perdígões. É então um elemento que é adicionado aos discursos e mitos cosmológicos e ideológicos pré-existentes, com um papel em actividades rituais, como verificado no *cairn*, sendo intencionalmente excluído dos ambientes funerários no interior do sítio e também dos contextos regionais. Esta questão aponta para uma fragmentação do “pacote” campaniforme, onde se incluí a ideologia, ritualidade, tecnologia e a

materialização desses preceitos que, ainda que com algumas e frágeis evidências de partilha com outras paragens europeias, reflectem taxativamente os enquadramentos, limitações, organizações e orientações existentes – com uma clara diluição destes materiais, mas com algumas aceitações e permissões na aplicabilidade e repetição de práticas com alguma monumentalidade, que surgem no que parece ser a última fase de vida dos Perdigões.

## 7. Dinâmicas e ritmos regionais na cronologia campaniforme: o entorno dos Perdigões

---

*... tendemos a esquecer o que caracteriza um sítio “vivo”: a dinâmica.*

(Valera, 2003, p. 143)

A principal questão que se impõe, após se atestar que a continuidade identificada nos materiais (capítulo 5) encontra correspondência a nível das práticas identificadas no recinto dos Perdigões (capítulo 6), prende-se com a realidade que se verifica no entorno do sítio e na região do Vale da Ribeira do Álamo e áreas envolventes. Isto é, será que a continuidade é uma característica dos sítios desta região, na cronologia de vigência do fenómeno campaniforme (segunda metade do 3º milénio a.C.), ou o panorama geral é diferente do apontado para os Perdigões? A resposta é dúbia e de difícil justificação, havendo a necessidade de proceder a uma leitura ligeiramente recuada - em relação ao intervalo cronológico definido - e individualizada do que se pode caracterizar como povoados, e igualmente dos monumentos/estruturas funerárias, sendo posteriormente agrupados numa análise da paisagem humana, como um todo.

No caso dos monumentos e estruturas funerárias, já foram apontadas várias ideias, no ponto prévio, sobre as questões da associação de enterramentos de cronologias campaniformes a monumentos anteriores, assim como sobre a questão da individualização progressiva na morte (uma das práticas novas que surge nesta fase). Como tal, é desnecessário voltar a enfatizá-las neste ponto, sendo somente de reter que as reocupações podem encontrar sustento em processos de legitimação identitária através da associação aos antepassados. Ainda assim, é indispensável mencionar um rito que permite ilustrar e enfatizar o surgimento de novas práticas, ainda que não se localize na área de estudo. É este o caso da Bela Vista 5 (Mombeja, Beja) que, ao corresponder a um enterramento feminino associado a materiais de tipo Ferradeira (Castanheira, 2014, p. 59), materializa a prática da individualização funerária e de remobilização e remontagem do esqueleto (Cunha, 2014, p. 38). Esta deposição sofre ainda processos de adição (ou contemporaneidade) de construções de tipo fosso, que formam dois recintos em torno da fossa (Valera, 2014a, p. 34), podendo estes funcionar enquanto recuperadores de organizações simbólicas, que legitimam possíveis mudanças em curso. Mencionamos aqui esta realidade servindo não só para enfatizar a presença de novas práticas funerárias e, como tal, de descontinuidades e inovações, como também para chamar a atenção de que podemos ainda não conhecer toda a diversidade e variabilidade dos processos e ritos funerários destas comunidades. Tal como avançado para os rituais de comensalidade, também o processo funerário contaria com um encadeamento e sucessão de práticas, podendo algumas delas não deixar evidências no registo arqueológico dos sítios.

## **7.1. Fundações, sítios e actos de “abandono”**

Ainda que os contextos funerários permitam confirmar a existência de alterações em curso, os principais sinais encontram-se em sítios de habitat, como o Porto das Carretas, São Pedro, Miguens 3, Monte do Tosco 1, Mercador e também o Monte Novo dos Albardeiros, ainda que mais exemplos pudessem ser mencionados, não o sendo pela disparidade e mingues de informações caracterizadoras a nível cronológico, arquitectónico e de faseamento.

A estes locais e às respectivas evidências de mudança/alteração, têm sido associados modelos interpretativos que incorporam processos de ruptura social e ideológica (Soares, 2013; Mataloto *et al.*, 2015), encontrando-se estes processos associado à cerâmica campaniforme, considerando-se que esta surge nas novas fases construtivas dos sítios de habitat aqui mencionados, sendo, por sua vez, desconhecida nas primeiras ocupações. Também são conjugados os dados funerários, que sugerem uma progressiva individualização dos ritos e dos indivíduos, como se verifica nos casos da Quinta do Castelo 1 (Valera *et al.*, 2016) e das Casas do Canal (Leisner e Leisner, 1955), servindo como suporte para a validação do surgimento de elites governantes (Soares, 2013).

No entanto, volta-se a enfatizar, que os sítios de habitat deixam claramente transparecer a existência e sobreposição de duas fases de ocupação, sendo separadas entre si por níveis de aparente abandono.

### **7.1.1. Fundações e sítios**

Mesmo que a fundação e estabelecimento dos sítios de habitat (primeiras fases de ocupação) não seja totalmente correspondente com o intervalo cronológico e com os objectivos do presente trabalho, é, no nosso entender, necessário compreender a biografia total destes locais, o que nos permite apreender, com maior solidez, a importância que estes sítios teriam tido para as comunidades em estudo.

As primeiras fases, ou seja, as suas fundações, são determinadas pela variabilidade e diversidade, quer seja a nível tipológico, de duração, de função, ... (Valera, 2006, p. 157), ainda que contem com alguns pontos de convergência. Um desses pontos é a cronologia das suas construções, que, ainda que varie entre os finais do 4º milénio a.C. para o sítio de São Pedro (Mataloto *et al.*, 2015, p. 82) e Moinho de Valadares (Valera, 2013, p. 38), o 1º quartel do 3º milénio a.C. para o Porto das Carretas (Soares, 2013, p. 142) e Mercador (Valera, 2013, p. 59), ou ainda meados do 3º milénio a.C. para o sítio do Monte do Tosco 1 (Valera, 2013, p. 86), ilustra uma aparente contemporaneidade entre estes.

A própria implantação espacial destes locais é também importante, verificando-se processos de selecção criteriosa do espaço a residir, estando ausentes sinais de ocupações prévias (Valera, 2006, p. 139), mas onde as pré-existências, essencialmente as físicas, podem justificar a

intencionalidade e parte dos objectivos por detrás da implantação destes sítios arqueológicos. Posto isto, podemos considerar que o estabelecimento deste sítios se relaciona com a proximidade de cursos de água (como no caso do Porto das Carretas, Monte do Tosco e Moinho de Valadares), neste caso o Guadiana e subsidiários, permitindo não só o usufruto dessa proximidade em termos de recursos disponíveis (como solos com aptidão agrícola, recursos aquáticos, entre outros), como também proceder ao controlo desta importante via de comunicação e da mobilidade a ela inerente, de um ponto de vista meramente funcionalista. Esta questão é verificada no Porto das Carretas (Soares, 2013, p. 349), podendo ainda identificar-se sítios com algum destaque na paisagem (Monte do Tosco 1), possivelmente associados a questões de visibilidade (Valera, 2006, p. 140).

Esta partilha de características, é ainda enfatizada quando se compreendem relações entreajuda e interdependência entre os sítios, como Mercador-Porto das Carretas (Valera, 2006, p. 141), ou ainda possíveis relações/paisagens artísticas, como sugerido entre Julioa 4/Luz 20 e Moinho de Valadares (Valera, 2013, p. 397), o que vem sustentar a existência de uma rede de povoamento, com núcleos mais pequenos, também denominada como “territórios de extensão média” (Valera, 2006, p. 179). Uma rede que se complementa e relaciona na exploração da paisagem, a nível de recursos, mas também a nível ideológico e funerário (Valera, 2006; Valera, 2013), existindo centros de confluência e reunião, onde se procederia à gestão e coesão da paisagem e das identidades. É exemplo disso o caso dos Perdigões, ainda que não se apliquem as relações entre o centro e a periferia, típicas dos modelos circulares centrípetos (Tchernov, 1992), já que este sítio se localiza na extremidade Noroeste da bacia da Ribeira do Vale do Álamo, e não na área central da paisagem.

É ainda de destacar que o retorno posterior a estes locais, já no que se considera como as segundas fases destes sítios, teria certamente intuídos diferenciados, em relação aos que motivaram a sua fundação, ainda que estes factores pudessem ser também eles valorizados nos actos de retorno.

Posteriormente, estes habitats sofrem processos de abrandamento nas dinâmicas de ocupação internas, que têm vindo a ser interpretados, como previamente elencado, como sinais de ruptura/abandonos. Estas evidências são posteriormente extrapoladas linearmente e pensadas acriticamente para toda a extensão dos sítios arqueológicos, não se reconhecendo que estes são uma realidade dinâmica, parte de uma rede e de um território articulado (Valera, 2006, p. 163), nos quais encontramos cristalizada uma imagem cumulativa de histórias e arquitecturas, sendo muito difícil individualizar arqueologicamente um único momento ou uma única intenção e significado. Estas evidências têm sido o principal argumento para a sustentação de teorias que preconizam a “desestruturação do paradigma humano vigente no Calcolítico” (Mataloto *et al.*, 2015, p. 95) ou “uma ruptura em termos de organização social e de regime de propriedade”

(Soares, 2013, p. 408; Silva *et al.*, 1993), sendo justificadas pela associação e introdução dos ritos e materiais campaniformes. No entanto, identificam-se igualmente modelos mais deterministas, que relacionam o abandono e “ruptura” dos sítios de habitat, com o esgotamento dos recursos existentes (Gonçalves, 1988/1989).

É por considerarmos que os sítios são uma realidade dinâmica com uma forte agência nas comunidades que não avançamos imediatamente com o termo “ruptura”, que nos poderia induzir numa interpretação demasiado intuitiva e demasiado imbuída e viciada pelos conceitos operativos contemporâneos (Valera, 2003, p.128). Cremos também que as evidências de interrupção estão visíveis, mas não o estão necessariamente de forma integral e uniforme em toda a área dos sítios arqueológicos, ou seja, nem todas as estruturas, áreas de actividade e zonas do sítio têm de ser abandonadas em simultâneo, podendo existir descentralizações ou processos de processos de crescimento, diminuição e abrandamento a nível social, simbólico e construtivo, numa alusão à variabilidade inerente à espécie humana. Pode-se adicionar a existência de abandonos enquanto movimentos estratégicos, em linha com a rede de povoamento existente, mantendo-se os sítios como parte integrante da rede, adaptando-se a novas funções, significados e representatividades (Valera, 2006, p.164; Valera, 2013, p. 419; Valera, 2003, p. 130).

### **7.1.2. Actos de “abandono”**

O abandono pode adquirir várias formas, durações, expressões materiais e intenções, existindo a necessidade de ser reconhecido como um fenómeno não relacionado, no caso aqui empregue, com fenómenos de colapso ou mudanças estruturais (Valera, 2003, p. 131). Adquire, no nosso entender, características de pluralidade de processos, ritmos e significados, que se matizam em abandonos planeados de curta duração ou definitivos, onde existe, ou não, intenção de retornar ao espaço abandonado.

O abandono encontra-se presente nos sítios arqueológicos, mas manifestar-se-ia igualmente nos indivíduos e comunidades, assim como na paisagem, sendo uma parte constituinte da relação entre o Homem e o espaço (Valera, 2003, p. 130) e da definição identitária das comunidades (Paul-Lévy e Segaud, 1983, p. 28 *apud* Silvano, 2010, p. 71). Dependeria totalmente das intenções, deliberações e negociações dos grupos, tendo efeito na organização social (Valera, 2003, p. 132), podendo sobrelevar-se diferenciações de género, idade, saúde e estatuto no acesso à mobilidade, associada aos processos de abandono (Rémy e Voyé, 1994, p. 74-75 *apud* Silvano, 2010, p. 61-62). Estes podem relacionar-se com colapsos ou esgotamentos – inerentes a catástrofes naturais ou antrópicas (Valera, 2003, p. 132), sendo este o caso do sítio do Porto das Carretas que, devido a um incêndio generalizado, foi abandonado, identificando-se muitos materiais *in situ* (Soares, 2013, p. 348). Pode também ser parte organizacional das redes de povoamento, como sublinhado anteriormente, ou ainda materializar fenómenos de resistência

contra um ambiente social em stress (Lillios, 1991, p. 105), desempenhando um papel activo na mobilidade e na negociação social (Valera, 2003, p. 130).

A negociação e a necessidade vão definir se os abandonos são finais ou transitórios, apresentando um impacto na organização simbólica da paisagem, que parece, no Calcolítico, contar com novos níveis de territorialidade. Esta territorialidade manifesta-se no estabelecimento de redes de povoamento qualitativamente hierarquizadas e funcionalizadas (Valera, 2000), mas preserva a percepção de que o espaço é moldável e adaptável pelo Homem (Valera, 2003, p. 136). Os sítios mantêm um papel activo na organização da paisagem e na memória dos que os fruíram, ainda que abandonados, podendo sofrer reinterpretações ao longo do tempo (Valera, 2003, p. 138), ilustrando reorganizações cognitivas do espaço (Valera, 2003, p. 140). Estes poderiam ser alvo de revisitações ou destruições simbólicas (Valera, 2003, p. 140), que pretendiam estabelecer ligações com os antepassados, o que pode justificar a presença de enterramentos e deposições funerárias no interior destes sítios de habitat, como se verifica no caso do Moinho de Valadares (Valera, 2013, p. 47) ou no Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves e Sousa, 2000, p. 86), numa fase já enquadrável na Idade do Bronze. Os sítios serviriam também como fontes de matérias-primas, contando igualmente com agência nos processos de diferenciação entre indivíduos ou grupos, estabelecendo de interdições e restrições, generalizadas ou particularizadas, com marcas ténues no registo arqueológico.

É detectável esta relação de dependência simbólica entre grandes recintos e povoados, não só na raridade de elementos ideotécnicos nos habitats, mas também nos espólios comuns (realizados em matérias-primas exóticas ou inclusive o próprio Campaniforme). A ausência de contextos funerários associados aos sítios de habitat, pode também contribuir para esta relação, contrastando com os recintos, onde se identificaram vários contextos funerários, como os Perdigões (Valera e Godinho, 2009), Porto Torrão (Valera *et al.*, 2014a), La Pijotilla (Hurtado *et al.*, 2000) ou San Blas (Hurtado, 2004a; 2004b), podendo estes incluir indivíduos dos sítios de habitat periféricos às áreas de influência correspondentes a cada recinto (Valera, 2003, p. 137).

Em suma, os processos de abandono e de pertença a uma rede de povoamento comum, podem ser associados aos casos de habitats como o Porto das Carretas, São Pedro, Mercador, Monte do Tosco, Miguens 3 e possivelmente Monte Novo dos Albardeiros, podendo avançar-se com uma interpretação que considere a existência de um “abandono” relacionável com questões de gestão populacional e mobilidade social (total ou parcial), dentro de um mesmo território e paisagem coesos (com excepção do caso Porto das Carretas, abandonado devido a um incêndio intencional ou acidental). Podemos ainda observar que os “abandonos” se relacionam com possíveis alterações nas organizações internas, que são imperceptíveis no registo arqueológico e nos intervalos cronológicos existentes, considerando-se igualmente a existência de revisitações,

até à posterior reocupação. A esta questão podemos ainda adicionar a ausência de sinais de abandonos inesperados, assim como ausência de indicadores de violência nesta região e, em geral, no Sul da Península (Kunst, 2000, p. 135), que dão mais solidez as indicações de um abandono em continuidade com os simbolismos e organizações prévias.

## **7.2. As reocupações e as arquitecturas**

Estes sítios mantêm a sua importância ao longo do tempo e são ferramentas utilizadas na conceptualização da paisagem e do espaço (Valera, 2006, p. 167), podendo inclusivamente funcionar como marcos de territórios (Thomas, 2012, p. 5). Como tal, é relativamente fácil compreender as segundas fases existentes nos povoados supracitados (anexo 7.1 e 7.3), uma vez que a correspondência social para com eles se terá, possivelmente, mantido. Estes sítios mantêm uma conexão entre si, expressa num conjunto de características partilhadas, tais como o surgimento de inovações tecnológicas (metalurgia) e novos padrões estilísticos/decorativos, presentes numa nova morfologia cerâmica (Campaniforme), ambos associados a soluções e técnicas arquitectónicas diferenciadas em relação à primeira metade do 3º milénio a.C. Também as práticas podem ser partilhadas, contudo estas não são claras, nem se encontram muito visíveis no registo arqueológico dos habitats.

### **7.2.1. Cabanas/torres – modelos e interpretações**

As novas soluções e técnicas arquitectónicas, como brevemente mencionado no ponto anterior, correspondem a estruturas de tipo cabana ou “torre” (Soares, 2013; Mataloto *et al.*, 2015), que se desenvolvem sobre as ruínas das primeiras fases de ocupação calcolítica destes povoados. Verifica-se, então, um novo método construtivo minimamente comum entre estes locais, valorando-se a utilização de elementos pétreos na base das estruturas, com a realização de paramentos, possivelmente em argila. A nível funcional, estas cabanas/torres permitem, primariamente, levantar a questão da sua denominação, compreendendo-se que os dados existentes ilustram uma grande diversidade de materiais e práticas no seu interior (Soares, 2013; Valera, 2013; Mataloto *et al.*, 2015), não nos sendo possível associar uma clara intencionalidade defensiva à sua construção. Como tal, parece-nos mais ajustada a utilização do termo cabanas.

Estas podem ter sido compreendidas como parte de um fenómeno comum, ainda que o problema não seja totalmente linear, devido à diversidade de soluções aplicadas nas construções. Também a nível organizativo conseguimos identificar variabilidade, com algumas destas estruturas a serem compartimentadas por construções de tipo muro, criando espaços separados, como em Miguens 3 (Calado, 2002) ou no Porto das Carretas. Neste último exemplo, questiona-se a existência de uma única estrutura com diferentes hierarquias ou a posterior união entre estruturas independentes (Soares, 2013). É também de mencionar a variabilidade numérica e de dimensão destas construções (cujo diâmetro mais reduzido ronda os 3,5m), uma vez que em sítios

como os Perdigões apenas uma estrutura foi identificada, com sinais de um esvaziamento e abandono total/intencional, enquanto que em sítios como o Porto das Carretas esta situação não se atesta, com um número mínimo de cinco estruturas circulares (Soares, 2013).

Como tal, a noção generalizada de uma fase partilhada por estes diversos sítios pode, em certa medida, ser aceite, ainda que se tenha de reconhecer e individualizar a variedade identificada em cada uma destas estruturas e destes sítios arqueológicos. Ainda assim, é preservada a circularidade nestas construções, que se manifesta igualmente em outras estruturas contemporâneas, como se pode atestar no recinto dos Perdigões, com a construção do Fosso 1, assim como na esmagadora maioria das estruturas de cronologia calcolítica (Valera, 2006, p. 169). A implantação e inerente valorização da área central dos sítios arqueológicos é também uma característica partilhada (Valera, 2013; Soares, 2013; Mataloto *et al.*, 2015). No que toca às práticas associadas a estas cabanas, a variedade que as caracteriza é, aqui, novamente atestada, identificando-se ainda o caso da estrutura dos Perdigões, que foi alvo de processos de limpeza e abandono integral.

As estruturas de tipo cabana, podem ainda ser, no nosso ponto de vista, uma possível representação e projecção da circularidade dos recintos de fossos e da própria ciclicidade do cosmos (Valera, 2008b, p. 116). Contando com uma agência e importância própria do seu simbolismo, estas noções seriam transpostas para os antigos sítios de habitat, podendo funcionar como estruturas, também elas agregadoras de um possível povoamento menos atestável arqueologicamente (Mataloto *et al.*, 2015, p. 86). Nestas estruturas, as práticas podiam assemelhar-se parcialmente com as praticadas nos Perdigões, o que torna compreensível a presença e concentração da cerâmica campaniforme no seu interior, ou zonas próximas, mantendo-se a sua exclusão intencional de contextos funerários.

Esta diversidade e, em simultâneo, semelhança, têm gerado diversas teorias interpretativas sobre as funcionalidades e intenções associadas a este tipo de estruturas, assim como para o modelo de povoamento desta região.

São, por um lado, relacionadas com comportamentos emulativos e fluxos de interação entre as elites, que pretendiam diferenciar-se social e fisicamente, baseando o povoamento no controlo dos meios produtivos dos novos elementos da cultura material e na posse directa de “bens de prestígio”, como o Campaniforme, fomentando o desenvolvimento de estruturas que ofuscam os contextos da “população camponesa” (Soares, 2013, p. 407). Por outro, associam-se a interpretações que não subscrevem taxativamente os modelos de hierarquização defendidos para o território em questão. As perspectivas mais moderadas, ainda que baseadas em pressupostos de valorização dos antepassados, após uma ruptura com as práticas da 1ª metade do milénio (Mataloto *et al.*, 2015), assumem a importância da posição das estruturas e da utilização de

materiais prévios. Dotam as estruturas de agência e de funções na agregação das comunidades em seu redor (Mataloto *et al.*, 2015, p. 86), chegando-se inclusivamente a reconhecer padrões de continuidade na tradição construtiva, neste caso baseada no sítio de São Pedro (Mataloto *et al.*, 2015, p. 86). Estas considerações voltam a permitir questionar a validade na existência de uma ruptura com a realidade prévia, reforçando uma continuidade incorporadora de novidades, como atestado para os Perdígões.

No nosso entender, é necessário encarar que estes sítios, mais do que construções e materiais, são grupos de pessoas, com identidades e dinâmicas, que se formam e dependem de processos múltiplos, e diversificados, de interação com as comunidades, paisagem e materiais (Valera, 2006, p. 176). Posto isto, as reocupações encontrar-se-ia relacionadas com correspondências sociais que existiriam entre estes sítios, a região onde se inseriam e as comunidades, estendendo-se essa correspondência até à Idade do Bronze, patenteada pela existência de processos de absorção e integração destes habitats em novos enquadramentos simbólicos e paisagísticos – sublinhando-se os enterramentos previamente mencionados.

Como tal, o sítio dos Perdígões assumiria um papel fulcral e praticamente indiscutível na manutenção das paisagens e significados na sua área de influência, que pode ser alargada até aos povoados do Porto das Carretas, Mercador, Moinho de Valares e Monte do Tosco (Valera, 2013, p. 427; Valera, 2006, p. 153), já na margem esquerda do Guadiana. Estes locais dividem uma mesma realidade física e parecem ainda partilhar características simbólicas, económicas e materiais com a margem direita imediata, estabelecendo relações e tradições entre ambas (Valera, 2013, p. 453), ainda que outros enquadramentos e outras organizações do povoamento tenham sido avançados, relacionando estes locais com recintos como San Blas ou La Pijotilla, ambos na margem esquerda do Guadiana (Soares, 2013, p. 368).

### **7.3.A paisagem campaniforme do Alentejo**

#### **7.3.1. Pluralidade estilística nos recintos vs uniformidade estilística nos habitats**

Outro dos pontos que permite estabelecer diferenciações entre os sítios de habitat, que têm vindo a ser mencionados, e as restantes áreas do Alentejo prende-se com a presença e distribuição diferenciada dos diversos estilos campaniformes, reconhecendo-se à partida que as cerâmicas com motivos campaniformes são relativamente reduzidas no Sul do país.

Esta irregularidade deixa desenhar e compreender áreas de influências estilísticas, assim como definir fronteiras, mas principalmente reconhecer áreas que aparentam um mesmo enquadramento simbólico e ideológico. A nível de distribuições contamos com motivos exclusivamente Ciempozuelos no Monto do Tosco 1 (Valera, 2013) e em São Pedro (Mataloto *et al.*, 2015), contrastando com a identificação de motivos unicamente Internacionais no Porto das Carretas (Soares, 2013) ou em Miguens 3 (Calado, 2002), sendo esta oposição relativamente

comum em toda a região Alentejana (Valera e Rebuge, 2011). Em oposição directa, encontramos os recintos de fossos, onde se inserem os Perdigões, que correspondem a sítios ímpares, onde é possível verificar uma coexistência estilística de três ou mais estilos decorativos campaniformes (Valera, 2006; Valera e Rebuge, 2011; Valera e Basílio, no prelo), todavia, os conjuntos são sempre reduzidos, não se verificando uma circulação massificada destes recipientes na região aqui em estudo. (Valera, 2006; Valera e Basílio, no prelo; Dias *et al.*, 2007; Dias *et al.*, 2017; Cardoso *et al.*, 2005). A única excepção à reduzida expressão de cerâmica campaniforme decorada é a verificada para o sítio do Porto Torrão, onde foram recuperadas várias centenas de fragmentos com estes motivos decorativos (Internacional, Palmela inciso e Pontilhado Geométrico), sendo ainda adicionados motivos enquadráveis na cerâmica cordada (Valera e Filipe, 2004; Arnaud, 1982; 1993).

Esta diferenciação entre a diversidade estilística dos recintos e a tendência monotemática verificada nos sítios de habitat, resulta de processos relacionados, necessariamente, com a funcionalidade pensada para sítios como os Perdigões. Nestes locais, que agiriam como catalisadores e área de aparente confluência de comunidades, decorreriam processos de gestão e definição das relações entre as redes de troca/contacto inter-regionais e internacionais que ali confluíam (Valera, 2006, p. 199) e os diferentes núcleos/comunidades existentes na região, assim como processos de aceitação e integração local das formas, motivos e práticas associadas. Esta confluência de diversas redes explicaria a diversidade de estilos identificados nestes sítios arqueológicos. Nos Perdigões também se procederia à redistribuição dos materiais provenientes dessas diferentes redes (Valera, 2006, p. 200), notando-se que foi possível, até ao momento, identificar a presença de cerâmica do estilo Internacional, uma esmagadora maioria da cerâmica de tipo Ciempozuelos, e apenas um exemplar com o motivo Pontilhado Geométrico (Valera e Basílio, no prelo). Estes materiais sofrem reinterpretações, adaptando-se e aplicando-se às organizações de cada região, como explorado no ponto anterior (capítulo 6).

Esta reconversão torna os diversos motivos decorativos do campaniforme utilizáveis nesta região em concreto, e nos sítios de habitat que, ainda que se encontrem em continuidade com um mesmo quadro simbólico, cosmológico e ideológico do verificado para os recintos, mantém ténues diferenciações identitárias. As diferentes identidades podem ter sido administradas e perpetuadas através da aplicação, utilização ou também rejeição de motivos decorativos distintos (Valera, 2006; Valera e Basílio, no prelo), após processos de ponderação e aceitação por parte das comunidades envolvidas (Rogers, 1983), gerando uma distribuição irregular dos diferentes estilos consoantes as correspondências identitárias. Pode ainda resultar de maiores graus de coesões para com as mensagens e significados de um único estilo decorativo campaniforme, em detrimento de um outro. Os motivos podem inclusivamente ter dissemelhantes papéis sociais e significados nos diferentes sítios arqueológicos, ainda que tendam a surgir

associados às cabanas pétreas das segundas fases (Valera, 2013; Valera, 2006; Soares, 2013), ou em momentos de remeximento aparentemente não muito posteriores (Mataloto *et al.*, 2015) – mantem-se a exclusão da cerâmica decorada dos contextos funerários, o que deixa sugerir uma possível partilha de funcionalidade. Esta tendência da utilização de elementos do “pacote” campaniforme em actividades não associadas directamente a monumentos e estruturas funerárias identifica-se igualmente em Zamora, em rituais relacionados com a transformação de sal (Delibes de Castro *et al.*, 2016), ou com a transformação metalúrgica (Valera e Basílio, no prelo), assim como em contextos domésticos em Itália (Sarti *et al.*, 2008; Baioni e Keller, 2008), França (Bailly, 2008) e algumas zonas da Península Ibérica (Rojo Guerra *et al.*, 2008), não sendo esta uma característica exclusiva da região alentejana, ainda que aqui tenha uma grande expressão.

A questão cronológica tem também um forte papel nestas interpretações, uma vez que não é conhecida uma sequência cronológica totalmente esclarecedora para os diferentes estilos. A sua existência permitiria compreender se estamos perante individualizações intencionais das diferentes identidades, que partilham um mesmo espaço, ou perante assincronias cronológicas. Ainda assim, têm-se vindo a considerar que quer o Ciempozuelos, como os motivos Palmela, são ligeiramente mais tardios (Garrido Pena *et al.*, 2005; Rojo *et al.*, 2014; Bueno Ramírez *et al.*, no prelo; Delibes de Castro *et al.*, 2016), realidade que não foi verificada para os Perdígões (Valera e Basílio, no prelo) ou para o Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004; Valera e Basílio, no prelo), enfatizando a coexistência dos diversos estilos campaniformes.

### **7.3.2. A organização regional e a mobilidade campaniforme**

As questões identitárias, cronológicas e estilísticas impõem-se igualmente quando diminuimos o zoom da análise que tem pautado o presente trabalho, uma vez que, se considerarmos toda a área do Alentejo, rapidamente reconhecemos concentrações estilísticas que, ainda que relacionadas com as questões sociais e simbólicas elencadas, podem expressar diferentes polos de influência e diferentes orientações preferenciais nos contactos entre os diversos sítios.

Em primeira instância, urge confirmar e clarificar o nosso entendimento sobre os Perdígões. Assumimos que este sítio adoptaria um papel fulcral e praticamente indiscutível na manutenção das paisagens e significados, tendo um evidente papel na distribuição e gestão das diferentes materialidades e práticas associadas ao fenómeno campaniforme, na sua área de influência. Esta, que pode ser alargada até aos povoados do Porto das Carretas, Mercador, Moinho de Valares e Monte do Tosco (Valera, 2013, p. 427; Valera, 2006, p. 153), já na margem esquerda do Guadiana, divide uma mesma realidade física e parece ainda partilhar características simbólicas, económicas e materiais (Valera, 2013, p. 453). Todavia, esta aglutinação entre a margem esquerda e direita do Guadiana não é uma realidade totalmente consensual, tendo sido

avançados outros modelos de povoamento, nos quais se relacionam os habitats, que têm sido trabalhados, com recintos como San Blas ou La Pijotilla, ambos na margem esquerda do Guadiana (Soares, 2013, p. 368).

A situação é menos clara, e também menos discutida, nas restantes regiões alentejanas (mais concretamente o Baixo Alentejo). Aqui, as informações disponíveis são mais reduzidas, existindo um vazio de cerâmica campaniforme decorada, contrastando com uma grande intensidade de recintos de fossos que se encontram relativamente mal conhecidos, quer a nível cronológico, de estruturas e funcionalidade (Valera, 2013; Valera e Pereiro, 2013). Este condicionalismo torna difícil compreender fronteiras e relações com outras redes de povoamento, principalmente nas regiões mais a Sul.

Como tal, actualmente só podemos considerar dois polos, sendo um deles encabeçado pelos Perdigões, e o segundo aparentemente pelo Porto Torrão, do qual pouca informação se encontra disponível, não nos possibilitando uma classificação segura da sua tipologia. Todavia, pelas intervenções realizadas, reconhece-se que é um sítio de grandes dimensões, com uma intensa ocupação, que se terá prolongado por um espectro cronológico amplo, possivelmente semelhante ao dos Perdigões. Neste foram identificadas práticas muito diversificadas, como a abertura de estruturas de tipo fosso, cabanas e fossas, com deposições humanas e animais nos enchimentos de estruturas negativas, assim como uma periferia aparentemente pejada de monumentos funerários, somando-se ainda a grande densidade e quantidade de cerâmicas com decoração campaniforme (Valera e Filipe, 2004; Arnaud, 1982; 1993; Santos *et al.*, 2014). Entre ambos os sítios arqueológicos podem ser avançados diferentes tipos de relações, consoante a interpretação que se seguir para esta região, na segunda metade do 3º milénio, e para o fenómeno campaniforme em si: relações de dependência ou ainda de “contraste”.

No caso das relações de dependência, estas encontram-se sustentadas pela presença do que parece ser uma “hierarquia” do povoamento, existindo centros catalisadores de sítios de habitat mais pequenos – verificando-se a existência de uma “rivalidade”/competição, como atestado para a área dos Perdigões. Estas relações podem ser extrapoladas e concentradas unicamente nos sítios de agregação de comunidades (como o caso dos recintos de fossos), podendo estes funcionar em rede, através do estabelecimento e definição de “hierarquias” de importância entre os diversos recintos, criando centros responsáveis por “alimentar”, a nível simbólico e material, centros de menor dimensão (Nocete, 1989; 1994; 2001). Este tipo de relações, que implica necessariamente a existência de fronteiras fluídas, pode ser apontada entre ambos os sítios, no sentido Porto Torrão - recinto dos Perdigões, em especial pela presença dos motivos Internacional e Pontilhado Geométrico. Estes, que nos Perdigões estão parcamente representados, em especial o último (um único fragmento), são, por sua vez, dominantes no Porto

Torrão, sendo esta questão compreensível pela proximidade geográfica com a Extremadura portuguesa (onde se verificam os maiores conjuntos destes motivos (Salanova, 2000b; 2004a; 2004b; Cardoso, 2015; Valera e Basílio, no prelo) e pelo seu posicionamento na Bacia Hidrográfica do Sado. Todavia, e considerando-se que o motivo dominante nos Perdigões é o referente ao Ciempozuelos, as relações deste recinto não poderiam ser exclusivamente com o Porto Torrão, onde os motivos pontilhado são maioritários, mas também com locais com acesso às redes onde a cerâmica de tipo Ciempozuelos, e respectivas tradições morfológicas (caçoilas) e tecnológicas (incisão), circulariam. Como tal, podemos conjecturar diversas áreas potencialmente favoráveis à presença de cerâmica com motivos Ciempozuelos, que surgem, tendencialmente, em áreas mais próximas do interior peninsular. Sítios como os recintos de San Blas e La Pijotilla, na margem esquerda do Guadiana, relativamente próximos dos Perdigões, surgem como uma forte hipótese, considerando-se não só a presença de cerâmica Ciempozuelos nos seus espólios, como o facto de se encontrarem atestados alguns níveis de interacção entre estes recintos (Odriozola *et al.*, 2008b, p. 68). No entanto, outras direcções podem ser avançadas, relembrando o grande conjunto de recinto ainda por trabalhar, que podem incluir cerâmica campaniforme, dos diferentes estilos, nos seus espólios, representado zonas de potenciais contactos.

O modelo das relações de dependência permite compreender assimetrias existentes nos grandes sítios como os Perdigões, bem como justificar o posicionamento central do Porto Torrão e as centenas de fragmentos de cerâmica campaniforme. Contudo, o termo “dependência” carece de confirmação, uma vez que ao se aceitar a existência de dependência, subordina-se um sítio (os Perdigões) a outro (Porto Torrão), contando actualmente com graus de conhecimento muito diferenciados entre estes sítios, chegando, inclusivamente, a ser incomparáveis. Adiciona-se também o facto de que os dados existentes para a cerâmica campaniforme apontam para o processo inverso, de “dependência”/abastecimento de campaniformes com decoração de tipo Internacional do Porto Torrão a partir dos Perdigões e de La Pijotilla (Odriozola *et al.*, 2008b). Não podemos, como tal, negar a existência de relações entre ambos os sítios, enquadrando-se ambos numa paisagem repleta de sinais de mobilidade e interacção. Ainda assim, parece-nos mais adequado aceitar que, ainda que com contactos, os sítios contam com organizações diferenciadas na paisagem, isto é, as suas redes de povoamento aparentam orientar-se para pontos/paisagens essencialmente opostos, criando um “contraste” entre ambos os sítios. Os Perdigões a privilegiar e determinar uma abertura à paisagem a Este, evidenciando fortes relações com as regiões mais interiores da Península, nomeadamente com a Extremadura materializadas no Campaniforme, principalmente nos motivos Ciempozuelos (Odriozola *et al.*, 2008b), mas também nos ídolos antropomórficos (Valera e Evangelista, 2014) e até na cerâmica pintada. O Porto Torrão, pelo seu posicionamento na Bacia Hidrográfica do Rio Sado, e ainda que poucos dados sejam conhecidos, aparenta manter relações mais fortes com a área da Extremadura portuguesa e com as zonas

costeiras (Valera e Rebuge, 2011), onde se podem incluir sítios como a Barrada do Grilo (Santos e Silva, 1972), Monte da Tumba (Silva e Soares, 1987; Silva *et al.*, 1995) ou ainda Castelos do Torrão (Silva e Soares, 1986).

No entanto, é importante sublinhar que nos Perdigões é possível identificar elementos, ainda que reduzidos em número, que indiciam o contacto com a área da Península de Lisboa, não só a nível de materiais (Valera, no prelo), mas também, possivelmente, a nível de indivíduos (Zalaite, 2016), demonstrando que as relações e os padrões de mobilidade do final do 3º milénio a.C. se encontram apenas brevemente caracterizados, desconhecendo-se igualmente os trajectos e condicionantes à circulação existentes, possivelmente relacionadas com modelos normativos de filtragem e negociação (Valera, 2006, p. 199).

Reconhecemos que as considerações aqui feitas carecem, necessariamente de confirmação, contudo permitem levantar questões principalmente relacionadas com a componente social destas comunidades, não as reduzindo às suas materialidades e arquitecturas, devendo estas ser tidas em conta em trabalhos e investigações futuras.

#### **7.4.O final do 3º milénio a.C.**

Este modelo de organização das comunidades desestrutura-se já no final do 3º milénio a.C. Nesta cronologia verifica-se o abandono dos povoados supracitados e, aparentemente, dos sítios de confluência, sendo este abandono contemporâneo de alterações nas práticas funerárias, que se podem relacionar com alguns sinais ténues de individualização funerária (Valera, 2006, p. 192).

O abandono dos recintos, contrariamente ao que foi apresentado para os sítios de habitat, representaria o abandono de sítios com uma vincada agência social e simbólica (Valera, 2015, p. 11), extinguindo-se locais que outrora teriam funcionando enquanto áreas de confluência, de mediação e gestão de identidades, conflitos e rivalidade. Esta desarticulação vem sugerir que há uma quebra na correspondência simbólica e identitária destas comunidades para com os sítios centrais, podendo ser também sugeridos fenómenos ambientais e de diminuição demográfica, que podem explicar o reduzido número de enterramentos e habitats atribuíveis à Idade do Bronze Inicial (Valera, 2015, p. 13).

Esta realidade originaria igualmente a ruptura das redes de povoamento calcolíticas e, em simultâneo, uma fragmentação das comunidades, que só parecem voltar a reunir-se já em fases mais avançadas da Idade do Bronze, “reocupando” e revisitando sítios prévios, como o Moinho de Valadares (Valera, 2013, p. 47), ou os próprios Perdigões, sendo o povoamento caracterizado por sítios abertos e dispersos com poucas estruturas claramente associáveis a habitats (Valera, 2014b, p. 311). Esta “invisibilidade” é um dos motivos que permite questionar os modelos classistas e hierárquicos (Valera, 2014b, p. 312). Reforça-se que só nos momentos iniciais do 2º

milénio a.C. podemos falar de abrandamento ou até abandono do sítio dos Perdígões (tendo sempre em conta a questão da afectação da surriba), contando previamente com uma clara continuidade, aqui atestada em toda a segunda metade do 3º milénio, sendo necessário aprofundar o conhecimento sobre as últimas fases dos sítios da região, criando uma base de dados comparável e indiciadora de alterações.

Em suma, os preceitos e materialidades campaniformes, contrariamente ao que lhe tem sido associado, são realidades a que, nesta região em concreto, as comunidades são expostas, sofrendo posteriormente processos de debate, ponderação e aceitação/rejeição, sendo incluídas em continuidade com as realidades previamente existentes, ainda que lhe possam ser associadas algumas novidades, principalmente estilísticas, decorativas, arquitectónicas e técnicas. Todavia, este fenómeno, não pode ser extrapolado e associado a novos modelos produtivos e diferentes formações sociais (Soares, 2013) – reduzindo-o a um apontamento evolutivo progressista - nem a sinais de ruptura com o paradigma humano calcolítico anterior (Mataloto *et al.*, 2015), mas sim como uma intensificação das práticas e tradições prévias, sendo um dos elementos utilizado em processos identitários e de competição social, expresso na sua raridade numérica (Valera, 2006, p. 196; Valera e Basílio, no prelo). Serviriam ainda como elementos que apoiariam na definição de fronteiras, sendo esta questão claramente visível quando relacionamos os sítios com cerâmica campaniforme decorada, com os sítios correspondentes ao Horizonte de Ferradeira, verificando-se que, segundo os dados disponíveis no presente momento, não se mesclam entre si (Valera e Basílio, no prelo). Questionamo-nos sobre a validade que as considerações de Schubart apresentam, quando em 1971 refere a existência de duas “culturas” distintas – actualmente a questão não se prenderia com “culturas”, mas sim se há diferenças entre os grupos e comunidades que recorrem e realizam enterramentos de tipo Ferradeira, ou se são as mesmas comunidades que usam a cerâmica campaniforme em habitats, com rituais e práticas muito diferenciadas e normativas na morte?

Muitas questões se levantam, e muitas ficam por responder ou aprofundar no presente trabalho, sendo claro que os modelo territorial aqui avançado e defendido por nós, só é válido para esta região em concreto e segundo os dados disponíveis. Contudo a ideia principal que se pretende destacar é a da necessidade de se repensar os modelos apresentados até agora para a cerâmica campaniforme, sendo fulcral começar a desagregar os modelos centro-europeus do Fenómeno campaniforme e das materialidades associadas, quando trabalhamos contextos que mostram ritmos próprios, relacionados com os condicionalismos, as crenças, as tradições e as maneiras de fazer destas comunidades. Esta tese segue a linha de outros estudos europeus (Czebreszuk, 2004; Prieto Martínez e Salanova, 2015; Besse, 2001; 2004; Piguet e Besse, 2009; Cauliez, 2015), assumindo-se o Campaniforme como elemento indicativo (Mataloto, no prelo; Linden, 2004, p. 33).

Não devemos, portanto, partir para suposições que chocam ou ignoram o que o registo arqueológico nos tem vindo a mostrar, sendo perigoso não reconhecer que o Campaniforme assume aqui diversos papéis sociais (não sendo monofuncional), que se interligam com os caminhos plurais das comunidades aqui em estudo (Valera e Basílio, no prelo). Comunidades complexas que apresentam ritmos e práticas em continuidade e em intensificação com elementos novos (Linden, 2004, p. 39), sendo o mesmo modelo sugerido para a *Tierra de Barros* na Extremadura Espanhola (Hurtado, 2005; García Rivero, 2008), para a Andaluzia (Lazarich González, 2005) e para outras áreas europeias (Thomas, 2005), até ao momento que aparenta ser uma ruptura, já na transição para o primeiro quartel do 2º milénio a.C., no início da Idade do Bronze.

## 8. Considerações finais

---

Apresentar conclusões num trabalho que tenha como base dados arqueológicos é uma realidade extremamente ilusória e inclusivamente errónea, uma vez que muitos dos sítios e das considerações realizadas se baseiam nas informações disponíveis no momento de realização do trabalho, podendo ainda ser adicionada a influência do investigador. Existe, como tal, a necessidade de reconhecer que amanhã, o nosso trabalho já não se encontra totalmente actualizado em termos de informação. Isto acontece não só pelas constantes investigações nos sítios arqueológicos, como também pelo ritmo frenético de investigação, aumentando o conjunto de dados a cada momento. Como tal, referimos que as considerações seguintes devem ser entendidas como o resultado da combinação de um conjunto de leituras, condicionalismos e dados concretos que, segundo o nosso enquadramento e a nossa visão sobre o Passado, se aplicam e servem como explicativas para a região e cronologias em concreto.

A principal conclusão do nosso trabalho relaciona-se com o objectivo norteador que levou ao seu desenvolvimento. Com este, pretendíamos compreender as diversas dinâmicas sociais em vigência na segunda metade do 3º milénio a.C., bem como saber como se articulariam e relacionavam entre si, testando igualmente a validade dos modelos previamente aplicados para o território em estudo. Estes preconizavam a existência de um momento de ruptura do sistema e organização social e simbólica que guiava as comunidades da transição para a segunda metade do 3º milénio a.C. (Soares, 2013; Mataloto *et al.*, 2015). Esta ruptura encontrava-se materializada no surgimento de novas arquitecturas (cabanas), em novas fases de ocupação dos sítios de habitat, novas organizações espaciais e ainda inovações nas materialidades, como o caso do Campaniforme em si mesmo e dos elementos metálicos (Valera e Basílio, no prelo). Todavia, o que o nosso trabalho pretende é sugerir uma visão alternativa, que valoriza a diversidade e multiplicidade das dinâmicas sociais existentes, como a agência das comunidades em causa, que tem vindo a ser secundarizada ou omitida. Esta questão leva a uma submissão e ocultação das diversas esferas das comunidades, o principal objecto de estudo da Arqueologia, em modelos que destacam as esferas políticas e económicas destes grupos (Soares, 2013) que, ainda que fulcrais na sua manutenção, devem ser consideradas como apenas uma das partes de toda a sua complexidade. Compreendemos que estes modelos são parcialmente influenciados por pressupostos teóricos que, inicialmente, foram aplicados para contextos centro-europeus (sendo transferidos acriticamente para contextos peninsulares), onde as considerações sobre o surgimento de diferenciações sociais baseadas em modelos hierárquicos, com a valorização da simbólica do guerreiro e do controlo de bens de prestígio, com enterramentos e ritos funerários muitos individualizados e padronizados, sendo o “pacote” campaniforme parte dos espólios funerários, encontram mais sustento arqueológico. Porém essa realidade não pode ser extrapolada

linearmente para o caso vertente de estudo, onde foi possível identificar uma continuidade relativamente generalizada ao longo de toda a segunda metade do 3º milénio a.C., quer seja a nível de materiais, como possivelmente a nível de práticas, ainda que várias questões relacionadas com os conceitos operativos e com as organizações simbólicas e cosmológicas destas comunidades possam ser levantadas.

Em primeira instância é necessário frisar que as evidências mais palpáveis de continuidade se encontram expressas nos materiais arqueológicos, quer seja a nível morfológico, quer a nível tecnológico. Ainda assim, foram identificadas pequenas alterações, que se focalizam na transição para a Idade do Bronze, em especial nas características tecnológicas da componente cerâmica, mas que não encontram correspondência em alterações morfológicas. Esta ausência enfatiza a existência de mudanças que são diluídas em imagens mais amplas e significantes de continuidade. Adiciona-se ainda a existência do que parecem ser processos de destaque de artefactos possivelmente “desactivados” que já não se encontrariam em circulação, como o “ídolo” calcário e o “ídolo” cerâmico com tatuagens faciais, sugerindo processos de legitimação, lembrança ou valorização dos antepassados, personificados nos materiais.

No entanto, os materiais não podem ser tratados como realidades independentes e desconexas das organizações, tendo sido articulados com a imagem geral pensada e verificada para os Perdígões. Aqui, foram identificadas diversas práticas que permitem compreender uma parte ínfima da complexidade ideológica destas comunidades que, através de rituais e arquitecturas comunitárias (como rituais de comensalidade, construção de estruturas de tipo fosso ou reutilização de monumentos funerários prévios), procederiam à gestão, negociação, interpretação e materialização de identidades, assim como da componente ideológica e de novas influências que penetrariam as redes de contactos desta paisagem organizada (Valera, 2015; Valera, 2006; Valera, 2013).

Estes locais de confluência, onde inserimos os Perdígões, criariam um ambiente favorável ao estabelecimento de trocas, resolução de possíveis conflitos e criação de histórias e visões cosmológicas comuns, que permitiriam a fixação de normativos/regras sociais e de uma memória social partilhada pelas diferentes comunidades, membros de uma mesma rede de povoamento (Valera, 2010a; Hayden, 2009; Parker Pearson, 2000; Gamble, 2017, p. 21). Estas práticas ilustram, portanto, um caminho comunitário, que, reconhecendo-se que as identidades individuais não seriam diluídas e apagadas, originaria processos de competição e ostentação entre os diferentes grupos (Gilman, 2013, p. 15; Valera, 2015, p. 11; Valera, 2015; Valera, 2010b), que se encontrariam inseridos numa trajectória social de complexidade. Esta trajectória só é abalada no início da Idade do Bronze (Valera, 2015b). Até lá, os Perdígões mantêm-se o “centro” da sua área de influência, claramente orientada a Este, apresentando características de um sítio persistente na

paisagem, pelo menos desde o final do Neolítico. Aqui confluem diferentes comunidades, que contactam directamente com as materialidades e a presença física e simbólica dos antepassados, condicionando os seus comportamentos.

A nível regional, o panorama parece apontar para a presença de sinais de descontinuidade, expressos no abandono de sítios de habitat da primeira metade do 3º milénio a.C. (Soares, 2013; Mataloto *et al.*, 2015). Todavia, é importante contextualizar estes abandonos, reconhecendo-se que nos Perdígões este não é visível a nível arqueológico. Como tal, consideramos que os abandonos dos povoados se podem dever a processos de gestão populacional e de reorganização interna das redes, sendo de sublinhar que a influência e papel destes sítios não é apagado da rede de povoamento onde se inseririam, sendo reconvertidos funcionalmente a sítios de memória, com processos de revisitação posteriores, podendo ainda ser acompanhados pelo estabelecimento de restrições à sua visita (Valera, 2006; Valera, 2013). Estes abandonos podem ser também o reflexo de mobilidade social (total ou parcial), podendo considerar-se uma mobilidade sazonal, ainda que estas remobilizações e/ou concentrações massificadas careçam de confirmação empírica. Independentemente do motivo que levou estas comunidades a abandonar os seus habitats, as razões não parecem ter sido repentinas, considerando-se a ausência de materiais *in situ*, como verificado no sítio do Porto das Carretas, após um incêndio generalizado (Soares, 2013).

As segundas fases de ocupação destes locais enfatizam a manutenção da correspondência das comunidades para com estes sítios arqueológicos, encontrando-se caracterizadas pela presença de estruturas de tipo cabana, que deixam compreender uma certa uniformização a nível construtivo (Valera, 2003). No entanto, a nível das organizações internas, associações construtivas e rituais associados a cada estrutura verifica-se uma grande diversidade. Esta questão permite avançar que, mesmo associadas a um fenómeno minimamente comum, estas estruturas têm de ser compreendidas como realidades dinâmicas, com agências e funcionalidades próprias, que se encontram fortemente interligadas e dependentes das dinâmicas sociais e da correspondência que estas comunidades mantêm com o espaço, sendo de reforçar o seu posicionamento e desenvolvimento nas áreas centrais dos povoados (Mataloto *et al.*, 2015). Esta localização, em associação à tendência para a circularidade comum a estas estruturas e possível associação à circularidade do Cosmos (Valera, 2008b), permite-nos questionar se estas poderiam ilustrar a projecção dos sítios de confluência (recintos de fossos), agindo na agregação das comunidades nos seus habitats, fortalecendo a coesão, num povoamento que é menos visível arqueologicamente. Nestes “recintos” são identificados diversos fragmentos de cerâmica campaniforme e elementos metálicos, enfatizando-se a exclusão intencional desta cerâmica dos contextos funerários, destacando-se o seu papel em rituais sociais (Valera e Rebugue, 2011).

O fenómeno campaniforme, como tem vindo a ser sublinhado, acompanha estes teóricos momentos de ruptura, sendo utilizado como elemento indicativo de contactos e, como tal, de uma nova organização social inerente ao “pacote” artefactual. Ainda assim, a desfragmentação destas associações materiais e de práticas está presente, sendo inclusivamente questionado o grau de aceitação da cerâmica decorada por estes grupos, o que explicaria a sua reduzida expressão nos conjuntos cerâmicos. Nos Perdigões, esta cerâmica representa um elemento integrante dos discursos e mitos ideológicos, e possivelmente cosmológicos pré-existentes, tendo sido absorvido e adicionado sem alterar as práticas prévias (Valera e Basílio, no prelo). Não encontra correspondência nos ritos e contextos funerários regionais, contado com uma evidente importância em actividades rituais (Valera e Rebugue, 2011). Este destaque fica patenteado na inclusão de fragmentos no *cairn*, que ilustra a parte terminal de um ritual de comensalidade, perpetuando-o fisicamente e visualmente na memória da área central dos Perdigões (Basílio *et al.*, no prelo).

A nível regional este fenómeno apresenta as mesmas linhas genéricas – adição a uma continuidade, neste caso a inclusão nas segundas fases dos sítios de habitat, com uma intencional exclusão de contextos funerários (Valera, 2006; Valera, 2013). Ainda assim é possível inferir diversidades identitárias e áreas de influência estilística e simbólica, quando a análise é menos focalizada, identificando-se diferentes padrões de distribuição dos estilos decorativos campaniformes, em oposição a uma multiplicidade e coexistência verificada nos recintos de fossos (Valera e Basílio, no prelo). Esta questão relaciona-se necessariamente com as funções e práticas associadas a estes grandes recintos, onde confluíam não só comunidades, como também diferentes redes de contactos, que originariam estilos decorativos diferenciados. Por outro lado, os habitats, que seriam parte integrante das redes de povoamento, possivelmente encabeçadas pelos recintos, caracterizar-se-ia por tendências monoestilísticas, que advém de processos distributivos no sentido recintos de fossos – habitats, podendo em simultâneo representar correspondências identitárias e/ou formas de resistência e diferenciação.

Estes processos são igualmente visíveis a uma macroescala, quando se compreendem padrões de mobilidade das influências e dos estilos cerâmicos associados ao Campaniforme, entre os diversos recintos – Porto Torrão, Perdigões, San Blás e La Pijotilla. Para estes avança-se um modelo de relações, que pode reflectir dependência e hierarquia entre os diversos recintos (Nocete, 2001), contudo parece-nos mais plausível reconhecer que estes sítios se orientam e se focalizam em paisagens e contactos diferentes, que no caso do Porto Torrão se estendem até à área da Península de Lisboa (Valera e Filipe, 2004), e no caso dos Perdigões, muito mais próximo de contextos e tendências extremeiras (Valera, no prelo). Ainda assim, sublinha-se que o conhecimento sobre os padrões de mobilidade e trocas entre as diversas áreas peninsulares só

agora começa a ser desvendado, assente em novas abordagens, tecnologias e metodologias, que podem alterar a nossa percepção sobre as hierarquias/sociedades.

Em suma, o Campaniforme, na área da Bacia do Vale do Álamo e zonas envolventes, não se expressa da mesma forma que noutras áreas, sendo uma versão diferente do fenómeno, uma vez que não sofreu processos locais de debate, ponderação, interpretação, aceitação e rejeição, tendo sido inserido e incluído nas práticas existentes, sem provocar alterações bruscas nas organizações sociais e simbólico-ideológicas vigentes, ainda que lhe possam ser associadas algumas novidades – a nível estilístico, decorativo, arquitectónico e técnico. Deve ser considerado como mais um elemento utilizado numa trajectória de complexidade, materializada na intensificação e monumentalização de práticas pré-existentes, deixando transparecer levemente as identidades, preferências e gestos das comunidades em estudo, assim como fronteiras, semelhante ao que se pode expressar no “Horizonte de Ferradeira” (Valera, 2006, p. 196; Valera e Basílio, no prelo).

Como apontamento final, gostaríamos de mencionar a necessidade de estudos que considerem e valorizem as variabilidades identitárias e a complexidade das práticas destas comunidades, em associação a análises focalizadas na identificação de continuidades e de evidências de descontinuidades, que permitiriam compreender, de forma arqueologicamente sustentada, a segunda metade do 3º milénio a.C. e as subsequentes alterações – a transição para a Idade do Bronze. Consideramos que só após se conhecer as características e variabilidades do fenómeno campaniforme, a nível local, podemos extrapolar e tencionar compreender o fenómeno a uma possível escala europeia. Todas estas caracterizações e trabalhos têm, necessariamente de ser acompanhados de estudos caracterizadores de padrões de mobilidade humana e artefactual, que podem atestar, empiricamente, muitas das questões levantadas.

Com este trabalho pretendemos aprofundar as investigações e debate campaniformes, chamando a atenção para outras questões. Ao apresentarmos o nosso ponto de vista, desejamos enriquecer os debates, focando a análise nas comunidades e nos grupos que terão manuseado, compreendido e apreendido os materiais, preceitos e práticas campaniformes, em vez de nos focarmos, de forma exclusiva, nas suas expressões materiais.

## 9. Referências bibliográfica

---

- ALBARELLA, U. & SERJEANTSON, D.** (2002) – A passion for pork: meat consumption at the British Late Neolithic site of Durrington Wall. In MIRACLE, P.; MILNER, N. - *Consuming Passions and Patterns of Consumption*. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research. p. 33–49
- ALMEIDA, F.** (1998) - O Método das Remontagens Líticas: enquadramento teórico e aplicações. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* Lisboa: Colibri. p. 1-40.
- APPADURAI, A.** (1986) – Introduction: commodities and the politics of value. In APPADURAI, A. – *The social life of things: Commodities in cultural perspective*. London: Cambridge University Press. p. 3-63.
- APPADURAI, A.** (1988) - Putting Hierarchy in Its Place. *Cultural Anthropology*.3. p. 36-49.
- ARANDA-JIMÉNEZ, G.** (2014) – La memoria como forma de resistencia cultura: Continuidad y reutilización de espacios funerarios colectivos en época argárica. In GARCÍA, A. ed. – *Mobilidad, contacto y cambio. II Congreso de Prehistoria de Andalucía*. p. 255-277.
- ARANDA-JIMÉNEZ, G.** (2015) - Resistencia e involución social en las comunidades de la Edad del Bronce del sureste de la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*. 72. p. 126–44.
- ARANDA-JIMÉNEZ, G.; MEDINA, A.; BONILLA, M.; ROMERO, M.** (2017) – Cultural Continuity and Social Resistance: The Chronology of Megalithic Funerary Practices in Southern Iberia. *European Journal of Archaeology*. p. 1-25.
- ARBOGAST, R.-M.; DESCHLER-ERB, S.; MARTI-GRÄDEL, E., PLÜSS, P., HÜSTER-PLOGMANN, H. e SCHIBLER, J.** (2005) - Du loup au ‘chien des tourbières’. Les restes de canidés sur les sites lacustres entre Alpes et Jura. *Revue de Paléobiologie*. 10. p.171-183.
- ARNAUD, J.** (1971) - Os povoados “neo-eneolíticos” de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa), Notícia preliminar. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Coimbra: Junta Nacional de Educação. p. 199-221.
- ARNAUD, J.** (1984-1988) –Nota sobre os ídolos oculados do Vale d’Ouro (Ferreira do Alentejo). *Arqueologia e História*. 10:1-2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p.45-54.
- ARNAUD, J.** (1982) - O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do Sudoeste Peninsular. *Arqueologia*. 06. Porto: GEAP. p.48-64.
- ARNAUD, J.** (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): Síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. 2. Aljustrel. p. 51-61.
- BAILLY, M.** (2008) – What does it mean to be Beaker? Domestic routines, lithic technology and cultural identification in Eastern France, Switzerland and Central Italy. In BAIONI, M; LEONINI, V.; LO VETRO, D.; MARTINI, F.; KELLER, R.P.; SARTI, L. eds. – *Bell Beaker in Everyday life: Proceedings of the 10th meeting “Archéologie et Gobelets”*. *Millenni Studi Archeologia Preistorica*. 6. p. 281-290.
- BAIONI, M.; KELLER, R. P.** (2008) – Bell Beakers in Lombardy: Sites and settlement startagies. In BAIONI, M; LEONINI, V.; LO VETRO, D.; MARTINI, F.; KELLER, R.P.; SARTI, L. eds. – *Bell Beaker in Everyday life: Proceedings of the 10th meeting “Archéologie et Gobelets”*. *Millenni Studi Archeologia Preistorica*. 6. p. 151-170
- BALFET, H.; FAUVET-BERTHELOT, M. -F e MONZON, S.** (1985) - Pour la Normalisation de la description des poteries. *L’Homme*. 25:93. p. 138-139.
- BARASH, J.A.** (2016) - Collective Memory and Historical Time. *Práticas da História*. 1: 2. p. 11-37.

- BARKER, G.** (1985) – *Prehistoric Farming in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BASÍLIO, A.C.** (no prelo) – Cerâmicas do Sepulcro 1. In VALERA, A.C.; LAGO, M.; EVANGELISTA, L. – *Tomb 1. Era Arqueologia*.
- BASÍLIO, A.C.; CABAÇO, N.; VALERA, A.C.** (no prelo) - Fim que perpetua: um “cairn” do final do 3º milénio AC nos Perdígões. Apresentação no Workshop *Fragmentação e Deposições na Pré-História Recente e Proto-História em Portugal*.
- BASÍLIO, A.C.; TEXUGO, A.** (no prelo) – A Looking in View: Cultural Expressions of Montejunto Bell Beakers. *Sinos e taças. Junto ao Oceano e mais além. Aspectos da presença Campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa. p. 280-287.
- BELL, C.** (1992) – *Ritual Theory, Ritual Practice*. Oxford: Oxford University Press.
- BENJAMIN, W.** (1989) – *Paris, capitale du XIX siècle – le livre des passages*. Paris: CERF.
- BENZ, M.; GRAMSCH, A.** (2006) – Zur sozio-politischen Bedeutung von Festen. Eine Einführung anhand von Beispielen aus dem Alten Orient und Europa. *Ethnographisch Archaeologische Zeitschrift*. 47:4. p. 417–437.
- BENZ, M.; WACHTLER, N.** (2006) – Von der Integration zur Distinktion. Die feiernde Elite der Frühdynastischen Zeit. *Ethnographisch-Archaeologische Zeitschrift*. 47:4. p. 463–483.
- BESSE, M.** (2001) - Bell Beaker common ware: a discussion of its problems illustrated by the Rhône-Rhinecorridor. In NICOLIS, F. ed. - *Bell Beakers today: pottery, people, culture, symbols in prehistoric Europe. Int. Colloquium* (11-16 May 1998; Riva del Garda, Trento). Beni Culturali: Provincia Autonoma di Trento. p. 277-287
- BESSE, M.** (2003) - Les céramiques communes des Campaniformes européens. *Gallia Préhistoire*. 45. p. 205–258.
- BESSE, M.** (2004) - Bell Beaker Common Ware during the third Millennium BC in Europe. In CZEBRESZUK, J. – *Similar but different. Bell Beakers in Europe*. Poznan: Adam Mickiewicz University.
- BINFORD, L. R.** (1962) – Archaeology as anthropology. *Antiquity*. 28. p. 217-225.
- BINFORD, L. R.** (1979) – Organization and Formation Processes: Looking at Curated Technologies. *Journal of Anthropological Research*. 35. p. 255-273.
- BLASCO, C.; LIESAU, C.; RÍOS P.** (2014) - El Horizonte campaniforme en la Región de Madrid a la luz de las nuevas actuaciones In *Actas de las novenas jornadas de Patrimonio arqueológico de la Comunidad de Madrid*. Dirección General de Patrimonio Histórico. Consejería de Empleo, Turismo y Cultura. Comunidad de Madrid. p. 105-126.
- BLOCH, M.** (1985) – *Marxism and Anthropology the History of a Relationship*. London: Routledge. 192 p.
- BLOCH, M.** (1989) - *Ritual, History and Power*. London: Athlone Press.
- BOAVENTURA, R.** (2000) - O Campaniforme do Povoado do Pombal, Vaiamonte, Monforte. In *3º Congresso Peninsular de Arqueologia, Vila Real*. Porto: ADECAP. 4. p. 291-300.
- BOAVENTURA, R.** (2001) - *O Sítio Calcolítico do Pombal: Uma Possível Recuperação de Velhos e Novos Dados*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- BOSCH-GIMPERA, P.** (1940) - The types and chronology of West European Beakers. *Man*. 40. p. 27–35.
- BOURDIEU, P.** (1977) - *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press.

- BOURDIEU, P.** (1990) – *The Logic of Practice*. Stanford: Stanford University Press.
- BRADLEY, R.** (1998a) - *The Significance of Monuments*. London: Routledge.
- BRADLEY, R.** (1998b) - *The Passage of Arms*. Second edition. Oxford: Oxbow
- BRADLEY, R.** (2003) – A life less ordinary: The ritualization of the domestic sphere in later prehistoric Europe. *Cambridge Archaeological Journal*. 13:1. p. 5-23.
- BRADLEY, R.** (2005) – *Ritual and Domestic Life in Prehistoric Europe*. London: Routledge. 234p.
- BRODIE, N.** (1994) - *The Neolithic-Bronze Age transition in Britain. A critical review of some archaeological and craniological concepts*. Oxford: Archaeopress.
- BUBNER, T.** (1979) - Ocupação campaniforme do Outeiro de São Bernardo. *Ethnos*. Lisboa. 8. p. 139-151.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO-BERMEJO, R.M.; BALBÍN-BEHRMANN, R.** (no prelo) – El campaniforme en Toledo: releyendo Ciempozuelos. In *Sinos e taças. Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*.
- BUENO, P.; BARROSO, R.; BALBÍN, R. de.** (2005) – Ritual campaniforme, ritual colectivo: la necropolis de cuevas artificiales del Valle de las Higueras, Huecas, Toledo. *Trabajos de Prehistoria*. 62: 2. Madrid: CSIC. p. 67-90.
- BURGESS, C.; SHENNAN, S.** (1976) - The beaker phenomenon. In BURGESS, C.; MIKET, R. eds. - Settlement and Economy in Third and Second Millennia B.C. *British Archaeological Reports*. 33. Oxford: Archaeopress. p. 309–31.
- BURRILLO MOZOTA, F.** (1993) - Procesos Postdeposicionales. *Arqueologia Espacial*. 15. p. 16-17.
- BUTTERS, L.; DEMARAIS, E.; EARLE, T.** (1996) - Ideology, Materialization and Power Strategies. *Current Anthropology*. 37: 1. p. 15-31.
- BUTZER, K.W.** (1982) - *Archaeology as human ecology: Method and theory for a contextual approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CABAÇO, N.** (2010) – Restos faunísticos em contexto do Neolítico Final do Sector Q do recinto dos Perdigoões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. p. 43-48.
- CABRAL, I, J.M.P., PRUDÊNCIO, M.I., GOUVEI, M.A., ARNAUD, J.E.** (1988) - Chemical and mineralogical characterization of Pré-Beaker and Beaker pottery from Ferreira do Alentejo (Beja, Portugal). Proceedings of the 1988 *Symposium of Archaeometry*. p.172-178
- CALADO, M.** (2001) - *Da Serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de Pré-História regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CALADO, M.** (2002) - *Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana*. Al-Madan. Almada. 2: 11. p. 122–127.
- CARDOSO, J.L.** (2003) – Ainda sobre os impropriamente chamados “ídolos de cornos” do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste. *Al-Madan*. 4: 12. p. 77-79.
- CARDOSO, J.L.** (2009) – Estatuetas do Neolítico final e do Calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17. p. 73-96.
- CARDOSO, J.L.** (2014) - Absolute chronology of the Beaker phenomenon north of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 71: 1. p. 57-76

- CARDOSO, J.L.** (2014/2015) – The Bell-beaker complex in Portugal: an overview. *O Arqueólogo Português*. 5: 4-5. p. 275-308.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M. ; FERREIRA, O. da Veiga ; NORTH, C. T. ; NORTON, J. ; MEDEIROS, J. ; SOUSA, P. F.** (1996) – O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Maфра). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6. Oeiras. p. 135-195.
- CARDOSO, J. L. ; QUERRÉ, G.; SALANOVA, L.** (2005) – Bell Beaker relationships along the Atlantic coast. In PRUDENCIO, I.; DIAS, I.; WAERENBORGH, J.C. - Understanding people through their pottery. *Trabalhos de Arqueologia*. 42. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CARDOSO, J.L., QUERRÉ, G., SALANOVA L.** (2005) - Bell Beaker relationships along the Atlantic coast. In PRUDENCIO, I.; DIAS, I.; WAERENBORGH, J.C. - Understanding people through their pottery. *Trabalhos de Arqueologia*. 42. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CARDOSO, J.L.; NORTON, J.** (2004) - As caçoilas campaniformes da anta de Bencafede (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1. Lisboa. p. 129–136.
- CARTAILHAC, É.** (1886) – *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald
- CARVALHO, A. F.** (1998) – O talhe da pedra no Neolítico antigo do Maciço Calcário das serras d’Aire e Candeeiros (Estremadura portuguesa): um primeiro modelo tecnológico e tipológico. *Textos Monográficos*. 2. Lisboa: Edições Colibri.
- CASTANHEIRA, P.** (2014) – Os conjuntos artefactuais cerâmicos de Bela Vista 5. In VALERA, A.C. coord. – *Bela Vista 5: um recinto do final do 3º milénio a.C.* (Mombaja, Beja). p. 59-86.
- CASTANHEIRA, P.; CABAÇO, N.** (no prelo) – Quotidianos em Osso: algumas notas à utensilagem óssea dos contextos neolíticos dos Perdigões. In *Actas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*.
- CASTRO, E.** (1998) - Cosmological deixis and Amerindian perspectivism. *Journal of the Royal Anthropological Institute*. 4. p. 469-488.
- CAULIEZ, J.** (2015) - The Bell Beaker Complex: a vector of transformations? Stabilities and changes of the indigenous cultures in south-east France at the end of the Neolithic Period. In PRIETO, M.P.; SALANOVA, L. – *The Bell Beaker transition in Europe: Mobility and local evolution during the 3rd millennium BC*. Oxford: Oxbow books. p. 88-112.
- CAULIEZ, J.; DELAUNAY, G. e DUPLAN, V.** (2009) – *Nomenclature et méthode de description pour l'étude des céramiques de la fin du Néolithique en Provence. Préhistoires Méditerranéennes* [Em linha], consultado em 22 de Maio de 2017. URL: <http://pm.revues.org/250>
- CHANG, K.C.** (1983) – *Nuevas perspectivas en arqueología*. Madrid: Alianza Editorial.
- CHAPMAN, J. C.; GAYDARSKA, B. I.** (2006) - *Parts and wholes: fragmentation in prehistoric context*. Oxford: Oxbow Books.
- CHILDE, V.G.** (1925) - *The dawn of European civilization*. New York: Knopf.
- CHILDE, V.G.** (1930) - *The Bronze Age*. New York: Biblo and Tannen.
- CLARK, J.; BLAKE, M.** (1994) – The Emergence of Rank Societies on the Pacific Coast of Chiapas, México. *Circum-Pacific Prehistory Conference*. Seattle.
- CLARKE, D.** (1968) – *Analytical archaeology*. London: Methuen.
- CLARKE, D.** (1970) - *Beaker pottery of Great Britain and Ireland*. Cambridge: Cambridge University Press.

- CLARKE, D.** (1976) - The Beaker network—social and economic models. In LANTING, J.N.; VAN DER WAALS, J.D. eds. - *Glockenbecher Symposium Oberried 1974*. Haarlem: Fibula-Van Dishoeck. p. 459–477.
- CLARKE, D.** (1984) – *Arqueología Analítica*. Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- CLIMO, J.; CATTELL, M.** (2002) - *Social Memory and History: Anthropological Perspectives*. California: Altamira Press.
- CONNERTON, P.** (1989) – *How societies remember*. Cambridge: University Press.
- COSTA, C.** (2013) - *Tafonomia em contexto pré-histórico. A zooarqueologia como recurso para a compreensão das “estruturas em negativo” da Pré-história Recente*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- COSTEIRA, C.** (2010) - *Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central), 3.º milénio a.n.e.* Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- COSTEIRA, C.; MATALOTO R.** (2016) – Gestos do simbólico I – Ídolos, idolíformes, figuras e representações do sagrado (?) nos povoados do IV / III milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19. p.63-96.
- CUNHA, C.** (2014) – O enterramento do recinto 1 de Bela Vista 5 (Mombeja, Beja): Análise bioantropológica). In VALERA, A.C. coord. – *Bela Vista 5: um recinto do final do 3º milénio a.C. (Mombeja, Beja)*. p. 37-40.
- CZEBRESZUK, J.** (2004) – *Similar but different. Bell Beakers in Europe*. Poznan: Adam Mickiewicz University.
- DANIELSON, R.; MENDES, P.** (2013) – Polen analysis of Late Neolithic ditch deposits from the Perdigões archaeological site. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 9. NIA-ERA. p. 13-20.
- DELIBES DE CASTRO, G. Y GUERRA DOCE, E.** (2004) - Contexto y posible significado de un cuenco Ciempozuelos con decoración simbólica de ciervos hallado en Almenara de Adaja (Valladolid). In BAQUEDANO E. ed. - Miscelánea en homenaje a Emiliano Aguirre. *Arqueología*. 4. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional. p. 116-125
- DELIBES DE CASTRO, G., GUERRA DOCE, E., ABARQUERO MORAS, J.** (2016) – Rituales campaniformes en contextos no funerarios: la factoría salinera de Molino Sanchón II (Villafáfila, Zamora). *Arpi*. 04. p. 286-297.
- DELIBES DE CASTRO, G.; GUERRA DOCE, E.; ABARQUERO MORAS, J.** (2016) – Rituales campaniformes en contextos no funerarios: la factoría salinera de Molino Sanchón II (Villafáfila, Zamora). *Arpi*. 04. p. 286-297.
- DETRY, C.** (2007) - *Paleoecologia e Paleoconomia do Baixo Tejo no Mesolítico Final: O contributo do estudo dos mamíferos dos concheiros de Muge*. Tese de doutoramento em História – Variante de Arqueologia, Facultad de Geografía e História, Universidade de Salamanca, Salamanca.
- DIAS, A. C.** (1996) – *Elementos para o Estudo da Sequência Estratigráfica e Artefactual do Povoado Calcolítico de Santa Vitória*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.
- DIAS, M. I., PRUDÊNCIO, M.I., VALERA, A.C.** (2017) - Provenance and circulation of Bell Beakers from Westren European societies of the 3rd millennium BC: the contribution of clays and pottery analyses. *Applied Clay Science*. 146. p. 334-342.

- DIAS, M. I.; VALERA, A.C.; LAGO, M.; PRUDÊNCIO, M.I.** (2007) – Proveniência e tecnologia de produção de cerâmicas nos Perdígões. *Vipasca: Actas do III Encontro de Arqueologia do SW* (Aljustrel, 2006). 2: 2. p. 117-121.
- DIAS, M.I., VALERA, A.C., PRUDÊNCIO, M.I., ROCHA, F.** (2013) - Tecnologias de produção cerâmica e exploração de matérias-primas nos Povoados do Moinho de Valadares 1 e Monte do Tosco 1. In VALERA, A.C. ed. - As Comunidades Agro-pastoris na margem esquerda do Guadiana, 2ª metade do IV aos inícios do II milénios a.C. *Memórias d’Odiana*. Estudos Arqueológicos do Alqueva. EDIA, DRCALEN. p. 189- 202.
- DINIZ, M.** (1994) – Pesos de tear e tecelagem no calcolítico em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e etnologia*. Porto. *Actas do Primeiro Congresso de Arqueologia Peninsular*. 34: 3-4. p. 133-149.
- DINIZ, M.** (2007) – O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia*. 48. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- DOBRES, M.A.** (2000)- *Technology and Social Agency. Outlining a Practice Framework for Archaeology*.
- DORAN, J.E.; HODSON, F.R.** (1975) - *Mathematics and Computers in Archaeology*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- DUARTE, I.** (2002) – *Solos residuais de rochas granitóides a sul do Tejo. Características geológicas e geotécnicas*. Tese de Doutoramento. Universidade de Évora. 373 p.
- ELIADE, M.** (1999) – *O Mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70. 176 p.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.J.** (1990) - *El calcolítico o Edad del Cobre de la Cuenca Extremeña del Guadiana: los poblados*. Badajoz: Editora Regional de Extremadura.
- EVANGELISTA, L.; LAGO, M.; MIGUEL, L.** (2016) - A Anta dos Enxacafres no Contexto do Megalitismo da Região de Grândola e Santiago do Cacém: Uma Primeira Nota. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 11. p. 21 - 32.
- FERREIRA, O. da V. ; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C.T.** (1975) - The megalithic tomb of Pedra Branca. Portugal: preliminary report. *Proceedings of the Prehistoric Society*. 41. p. 167-178.
- FERREIRA, O. da V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M., NORTH, C.; SOUSA, H.** (1975) - Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 59. p. 107-192
- FOKKENS, A.** (2005) - Longhouses in unsettled settlements. Settlements in Beaker period and Bronze Age. In LOUWE KOOIJMANS, L.; VAN DEN BROEKE, P; FOKKENS, H.; VAN GIJN, A. eds. - *The prehistory of the Netherlands*. 1. Amsterdam: Amsterdam University Press. p. 407–428.
- FOKKENS, H.** (2012) – Background to dutch beakers: a critical review of the dutch model. In FOKKENS, H.; NICOLIS, F. eds. – *Background to beakers: inquiries into regional cultural backgrounds of the Bell Beaker complex*. Leiden: Sidestone Press. p. 9-35
- FOKKENS, H.; ACHTERKAMP, Y.; KUIJPERS, M.** (2008) - Bracers or bracelets? About the functionality and meaning of Bell Beaker wrist-guards. *Proceedings of the Prehistoric Society*. 74. p.109–140
- FORENBAHER, S.** (1999) – Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic. *BAR International Series*. 756. Oxford: Archaeopress.
- FOWLER, C.** (2004) - *The archaeology of personhood. An anthropological approach*. London: Routledge.

- FRASER, E.; BRADLEY, R.** (2011) - Barrows and the boundary between the living and the dead. In MULLIN, D. ed. - *Places in between: the archaeology of social, cultural and geographical borders and borderlands*. Oxford: Oxbow Books. p. 40-47.
- GAMBLE, L.** (2017) - Feasting, Ritual Practices, Social Memory, and Persistent Places: new interpretations of shell mounds in southern California. *American Antiquity*. 82. 3. p. 427-451.
- GAMBLE, L. H; WILKEN, M.** (2008) - Kumeyaay Cultural Landscapes of Baja California's Tijuana River Watershed. *Journal of California and Great Basin Anthropology*. 28. p. 127-151.
- GARCÍA PUCHOL, O., BERNABEU AUBAN, J.; CARRIÓN MARCO, Y.; MOLINA BALAGUER, L.; PEREZ JORDA, G.; GÓMEZ PUCHE, M.** (2013) - A funerary perspective on Bell Beaker period in the Western Mediterranean: Reading the social context of individual burials at La Vital (Gandía, Valencia). *Trabajos de prehistoria*. 70. p. 325 - 339
- GARCÍA RIVERO, D.** (2008) – Campaniforme y rituales estratégicos en la Cuenca Media y Baja del Guadiana (Suroeste de la Península Ibérica). *BAR*. Oxford.
- GARRIDO PENA, R.** (2001) - La Prehistoria: ¿Ciencia del pasado remoto o discurso ideológico contemporáneo?. *Tiempo y Tierra. Revista de la Asociación Española del Profesorado de Historia y Geografía*. 12. p. 25-44.
- GARRIDO PENA, R.** (2005) - El Laberinto Campaniforme: Breve historia de un reto intelectual. In ROJO M.A., GARRIDO R. e. GARCIA Í eds. - *El Campaniforme en la Península Ibérica y su contexto europeo*. Valladolid, Universidad de Valladolid. p. 29-44
- GARRIDO PENA, R.** (2007) – El fenómeno Campaniforme: un siglo de debates sobre un enigma sin resolver. In CACHO, C.; MAICAS, R; MARTÍNEZ, M.I.; MARTOS coords. (2007) – *Acercándonos al pasado: Prehistoria en 4 actos*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional/Ministerio de Cultura. p. 1-16
- GARRIDO PENA, R.** (2014) - Entre el consenso y la incertidumbre: perspectivas actuales en el estudio del fenómeno campaniforme In *Actas de las novenas jornadas de Patrimonio arqueológico de la Comunidad de Madrid*. Dirección General de Patrimonio Histórico. Consejería de Empleo, Turismo y Cultura. Comunidad de Madrid. p. 85-104.
- GARRIDO PENA, R.; ROJO-GUERRA, M.; MARTÍNEZ DE LAGRÁN, I. G.** (2005) – Bell Beakers in Central Iberia (the Inner Meseta). In. ROJO-GUERRA, M. A.; GARRIDO PENA, R.; LAGRÁN, I. G. coords. – *El campaniforme en la Península Ibérica y su contexto Europeu*. p. 411-456
- GARRIDO-PENA, R.; ROJO-GUERRA, M.A.; GARCÍA-MARTINEZ DE LAGRÁN, I.; TEJEDOR-RODRÍGUEZ, C.** (2011) –Drinking and eating together: the social and symbolic context of commensality rituals in the bell beakers of the interior of Iberia (2500-200 Cal BC). In ARANDA JIMÉNEZ, G.; MONTÓN-SUBÍAS, S.; SÁNCHEZ ROMERO, M. eds. (2011) – *Guess who's coming to dinner: feasting rituals in the prehistoric societies of Europe and the Near East*. Oxbow Books. p. 109-129
- GARROW, D.** (2012) – Odd deposits and average practice. A critical history of the concept of structured deposition. *Archaeological Dialogues*. 18. 85-115.
- GIBSON, A.** (2014) – Burials and Beakers: seeing beneath the veneer in late Neolithic Britain. In CZEBRESZUK, J. ed. – *Similar but different. Bell Beakers in Europe*. Poznan: Adam Mickiewicz University.
- GIBSON, C.** (2013) - Beakers into bronze: tracing connections between Western Iberia and the British Isles 2800–800 BC. In KOCH, J.; CUNLIFFE, B. eds. - *Celtic from the West*. 2. p. 71–99.
- GILLIS, J.** (1994) – *Memory and identity: the history of a relationship*. In *Commemorations: The Politics of National Identity*. NJ: Princeton University Press. p. 3-26.

- GILMAN, A.** (2013) - Were There States During the Later Prehistory of Southern Iberia? In BERROCAL, M.C.; GARCÍA SANJUÁ, L.; GILMAN, A. eds. - *The Prehistory of Iberia: Debating Early Social Stratification and the State*. Routledge.
- GOLDSTEIN, P. S.** (2003) – From stew-eaters to maize drinkers: The chicha economy and the Tiwanaku expansion. In BRAY, T. L. ed. - *The Archaeology and Politics of Food and Feasting in Early States and Empires*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers. p. 143–172
- GOMES, S.** (2013) – Tecelagem e Pesca: Os pesos. In VALERA, A.C. coord. - *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana (2ª metade do IV aos finais do II milénio AC)*. *Colecção Memórias d'Odiana*. Lisboa: EDIA. p. 109-126.
- GONÇALVES, V. S.** (1989) - *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma perspectiva integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ
- GONÇALVES, V. S.** (1999) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C.** (2000) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). In GONÇALVES, V.G; SOUSA, A.C. - *Muitas antas, pouca gente?*. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. p. 11-104.
- GONÇALVES, V.S.** (1988/89) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*. Vol.IX-X. Porto. p.49-61.
- GOODY, J.** (1982) – *Cooking, Cuisine and Class: A study in comparative sociology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GUILAINE, J.** (2004) - Les Campaniformes et la Méditerranée. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. 101. p. 239–52.
- GUILAINE, J.; ZAMMIT, J.** (2001) - *The origins of war*. Oxford: Blackwell.
- HARRISON, R.** (1977) - *The Bell Beaker cultures of Spain and Portugal*. Harvard: Peabody Museum.
- HARRISON, R.** (1980) - *The Beaker Folk*. London: Thames and Hudson.
- HAYDEN, B.** (1995) – Pathways to Power: Principles for Creating Socioeconomic Inequalities. In PRICE, T.D.; FEINMAN, G. – *Foundations of Social Inequality*. Springer US. p. 15-86.
- HAYDEN, B.** (2009) - Funerals As Feasts: Why Are They So Important? *Cambridge Archaeological Journal*. 19. p. 29-52.
- HILL, E.** (2013) - Archaeology and animal persons: Toward a prehistory of human-animal relations. *Environment and Society, Advances in Research*. 4. p. 117-136.
- HILL, J.** (1996) - The identification of ritual deposits of animals: a general perspective from a specific study of 'special animal deposits' from the Southern English Iron Age. In ANDERSON, S.; BOYLE, K. eds. - *Ritual treatment of human and animal remains*. Oxford: Oxbow Books. p.17-32.
- HODDER, I.** (1981) - Pottery, Production, and Use: A Theoretical Discussion. In Howard, H.; MORRIS, E. eds. - *Production and Distribution: A Ceramic Viewpoint*. *BAR International Series*. 120. p. 215-220.
- HODDER, I.; HUTSON, S.** (2003) – *Reading the Past: Current Approaches to Interpretation in Archeology*. Cambridge: Cambridge University. 3rd Edition. 293 p.
- HODDER, I.; ORTON, C.** (1976) – *Spatial analysis in archaeology*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.

- HOFMAN, J.L.; ENLOE, J.G.** eds. (1992) - Piecing together the past. Applications of refitting Studies in Archaeology. *BAR International series*. 578.
- HOSKINS, J.** (2006) – Agency, Biography and Objects. In TILLEY, C.; KEANE, S.; KÜCHLER, S.; ROWLANDS, M.; SPYER, P. eds. – *Handbook of Material Culture*. London: Sage.
- HURTADO, V.** (2004a) - El asentamiento fortificado de San Blas (Cheles, Badajoz). *Trabajos de Prehistoria*. 61/1. p. 141-155.
- HURTADO, V.** (2004b) - San Blas. The discovery of a large chalcolithic settlement by the Guadiana River. *Journal of Iberian Archaeology*. 6. p. 93-116.
- HURTADO, V.** (2005) - El Campaniforme en Extremadura: valoración del proceso de cambio socioeconómico en las cuencas medias del Tajo y Guadiana. In LAGRÁN, I.; GARRIDO PENA, R.; ROJO GUERRA, M - *El campaniforme en la Península Ibérica y su contexto europeo*. Universidad de Valladolid. p. 321-336
- HURTADO, V.; MONDÉJAR, P.; PECERO, J.C.** (2000) – Excavaciones en la Tumba 3 de La Pijotilla. *Extremadura Arqueologica. VIII. Homenaje a Elias Dieguez Luengo*. p. 249-266.
- HURTADO, V.; PERDIGONES, L.** (1984) - Idolos inéditos del Calcolítico en el Suroeste hispano. *Madridrer Mitteilungen*. Heidelberg. 24, p. 46-58.
- INGOLD, T.** (1993) - The Temporality of the Landscape. *World Archaeology*. 25. p. 152–174.
- INGOLD, T.** (2000) - *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.
- JESUS, A.** (2016) - *Negotiating Personhood: disposal of animal remains in mortuary practices at the beginning of the adoption of domestic animals in South Scandinavia and Netherlands*. (unpublished Master thesis Leiden University).
- JOHNSON, M.** (2009) – *Archaeological theory: An introduction*. Oxford: Blackwell.
- JORGE, S. O.; OLIVEIRA, M. L.; NUNES, S. A. & GOMES, S.** (1998/99) - Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão. *Portugalia*. 19-20. p. 29-70.
- JUAN-CABANILLES, J.** (1984) – El utillaje neolítico en sílex de litoral mediterráneo peninsular: estudio tipológico-analítico a partir de materiales de la Cova del’Or y de la Cova de la Sarsa. *Saguntum*. 18. p. 49-102.
- KIDDER, T.; SHERWOOD, S.C.** (2016) - Look to the Earth: The Search for Ritual in the Context of Mound Construction. *Archaeological and Anthropological Sciences*. p. 1–23.
- KNAPP, A.; ASHMORE, W.** (1999) - Archaeological Landscapes: Constructed, Conceptualized, Ideational. In ASHMORE, W; KNAPP, A. eds. - *Archaeologies of Landscape: Contemporary Perspective*. Massachusetts: Blackwell Publishers. p. 1–30.
- KOPYTOFF, I.** (1986) – The Cultural Biography of Things: Commoditization as Process. In APPADURAI, A. ed. - *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge. p. 64–91
- KRISTIANSEN, K.; ALLENTOFT, M.; FREI, K.; IVERSEN, R.; JOHANNSEN, N.; KROONEN, G.; POSPIESZNY, L.; PRICE, T.; RASMUSSEN, S.; SJOGREN, K.; SIKORA, M; WILLERSLEV, E.** (2017) - Re-theorising mobility and the formation of culture and language among the Corded Ware Culture in Europe. *Antiquity*. 91. 356. p. 334-347.
- KUNST, M.** (2000) – A Guerra no Calcolítico na Península Ibérica. *Era Arqueologia*. 2. p. 128–142

- LAGO, M., DUARTE, C., VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F. e CARVALHO, A.** (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1. Lisboa. p. 45-152.
- LANTING, J. N.; VAN DER WAALS, J. D.** (1972) - British beakers as seen from the continent. A review article. *Helinium*. 12. p. 20–46.
- LANTING, J. N.; VAN DER WAALS, J. D.** (1976) - Beaker culture relations in the Lower Rhine basin. In LANTING, J. N.; VAN DER WAALS, J. D. eds. - *Glockenbecher Symposium*. Haarlem: Fibula-Van Dishoeck. p. 2–80.
- LARSON, G.; KARLSSON, K.; PERRI A.; WEBSTER M.T.; HO, S.; PETERS, J.; STAHL, P.; PIPER, P.; LINGAAS, F.; FREDHOLM, M.; COMSTOCK, K.; MODIANO, J.; SCHELLING, C.; AGOULNIK, A., LEEGWATER, P.; DOBNEY, K.; VIGNE, J.; VILÀ, C.; ANDERSSON, L.; LINDBLAD-TOD, K.** (2012) - Rethinking dog domestication by integrating genetics, archeology, and biogeography. *Proceedings of the National Academy of Sciences*. 109. p. 8878-8883.
- LARSON, L.** (1990) - Dogs in fraction. Symbols in action. VERMEERSCH, P.M.; PEER, P.V. eds. - *Contributions to the Mesolithic in Europe*. Leuven: Leuven University Press. p.153-160
- LAZARICH GONZÁLEZ, M.** (2005) – El Campaniforme en Andalucía. In LAGRÁN, I.; GARRIDO PENA, R.; ROJO GUERRA, M - *El campaniforme en la Península Ibérica y su contexto europeo*. Universidad de Valladolid. p. 351-370
- LEISNER, G., LEISNER, V.** (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. 2. Lieferung. Berlin.
- LEISNER, G.; LEISNER, V.** (1955) - *Antas nas herdades da casa de Bragança no concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V.** (1969) – Les monuments préhistoriques de Praia das Maças e Casinhos. *Memórias - Serviços geológicos de Portugal*. 16. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1969. 100 p.
- LEITÃO, M.; NORTH, C.T.; NORTON, J.; FERREIRA, O.V.; ZBYSZEWSKI, G.** (1987) – A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. 4: 5. p. 37-66.
- LEMAIRE, T.** (1997) – Archaeology between the invention and destruction of the landscape. *Archaeological Dialogues*. 4. p. 5-21.
- LIESAU, C.** (2016) - Some prestige goods as evidence of interregional interactions in the funerary practices of the Bell Beaker groups of Central Iberia. In GUERRA DOCE, E.; LIESAU, C. - *Analysis of the Economic Foundations Supporting the Social Supremacy of the Beaker Groups: Proceedings of the XVII UISPP World Congress (1-7 September, Burgos, Spain)*. Archaeopress Archaeology. p. 69-93.
- LIESAU, C.; RÍOS, P.; VEGA, J.; MENDUIÑA, R; BLASCO C.** (2014) - Buscando los ancestros: La manipulación de los restos de las tumbas campaniforme en Camino de las Yeseras (San Fernando de Henares, Madrid) In *Actas de las novenas jornadas de Patrimonio arqueológico de la Comunidad de Madrid*. Dirección General de Patrimonio Histórico. Consejería de Empleo, Turismo y Cultura. Comunidad de Madrid. p. 137-148
- LIESAU, C.; VEGA, J.; DAZA, A. RIOS, P; MENDUIÑA, R.; BLASCO, C.** (2013-2014) – Manifestaciones simbólicas en el acceso Noroeste del recinto 4 de foso en Camino de las Yeseras (San Fernando de Henares, Madrid). *Saldvie*. 13-14. p. 53 - 69.
- LILIOS, K** (1991) – *Competition to fission: the Copper to Bronze Age transition in the lowlands of West Central Portugal (3000-1000Bc)*.

- LILIOS, K.** (1996) – Regional settlement abandonment at the end of the Copper Age in the lowlands of the West Central Portugal. In CAMERON, C.; TOMKA, S. eds. – Abandonment of settlements and regions: Ethnoarchaeological and Archaeologica approaches. *New Directions in Archaeology*. Cambridge: CPU. p. 110-120.
- LINDEN, M. V.** (2013) - A Little Bit of History Repeating Itself: Theories on the Bell Beaker Phenomenon. In FOKKENS, H.; HARDING, A. - *The Oxford Handbook of the European Bronze Age*. Oxford: Oxford University Press. p. 68–81.
- LINDEN, M.V.** (2004) - Polythetic networks, coherent people. A new historical hypothesis for the Bell Beaker phenomenon. In CZEBRESZUK, J. ed. - *Similar but different. Bell Beakers in Europe*. p. 33-60.
- LINDEN, M.V.** (2007) - What linked the Bell Beakers in third millennium BC Europe? *Antiquity*. 81. p. 343-352.
- LOPES, A.T.** (2016) - *4º e o 3º milénio a.n.e. sítio da Ota (Alenquer): perscrutando por entre colecções antigas e projectos recentes*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- LOUWE KOOLJMANS L. P.** (2007) - The gradual transition to farming in the Lower Rhine Basin. In WHITTLE, A.; CUMMINGS, V. eds. - *Going over: the Mesolithic-Neolithic transition in north-west Europe*. London: Proceedings British Academy. p. 287-309.
- MÁRQUEZ ROMERO, J.** (2006) - Sobre los depósitos estructurados de animales em yacimientos de fossos del Sur de la Península Ibérica. WEISS-KREJCI, E.; DUARTE, C. coord. – Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. *Promontoria Monográfica*. 3. Braga: Universidade do Algarve. p.15-25
- MÁRQUEZ-ROMERO, J.; MATA VIVAR, E.; JÍMENEZ-JÁIMEZ, V.; SUÁREZ PADILLA, J.** (2013a) – Dataciones absolutas para el fosso 1 de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal): Reflexiones sobre su cronología y temporalidade. *SPAL*. 22. p.17-27.
- MÁRQUEZ-ROMERO, J.; SUÁREZ PADILLA, J.; JÍMENEZ-JÁIMEZ, V.; MATA VIVAR, E.** (2011) – Avance a la secuencia estratigráfica del fosso 1 de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal) a partir de las campañas de 2009 y 2010. *Menga*. 2. p.157-175.
- MÁRQUEZ-ROMERO, J.; SUÁREZ PADILLA, J.; MATA VIVAR, E.; JÍMENEZ-JÁIMEZ, V.; CARO, J.I.; CUEVAS ALBADALEJO, P.** (2013b) – Actuaciones arqueológicas realizadas por la Universidad de Málaga en el yacimiento de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal) trienio 2011 – 2013. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 9. NIA-ERA. p. 61-76.
- MATALOTO, R.** (2006) – Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9: 2. p. 83-108.
- MATALOTO, R.** (no prelo) – We are ancients, As ancient as the sun: De Campaniforme, antas e gestos funerários nos finais do IIIº milénio aC no Alentejo Central. In *Sinos e taças. Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. p. 40-55
- MATALOTO, R., COSTEIRA, C., ROQUE, C.** (2015) – Torres, Cabanas e Memória: a Fase V e a cerâmica campaniforme do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18. p.81-100.
- MATALOTO, R.; COSTEIRA, C.** (2008) – O Povoado Calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:2. Lisboa.
- MATALOTO, R.; ESTRELA, S.; ALVES, C.** (2007) - As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). In CERRILLO, E.; VALADÉS SIERRA, J. ed. - Los primeros campesinos de La Raya. *Memórias*. 6. Cáceres: Museo de Cáceres. p. 113 – 141.

- MATALOTO, R.; MARTINS, J. M. M.; SOARES, A. M.** (2013) – Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste: periodização, base de dados, tratamento estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 20. Oeiras. p. 303-338.
- MATALOTO, R.; ROCHA, L.** (2007) O monumento ortostático do Caladinho (Redondo, Alentejo Central). In *Actas do III Congresso de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Aljustrel. p. 107-116.
- MAUSS, M.** (2015) – *Ensaio Sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70. 214p.
- MCFADYEN, L.K.** (2016) – Actions in time: After the breakage of pottery and before the construction of walls at the site of Castelo Velho de Freixo de Numão. *Estudos do Quaternário*. 15. Braga: APEQ. p. 71-90.
- MENDONÇA, M.; CARVALHO, A.F.** (2016) – A componente em pedra lascada dos monumentos funerários 1 e 2 do complexo arqueológico dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 11. p. 35-45.
- MESKELL, L.** (2003) - Memory's Materiality: Ancestral Presence, Commemorative Practice and Disjunctive Locales. In DYKE, R. V.; ALCOCK, S.E. eds. - *Archaeologies of Memory*. Massachusetts: Blackwell Publishers. p. 34–55.
- MESKELL, L.** (2007) – Archaeologies of identity. In INSOLL, T. ed. - *The Archaeology of Identities: A Reader*. New York: Routledge. p. 23–43.
- MESKELL, L.** (2007) - Back to the Future: From the Past in the Present to the Past in the Past. In YOFFEE, N. ed. - *Negotiating the Past in the Past*. Tucson: University of Arizona Press. p. 215-226.
- MITHEN, S.** (1996) – *The Prehistory of the mind: a search for the origins of art, religion and science*. Londres: Thames and Hudson Ltd. 333 p.
- MITHEN, S.** (2013) – The Cathedral Model for the Evolution of Human Cognition. In HATFIELD, G.; PITTMAN, H. – *Evolution of Mind, Brain and Culture*. University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology. p. 217-234.
- MOBERG, C. A.** (1981) – *Introdução à Arqueologia*. Lisboa: Edições 70.
- MORENO-GARCIA, M.; CABAÇO, N.** (2009) – Restos faunísticos em contexto funerário: fossas 7 e 11 dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 4. NIA-ERA. p. 11-14.
- MORO BERRAQUERO, F. J.** (2013) – A pedra talhada do Mercador, Monte do Tosco e Moinho de Valadares. In VALERA, A.C. ed. - *As Comunidades Agro-pastoris na margem esquerda do Guadiana, 2ª metade do IV aos inícios do II milénios a.C. Memórias d'Odiana*. Estudos Arqueológicos do Alqueva. EDIA, DRCALEN. 2ª série. p. 189- 202.
- MULLER, J.** (2006) – Die feiernde Elite. Mykenische Feste in archäologischen Befund. *Ethnographisch-Archaeologische Zeitschrift*. 47: 4. p. 485–520.
- MÜLLER, J.** (2007) - Inheritance, population and social identities. Southeast Europe 5200-4300 BCE. In GORI, M.; IVANOVA, M.- *Balkan Dialogues: Negotiating Identity between rehistory and the Present*. London. p. 156-168.
- MULLER, J.; VAN WILLINGEN, S.** (2001) - New radiocarbon evidence for European Bell Beakers and the consequences for the diffusion of the Bell Beaker phenomenon. In NICOLIS, F. (ed.) - *Bell Beakers Today: Pottery, People, Culture, Symbols in Prehistoric Europe. Proceedings of the International Colloquium, Riva del Garda (Trento, Italy) 11–16 May (1998)*. Trento: Ufficio Beni Archeologici. p. 59–80.

- NEWCOMER, M. H.; GRACE R. e UNGER-HAMILTON, R.** (1986) – Investigating microwear polishes with blind tests. *Journal of Archaeological Science*. 13. p. 203-217.
- NOCETE, F.** (1989) - El Espacio de la Coerción. La transición al Estado en las Campiñas del Alto Guadalquivir (España) 3000-1500 a.C. *BAR Internacional Series*. 492.
- NOCETE, F.** (1994) - *La formación del Estado en las Campiñas del Alto Guadalquivir (3000-1500 a.n.e.). Análisis de un proceso de transición. Monográfica Arte y Arqueología.* Universidad Granada.
- NOCETE, F.** (2001) - *Tercer milenio antes de nuestra era. Relaciones y contradicciones centro/periferia en el Valle del Guadalquivir.* Bellaterra. Barcelona
- ODRIOZOLA, C., HURTADO, V, DIAS, M.I., VALERA, A.C.** (2008a) – Produção campaniforme e consumo de campaniformes no vale do Guadiana: uma perspectiva ibérica. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 8. p.45-52.
- ODRIOZOLA, C.; HURTADO PÉREZ, V.; DIAS, M.I. E VALERA, A.C.** (2008b) - Produção e consumo de campaniformes no vale do Guadiana: uma perspectiva ibérica. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 3. NIA-ERA. p. 45 – 52.
- ODRIOZOLA, C.P.** (2008) – Scientific analyses of the white inlaid material of the symbolic pottery from Povoado dos Perdigões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 3. p. 41-44.
- ODRIOZOLA, C.P.; LINARES-CATELA, J.A.; HURTADO-PÉREZ, V.** (2010) – Perdigões: green beads provenance analysis. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 6. p. 47-51.
- OLALDE, I.; BRACE,S.; ALLENTOFT, M.; ARMIT, I.; KRISTIENSEN, K.; ROHLAND, N.; MALLICK, S., BOOTH, T., SZÉCSÉNYI-NAGY, A.; MITTNIK,A.; ALTENA, E.; LIPSON,M.; LAZARIDIS, I.; PATTERSON, N.; BROOMANDKHOSHBAHT, N.; DIEKMANN, Y.; FALTYSKOVA, Z.; FERNANDES, D.; FERRY, M.; HARNEY, E.; KNIJFF, P.; MICHEL,M.; OPPENHEIMER, J.; STEWARDSON, K.; BARCLAY, A.; ALT, K.; FERNÁNDEZ, A.; BÁNFFY, E.; BERNABÒ-BREA, M.; BILLOIN, D.; BLASCO, C.; BONSALE, C.; BONSALE, L.; ALLEN, T.; BÜSTER, L.; CARVER, S.; NAVARRO, L.; CRAIG, O.; COOK, G.; CUNLIFFE, B.; DENAIRE, A.; DINWIDDY, K.; DODWELL, N.; ERNÉE, M.; EVANS, C.; KUCHARÍK, M.; FARRÉ, J.; FOKKENS, H.; FOWLER, C.; GAZENBEEK, M.; GARRIDO PENA, R; HABER-URIARTE, M.; HADUCH, E.; HEY, G.; JOWETT, N.; KNOWLES, T.; MASSY, K.; PFRENGLE, S.; LEFRANC, P.; LEMERCIER, O.; LEFEBVRE, A.; MAURANDI, J.; MAJÓ, T.; MCKINLEY, J.; MCSWEENEY, K.; GUSZTÁV, M.; MODI, A.; KULCSÁR, G.; KISS, V.; CZENE, A.; PATAY, R.; ENDRÓDI, A.; KÖHLER, K.; HAJDU, T.; CARDOSO, J.; LIESAU, C.; PEARSON, M.; WŁODARCZAK, P.; PRICE, T.; PRIETO, P.; REY, P.J.; RÍOS, P.; RISCH, R.; ROJO GUERRA, M.; SCHMITT, A.; SERRALONGUE, J.; SILVA, A.M.; SMRČKA, V.; VERGNAUD, L.; ZILHÃO, J.; CARAMELLI, D.; HIGHAM, T.; HEYD, V.; SHERIDAN, A.; SJÖGREN, K.; THOMAS, M.; STOCKHAMMER, P.; PINHASI, R.; KRAUSE, J.; HAAK, W.; BARNES, I.; LALUEZA-FOX, C.; REICH, D.** (2017).- The Beaker Phenomenon And The Genomic Transformation Of Northwest Europe. *BioRxiv*.
- OLSEN, S. L.** (2000) - The secular and sacred roles of dogs at Botai, North Kazakhstan. In CROCKFORD, S. ed. - Dogs through time: an archaeological perspective. *Bar International Series*. Oxford. p.71-92.
- OSBORNE, J.F.** (2014) - Monuments and Monumentality. in *Approaching Monumentality*. In OSBORNE, J.F. ed. - *Archaeology*. NY: SUNY Press. p. 1-19
- PAÇO, A.** (1940) - Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro. In *Congresso do Mundo Português*. Porto. 1. p. 233-251.

- PAJUELO, A.; LÓPEZ, P.** (2013) - La necrópolis de cuevas artificiales y fosas de c/ Dinamarca 3 y 5 (Valencina de la Concepción, Sevilla). In *El asentamiento prehistórico de Valencina de la Concepción (Sevilla)*. p. 293-309.
- PALLIARDI, J.** (1919) – Beiträge zur Kenntnis der Glockenbecherkultur. *Wiener Praehistorische Zeitschrift*. 4. p. 41-56.
- PARREIRA, R.** (1983) - O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. 4:1.
- PAUL-LÉVY, F.; SEGAUD, M.** (1983) – *Antropologie de l'espace*. Paris: Centre Georges Pompidou/CCI.
- PEARSON, M. P.** (2000) - Ancestors, bones and stones in in Neolithic and Early Bronze Age Britain and Ireland. In RITCHIE, A. ed. - *Neolithic Orkney in its European Context*. Cambridge: McDonald Institute. p. 203–14.
- PEARSON, M. P.** (2003) – Food, Identity and Culture: an introduction and overview. In M. Parker Pearson (ed.) *Food, Culture and Identity in the Neolithic and Early Bronze Age. British Archaeological Reports* 11-17. Oxford. p. 1–30.
- PEARSON, M.P.; CHAMBERLAIN, A.; JAU, M.; RICHARDS, M.; SHERIDAN, A.; CURTIS, N.; EVANS, J.; GIBSON, A.; HUTCHISON, M.; MAHONEY, P.; MARSHALL, P.; MONTGOMERY, J.; NEEDHAM, S.; O'MAHONEY, S.; PELLEGRINI, M.; WILKIN, N.** (2016) – Beaker people in Britain: migration, mobility and diet. *Antiquity*. 90. 351. p. 620-637
- PELEGRIN, J.** (2006) - Long blade technology in the Old World: an experimental approach and some archaeological results. In APEL, J.; KNUTSSON, K. eds. - *Skilled production and social reproduction. Aspects of traditional stone tool technologies. Stone Studies*. 2. Uppsala: Uppsala University. p. 37-68.
- PELEGRIN, J.; MORGADO, A.** (2007) - Primeras experimentaciones sobre la producción laminar del Neolítico reciente - Edad del Cobre del sur de la Península Ibérica. in RAMOS, M.L.; GONZÁLEZ, J.E.; BAENA, J. eds. - *Arqueología experimental en la Península Ibérica. Investigación, didáctica y patrimonio, Santander*. Asociación Española de Arqueología Experimental. p. 131-139.
- PEREIRA, D.** (2014) - *Nas cinzas jazem engendros da morte, reflexos de vidas de outrora: As cremações pré-históricas dos Perdígões*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- PETERSSON N.** (2007) - *En grav är mer än bara en grav... En metodutveckling av tafonomi som redskap att förstå olika anläggningar med djur*. Lund (unpublished Master thesis University of Lund).
- PIGUET, M.; BESSE, M.** (2009) - Chronology and Bell Beaker common ware. *Radiocarbon*. 51. 2. p. 817-830.
- PRIETO-MARTINEZ, M.P.** (2008) - Bell Beaker communities in Thy: the first Bronze Age society in Denmark. *Norwegian Archaeological Review*. 41:2. p. 115–158.
- PRIETO-MARTINEZ, M.P.; SALANOVA, L.** eds (2015) - *The Bell Beaker Transition in Europe: Mobility and Local Evolution during the 3rd Millennium bc*. Oxford & Philadelphia: Oxbow Books. 214p.
- PRIETO-MARTINEZ, M.P.; SALANOVA, L.** eds. (2013) –Current researches on Bell Beakers. *Proceedings of the 15th International Bell Beaker Conference: From Atlantic to Ural. 5th – 9th May 2011. Poio (Pontevedra, Galicia, Spain)*. Santiago de Compostela: Copynino-Centro de Impresion.
- RALPH, S.** (2005) – Eat, drink and be Roman? Feasting in later Iron Age and early Roman Britain. *Archaeological Review*. 20:2. p. 32–52.

- RAPPAPORT, R.** (1999) – *Ritual and Religion in the Making of Humanity*. Cambridge: Cambridge University Press. 564p.
- RÉMY, J.; VOYÉ, L.** (1994) – *A cidade: rumo a uma nova definição*. Lisboa: Afrontamento.
- REZENDE, J.** (2006) - O Materialismo Histórico e a posição do indivíduo na pesquisa arqueológica. *Revista de Arqueologia*. 19. p. 51-63.
- RIBEIRO, L.; SANGMEISTER, E.** (1967) – Der Neolithische Fundplatz von Possanco bei Comporta/Portugal. *Madriider Mitteilungen*. 8. p. 31- 45.
- RICHARDS, C.; THOMAS, J.** (1984) - Ritual activity and structured deposition in later Neolithic Wessex. In BRADLEY, R.; GARDINER J. - Neolithic Studies. *British Archaeological Reports*. 133. Oxford: BAR. p. 189– 218.
- RODRIGUES, A. F.** (2015) - *O sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos recintos de fossos no SW peninsular nos finais do 4º milénio A.N.E.* Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- ROGERS, E.M.** (1983) – *Diffusion of Innovations*. Nova Iorque: The Free Press. 453 p.
- ROJO GUERRA, M., GARRIDO PENA, R.; LAGRAN, I.** (2008a) – Everyday routines or special ritual events? Bell Beakers in domestic context of Inner Iberia. In BAIONI, M; LEONINI, V.; LO VETRO, D.; MARTINI, F.; KELLER, R.P.; SARTI, L. eds – Bell Beaker in Everyday life: Proceedings of the 10th meeting “Archéologie et Gobelets”. *Millenni Studi Archeologia Preistorica*. 6. p. 321-326.
- ROJO GUERRA, M.A.; GARRIDO PENA, R. y GARCÍA MARTÍNEZ DE LAGRÁN, I.** (2008b) - No sólo cerveza: nuevos tipos de bebidas alcohólicas identificados en análisis de contenidos de cerámicas campaniformes del valle de Ambrona (Soria). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada*. 18. p. 91-105.
- ROJO, M.; GARRIDO PENA, R.; GARCÍA, I.; TEJEDOR, C.** (2015) - Beaker barrows (not) for the dead: El Alto I & III, Las Cuevas/El Morrón and La Perica (Soria, Spain). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*. 40. p. 31-40.
- SAHLINS, M.** (1972) – *Stone Age Economics*. London: Tavistock.
- SAHLINS, M.** (1985) – *Islands of history*. Chicago: The University of Chicago Press.
- SALANOVA, L.** (2000a) - *La question du Campaniforme en France et dans les îles anglonormandes. Productions, chronologie et rôles d'un standard céramique*. Paris: CTHS/ Société Préhistorique Française.
- SALANOVA, L.** (2000b) – Mécanismes de diffusion des vases campaniformes les liens franco-portugais. In JORGE, V.O. ed. (2000) – *Pré-História recente da Península Ibérica: 3º Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 1999)*. 4. p. 399-409
- SALANOVA, L.** (2004a) – The frontiers inside the western Bell Beaker Block. In CZEBRESZUK, J. ed. (2014) – *Similar but different: Bell Beakers in Europe*. Leiden: Sidestone press. p. 63-75.
- SALANOVA, L.** (2004b) – Le role de la façade atlantique dans la genèse du Campaniforme en Europe. *Bulletin de la Société préhistorique française*. 101. p. 223-226.
- SALVADO, M. C.** (2004) – Apontamentos sobre a utilização do osso no Neolítico e Calcolítico da Península de Lisboa: as colecções do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Suplemento. 2. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- SANGMEISTER, E.** (1963) - La civilisation du vase campaniforme. Actes du Premier Colloque Atlantique. In BREST - *Les civilisations atlantiques du néolithique à l'Age du Fer*. Rennes. p. 25–56

- SANGMEISTER, E.** (1966) - Die Datierung des Rückstroms der Glockenbecher und ihre Auswirkung auf die Chronologie der Kupferzeit in Portugal. *Palaeohistoria*. 12. p. 195–207.
- SANTOS, M. F.; SILVA, C. T.** (1972) - Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão Vale do Sado). *O Arqueólogo Português*. 3: 6. p. 163-192
- SANTOS, R.; REBELO, P.; NETO, N.; VIEIRA, A.; REBUJE, J.; RODRIGUES, F.; CARVALHO, A.F.** (2014) - Intervenção arqueológica em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (2008-2010): resultados preliminares e programa de estudos. In 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O plano de rega (2002-2010). *Memórias d’Odiana*. 2ª Série. 14. Edia/DRCALLEN. p. 83-95.
- SARTI, L.; BALDUCCI, C.; BRILLI, P.; FENU, P.; LEONINI, V.; MARTINI, F.; PIZZIOLLO, G.; ZANNONI, M.** (2008) – Catalogue of Bell beaker settlements in Sesto Fiorentino, Florence. In BAIONI, M.; LEONINI, V.; LO VETRO, D.; MARTINI, F.; KELLER, R.P.; SARTI, L. eds – Bell Beaker in Everyday life: Proceedings of the 10th meeting “Archéologie et Gobelets”. *Millenni Studi Archeologia Preistorica*. 6. p. 19-32.
- SCHIFFER, M.B.** (1987) - Formation processes of the archaeological record. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- SCHUBART, H.** (1971) – O Horizonte Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico final no sudoeste da península Ibérica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. p. 189-215.
- SCHUMACHER, T. X., CARDOSO, J. L., BANERJEE, A.** (2009) - Sourcing African ivory in Chalcolithic Portugal. *Antiquity*. 83:322. p. 983–997
- SENNA-MARTINEZ, J. C.** (2009) – Armas, lugares e homens: Aspectos das práticas simbólicas na Primeira Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17. Oeiras: Câmara Municipal. p. 467-488
- SENNA-MARTINEZ, J.C.** (1989) – *Pré-História recente da bacia do médio e alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Policopiado.
- SÉRONIE-VIVIEN M.R.** (1987) - *Introduction à l’étude des poteries préhistoriques*. Bordeaux: Société spéléologique et préhistorique. 103 p.
- SHANKS, M.; TILLEY, C.** (1987) - *Social theory and archaeology*. Cambridge: Polity Press.
- SHENNAN, S.** (1976) - Bell Beakers and their context in central Europe. In LANTING, J. N.; VAN DER WAALS, J. D. eds - *Glockenbecher Symposium*. Haarlem: Fibula-Van Dishoeck. p. 231–239.
- SHENNAN, S.** (1978) - Archaeological ‘cultures’: an empirical investigation. In HODDER, I. ed. - *The spatial organisation of culture*. London: Duckworth. p. 113–140.
- SHENNAN, S.** (1993) - Settlement and social change in central Europe, 3500–1500 BC. *Journal of World Prehistory*. 7. p. 121–161.
- SHEPARD, A. O.** (1971) – *Ceramics for the Archaeologist*. 7ªed. Washington.
- SHERRATT, A.** (1987) – Cups that cheered. In WALDREN, W.; KENNARD, R. eds. – Bell Beakers of the Western Mediterranean: The Oxford International Conference 1986. *British Archeological Reports*. Oxford. p. 81-106.
- SILVA, A.C.F. da; RAPOSO, L.; SILVA, C.T.** (1993) - *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVA, C. T. e SOARES, J.** (1976-77) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. 2-3. Setúbal: MAEDS. p. 179-272.

- SILVA, C. T.; SOARES, J.** (1987) - O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I — Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. 8. p. 29-79.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.** (1988) - O povoado fortificado da Idade do Cobre do Monte da Tumba (Torrão): Cinco anos de escavações arqueológicas. *Movimento Cultural*. Setúbal. 4. p. 16-43.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; CARDOSO, J.** (1995) - Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia — Elementos para um estudo comparado. In *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica. Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras, 3-5 de Abril 1987*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. p. 159-168.
- SILVA, C.T.; SOARES, J.** (1986) - Intervenção arqueológica na vila do Torrão: ocupação calcolítica. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal 1985)*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- SILVA, C.T.; SOARES, J.** (1987) - O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8. p. 29-79.
- SILVA, C.T.; SOARES, J.; CARDOSO, J.L.** (1995) - Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado. In *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica. Actas das I<sup>as</sup> Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras, 1987. Trabalhos de Arqueologia*. 7. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. p. 159-168.
- SILVANO, F.** (2010) – *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Assírio & Alvim. 111 p.
- SIMMEL, G.** (1990) – *Philosophie de la modernité II*. Paris: Payot.
- SOARES, A. M. M.** (1992) - O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Beleizão, conc. de Beja). Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*. 9-10. p. 291-314.
- SOARES, J.** (2003) - *Os Hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo. As economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- SOARES, J.** (2013) – Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas. *Memórias d’Odiana*. Lisboa: EDIA, DRCAL e MAEDS.
- SOARES, J., TAVARES DA SILVA, C.** (1974-77) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. 7:9. p. 102-112.
- SOARES, J.; SILVA, C.T.** (2002) - Capturar a mudança na Pré-História recente do Sul de Portugal. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. 4. p. 213–224.
- SOARES, J.; SILVA, C.T.** (2010) - Campaniforme do Porto das Carretas (médio Guadiana): a procura de novos quadros de referência. In *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal. p. 225–261.
- SOUSA, A.C.** (2010) - *O penedo do Lexim e a sequência do neolítico final e do calcolítico na península de Lisboa*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SPINDLER, K.** (1984/88) - Campaniforme e bronze: um dualismo cultural na Península Ibérica. *Separata da revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- STRATOULI, G.** (2005) – Symbolic behaviour at places of social activity beyond the domestic are in the Ionian Neolithic. *Documenta Praehistorica*. 32. p. 123-132.
- SUARÉZ, J., MÁRQUEZ ROMERO, J.E., CARO, J.L., MATA, E., CUEVAS, P.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; ALTAMIRANO, E.; MILESI, L.; CRESPO, E.** (2013) – Excavaciones arqueológicas en la Puerta 1 del yacimiento de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Universidad de Málaga, Campaña de 2013. *VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. p. 281-300.

- TALLENTIRE, J.** (2001) - Strategies of Memory: History, Social Memory, and the Community. *Social History*. 34. 67. p. 197-212.
- TCHERNOV, E.** (1992) - Evolution of complexities. Exploitation of the biosphere and zooarchaeology. *Archaeozoologia*. 5. 1. p. 9-42.
- THOMAS, J.** (1991) – *Rethinking the Neolithic*. Cambridge.
- THOMAS, J.** (1996) - *Time, culture and identity*. London.
- THOMAS, J.** (1999) - *Understanding the Neolithic*. London.
- THOMAS, J.** (2004) - *Archaeology and modernity*. London: Routledge.
- THOMAS, J.** (2005) -Materiality and the Social. In FUNARY, P.; ZARANKIN, A.; STOVEL, E. eds - *Global Archaeological Theory: Contextual Voices and Contemporary Thoughts*. Springer. p. 11-18 8 p.
- THOMAS, J.** (2012) – Some deposits are more structured than others. In GARROW, D. – Odd deposits and average practice: a critical history of the concept of structured deposition. *Archaeological dialogues*. 19. p. 124- 127
- THOMPSON, V.D.** (2010) - The Rhythms of Space-time and the Making of Monuments and places during the Archaic. In THOMAS, D.H.; SANGAR, M. eds. - *Trend, Tradition, and Turmoil: What Happened to the Southeastern Archaic*. New York: American Museum of Natural History. p. 217–227.
- TIXIER, J.; INIZAN, M.-L.; ROCHE, H.** (1980) - *Préhistoire de la pierre taillée, 1: Terminologie et technologie*. Valbonne: CREP
- TRIGGER, B.** (1992) – *A history of Archaeological Thought*. Cambridge University Press.
- TWISS, K.** (2012) - The Archaeology of Food and Social Diversity. *Journal of Archaeological Research*. Springer. p. 357-395.
- VALERA, A.C.** (1997) - *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): aspectos da calcolitização da Bacia do Alto Mondego*. Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres.
- VALERA, A.C.** (2000) – Em torno de alguns fundamentos e potencialidades da Arqueologia da Paisagem. *ERA Arqueologia* 1. Lisboa: ERA Arqueologia/Colibri.
- VALERA, A.C.** (2003) – Mobilidade estratégica e prolongamento simbólico: problemáticas do abandono no povoamento calcolítico do Ocidente Peninsular. *ERA Arqueologia*. 5. Lisboa: ERA Arqueologia/Colibri.
- VALERA, A.C.** (2006) - A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC. *Era Arqueologia*. 7. Lisboa. p.136-210.
- VALERA, A.C.** (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Braga: Município de Fornos de Algodres/Terras de Algodres associação de Promoção do Património de Fornos de Algodres. 654 p.
- VALERA, A.C.** (2008a) – Intervenção arqueológica de 2007 no interior do recinto pré-histórico dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamento de Arqueologia e Património*. 1. NIA-ERA. p. 15-26.
- VALERA, A.C.** (2008b) – Mapeando o Cosmos: uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-história recente. *Era Arqueologia*. 8. Lisboa: Era/Colibri. p. 112-127
- VALERA, A.C.** (2010a) – Construção da temporalidade dos Perdígões: contextos neolíticos da área central. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. Lisboa: NIA-ERA. Arqueologia. p. 19-26.

- VALERA, A.C.** (2010b) – Marfim no recinto calcolítico dos Perdigões (1): Lúnulas, fragmentação e ontologia dos artefactos. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. p. 31-42.
- VALERA, A.C.** (2012) – Ídolos Almerienses provenientes de contextos neolíticos do complexo de recintos dos Perdigões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 8. NIA-ERA. p. 19-28.
- VALERA, A.C.** (2013) – As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio A.C. *Memórias d’Odiana*. 6. 2ª Série. EDIA/ DRCALEN.
- VALERA, A.C.** (2013b) – *Relatório final da Campanha de Escavação do sítio dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora)*. Relatório policopiado.
- VALERA, A.C.** (2014a) - Bela Vista 5. Um recinto do Final do 3º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja). *Era Monográfica*. 2. Lisboa. NIA-Era.
- VALERA, A.C.** (2014b) - Continuidades e Descontinuidades entre o 3º e a Primeira Metade do 2º Milénio A.N.E. no Sul de Portugal: Alguns Apontamentos em Tempos de Acelerada Mudança. *Antrope*. 1. Tomar: Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar. p. 298-316.
- VALERA, A.C.** (2014c) – *Relatório final da Campanha de Escavação do sítio dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora)*. Relatório policopiado.
- VALERA, A.C.** (2015a) – “Ídolos” Falange, cervídeos e equídeos. Dados e problemas a partir dos Perdigões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 10. p.
- VALERA, A.C.** (2015b) - Social change in the late 3rd millennium BC in Portugal: the twilight of enclosures. In MELLER, H.; RISCH, R.; JUNG, R.; ARZ, H. eds - 2200 BC – Ein Klimasturz als Ursache für den Zerfall der Alten Welt? 2200 BC – A climatic breakdown as a cause for the collapse of the old world. 7th Archaeological Conference of Central Germany October 23-26, 2013 in Halle (Saale). p. 409 – 427.
- VALERA, A.C.** (2015c) – *Relatório final da Campanha de Escavação do sítio dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora)*. Relatório policopiado.
- VALERA, A.C.** (2015d) - The Diversity of Ideotechnic Objects at Perdigões Enclosure: A First Inventory of Items and Problems. *Arpi*. 3. p. 238-256
- VALERA, A.C.** (2016a) – *Relatório final da Campanha de Escavação do sítio dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora)*. Relatório policopiado.
- VALERA, A.C.** (no prelo) – Landscapes of complexity in South Portugal during the 4th and 3rd millennium BC. In *Megaliths, Societies, Landscapes. Early monumentality and social differentiation in Neolithic Europe*.
- VALERA, A.C.** (no prelo) - The “exogenous” at Perdigões: Approaching interaction in the late 4th and 3rd millennium BC in Southwest Iberia. *Proceedings of the Meeting Resource Cultures (June 2015)*. Alcalá de Henares/Madrid.
- VALERA, A.C., LINO, A.** (2016/2017) - Aspectos da Interação Transregional da Pré-História Recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as Conchas e Moluscos nos Perdigões. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. p. 189-218.
- VALERA, A.C.; BASÍLIO, A.C.** (no prelo) – Approaching Bell Beakers at Perdigões enclosures (South Portugal): Site, local and regional scales. In *Sinos e taças. Junto ao Oceano e mais além. Aspectos da presença Campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa.

- VALERA, A.C.; BECKER, H.** (2011) - Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospecção geofísica em Xancra (Cuba, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 7. Lisboa: NIA-ERA. p. 23-32.
- VALERA, A.C.; CALVO, E.; SIMÃO, P.** (2016) – Enterramento campaniforme em fossa da Quinta do Castelo 1 (Salvada, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 11. p. 13 -19.
- VALERA, A.C.; EVANGELISTA, L. S.** (2014) – Anthropomorphic figurines at Perdígões enclosure: naturalism, body proportion and canonical posture as forms of ideological language. *Journal of European Archaeology*. 17: 2. p. 286-300.
- VALERA, A.C.; FILIPE, I.** (2004) – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). *Era Arqueologia*. 6. Lisboa: Era/Colibri. p. 28-61
- VALERA, A.C.; GODINHO, R.** (2009) - A gestão da morte nos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): novos dados, novos problemas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17. Oeiras: Câmara Municipal. p.371-387.
- VALERA, A.C.; GODINHO, R.** (2010) - Ossos humanos provenientes dos fossos 3 e 4 e gestão da morte nos Perdígões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 6. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. p.29-39.
- VALERA, A.C.; LAGO, M.; DUARTE, C. e EVANGELISTA, L. S.** (2000) – Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdígões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *ERA Arqueologia*. 2. Lisboa: ERA/Colibri. p.84-105.
- VALERA, A.C.; NUNES, T.; COSTA, C.** (2010) - Enterramentos de Canídeos no Neolítico: A Fossa 5 de Corça 1 (Brinches, Serpa). *Apontamento de Arqueologia e Património*. 5. p. 7-17
- VALERA, A.C.; PEREIRO, T. do** (2013) - Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o Google Earth como ferramenta de prospecção sistemática. In *Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP, p.345-350.
- VALERA, A.C.; PEREIRO, T. do** (2015) - Os recintos de fossos da Salvada e Monte das Cabeceiras 2 (Beja, Portugal). *Actas del VII Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*. Aroche, p.316- 327.
- VALERA, A.C.; REBUGE, J.** (2011) - O Campaniforme no Alentejo: contextos e circulação. Um breve balanço. *Arqueologia do norte alentejano: Comunicações das 3as Jornadas*. Câmara Municipal de Fronteira. p.111-121.
- VALERA, A.C.; SANTOS, H.; FIGUEIREDO, M.; GRANJA, R.** (2014a) - Contextos funerários na periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2. In 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O plano de rega (2002-2010). *Memórias d’Odiana*. 2: 14. Edia/DRCALLEN. p. 83-95.
- VALERA, A.C.; SILVA, A. M.; MÁRQUEZ ROMERO, J.E.** (2014b) – The temporality of Perdígões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices. *SPAL*. 23: p. 11-16.
- VALERA, A.C.; SILVA, A.M.; CUNHA, C.; EVANGELISTA, L.** (2014c) – Funerary practices and body manipulation at Neolithic and Chalcolithic Perdígões ditched enclosures (South Portugal). In Valera, A.C. ed. *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe*. BAR. International Series. 2676. p.37-57.
- VALERA, A.C.; SIMÃO, I.; NUNES, T.; PEREIRO, T.; COSTA, C.** (no prelo) – Neolithic ditched enclosures in Southern Portugal (4th Millennium BC): new data and new perspectives. *Estudos do Quaternário*.
- VALÉRIO, P., SOARES, A. M. M., ARAÚJOA, M. F., DA SILVA, C. T. y SOARES, J.** (2007): Vestígios arqueometalúrgicos do povoado calcolítico do Porto das Carretas (Mourão). *O Arqueólogo Português*. 4: 25. p. 177-174

- VANDKILDE, H.** (2005) - *A review of the Early Late Neolithic period in Denmark: practice, identity and connectivity*.
- VERSCHOOR, C.** (2011) – *Bone in Funnel Beaker pottery: Bone based incrustrated pottery decoration from the Dutch Funnel Beaker West Group*. Bachelor thesis presented to Leiden University.
- VIGNAUX, G.** (2000) – *O Demónio da Classificação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VILAÇA, R.** (1995) – Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. 9. Lisboa: IPPAR.
- WHEELER, J.** (2010) – Paleoenvironmental assessment of two archaeological sediments from Perdigões, Alentejo region, Portugal. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 6. p. 41-45.
- WHITTLE, A.** (1996) - *Europe in the Neolithic: the creation of new worlds*. Cambridge: Cambridge University Press
- WHITTLE, A.** (2003.) - *The Archaeology of People. Dimensions of Neolithic Life*. Routledge. London
- WRIGHT, J. C.** ed. (2004) – *The Mycenaean Feast*. Athens: American School of Classical Studies.
- YOFFEE, N.** (2007) - Peering into the Palimpsest. In YOFFEE, N. ed. - *Negotiating the Past in the Past*. Tucson: University of Arizona Press. p. 1–9.
- YURRITA CASTILLO, A. del** (1928) - *La cultura del Vaso Campaniforme (su origen i extensión en Europa)*. Barcelona: University of Barcelona.
- ZALAITÉ, I.** (2016) - *Exploring Chalcolithic diet and mobility of humans and animals from Perdigões site*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Évora.
- ZILHÃO, J.** (1995) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Lisboa: Colibri.

## Índice Volume 2

---

|   |    |
|---|----|
| <b>Introdução</b> .....   | 7  |
| <b>1.Cartografia</b> .....  | 8  |
| <b>Mapa 1.</b> Implantação dos Perdigões (a vermelho) na 1) Península Ibérica e 2) Portugal.....  | 9  |
| <b>Mapa 2.</b> Implantação dos Perdigões (a preto) na Carta Militar, 1:25000 n°473.....   | 10 |
| <b>Mapa 3.</b> Implantação dos Perdigões (a preto) na Carta Geológica 1:50000, 40-B de Reguengos de Monsaraz. ....  | 11 |
| <b>Mapa 4.</b> Implantação actual dos Perdigões (a preto) nas 1) Redes Hidrográficas do Sul da Península e 2) na Rede Hidrográfica do Rio Guadiana.....   | 12 |
| <b>Mapa 5.</b> Perfis territoriais do sítio dos Perdigões. ....   | 13 |
| <b>Mapa 6.</b> Implantação dos Perdigões, em relação aos sítios arqueológicos da paisagem envolvente (Valera, 2005) .....   | 14 |
| <b>Mapa 7.</b> Cone visual a partir dos Perdigões, aberto a Este, para a paisagem envolvente. ....  | 15 |
| <b>Mapa 8.</b> Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme. ....   | 16 |
| <b>Mapa 9.</b> Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme (Não funerários e recintos de fossos) .....   | 17 |
| <b>Mapa 10.</b> Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme (funerários).....  | 18 |
| <b>Mapa 11.</b> Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme de estilo Ciempozuelos.....  | 19 |
| <b>Mapa 12.</b> Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme de estilo Internacional. ....  | 20 |
| <b>Mapa 13.</b> Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme de estilo Palmela (inciso) e Pontilhado Geométrico. ....   | 21 |
| <b>Mapa 14.</b> Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme de estilo cordado. ....  | 22 |
| <b>Mapa 15.</b> Sítios com cerâmica Campaniforme e referência aos diferentes complexos estilísticos Campaniformes no Sul de Portugal (Valera, 2005).....  | 23 |
| <b>2.Plantas e enquadramento no sítio dos Perdigões</b> .....   | 24 |
| <b>Planta 1.</b> Geofísica do sítio dos Perdigões com implantação das áreas intervencionadas a verde, do sector Q a vermelho e da localização das estruturas trabalhadas no presente trabalho a preto. Segundo Valera, 2016a..... | 25 |
| <b>Planta 2.</b> Planta geral do sítio dos Perdigões com implantação das estruturas trabalhadas no presente trabalho a vermelho. 1) Fossas 44 e 43 (fase 2) e 2) <i>Cairn</i> (fase 3). Segundo Valera, 2016. ....                | 26 |
| <b>Planta 3.</b> Planta geral dos níveis mais recentes da fase 1 - [341], [361] e [267], onde foram abertas as fossas da fase 2 (Fossa 44 e Fossa 45). Segundo Valera, 2016.....  | 27 |
| <b>Planta 4.</b> Planta geral dos níveis intermédios da fase 1 - [341] e [361]. Fossas 44 e 45, da fase 2. Segundo Valera, 2016. ....   | 28 |
| <b>Planta 5.</b> Planta geral dos níveis mais antigos da fase 1 - [361] e [378]. Fossas 44 e 45, da fase 2. Segundo Valera, 2016. ....  | 29 |
| <b>Planta 6.</b> Fossas 44 e 73 - 1) secção; 2) Fossa 44 e 3) plano final da fossa 44. Segundo Valera, 2016 .....   | 30 |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Planta 7.</b> Fossas 45 - 1) secção; 2) enterramento do canídeo [279] e 3) depósito final da fossa 45. Segundo Valera, 2015. ....            | 31        |
| <b>Planta 8.</b> Fase 3 -1) Depósito [415]; 2) “Pavimento”; 3) Lareira [418] e 4) <i>Cairn</i> . Segundo Valera, 2016. ....                     | 32        |
| <b>Planta 9.</b> Fase 3 -1) <i>Cairn</i> [400]; 2) Depressão [442] onde são abertas as 3) Fossa 77 e 4 e 5) Fossa 79. Segundo Valera, 2016..... | 33        |
| <b>3.Descritores e tabela de formas</b> .....   | 34        |
| <b>Tabela 1.</b> Descrição da tabela tipológica dos recipientes identificados.....  | 35        |
| <b>Tabela 2.</b> Tabela de formas do conjunto cerâmico estudado. ....   | 36        |
| <b>Tabela 3.</b> Descritores da componente cerâmica. ....   | 39        |
| <b>Tabela 4.</b> Descritores da componente lítica. ....   | 42        |
| <b>4.Estampas de materiais</b> .....  | <b>46</b> |
| <b>Cerâmica – Recipientes</b>   |           |
| <b>Estampa 1.</b> Fase 1, depósito [361] e [378]. ....  | 47        |
| <b>Estampa 2.</b> Fase 1, depósito [341]. ....  | 48        |
| <b>Estampa 3.</b> Fase 1, depósito [341]. ....  | 49        |
| <b>Estampa 4.</b> Fase 1, depósito [340]. ....  | 50        |
| <b>Estampa 5.</b> Fase 1, depósito [267]. ....  | 51        |
| <b>Estampa 6.</b> Fase 2 (fossa 44), depósito [265] ...   | 52        |
| <b>Estampa 7.</b> Fase 2 (fossa 44), depósito [342]. ....   | 53        |
| <b>Estampa 8.</b> Fase 2 (fossa 45), depósito [327]. ....   | 54        |
| <b>Estampa 9.</b> Fase 2 (fossa 45). 1-8: depósito [282]; 9: depósito [273] e 10: depósito [277].....   | 55        |
| <b>Estampa 10.</b> Fase 2 (fossa 73), depósito [367]. ....  | 56        |
| <b>Estampa 11.</b> Fase 3, depósito [415]. ....   | 57        |
| <b>Estampa 12.</b> Fase 3, depósito [415]. ....   | 58        |
| <b>Estampa 13.</b> Fase 3, depósito [415]. ....   | 59        |
| <b>Estampa 14.</b> Fase 3, Cairn [429] e Fossa 79. ....   | 60        |
| <b>Estampa 15.</b> Fase 3, Cairn [429] e Fossa 79. ....   | 61        |
| <b>Estampa 16.</b> Fase 3, “pavimento” [424] e [422]. ....  | 62        |
| <b>Estampa 17.</b> Fase 3, “pavimento” [416]. ....  | 63        |
| <b>Estampa 18.</b> Fase 3, “pavimento” [416]. ....  | 64        |
| <b>Estampa 19.</b> Fase 3, lareira [418]. ....  | 65        |
| <b>Estampa 20.</b> Recipientes decorados. ....  | 66        |
| <b>Estampa 21.</b> Recipientes decorados. 1 a 4) Campaniformes; 5) “Beliscada” ...  | 67        |
| <b>Cerâmica – Pesos de tear</b>   |           |
| <b>Estampa 22.</b> Pesos de tear. ....  | 68        |
| <b>Líticos</b>  |           |
| <b>Estampa 23.</b> Núcleos de Quartzo-leitoso. ....   | 69        |
| <b>Estampa 24.</b> Lascas. 1 e 4) Sílex; 2 e 5) Quartzo-leitoso; 3) Quartzo-hialino; 6) Quartzito.....  | 70        |

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Estampa 25.</b> Pontas de seta da fase 1 e 2. 1) Quartzo-leitoso; 2) Xisto; 3) Sílex. ....                                      | 71        |
| <b>Estampa 26.</b> Lâminas. 1,4, 5, 7 e 9) Sílex; 2) Xisto; 3, 6 e 8) Quartzo-leitoso. ....  | 72        |
| <b>Estampa 27.</b> 1) Furador em Quartzo-leitoso; 2) Artefacto em Sílex; 3) Furador em Sílex. ....                                 | 73        |
| <b>Estampa 28.</b> 1) Disco perfurado (Xisto); 2 e 3) Percutores (Granito); 4, 5 e 6) Xisto polido. ....                           | 74        |
| <b>Estampa 29</b> Machado de Pedra Polida (anfíbolito). ....   | 75        |
| <b>Osso Polido e Adornos</b>   |           |
| <b>Estampa 30.</b> 1) Artefacto em osso; 2) Pendente; 3) Conta de colar em Pedra Verde... ..                                       | 76        |
| <b>Ídolos</b>  |           |
| <b>Estampa 31.</b> 1 a 4) “ídolo de cornos”; 5) ídolo zoomórfico... ..   | 77        |
| <b>Estampa 32.</b> 1) Ídolo Calcário; 2) Ídolo cerâmico com tatuagens faciais. ....  | 78        |
| <b>Metal</b>   |           |
| <b>Estampa 33.</b> Artefacto metálico. 1) Cadinho; 2 e 7) Punções; 3) Pingo de fundição; 4 e 5) Escória; 6) Minério de cobre... .. | 79        |
| <b>5.Tratamento estatístico</b> .....  | <b>80</b> |
| <b>Cerâmica – Recipientes</b>  |           |
| <b>Tabela 5.</b> Conjunto cerâmico.... ..  | 81        |
| <b>Gráfico 1.</b> Formas por fase (valores reais).....   | 81        |
| <b>Gráfico 2.</b> Formas por fase (%). ....  | 81        |
| <b>Gráfico 3.</b> Relação das formas entre as estruturas do Cairn e restantes da fase 3 (%). ....                                  | 82        |
| <b>Gráfico 4.</b> Comportamento das formas por fase (valores reais). ....  | 82        |
| <b>Gráfico 5.</b> Comportamento das formas por fase (%). ....  | 83        |
| <b>Gráfico 6.</b> Distribuição por sub-tipos dos pratos por fase (%). ....   | 83        |
| <b>Gráfico 7</b> Relação entre as fases e as classes de volume (%). ....   | 84        |
| <b>Gráfico 8.</b> Classes de volume. ....  | 84        |
| <b>Gráfico 9.</b> Compacidade dos recipientes por fase (%). ....   | 84        |
| <b>Gráfico 10.</b> Textura dos recipientes por fase (%). ....  | 85        |
| <b>Gráfico 11.</b> Proporção dos ENP dos recipientes por fase (%). ....  | 85        |
| <b>Gráfico 12.</b> Dimensão dos ENP dos recipientes por fase (%). ....   | 85        |
| <b>Gráfico 13.</b> Tratamento das superfícies nos recipientes por fase (%). ....   | 86        |
| <b>Gráfico 14.</b> Estado das superfícies dos recipientes por fase (%). ....   | 86        |
| <b>Gráfico 15.</b> Estados das superfícies dos recipientes da fase 3 (%). ....   | 86        |
| <b>Gráfico 16.</b> Distribuição das decorações por fases (valores reais). ....   | 87        |
| <b>Gráfico 17.</b> Presença de mamilos por fase (%). ....  | 87        |
| <b>Cerâmica – Pesos de tear</b>  |           |
| <b>Gráfico 18.</b> Forma dos pesos de tear por fase (%). ....  | 88        |
| <b>Gráfico 19.</b> Sub-tipos de pesos de tear por fase (%). ....   | 88        |
| <b>Gráfico 20.</b> Estado dos pesos de tear por fase (%). ....   | 88        |
| <b>Gráfico 21.</b> Compacidade dos pesos de tear por fase (%). ....  | 89        |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Gráfico 22.</b> Textura dos pesos de tear por fase (%).....  | 89        |
| <b>Gráfico 23.</b> Proporção de ENP dos pesos de tear por fase (%).....   | 89        |
| <b>Gráfico 24.</b> Dimensão ENP dos pesos de tear por fase (%).....   | 90        |
| <b>Gráfico 25.</b> Estado das superfícies dos pesos de tear por fase (%).....   | 90        |
| <b>Gráfico 26.</b> Estado das superfícies dos pesos de tear da fase 3 (%).....  | 90        |
| <b>Gráfico 27.</b> Tratamento das superfícies dos pesos de tear por fase (%).....   | 91        |
| <b>Líticos</b>  |           |
| <b>Gráfico 28.</b> Materiais líticos por fase (%).....  | 92        |
| <b>Gráfico 29.</b> Matéria prima por fase (%).....  | 92        |
| <b>Gráfico 30.</b> Relação núcleos sem córtex e lascas corticais por fase.....  | 93        |
| <b>Tabela 6.</b> Núcleos.....   | 93        |
| <b>Gráfico 31.</b> Comportamento do material de debitagem por fase (%).....   | 94        |
| <b>Tabela 7.</b> Material de debitagem.....   | 94        |
| <b>Tabela 8.</b> Utensílios.....  | 96        |
| <b>Gráfico 32</b> Distribuição das larguras dos produtos alongados.....   | 97        |
| <b>Tabela 9.</b> Restos de Talhe.....   | 97        |
| <b>Tabela 10.</b> Outros líticos.....   | 97        |
| <b>Metal</b>  |           |
| <b>Tabela 11.</b> Metalurgia.....   | 98        |
| <b>6.Imagens de Campo</b> .....   | <b>99</b> |
| <b>Fase 1</b>   |           |
| <b>Imagem 1.</b> Localização do depósito [341] da fase 1, das fossas 44 e 45 (fase 2) e indicação de buracos de postos associados à cabana 1. Fotografia de António Valera, adaptada.....   | 100       |
| <b>Imagem 2.</b> Localização do depósito [378] da fase 1 e das fossas 44 e 45 (fase 2). Fotografia de António Valera, adaptada.....   | 100       |
| <b>Fase 2</b>   |           |
| <b>Imagem 3.</b> Deposição do Canídeo [279] no interior da fossa 45 (fase 2). Fotografia de António Valera.....   | 101       |
| <b>Fase 3</b>   |           |
| <b>Imagem 4.</b> Localização do “pavimento” em relação ao depósito [415] da fase 3. Fotografia de António Valera, adaptada.....   | 102       |
| <b>Imagem 5.</b> Localização do “pavimento” em relação ao depósito [415] da fase 3. Fotografia de António Valera, adaptada.....   | 102       |
| <b>Imagem 6.</b> Sequência estratigráfica das camadas que compõem o “pavimento”. Fotografia de António Valera, adaptada.....  | 103       |
| <b>Imagem 7.</b> Topo do Cairn – [400]. Fotografia de António Valera.....   | 103       |
| <b>Imagem 8.</b> Sequência estratigráfica do conjunto de estruturas denominadas como Cairn, com referência às Fossas 79 e 77. Fotografia de António Valera, adaptada.....   | 104       |
| <b>Imagem 9.</b> Sequência estratigráfica do conjunto de estruturas denominadas como Cairn, com destaque para a primeira deposição de fauna na Fossas 79 e a segunda deposição de pedras da fossa 77. Fotografia de António Valera, adaptada..... | 104       |

|  |            |
|--|------------|
| <b>Imagem 10.</b> Primeira deposição de fauna na Fossas 79. Fotografia de António Valera, adaptada                                     | 105        |
| <b>Imagem 11.</b> Primeira deposição de fauna na Fossas 79. Fotografia de António Valera, adaptada                                     | 105        |
| <b>Imagem 12.</b> Primeira deposição de fauna na Fossas 79. Fotografia de António Valera, adaptada                                     | 106        |
| <b>7. Dados adicionais</b> .....   | <b>107</b> |
| <b>Figura 1.</b> Datas calcolíticas dos Perdigões, com a indicação das estruturas e das fases. Segundo Valera e Basílio, no prelo..... | 108        |
| <b>Figura 2.</b> Datações de radiocarbono dos contextos em estudo. Segundo Valera e Basílio, no prelo. ....                            | 109        |
| <b>Figura 3.</b> Datações de radiocarbono dos contextos com cerâmica campaniforme na região dos Perdigões.....                         | 110        |
| <b>Figura 4.</b> Matriz de Harris das fases 1 e 2, enfatizando-se a relação entre ambas. ....  | 111        |
| <b>Figura 5.</b> Matriz de Harris da fase 3, com indicação dos tipos de deposições presentes. ....                                     | 112        |
| <b>8. Estudo da colecção Arqueofaunística proveniente do Cairn dos Perdigões, por Nelson Cabaço</b> .....                              | <b>113</b> |